

AUTORA DE PAIXÃO SEM LIMITES

ABBI GLINES

a primeira
CHANCE





a primeira
CHANCE



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

ABBI GLINES

a primeira
CHANCE



Título original: *Take a Chance*

Copyright © 2014 por Abbi Glines

Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicação feita mediante acordo com a editora original, Atria Books, divisão da Simon & Schuster, Inc.

tradução: Flavia Souto Maior

preparo de originais: Flávia Midori

revisão: Cristhiane Ruiz e Juliana Werneck

diagramação: Abreu's System

capa: DuatDesign

imagem de capa: © Artemfurman/Dreamstime

adaptação para ebook: Marcelo Morais CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

G476p

Glines, Abbi

A primeira chance [recurso eletrônico] / Abbi Glines [tradução de Flavia Souto Maior]; São Paulo: Arqueiro, 2015.
recurso digital

Tradução de: Take a chance Continua com: Mais uma chance Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-8041-460-8 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Souto Maior, Flavia. II. Título.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

**15-
25304**

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para meu tio Gerald. Obrigada por todos aqueles verões em que nos levou à praia, pelos pirulitos que sempre deixava numa tigela junto à porta quando eu ia visitar você e por acreditar em mim. Você era teimoso e mal-humorado, mas tinha um coração enorme.

Sinto sua falta e nunca me esquecerei de você.

Prólogo

Grant

Por que eu estava aqui? Por quê? Eu estava tão mal assim? Sério? No passado, conseguia me livrar dela e ir embora. Nannette foi minha transa fixa durante anos, mas depois ficou carente. E eu gostei disso. De certo modo, ela conseguiu me fisgar. Eu queria ser desejado – chegava a ser patético nesse nível. Meu pai raramente me ligava; minha mãe preferia estar com modelos franceses a ter que me dar atenção.

Eu estava muito ferrado.

Era hora de desencanar. Nan precisou de mim quando sentiu que estava perdendo Rush, seu irmão e porto seguro, para a vida nova que ele construía, com esposa e filho. Não que Rush não a recebesse de braços abertos – o problema é que ela era uma verdadeira megera. Tudo o que precisava fazer era aceitar a esposa dele, Blaire. Apenas isso. Mas aquela teimosa não queria dar o braço a torcer.

E foi para mim que ela correu, e eu, idiota, acabei me envolvendo. Agora, tudo o que me restava era um coração partido. Nan nunca o conquistara. Não completamente. Mas tocara num lugar que mais ninguém havia alcançado. Ela precisara de mim. Nunca ninguém tinha precisado de mim antes. Isso tinha me feito baixar a guarda.

Para provar meu argumento, aqui estava eu, na casa do pai de Nan, procurando por ela, esperando por ela. Tinha se descontrolado novamente, e Rush não iria resgatá-la. Ele havia aposentado a capa de Super-Homem e decidido que os dias de correr atrás da irmã tinham acabado. Eu queria que aquilo acontecesse. Eu era tão patético que tinha desejado ser o herói dela. Droga, eu era um merda.

– Beba, garoto. Você está precisando – disse Kiro, pai de Nan, me empurrando uma garrafa de tequila pela metade. Ele era o vocalista da maior banda de rock do mundo. A Slacker Demon já tinha 20 anos de estrada e suas músicas ainda disparavam para o primeiro lugar sempre que lançavam um novo disco.

Tentei argumentar, mas mudei de ideia. Ele tinha razão. Eu precisava beber um pouco. Nem pensei por onde a boca do cara já tinha passado quando encostei o gargalo da garrafa nos lábios e entornei.

– Você é esperto, Grant. O que não consigo entender é por que diabo atura as merdas que a Nan faz – disse Kiro, jogando-se no sofá de couro branco à minha frente.

Ele vestia uma calça jeans preta bem justa e uma camisa prateada desabotoada. Tinha o peito e os braços cobertos de tatuagens. As mulheres ainda ficavam loucas por ele. Não pela aparência.

Ele era magro demais. Uma dieta baseada em álcool e drogas deixava as pessoas assim. Mas ele era Kiro. Era só o que importava para elas.

– Não vai falar nada? Droga, ela é minha filha e nem eu aguento. É uma vadia, igualzinha à mãe – comentou, antes de tragar um baseado.

– Já chega, pai. – A voz angelical que preenchia minhas fantasias veio da porta.

– Aí está minha filhinha. Ela saiu do quarto e veio dizer oi – disse Kiro, sorrindo para a filha que amava. A filha que ele não abandonara.

Harlow Manning era de tirar o fôlego. Ela não parecia a filha de um astro do rock. Parecia uma menina inocente e doce do interior, com cabelos compridos e escuros e olhos que faziam você esquecer o próprio nome.

– Queria saber se você vai sair ou jantar em casa hoje.

Percebi que ela entrou na sala e me ignorou de propósito. Aquilo me fez sorrir.

Harlow não gostava de mim. Eu a havia conhecido na festa de noivado de Rush e Blaire, depois falei com ela durante o casamento deles. Nenhuma das vezes terminou bem.

– Estava pensando em sair. Preciso agitar um pouco. Tenho ficado muito tempo dentro dessa casa.

– Ah. Tudo bem, então – disse ela com uma voz suave, que, juro, era inebriante.

Kiro franziu a testa.

– Está se sentindo sozinha? Ficar trancada no quarto com todos aqueles livros está começando a afetar você, filhinha?

Eu não conseguia tirar os olhos de Harlow. Ela raramente aparecia quando eu vinha aqui. Nan não era exatamente gentil com ela. Eu sabia por que ela tratava mal a irmã: morria de inveja de tudo o que tinha a ver com Harlow. Mesmo que a pobrezinha não fosse culpada pelo fato de Kiro amá-la e não ligar para Nan. Harlow iluminava os lugares por onde passava. Havia nela uma paz difícil de explicar. Fazia você querer ficar perto dela para ver se conseguia absorver essa sensação. Era fácil que alguém egoísta como Kiro a amasse. E era difícil que pessoas normais amassem Nan – muito menos o próprio pai, Kiro Manning.

– Não, está tudo bem. Eu só ia esperá-lo para jantar, se você fosse ficar por aqui. Se for sair, vou comer um sanduíche no meu quarto.

Kiro balançou a cabeça.

– Não gosto disso. Você passa muito tempo trancada lá. Não leia mais nada hoje. Grant está aqui e precisa de companhia. Ele é gente boa, converse um pouco com ele. Vocês podem até jantar juntos enquanto Nan não chega.

Harlow enrijeceu e finalmente olhou na minha direção, mas apenas por um instante.

– Acho melhor não.

– Vamos lá, não seja malcriada. Grant é um amigo da família. Ele é irmão do Rush. Jante com ele.

Harlow endireitou a postura e evitou fazer contato visual comigo.

– Ele não é irmão do Rush. Se fosse, seria ainda mais nojento por estar dormindo com Nan.

Kiro riu como se Harlow fosse a pessoa mais engraçada do mundo e ele tivesse orgulho de sua coragem.

– Minha gatinha tem garras, e você parece ser o único capaz de fazer com que elas apareçam. Dormir com a irmã malvada acabou colocando você na lista negra da minha filhinha. Isso é muito engraçado. – Ele parecia estar se divertindo demais e deu outra longa tragada no baseado.

Eu não achava graça de nada. Não gostava do fato de Harlow me odiar. Mas não sabia direito como resolver isso. Nunca poderia virar as costas para Nan; ela não conseguiria lidar com mais um abandono. Mesmo que merecesse. Estava evitando pensar nos caras da boy band com quem ela andava atualmente. Eu tinha me enganado a respeito deles: achava que dormiam uns com os outros. Na verdade, todos estavam comendo a Nan.

– Boa noite, papai – disse Harlow, então se virou e saiu da sala antes que Kiro pudesse argumentar.

Ele deixou a cabeça pender para trás e fechou os olhos.

– Uma pena ela odiar você. Harlow é especial. Só conheci outra igual: a mãe dela. Aquela mulher roubou meu coração. Eu a adorava. Idolatrava o chão onde ela pisava. Teria abandonado toda essa merda de vida por ela. Já tinha até planejado isso. Queria acordar e vê-la ao meu lado. Queria vê-la com nossa filhinha e saber que as duas eram minhas. Mas o desejo de Deus foi mais forte. Ele a levou para longe de mim. Nunca vou conseguir superar isso. Nunca.

Não era a primeira vez que eu o ouvia falar sobre a mãe de Harlow. Sempre fazia isso quando estava chapado. A mulher era a primeira coisa que lhe vinha à cabeça. Eu não conhecia esse tipo de amor. Na verdade, nem sabia se gostaria de conhecer. Aquilo tudo me deixava muito assustado. Kiro nunca tinha se recuperado. Conheci o cara quando era moleque. Meu pai tinha se casado com Georgianna, a mãe do Rush. Uma vez, quando o pai dele fora pegá-lo para passar o fim de semana fora, Rush implorou para que me levassem junto.

Fiquei admirado. Aquele havia sido o primeiro de muitos fins de semana com os dois. E Kiro sempre falava “dela” e amaldiçoava Deus por tê-la levado embora. Eu ficava fascinado, mesmo quando criança; nunca tinha visto tanta devoção a alguém.

Depois que o casamento do meu pai com Georgianna acabou, continuei próximo do Rush. Então o pai dele ainda me pegava às vezes, quando ficava com o filho. Cresci conhecendo pessoalmente a maior banda de rock do mundo.

– Nan odeia a irmã. Não consigo entender como é possível odiar Harlow. Ela é doce demais! A menina nunca fez nada para Nan, mas ainda assim ela é tão venenosa quanto uma cobra. A coitada da Harlow tenta ficar longe dela. Odeio ver minha filha tão indefesa. Ela precisa ficar mais forte. Precisa de um amigo. – Kiro pousou o baseado no cinzeiro e virou a cabeça para olhar para mim. – Seja amigo dela, garoto. Ela precisa de um.

Eu queria ser muito mais do que amigo de Harlow Manning. Mas ela nem mesmo dirigia o olhar para mim. Já havia lhe lançado mais de uma vez um dos meus sorrisos arrasa-quarteirão, mas acabava sempre ignorado. Eu ficava louco.

– Não sei se posso ser amigo dela e da Nan ao mesmo tempo.

Kiro franziu a testa, depois se sentou, inclinando-se para a frente.

– Existem três tipos de mulher nesse mundo. Aquelas que sugam você até a última gota e o deixam sem nada. Aquelas que só querem se divertir. E aquelas que fazem a vida valer a pena.

Esse último tipo... A mulher certa é aquela que dá na mesma medida em que recebe, e você nunca se cansa de estar com ela. Ela é do tipo que... se você perdê-la, acaba se perdendo.

Os olhos vermelhos daquele homem denunciavam que ele não havia fumado apenas um baseado hoje. Mas, mesmo chapado, o que ele dizia fazia sentido. Se alguém conhecia as mulheres, era Kiro Manning.

– Eu tive as três. Queria muito ter ficado longe da primeira. A segunda é o que mais passa pelas minhas mãos. Mas a terceira... Nunca mais vou ser o mesmo. E não me arrependo de nenhum minuto que fiquei com a mãe de Harlow.

Ele deslizou a mão pelos cabelos desgrehados.

– Nannette faz parte do primeiro tipo. Tenha cuidado. Elas fodem você e depois saem rindo.

Harlow

Três meses depois...

Nove meses. Apenas nove meses. Eu podia aguentar. Ficaria escondida no meu quarto e só sairia quando ela não estivesse aqui. As aulas já iam começar e os cursos poderiam me distrair. Então meu pai estaria em casa e eu iria embora. Eu poderia fazer isso. Tinha que fazer. Ele não me deu alternativa.

A casa estava mergulhada no silêncio. Acordei às duas da madrugada com o barulho de Nan transando com algum idiota. Coloquei os fones de ouvido e aumentei o volume até o máximo. Consegui voltar a dormir depois de um tempo. De manhã, a música estourando os meus tímpanos, não soube se estava ou não sozinha em casa. Já tinha passado das dez e tudo estava muito quieto; provavelmente não havia ninguém. Além disso, Nan não parecia ser do tipo que deixava os caras passarem a noite.

Ela transava com eles e depois os mandava embora.

Levantei-me da cama e passei as mãos pelos cabelos para desembaraçar os fios antes de aparecer no corredor. Não ouvia nada mais que o silêncio. Poderia comer em paz. Nan não estava em casa quando cheguei ontem à noite, mas é bem provável que tenha notado meu carro estacionado lá fora. Meu pai deixou um Audi me esperando assim que aterrissei no aeroporto.

Depois que encontrei a casa, fiz compras e descarreguei a comida e a bagagem. Kiro havia comprado essa casa para Nan com a condição de que ela me hospedasse por nove meses enquanto ele estivesse em turnê com a Slacker Demon. Nan queria uma casa na praia de Rosemary, na Flórida. Então ele providenciou uma bem grande. Tudo o que meu pai fazia era exagerado. O que era bom para mim. Em uma casa grande, eu conseguiria me esconder dela com mais facilidade. Infelizmente, havia apenas uma cozinha.

Percorri o corredor e segui para a escadaria em espiral, que passava pelos dois andares superiores até chegar ao térreo. Meus pés descalços não faziam muito barulho nas tábuas de madeira. Tinha acabado de pegar meu leite orgânico na geladeira quando ouvi uma porta se abrir e se fechar em algum ponto da casa.

Congelei e pensei em devolver o leite para a geladeira e me esconder. Ainda não estava preparada para encarar Nan. Precisava de um café antes. Alguém descia as escadas com passos pesados, que com certeza não eram de Nan, o que me deixou mais nervosa. Não seria nada agradável dar de cara com um homem estranho por ali. E eu nem tinha trocado de roupa. Vestia apenas um short cor-de-rosa de bolinhas e uma regata. Procurei um lugar para me esconder, mas, antes que eu pudesse pensar, a pessoa já havia chegado ao térreo.

Eu estava presa... a menos que me escondesse atrás da bancada. Talvez ele não fosse passar por ali. A porta da frente ficava depois da cozinha, mas a dos fundos era bem ao lado das escadas. Coloquei a caixa de leite sobre a bancada de cobre e esperei. Mal ouvia os passos agora. Concentrei-me nos ruídos, tentando descobrir de onde vinham.

Já era tarde demais para me esconder quando percebi que ele estava descalço e caminhava na minha direção. Olhei nos olhos de Grant quando ele entrou na cozinha vestindo apenas uma cueca boxer preta. Ele parou quando nossos olhos se encontraram. Ficamos um momento em silêncio, um encarando o outro. Era ele o cara que tinha me acordado à noite. Meu estômago se revirou. Não queria pensar em Grant na cama com Nan.

Mas a ideia tomou conta de mim como um balde de água fria. Grant continuava transando com Nan. Tudo aquilo que tinha me dito era mentira. Ele havia feito uma promessa para mim, uma promessa que não pedi e que ele nunca teve a intenção de cumprir.

– Harlow? – chamou ele, com a voz áspera de sono. Passara a maior parte da noite acordado. Devia estar exausto.

Eu não respondi. Não consegui pensar em nada para dizer. Nem esperava que ele estivesse em Rosemary. Mas ele estava... e, ainda por cima, na cama de Nan.

Eu era uma idiota.

Três meses antes...

Uma batida na porta interrompeu minha passagem favorita de um livro que eu já tinha lido pelo menos umas dez vezes. Irritada, larguei o Kindle.

– Pois não?

A porta foi lentamente aberta e Grant Carter enfiou a cabeça linda dele no meu quarto. Qualquer garota desejava brincar com aqueles cabelos longos, que se enrolavam nas pontas e se acumulavam atrás das orelhas. Eu costumava imaginar a maciez deles. Seus olhos cintilavam como se ele soubesse exatamente o que se passava pela minha cabeça, então forcei uma careta. Eu nunca fazia cara feia, então era uma novidade que reservava apenas a ele.

Não era muito justo. Eu não gostava dele por princípio. Grant sempre foi muito legal comigo, mas o fato de estar num relacionamento com Nan bastava para eu não gostar dele. Se um cara era capaz de gostar dela, devia ter alguma coisa errada.

– Pedi comida chinesa. Quer me ajudar a comer? Acho que exagerei. – Era tão difícil desviar a atenção de seus olhos azuis. Foram eles que me venceram logo na primeira vez que o vi. Mas isso foi antes de eu saber que ele era o Grant da Nan.

– Não estou com fome – respondi, torcendo para que meu estômago não roncasse e me denunciasse. Eu queria comer alguma coisa, mas o livro tinha prendido minha atenção. Ver Grant sempre me fazia querer fugir para uma das minhas histórias, em que caras do tipo dele se apaixonavam por garotas como eu. Não garotas como Nan.

– Não acredito em você – disse ele, abrindo a porta e entrando com uma bandeja cheia de caixinhas do restaurante em Chinatown que meu pai adorava. – Me ajude a comer. Não é porque

namorei Nan que estou infectado. Você me trata como se eu tivesse uma doença contagiosa. Para ser sincero, isso me magoa.

Sério? Ele ficava magoado? Não era minha intenção. Para mim ele nem se importava. Além disso, foi ele que fugiu xingando quando descobriu quem eu era, na noite em que nos conhecemos, depois de ter dado em cima de mim.

– *Namorou?* – perguntei, surpresa. – Você está aqui esperando por ela. O verbo não deveria estar no passado. – Eu soava como uma professora primária.

Grant riu e se sentou ao meu lado na cama, acomodando a bandeja na mesinha de cabeceira.

– Nan é minha amiga. Só quero ver como ela está. Não estamos namorando. Além disso, acabei de saber que ela voltou para Rosemary.

Era isso. Só isso. Ele era *amigo* dela. Mas quem em sã consciência seria amigo de Nan? Ninguém que eu conhecesse.

– Ela está dormindo com os caras da Naked Marathon. Com certeza você a viu nas revistas de fofoca, nos braços do Seller. Semana passada ela virou notícia com o Moon e estão dizendo que teria até separado a banda. Mas isso não vai acontecer.

Grant abriu a caixa de papelão que continha frango agridoce, enfiou um par de pauzinhos e me entregou.

– Quer o agridoce ou o com mel? Pode escolher.

Peguei o agridoce.

– Esse está bom. Obrigada – respondi.

O sorriso dele se alargou. Ele não esperava que eu aceitasse.

– Ótimo, eu queria o frango com mel – comentou, dando uma piscadela. Odiava quando eu começava a ficar nervosa. Isso não devia acontecer. Grant estava do outro lado de uma linha que eu nunca cruzaria.

– Não é da minha conta com quem Nan está transando. Acabou tudo entre nós. Só quero saber se ela está bem, se não vai sair dos trilhos de novo. Ela está em casa agora, então acho que não há mesmo nenhum problema.

Por que ele se preocupava tanto? O que ela fizera para merecer esse tipo de afeição de alguém como Grant?

– É muito legal da sua parte – falei, sem saber exatamente o que dizer. Mordi um pedaço do frango.

– Você vai usar isso contra mim, não vai? – perguntou ele, me encarando de um jeito que fazia com que eu me contorcesse.

– Ué, você pode proteger quem quiser, Grant. Só estamos dividindo essa comida chinesa. Não importa o que eu penso ou deixo de pensar – respondi, antes de colocar mais frango na boca.

Grant franziu a testa e logo um sorrisinho surgiu em seu rosto.

– Parece que ficamos cheios de não me toques toda vez que me aproximo de você. Não gosto desses joguinhos. Não é a minha, docinho. Então vou direto ao assunto – disse ele, apoiando a comida na mesa e virando o corpo para ficar de frente para mim.

Tentei me acalmar enquanto meu coração batia acelerado. O que ele queria? O que eu ia

fazer se ele chegasse mais perto? Os caras não flertavam comigo. Eles não entravam no meu quarto. Eu era a filha esquisita e desajeitada do Kiro. Grant não entendia isso?

– Não quero que você me odeie – disse ele simplesmente.

Eu não o odiava. Balancei a cabeça.

– Não odeio você.

– Odeia, sim. Não estou acostumado com gente me odiando. Principalmente meninas bonitas.

– Deu um sorriso malicioso.

Ele tinha me chamado de bonita. Será que achava isso mesmo? Ou só estava com pena porque eu não me encaixava socialmente?

– Harlow, você tem ideia de como consegue me deixar sem ar? Olhar para você pode ser viciante.

Uau.

– Seu rosto confuso e perturbado já respondeu à minha pergunta. Você não sabe como é incrível. É uma pena – disse ele, esticando o braço e enrolando no dedo uma mecha do meu cabelo. – É mesmo uma pena.

Eu não tinha certeza se estava respirando. Todo o meu corpo se retesou. Não conseguia me mexer. Grant estava me tocando. Era só o meu cabelo, mas a sensação era tão boa. Olhei para a mão dele e observei o polegar percorrer gentilmente a mecha que segurava.

– Parece seda – disse ele com a voz abafada, como se não quisesse que alguém o escutasse.

Fiquei parada, observando. O que devia dizer?

– Harlow – disse, aproximando-se. Dava para sentir seu hálito quente.

– O quê? – Olhei para ele enquanto vinha na minha direção.

– Eu penso em você. Sonho com você – sussurrou na minha orelha. Estremeci e senti que perdia a firmeza da mão. Deus, por favor, não me deixe derrubar toda essa comida.

– Você é doce demais para mim, mas não estou nem aí – disse ele, beijando meu pescoço, logo abaixo da orelha. – Não quero que me odeie. Quero que me perdoe por ter ficado com Nan. Acabou.

Falar em Nan foi o suficiente para me tirar do transe. Pulei da cama e atravessei o quarto, de modo que ficasse a uma distância segura.

Não olhei para Grant. Fiquei de costas para ele e fitei a paisagem do outro lado da janela. Talvez ele simplesmente saísse. Senti meu rosto esquentar. Eu tinha deixado Grant chegar perto demais. Tinha permitido que ele beijasse o meu pescoço. O que eu estava pensando?

– Eu não deveria ter tocado no nome dela – comentou ele num tom derrotado. Era observador. – O que diabo posso fazer para provar que não quero mais nada com Nan? Que ela não passou de um momento de insanidade e fraqueza? Eu sou homem e ela estava lá. Cometi um erro.

Ele queria que eu o perdoasse tanto quanto eu queria esquecer Nan. Eu gostava do Grant. Não, na verdade eu fantasiava com o Grant. Desde o dia do casamento do Rush, quando ele me encurralou na festa. Mesmo sendo alguém em quem eu tinha receio de confiar. Eu gostava de olhar para ele. Gostava de ouvir sua voz. Gostava do seu cheiro e do som da sua risada. Do jeito

como sua boca se curvava quando achava algo engraçado. E das tatuagens que apareciam pela gola da camisa. Queria vê-las por inteiro.

– Não posso ter uma chance? Uma chance de provar que não sou como Nan. Posso ser um ótimo amigo. Só preciso que você me dê um crédito.

Normalmente eu era uma pessoa benevolente. Minha avó tinha me ensinado a perdoar, me criado para ser sempre gentil. Dizia que todo mundo merecia uma segunda chance. Um dia eu mesma também poderia precisar de uma segunda chance.

Virei-me e olhei para Grant. Ele ainda estava sentado na minha cama. A camiseta azul-escura que vestia era justa nos braços e delineava os músculos do peito. Também destacava a cor dos olhos dele. Como alguém podia não confiar em Grant?

– Eu gostaria de ser sua amiga – falei. Não sabia direito o que dizer.

Aquele sorriso torto iluminou o rosto dele.

– Gostaria? Você me perdoa?

Assenti com a cabeça e me obriguei a dar um passo na direção da cama.

– Sim. Mas não... não... não faça aquilo outra vez – pedi, tocando o local que ainda formigava por causa do contato com seus lábios.

Grant soltou um suspiro derrotado e concordou:

– Vai ser difícil, mas prometo que não vou fazer. Não até você pedir. – Ele parou e apontou para o lugar onde eu tinha me sentado. Andei até lá e me sentei na cama novamente. Grant se inclinou para a frente. – Mas Harlow... – começou a dizer.

O cheiro de homem que exalava dele me fez querer inspirar profundamente.

– Sim? – Apenas esperava que ele não me tocasse. Eu parecia perder o controle quando isso acontecia.

– Você vai pedir.

Já ia argumentar, mas, antes que qualquer palavra pudesse sair, Grant enfiou um pedaço de frango com mel na minha boca.

– Não diga nada. Vou poder falar “Eu te avisei” quando isso acontecer. E não quero humilhá-la. Ainda mais uma menina que quero fazer sorrir, não me estapear.

Mastiguei o frango antes que uma gargalhada escapasse. Ele era realmente adorável. O que não percebia era que eu nunca poderia ceder. Não seria justo com ele. Ele não sabia a verdade e eu não queria que soubesse. Mudava a forma como as pessoas me olhavam. Não conseguia suportar a ideia de Grant olhando para mim do mesmo jeito que outros o fizeram.

Grant

Dias de hoje

Eu não a via desde a noite em que recebi a ligação sobre Jace. A noite em que... a noite em que tirei sua virgindade. *Ela era virgem*. Eu não esperava por isso. Tinha sido minha primeira vez também – eu nunca havia transado com uma virgem antes. Alguma coisa nessa história me afetou mais do que deveria. Mesmo sabendo que não estava pronto para um relacionamento sério, queria reclamar meus direitos sobre ela. Ficava me perguntando se não teria fugido de medo mesmo que Tripp não tivesse ligado.

E, finalmente, aqui estava ela. Não seria mais afastada de mim pelo pai ou por qualquer outra pessoa que me impedisse de chegar perto.

– Ontem à noite. Era você – disse ela, simplesmente.

Senti vontade de xingar e socar a parede. Eu não era um cara violento. Nunca perdia a calma, mas, naquele momento, estava perto disso. Harlow estava aqui. Ela devia ter me ouvido com Nan. *Que merda!*

– Você não ligou. Eu não sabia. – Ela parou de falar e balançou a cabeça.

Eu não conseguia encontrar as palavras certas. Não havia nenhuma. Não conseguiria explicar de um jeito que ela pudesse entender. Eu a vi colocar o leite de volta na geladeira e fechar a porta. Mantive a cabeça baixa, deu a volta na bancada da cozinha e já ia saindo. Eu precisava dizer alguma coisa. Precisava me explicar. Tinha ligado, sim, mas nunca ninguém me deixava falar com ela. E ela nunca me atendia quando eu tentava o celular. Mas, cacete, ela não merecia isso. Não quando havia me confiado algo tão importante quanto sua inocência.

– Acho que sou eu que posso dizer “Eu te avisei” dessa vez – sussurrou ela ao passar por mim.

Meu coração parecia pesar uma tonelada. Cerrei os punhos e fechei os olhos. O que eu tinha feito? E por quê? Por que deixava Nan ferrar minha vida?

Por que diabo também tinha que beber tanto uísque ontem à noite? Nem teria aparecido aqui se estivesse sóbrio. E Harlow... Harlow... O que Harlow estava fazendo aqui? Eu me virei e olhei para a escadaria. Uma porta se fechou. Harlow não era mulher de bater portas ou sair gritando por aí. Simplesmente não era assim. Qualquer outra teria me xingado e talvez partido para a violência, depois teria subido as escadas correndo e batido a porta. Mas não Harlow. O que piorava ainda mais a situação. Como se isso fosse possível.

Quase três meses antes...

Harlow saiu de casa, sentindo-se insegura. Levei vinte minutos para convencê-la a ir nadar comigo. Ela inventou todo tipo de desculpa. Mas eu podia ser bem persuasivo quando queria. A enorme camiseta da Slacker Demon cobria qualquer roupa de banho que ela estivesse vestindo. Fiquei meia hora esperando. Estava quase subindo para tirá-la do quarto. Tinha chegado de Los Angeles havia poucas horas. Era difícil ir a Rosemary quando eu só conseguia pensar no sorriso doce de Harlow. Estava ansioso para ficar perto dela.

– Finalmente! Achei que ia furar comigo – falei, levantando-me da espreguiçadeira em que estava recostado enquanto esperava.

Harlow corou.

– Desculpe por ter demorado.

Como se ela precisasse se desculpar. Não havia como nenhum homem ficar remotamente irritado com ela. Era impossível. Ela era muito doce e tinha uma sensualidade inocente. Estava na faculdade. Já devia ter namorado alguém. No colégio, os meninos não deviam sair de cima dela.

– O importante é que você está aqui agora. Vamos nadar. Está muito quente hoje.

Harlow pegou na barra da camiseta e eu pensei em mergulhar logo em vez de assisti-la se despir. Seria a coisa mais educada a fazer, mas obviamente eu não conseguiria convencer meus olhos de que desviar a atenção era a melhor ideia. Estavam vidrados em todos os movimentos que ela fazia.

Nós estávamos... Não sabia direito o que estávamos fazendo. Era o relacionamento mais estranho – se é que se podia chamar de relacionamento – que eu já tivera. Harlow deixava que eu me aproximasse cada dia mais, mas ainda mantinha sua guarda levantada. Não consegui tocar a pele dela novamente.

Meus olhos absorviam suas longas pernas conforme a camiseta era erguida, revelando um maiô branco simples, sem decote. Nem lembrava mais a última vez em que vira uma garota de maiô. Mas era branco. Puta merda. Senti que estava ficando duro enquanto percorria o corpo dela com os olhos, das pernas até os mamilos, claramente visíveis sob o tecido.

Mergulhei na água antes que ela ficasse muito assustada. Nadei até o outro lado da piscina, levantei a cabeça para respirar e olhei para Harlow. Ela estava descendo a rampa. Meu Deus, como era perfeita. Harlow ergueu os olhos e sorriu para mim. Ainda bem que minha reação a ela estava escondida debaixo d'água.

Quando a altura da água chegou aos seus ombros, ela pareceu relaxar. Exibir o corpo a deixava nervosa. Dava para ver que ela estava com vergonha. Eu não entendia por quê. Era como me desafiar. Eu queria muito ver o corpo dela totalmente exposto para mim. E queria que ela gostasse disso. Desejasse.

– Venha pra cá, minha linda. Nade com os grandinhos – brinquei.

Ela contorceu a boca. Não gostava que eu a chamasse de “linda”. Mas sua reação ao elogio me dava ainda mais vontade de fazer de novo.

– Eu não confio nos grandinhos – respondeu. Inclinou a cabeça para o lado e ergueu a

sobrancelha.

Rindo comigo mesmo, não lembrava a última vez em que uma mulher tinha me divertido tanto.

– Está com medo?

Harlow franziu as sobrancelhas e eu ri mais alto. Para convencê-la a fazer algo, você devia provocá-la – ela nunca recuava diante de um desafio ou de uma ameaça. Havia em Harlow uma tenacidade silenciosa que você não saberia que existe se não passasse um tempo com ela.

– Minha lindinha está ficando exaltada. Venha me pegar.

Ela soltou um pequeno resmungo de frustração.

– Pare de me chamar assim.

– Não. – Foi minha única resposta.

– Você me deixa louca.

Cheguei um pouco mais perto dela.

– Eu deixo a maioria das garotas loucas, gata. É o meu jeito. E elas gostam.

Um sorrisinho surgiu em seus lábios, mas ela se esforçava para manter a cara amarrada.

– Não consigo imaginar por que gostam tanto.

Parei a alguns centímetros do seu corpo.

– Pelo mesmo motivo que você. Eu sou tão sensual que você não consegue se afastar.

Harlow soltou uma risada.

– É mesmo? Se me lembro bem, é você quem vive aparecendo lá em casa. Não sou eu que não consigo me afastar.

Era um bom argumento. Eu tinha percorrido todo o caminho, da Flórida até aqui, só para vê-la. Pousei uma das minhas mãos no quadril dela. Seu corpo enrijeceu com o meu toque.

– Certo, talvez eu não consiga mesmo ficar longe, mas você continua permitindo que eu me aproxime cada vez mais, linda.

Harlow suspirou.

– Acho que você me pegou.

– Viu? Sou sensual e irresistível.

Ela ameaçou dizer algo, mas parou.

– Desistiu de discutir comigo? – perguntei, chegando perto o bastante para nossos corpos quase se tocarem. Mais um movimento e os seios dela roçariam no meu peito.

– O que você está fazendo? – perguntou ela. Sua respiração tinha se acelerado e seu olhar nervoso a fazia parecer um cervo assustado.

– Só estou chegando mais perto. Você me dá vontade de chegar mais perto.

Harlow respirou fundo e olhou para baixo, para nossos corpos, antes de voltar a me fitar.

– Acho que amigos não fazem isso – disse ela.

Eu a puxei para junto do meu corpo, segurando seu quadril com firmeza com as duas mãos.

– Não fazem. Mas eu também não penso nas minhas amigas como penso em você. Diga que não se sente atraída por mim. Diga que não deseja me tocar ou se aproximar mais.

Se ela recusasse, eu me afastaria. Seria difícil, mas eu me afastaria. Daria a ela o espaço de que precisava. Eu só queria ouvi-la dizer que não me desejava, porque eu a desejava demais.

– Não tenho certeza... Não acho... O que eu quero é irrelevante. Você e Nan...

– Nan e eu terminamos. Não há mais Nan e eu. Mas existe a chance de um *você e eu*. Mesmo que você não admita.

– Eu não tenho nada a ver com a Nan.

– Acha que eu não sei disso? Garota, se você fosse como a Nan, eu não estaria aqui. Terminei tudo com ela porque aquela mulher é um veneno. Você é tudo o que ela não é.

O corpo de Harlow começou a relaxar lentamente sob meu toque. Desenhei pequenos círculos com os polegares junto à cintura dela, com delicadeza.

– Os caras costumam gostar de mim por causa do meu pai. Eu mantenho distância. Não quero ser apenas um troféu.

Uma dor aguda atingiu meu peito ao ouvir tanta vulnerabilidade naquelas palavras. Merda. Rush passara pelo mesmo problema, mas não era uma menina inocente. Era um homem que pouco se importava. Não estava procurando ninguém que gostasse dele pelo que era. Não até conhecer Blaire. Pensar em alguém usando a doce Harlow só para se aproximar do pai dela me deixava puto. Se eu pudesse ir atrás de todos os cretinos que a magoaram...

Levantei a mão e ergui o queixo dela, de modo que me fitasse diretamente nos olhos. Queria que ela percebesse que eu estava falando sério. Queria que acreditasse em mim.

– Eu nunca usaria você para me aproximar do seu pai. Conheço Kiro desde criança. Rush é meu melhor amigo. Não fico deslumbrado por estar perto dos caras da banda ou pelo estilo de vida da Slacker Demon. É você. Eu quero você. Só você, Harlow. Só você.

Lágrimas surgiram de seus grandes olhos castanhos e ela piscou rapidamente. Ninguém nunca tinha lhe dito isso?

– Você vai me beijar agora? – sussurrou ela.

Droga. Eu me sentia de volta à escola, com minha primeira paixonite. Cinco palavras fizeram minhas mãos tremerem. Nunca esperei que ela me perguntasse isso. Mas também não lhe daria tempo para mudar de ideia. Cobrir seus lábios macios com os meus era como o nirvana. Harlow tinha um sabor tão doce. Era por isso que havia começado a chamá-la de “docinho”.

Lambi seu lábio inferior porque primeiro deveria explorar sua boca. Sorver seu calor. Senti-la pressionar o corpo contra o meu e enrolar as mãos nos meus cabelos. Eu ia ficar com ela. Faria tudo o que fosse preciso para ficar com ela. Droga, até me mudaria para Los Angeles se fosse necessário. Não a deixaria ir embora. Pela primeira vez na vida, eu me sentia em casa.

– Eu te avisei – sussurrei junto aos lábios dela antes de reivindicar sua boca novamente.

Harlow

Dias de hoje

Ele só tinha telefonado uma vez depois da morte do amigo. Estava bêbado e falava coisas sem sentido. Fiquei esperando que ligasse no dia seguinte, mas não foi o que aconteceu. Ele estava mal, então resolvi que aquilo era um sinal de que Deus estava consertando as coisas. Eu tinha estragado tudo ao deixar que Grant se aproximasse de mim, e não contara nada a ele. Tive sorte por ele não se importar comigo de verdade. Pensei que gostasse mesmo de mim e, por um instante, me permiti viver aquela fantasia.

Agora eu já sabia. Todas aquelas palavras doces não passaram de um joguinho, e tinham funcionado comigo. Caí que nem um patinho. Se eu pudesse apagar aquela noite, era o que eu faria. Não ia mais romantizá-la. Dei a ele uma parte de mim que nunca mais teria de volta. Ele tirou minha virgindade e foi embora. Pela primeira vez eu tinha me deixado enganar.

Sentei-me na cama e fiquei olhando para o golfo pela janela. Esses nove meses seriam ainda mais difíceis do que eu havia imaginado. Não apenas teria que lidar com Nan, mas com Grant e Nan. Não permitiria que nada disso me magoasse. Eu era mais forte.

Grant tirara minha virgindade, mas minha inocência já havia sido roubada. Jeremiah Duke era o responsável por isso. Eu achava que ele me amava; achava que ele era o meu príncipe encantado. Ele era tão atencioso e gentil. Carregava meus livros e me tratava com carinho. Eu lhe contara a verdade e ele fingiu que não importava.

Então o vi atrás das arquibancadas, depois do treino de futebol, com os shorts arriados e a saia de líder de torcida de Nikki Sharp levantada. Ele a comia junto à parede de cimento. Foi a gota d'água para mim. Foi quando percebi que era apenas a filha de Kiro e fiquei desolada. Eles me queriam apenas para manter certo status social. Não havia nada de especial em mim. Era isso que os caras enxergavam.

Exceto Grant.

Com ele, foi diferente. Ele não me via como a filha do Kiro. Apenas como um desafio. A partir do momento que colheu os frutos, tudo estava acabado. Minha avó vivia me alertando sobre caras como ele. Ela ficaria tão decepcionada se me visse agora. Balancei a cabeça. Não podia pensar nisso. Só me deixava pior. Eu era uma sobrevivente e não deveria dar importância a pessoas que não valiam a pena. Ter piedade de mim mesma nunca me levou a lugar nenhum. Não foi culpa minha. Onde quer que eu estivesse, independentemente da situação, eu sobrevivia. Era boa nisso. Minha avó sempre dizia: “Mantenha a cabeça erguida e não deixe que ninguém veja sua queda. Você é feita de aço. Não estou criando uma princesinha mimada. Estou criando

uma mulher. Uma mulher trabalhadora e independente. Está me ouvindo?” Ela nunca agiu como se houvesse algo de errado comigo. Acreditava que eu era perfeita. Acreditava que eu me daria bem. E às vezes eu também tomava isso como verdade.

Levantei-me da cama e fui tomar um banho. Pensei em me arrumar e ir até o clube jogar tênis. Tinham um profissional com quem eu podia treinar. Depois eu jogaria uma partida de golfe. Encheria meus dias com coisas que pudesse fazer sem amigos. Talvez até pegasse um sol na piscina. Eu ia superar tudo isso.

Dois meses e três semanas antes...

Grant foi embora na manhã seguinte ao dia em que me beijara na piscina. Depois do beijo, ele começou a agir de um jeito estranho. Não entendi o que havia de errado, ou se ele havia se arrependido e ficara sem saber como se livrar de mim. Acordar e ver que Grant não estava lá respondeu a questão.

Meu pai também não estava em casa. Ele não voltava desde a última rodada de festas, mas aquilo não me surpreendia. Fiquei magoada com a fuga de Grant. Eu me odiava por sentir algo por ele. Beijá-lo havia sido um erro. Eu não fazia o seu tipo. Nenhuma pessoa normal desejaria ficar com Nan, como ele fez.

Ler não era mais tão interessante quanto antes de Grant aparecer. Em vez de ficar trancada no quarto, eu me joguei no tênis e na natação. Afastei a imagem dele da melhor forma possível. Seus lábios deveriam ter um aviso de *Cuidado, não toque*. Eram difíceis de esquecer.

Três dias depois de Grant desaparecer, eu estava nadando. Havia conseguido empurrar todos os meus pensamentos para o fundo da mente. Então, quando parei para respirar e vi Grant Carter olhando para mim, não soube se era imaginação ou se ele realmente estava ali.

Joguei os cabelos molhados para trás e enxuguei os olhos. Então os abri novamente, e ele ainda estava na beira da piscina.

– Oi – cumprimentou ele com um sorriso sexy.

Eu queria acertá-lo com alguma coisa para fazer aquele rosto sedutor desaparecer. Isso também era digno de aviso.

Eu não estava a fim de falar com Grant.

– Nan não está aqui – respondi.

Ela ainda não voltara de Rosemary. Eu tinha certeza de que Grant fora correndo para lá encontrá-la. Como sempre fazia.

– É, eu sei – respondeu ele.

Eu devia ter voltado a nadar e o ignorado. Era a coisa mais inteligente a fazer. Mas ele podia entender como um convite para se juntar a mim.

– O que você quer? – perguntei, tentando dar um tom bem irritado à voz.

– Vim ver você. Depois que um cara consegue seu beijo, é difícil esquecer – falou ele.

Não era a resposta que eu esperava. Engoli o nó de nervoso que surgiu em minha garganta. Eu ia acabar perdendo a pose e perdendo Grant se ele continuasse dizendo coisas assim. Onde estava minha determinação? Eu costumava ser mais forte do que isso.

– Você está zangada porque eu fui embora – comentou ele.

Pensei em revidar, mas mudei de ideia. Apenas lhe daria mais poder. Ele não precisava saber que me afetava tanto.

– Foi bem cafajeste da minha parte. Mas você me assustou. Gosto de flertar com meninas bonitas, mas não sei o que fazer quando um simples beijo faz minha cabeça girar. Você me faz desejar coisas e me sentir de outro jeito. Não estou pronto para isso.

E eu que esperava um pedido de desculpas qualquer, não aquilo.

– Ah – foi a única coisa que saiu da minha boca. O que ele queria dizer com essa história de o meu beijo ter feito a cabeça dele girar? Era uma coisa boa? Parecia que sim... talvez.

Grant passou a mão pelos cabelos e soltou um suspiro frustrado.

– Sei que não deveria ter ido embora sem dar uma satisfação. Foi injusto, eu fui egoísta. Infelizmente sou bom nisso. Eu só... O que posso fazer para que você me perdoe?

Ele ainda não tinha pedido desculpas. Perguntava como poderia ser perdoado. Alguém já perguntara isso antes? Que coisa diferente de ser pedir.

O alerta soava histericamente na minha cabeça, mas, de alguma forma, eu o ignorei. Meu coração queria perdô-lo. E também não queria que ele se afastasse. Ninguém nunca havia dedicado tanto tempo para me conhecer. Acabei me acostumando a ficar sozinha. Ter alguém que desejava admitir que estava errado, alguém que se importava o suficiente para perguntar como consertar as coisas, significava muito mais do que eu imaginava.

– Não faça isso de novo – respondi.

Os olhos de Grant se arregalaram e lentamente um sorriso foi se formando em sua boca.

– Não vou fazer.

Dei um passo para trás e ele começou a tirar a camisa. Jogou-a de lado e tirou os sapatos, depois ergueu os olhos e fitou os meus.

– Não vou embora dessa vez. Quando se cansar de mim, você vai ter que me expulsar.

O sorriso bobo não saía do meu rosto.

Dois meses e duas semanas antes...

Quando a porta do meu quarto se fechou atrás de nós, eu sabia que estava na hora. Ficamos nos beijando e nos tocando durante a semana toda. Era difícil tirar as mãos um do outro. Grant fez com que eu sentisse coisas que eu não sabia serem possíveis. Ele me mostrou o que era um orgasmo de verdade. Também me ensinou que não havia problema nenhum em gritar de prazer. Gostava quando eu perdia a vergonha e me excedia nos ruídos. Isso sempre o deixava mais frenético. Sua respiração acelerava e seus olhos quase brilhavam de excitação.

Mas essa noite eu queria mais. Não ia interrompê-lo caso passasse dos limites. Não ia proibi-lo de tirar minha camisa. Permitiria que tudo o que desejássemos acontecesse. Eu tinha 20 anos. Já estava na hora de me tornar uma mulher de verdade e experimentar o sexo. Guardava a virgindade como se fosse um grande prêmio. Queria vivenciar uma conexão total com um homem. Queria saber como era sentir Grant dentro de mim. Chegarmos o mais perto possível um do outro. Queria viver essa experiência.

Grant me abraçou por trás e sua boca tocou o meu pescoço. Ele começou a mordiscá-lo. Senti meus joelhos fraquejarem.

– Você tem um gosto muito bom – sussurrou no meu ouvido, me fazendo tremer. – Quero tirar sua blusa. Fiquei imaginando os seus mamilos dentro da minha boca a semana toda.

As mãos dele pegaram a barra da minha blusa e a puxaram pela cabeça. Então abriu meu sutiã. Quando ele o tirou, ficou paralisado. Eu sabia que ele veria. Tinha me preparado para isso. Grant passou o dedo pela linha que atravessava meu peito, já tão clara que quase não dava para notar.

– O que é isso? – perguntou.

– Eu nasci prematura. Dez semanas antes do tempo. Tive que fazer algumas cirurgias antes de ser liberada. – Não quis explicar demais. Grant não precisava saber toda a verdade. Isso já bastava.

Ele abaixou a cabeça e, em vez de pegar meus mamilos, beijou a cicatriz. Fechei os olhos porque me sentia culpada por não ter contado a história completa. Depois suas duas mãos grandes e bronzeadas cobriram meus seios e eu suspirei de prazer.

– Está gostando, linda?

Fiz um esforço para assentir com a cabeça quando ele começou a beijar o meu pescoço e apertar os meus mamilos com cuidado.

– Isso, gata, arqueie essas costas para mim.

Eu nem tinha percebido, mas estava fazendo exatamente isso. Queria ficar mais perto do toque dele. Grant me deixava em êxtase. Cada vez mais eu desejava essa sensação. Ele apresentara esse mundo para mim, tanto prazer e excitação que eu nem sabia que existiam.

– Deite-se. Quero beijar esses mamilos carentes.

Não discuti. Eu queria a mesma coisa. Deitei-me na cama bem a tempo de ver Grant tirar a camisa. Vi a tatuagem que começava no ombro e descia pelo lado direito do seu peito. Não entendi o desenho, mas era sexy. Parecia tribal. Havia também uns ideogramas chineses, mas deixei para perguntar a respeito depois.

Ele desabotoou a calça. Fiquei fascinada com seu abdômen. A barriga tanquinho, o jeito como os ossos do quadril se destacavam e a pequena faixa de pelos que começava a se formar embaixo, logo depois do elástico da cueca. Estava louca para ver como era ali na virilha, mas ainda não tinha tido oportunidade. Grant sempre tirava a minha calcinha, mas dizia que era melhor não se despir para conseguir manter a cabeça no lugar. Nunca pressionei. Mas queria ver.

Fiquei deitada enquanto ele se postou em cima de mim e me encarou com os olhos ávidos de desejo. Não desviou o olhar mesmo quando levou a boca até o meu seio e chupou o mamilo. Eu o observei. Senti os pelinhos da minha barriga se arrepiarem e precisei juntar bem as pernas para aliviar a dor agonizante que surgira ali no meio.

Grant deixou que aquele mamilo lhe escapasse da boca para então colocar a língua para fora. Deu um sorrisinho, mudou de posição e deu a mesma atenção ao outro.

Agarrei as cobertas embaixo de mim para não gritar. Era uma sensação tão boa. Era incrível sentir o calor da boca dele em qualquer parte do meu corpo, mas o melhor mesmo era quando encontrava as áreas mais sensíveis.

Então Grant começou a beijar minha barriga, e eu sabia que logo ele arrancaria o meu short. Usaria a boca para me fazer entrar em êxtase. Mas essa noite eu queria mais do que isso.

– Tire a calça – falei.

Ele parou e ergueu os olhos enquanto beijava o meu umbigo.

– Você conhece as regras. É melhor não. Não confio em mim.

Engoli o nó de nervoso que se acumulava na minha garganta.

– Eu quero... quero que você tire a calça. Não vou impedir mais nada... – Não sabia como dizer que estava pronta. Nunca havia passado por isso antes.

Grant franziu a testa por um instante, então seus olhos brilharam do mesmo jeito excitado que eu ficava quando voltava do orgasmo.

– Você está dizendo que finalmente vou poder sentir como você é maravilhosa?

Achei que ele fosse falar que ia me comer ou me foder, mas isso... isso era melhor. Era real. Dar outro nome ao ato ou romantizá-lo de alguma forma o desmereceria. Sexo se tratava de atração mútua, eu entendia isso. Não havia necessidade de descrevê-lo com palavras bonitas, sem segundas intenções. Eu precisava que fosse um ato honesto, e ele parecia compreender isso.

Grant se aproximou de mim e colocou as mãos nas laterais da minha cabeça, olhando profundamente em meus olhos.

– Não precisamos fazer isso. Não estou pedindo nada. Se não estiver pronta, não tem problema. Eu espero.

A gentileza dele me deixava com mais vontade ainda. Ele falava sério. Não queria mesmo me pressionar.

– Eu quero... quero você.

– Caralho! – exclamou Grant, pulando da cama.

Tirou uma camisinha do bolso. Fiquei um pouco confusa e incomodada na hora, mas ao mesmo tempo feliz por ele estar preparado. Jogou o preservativo na cama. Depois, finalmente pude vê-lo abrir o zíper do jeans. A calça caiu no chão junto com a cueca boxer branca. Fiquei boquiaberta. Já havia sentido o membro dele sob o jeans; uma vez me esfreguei nele até gozar. Mas nunca imaginei que fosse tão... grande. Não sabia se ia caber.

Não tive muito tempo para me preocupar. Grant já estava arrancando meu short e minha calcinha, então voltou para a cama. Pegou os meus joelhos e abriu as minhas pernas. Eu não estava preparada para recebê-lo, primeiro tinha que relaxar um pouco.

Ele começou a beijar a parte interna das minhas coxas e lentamente foi se aproximando do ponto onde eu queria que sua boca tocasse. Quando ela pressionou a virilha, senti a língua dele deslizar até o centro. Eu estava pronta. Agarrei as cobertas com força e gritei de prazer quando ele chupou o meu clitóris.

Quando Grant fez isso pela primeira vez, fiquei constrangida até que gritei e perdi o fôlego de tanta excitação. Mas ele não deu trégua – repetiu a dose. Naquela noite eu estava tão entorpecida que não conseguia nem me mexer.

Eu não tinha muito parâmetro, mas com certeza Grant era especialista nisso. Não queria pensar muito nesse assunto. O fato era que ele sabia o que estava fazendo. Era capaz de fazer com que eu perdesse o controle, coisa que nunca me acontecera antes.

Senti meus músculos se tensionarem e a excitação se formar dentro de mim. Ele sabia como o orgasmo era bom – e Grant me levava até o céu. De repente ele parou. Quis protestar: já estava quase chegando lá.

Ele começou a beijar minha pele quente e sensível, subindo até o pescoço.

– Vou colocar aquela camisinha agora – sussurrou ao pegar o pacotinho de que eu até já tinha me esquecido. Rasgou a embalagem e desenrolou a capa protetora por todo o seu enorme comprimento. – Você parece assustada – disse, de longe.

Ergui o olhar e o encarei.

– Vai caber? – perguntei.

Um sorriso torto tomou conta de seus lábios.

– Sim, docinho. Vai, sim.

Eu não tinha tanta certeza, mas ele estava otimista.

Grant me beijou no pescoço novamente e mordiscou o lóbulo da minha orelha. Abaixou o corpo entre as minhas pernas abertas. Finalmente eu ia fazer. Queria fazer.

– Você parece tensa. Teve alguma experiência ruim? – perguntou Grant, franzindo a testa. Ele parecia preocupado.

Balancei a cabeça. Não, eu nunca tive nenhuma experiência ruim. Eu não tive experiência nenhuma! Como é que ele não sabia disso? Bem, nunca tínhamos conversado sobre o assunto, mas ele já devia ter percebido a essa altura.

– É que, eu sei o que esperar, acho... com base no que ouvi dizer.

O corpo dele se retesou. Sua expressão passou de preocupada a surpresa.

– O que está dizendo? É claro que você já...

Ele não sabia. Acho que não notou, afinal.

– É minha primeira vez.

Grant fechou os olhos rapidamente e praguejou em voz baixa. Será que não gostava de transar com virgens? Era ruim? Tentei me afastar um pouco dele; me senti vulnerável.

Ele me encarou. A ternura que havia em seus olhos me pegou desprevenida. Acomodou a cabeça na curva entre meu pescoço e meu ombro e respirou fundo. Esperei em silêncio.

– Você me escolheu – disse, finalmente. Seu hálito quente me fez estremecer. Ele se afastou um pouco e olhou para mim. – Garanto que esta vai ser uma boa experiência para você. Prometo.

Nunca duvidei disso. Sabia que ia doer no começo. Não era idiota, entendia como funcionava. Também sabia que provavelmente não chegaria ao orgasmo dessa vez, mas essa não era a questão. Queria sentir Grant dentro de mim. Queria me conectar a ele de um modo que nunca me conectei com outra pessoa. Só isso.

Grant pressionou seus lábios nos meus com cuidado, depois abaixou o corpo. A ponta do seu pau tocou a minha pele. Fiquei excitada e assustada ao mesmo tempo. Ergui os quadris para tranquilizá-lo e ele deslizou. Quando chegou à barreira, olhou nos meus olhos e movimentou o quadril rapidamente, investindo para dentro de mim. Não senti dor, apenas uma pequena ardência. Então ele parou de se mexer.

– Você é tão apertada – disse ele, com um gemido rouco. – Minha nossa. – Sua respiração

estava entrecortada. Abaixou a cabeça e respirou fundo. – Parece uma luva quente de cetim me apertando do jeito certo. Meu Deus, gata.

Não entendi direito o que aquela descrição significava, mas, pelo jeito que ele estava ofegante, devia estar gostando. A sensação ultrapassou minhas expectativas. Estava me sentindo preenchida. Com Grant dentro de mim, eu me sentia completa. Queria ele aqui.

– Preciso me mexer, mas, droga, estou com medo – comentou ele ao sair lentamente e depois entrar de novo. Ouvi-o arquejar, o que me encheu de prazer. Vê-lo sentir tanto prazer por estar dentro de mim me deixava completamente excitada. Abri as pernas e ele afundou ainda mais.

Meu clitóris pulsava só de ouvir a voz dele. O alívio familiar se aproximava, e implorei para que ele se movimentasse mais. Com mais força. A cada estocada ele roçava no meu clitóris e massageava algo dentro de mim. Eu não sabia direito o que era, mas estava vendo estrelas.

– Incrível pra caralho – vociferou, antes de cobrir minha boca com um beijo voraz.

Grant nunca tinha me beijado desse jeito. Estava perdendo o controle, como acontecia comigo quando ele me chupava. Estávamos chegando juntos ao orgasmo. A reação dele estimulava o meu corpo de um modo que não achei que fosse possível.

– Está muito bom agora – garanti.

Grant ficou tenso e se movimentou para apoiar novamente a cabeça no meu pescoço.

– Não está doendo mais? – perguntou ele, com um gemido baixo e abafado.

– Não – respondi. A ardência era aliviada pelo prazer.

Grant ergueu o corpo e olhou nos meus olhos. Os músculos do pescoço saltaram e o maxilar enrijeceu, como se estivesse se esforçando muito para segurar algo.

– Isso é... isso é mais do que... – Ele fechou os olhos e uma expressão de sofrimento tomou conta de seu rosto. – Não vou conseguir segurar por muito mais tempo. Estou tão perto.

Suas palavras bastaram para me fazer flutuar. Eu o ouvi gritar meu nome enquanto eu gritava o dele e ergui o quadril para sua última estocada. Envolvi sua cintura com as pernas a fim de mantê-lo lá. Queria sentir cada espasmo de êxtase com ele dentro de mim. Não queria que ele se mexesse.

Gritei o máximo que pude ao me agarrar a ele.

– Nunca foi tão incrível. Você me arruinou. Cacete, me arruinou de verdade. Não posso mais viver sem isso – disse ele no meu ouvido, respirando pesadamente, enquanto seu corpo estremecia junto ao meu.

Concordei. Queria isso. Nunca imaginei que era isso que me faltava. Não pretendia abrir mão. Precisava de mais. Meu medo da verdade foi deixado de lado. Não podia interromper isso. Não agora.

Grant

Dias de hoje

Se eu subisse atrás dela, Nan poderia me ver ou nos escutar. Eu não tinha medo dela, mas sim do que faria com Harlow. A garota com certeza não morava aqui por vontade própria. Nan sabia que ela estava aqui ontem à noite, quando me trouxe. Estava de joguinho comigo. Não entendia direito o motivo, mas, com Nan, era assim que funcionava. E eu caí como um patinho na armadilha.

Kiro não morria de amores por Nan, mas adorava Harlow. Eu não entendia por que diabo ele obrigaria a filha querida a morar com a irmã vadia. A casa era dele, então é bem provável que esse fora o único motivo para Nan permitir que Harlow morasse com ela. Kiro não lhe dera alternativa. Disso eu tinha certeza.

– Você ainda está aqui? Por quê? – perguntou Nan enquanto passava por mim vestindo apenas um top e uma calcinha que mal cobria sua bunda.

Antigamente essa visão fazia meu sangue ferver. O corpo dela fazia o sangue de qualquer homem ferver. Mas não me afetava mais. Eu tinha superado. Sexo com ela não significava nada. Absolutamente nada.

– Eu ia tomar um café antes de sair, mas posso viver sem isso – falei, me virando para as escadas.

– Pode tomar todo o café que quiser. Mas depois caia fora. Tenho mais o que fazer hoje – gritou ela atrás de mim.

Eu não ia me demorar. Ficaria sozinho com Harlow, mas não aqui.

– Não, obrigado. Você acordou. Está na hora de ir embora – respondi.

Foi a última vez. Nan achava que eu não passava de um brinquedo sexual que ela podia pegar quando quisesse. A bem da verdade, era o que estava acontecendo. Mas eu fechava os olhos e fingia que ela era outra pessoa. Nunca foi bom, mas me ajudava a lidar com a situação.

A culpa me devorava vivo. Ter que deixar Harlow e correr para casa no jato particular da Slacker Demon acabou comigo, ainda mais quando devia enfrentar a morte de um amigo. A vida era curta. Essa frase nunca soara real para mim antes, mas ver Jace ir para debaixo da terra me servira de alerta. Quanto tempo ainda tínhamos? Ao ver Bethy curvada, chorando por ele, percebi que a dor de perder alguém era insuportável. Ela teria que passar o resto da vida sem Jace. Era assustador demais.

Eu nunca tinha amado alguém como ela o amou. Mas minha situação beirava esse amor... Notei que estava me apaixonando, então recuei. Não queria baixar a guarda. Não podia. E se eu

deixasse que Harlow me dominasse completamente? Sabia nesse momento como isso seria fácil de acontecer. Ela era a mulher da minha vida. Se eu permitisse, ela seria dona da minha alma.

Cada soluço de Bethy era como um balde de água gelada. Rush tinha abraçado sua esposa, Blaire, que chorava baixinho perto do marido. Então vi no rosto dele: Rush havia lhe entregado sua alma. Talvez ele estivesse pensando a mesma coisa, mas agora era tarde demais.

Rush se sentia vulnerável. Se perdesse a esposa, não conseguiria sobreviver. Blaire levaria com ela toda a sua força vital. Não seria capaz nem de respirar sem ela. Depois do enterro de Jace, bebi até que a ideia de me envolver com Harlow atenuasse. Até que o sabor doce dos lábios dela não passasse de um borrão e sua reação ao meu pau dentro dela não passasse de uma lembrança.

Harlow me assustava. O que eu sentia por ela me assustava. Estava lutando para não voltar para ela. Era atormentado pelo seu sorriso, que fazia meu peito inchar, e por aqueles inocentes suspiros de prazer. E aquela noite... aquela única, incrível e enlouquecedora noite. Fiquei com medo de me prender àquele momento para sempre. Ninguém nunca fora capaz de exercer tamanho poder sobre mim.

Quando Harlow não retornou meus telefonemas e Kiro pediu que eu me afastasse, me obriguei a empurrar aquelas lembranças para o fundo da mente. O uísque ajudou. Sem a bebida, era difícil não pensar em Harlow. Mas o álcool na verdade só me entorpecia – fazia a lembranças dela doer menos.

A necessidade de vê-la começara a tomar conta de mim, então liguei para Dean Finlay pedindo ajuda. Ele contou que o pai de Harlow mandaria me prender se eu pisasse na propriedade dele. Estava puto com a forma como eu supostamente havia usado sua filha. Kiro pensava que eu tinha dormido com Harlow enquanto ainda estava com Nan. Tentei explicar e me defender, mas Dean desligou na minha cara.

Então voltei para a bebida, pois, quando estava sóbrio, a necessidade de ficar com Harlow retornava. Antes, eu bebia para conseguir lidar com as merdas da Nan. Agora precisava mais desse consolo. Precisava esquecer o que fizera a alguém tão inocente, alguém que não merecia nada disso. Bebi até encher o caneco por dois meses. O álcool me ajudou a lidar com a perda de Jace e com o sabor amargo de algo que um dia tive mas destruí.

Depois de toda essa confusão, Kiro mandou Harlow morar aqui. Para ficar bem debaixo do meu nariz, totalmente desprotegida. Eu não conseguia entender.

Quando cheguei ao quarto de Nan, meu estômago embrulhou. Aquilo parecia sujo. Sexo casual nunca me pareceu sujo, mas isso... isso era repugnante. Eu tinha nojo de mim mesmo. Vesti a calça jeans e a camiseta e calcei as botas.

Não me despedi de Nan. Ela não se importava e eu não estava a fim. Queria mesmo era dar o fora dali. Precisava me limpar. Precisava lavá-la de mim. Depois ligaria para Harlow. Tinha que encontrar uma forma de me explicar. Só esperava que ela deixasse.

O Audi preto esportivo estacionado na entrada para carros, ao lado da minha picape, me pegou desprevenido. Por que não o notei na noite passada? Uísque de mais. Deveria saber que havia mais alguém ali.

Tirando as chaves do bolso, bati a porta do carro, furioso comigo mesmo, e dei a partida. Não

beberia hoje. Nunca mais daqui em diante. Não podia mais fazer isso. Precisava encontrar uma forma de lidar com a presença de Harlow e de fazê-la entender por que eu havia me afastado.

Só esperava que ela compreendesse. Não queria que ficasse magoada. Mas, por mais que a desejasse, tinha muito medo de me entregar tanto a alguém. Ela mesma confiara em mim, e eu a havia traído. Nunca me perdoaria por isso.

Precisava conversar com Rush. Ele era o único com quem eu podia falar. Não éramos irmãos de sangue, mas era assim que eu o considerava. Irmão e melhor amigo desde crianças. Era a única pessoa que eu deixaria chegar tão perto. Nem meu pai me conhecia tão profundamente. Na verdade ele nem havia tentado. Já minha mãe... era outra história.

Liguei para o número de Rush antes de sair da frente da casa de Nan.

– Alô – ele atendeu. Dava para ouvir a risada de um bebê ao fundo.

– Preciso conversar. Vai ficar com o Nate hoje à noite? – perguntei.

Rush passava mais tempo com seu filho, Nate, do que qualquer outro pai que eu conhecia. Queria garantir ao garoto algo que ele não teve, mas não era só isso. Ele adorava aquele moleque. Adorava a esposa. Não era fácil tirá-lo de perto deles.

– Blaire está aqui. Íamos à praia agora, mas se for muito importante, ela não vai se importar se eu sair por uma ou duas horas. – Ele percebera o tom de urgência na minha voz.

– Se ela não se importar, ótimo. Preciso mesmo falar com você.

– Só me deixe terminar de passar protetor solar no rapazinho e ajudá-la a armar a barraca lá fora. Depois vou para a sua casa, pode ser?

– Estou indo para o clube. Pode me encontrar lá. E obrigado – agradei.

– Só porque é você – respondeu ele, e eu entendi o recado. Ele não tinha tempo para mais ninguém além de Nate e Blaire, apenas para mim. Era nosso laço.

– Agradeça a Blaire por mim.

– Tudo bem. Vejo você daqui a pouco.

Desliguei o celular, joguei-o sobre o banco do passageiro e segui para o clube.

Harlow

Encontrar o clube foi fácil. Rosemary era uma pequena cidade costeira; quase nem podia ser chamada de cidade. Era o lugar onde a elite morava e passava férias. Depois de dirigir um pouco e ver as casas por toda a enseada do golfo, entendi por que Nan quis morar aqui.

Parei no portão principal e mostrei ao segurança a carteirinha de sócio que meu pai tinha me dado. Ele o abriu para que eu pudesse entrar com o carro e eu segui as placas para encontrar o serviço de manobristas. Não queria zanzar para descobrir onde ficava o estacionamento e poderia aproveitar para saber a direção das quadras de tênis.

Um jovem de camisa polo e short brancos se aproximou quando parei. Peguei a raquete no banco traseiro antes que ele abrisse a porta do carro.

– Bom dia, senhorita – cumprimentou ele, com um sorriso amigável. Uma mecha de seus longos cabelos loiros caiu sobre um dos olhos e ele a prendeu atrás da orelha. Imaginei que fosse surfista. Pelo menos parecia.

– Bom dia – respondi, jogando a mochila no ombro. – Sou nova por aqui. Pode me dizer onde ficam as quadras de tênis?

Ele fez que sim com a cabeça.

– Siga por essa entrada principal. Vire à esquerda e vá para as portas duplas que dão para o pórtico dos fundos. Desça as escadas e vire à direita. Você verá as quadras bem à frente.

Parecia fácil.

– Obrigada – respondi, entregando as chaves ao jovem.

– Posso ver seu registro, senhorita? Preciso inserir seu carro no banco de dados.

Peguei a carteirinha no painel do carro e entreguei a ele.

Ele leu rapidamente, passou por um leitor e a devolveu.

– Avise quando precisar do carro, Srta. Manning.

– Obrigada. – Pensei em dizer que ele podia me chamar de Harlow, mas achei melhor não. Provavelmente arrumaria confusão com a gerência se fosse pego me chamando pelo primeiro nome.

Entrei. Saber que não daria de cara com Nan aqui foi um grande alívio. Um homem vestido como o jovem loiro abriu a porta para mim, e eu segui as orientações do manobrista para chegar às quadras de tênis.

Passei por um restaurante e decidi voltar lá para almoçar. O lugar parecia legal, e dava para sentir o aroma incrível da comida daqui de fora. Uma garota parou na minha frente. Um sorriso sereno surgiu em seu rosto. Seus cabelos castanhos estavam presos num rabo de cavalo.

Obviamente era funcionária do clube – vestia-se como os homens que haviam me ajudado antes, suas roupas apenas eram mais justas. Mas ela me parecia familiar.

– Harlow? – perguntou.

Então me lembrei: nos conhecemos no casamento do Rush e da Blaire.

– Sim – respondi, frustrada por ter esquecido o nome dela. Grant ainda ocupava minha mente naquele dia, então eu não estava nem conseguindo raciocinar direito.

– Sou a Bethy. Amiga da Blaire. A gente se conheceu no casamento – esclareceu.

Senti meu rosto ficar quente. Odiava não me lembrar das pessoas. Era parte do meu problema de falta de aptidão social.

– Sim! – respondi com um sorriso. – Que bom vê-la outra vez. – Esperava que isso não me fizesse parecer uma idiota, porque certamente me sentia assim.

A expressão de Bethy era amigável, mas havia tristeza em seus olhos.

– Não tem problema não se lembrar. Você conheceu muita gente naquele dia. Não sabia que você estava na cidade.

Eu gostava dessa garota. Ela estava tentando me deixar confortável. Isso é raro hoje em dia.

– Estou aqui enquanto meu pai está em turnê. Ele pediu que eu morasse com a Nan nesse meio-tempo.

Bethy arregalou os olhos e deixou escapar um assobio baixo.

– Nossa. Achei que você fosse a filha de quem ele gostava.

Ela devia ser muito próxima de Blaire, pois conhecia exatamente a nossa situação familiar.

– Ele comprou uma casa para Nan aqui, mas com a condição de que ela me deixasse morar também enquanto ele estivesse em turnê. Não gosta de me deixar sozinha em Los Angeles – expliquei, tentando não defender o meu pai de forma exagerada.

Bethy soltou um longo suspiro.

– Eu preferiria enfrentar Los Angeles, se fosse você.

Senti vontade de rir, mas me segurei. Mordi o lábio para conter o riso.

– Você sabe que estou certa. Aquela vadia odeia você – insistiu Bethy. – Ela odeia Blaire também, então vocês duas deviam juntar forças.

– Gosto muito da Blaire. Fiquei muito feliz por Rush tê-la encontrado.

Bethy me encarou por um instante.

– Acho que você e Rush têm muito em comum. Foram praticamente criados pela Slacker Demon.

Também havia meu irmão Mase. Ninguém nunca falava dele. Ele vivia com a mãe em um rancho no Texas. Meu pai fora vê-lo várias vezes, mas ele quase não ia a Los Angeles. Gostava da vida no Texas. E era muito apegado ao padrasto.

– Sim. Nós vimos muita coisa – respondi, decidindo não mencionar Mase. Isso só levaria a perguntas que eu não sabia ao certo como responder. Meu pai não via Mase havia mais de um ano, mas meu irmão me ligava pelo menos uma vez por mês para saber de mim. Eu aproveitava para perguntar sobre sua vida. Minha avó garantia que nós sempre nos encontrássemos. E foi no enterro dela que o vi pela última vez. Nunca contei ao meu pai porque tinha medo de que ficasse magoado por Mase não ser tão conectado assim a ele.

– Bem, fico feliz por você estar em Rosemary, embora fosse melhor que tivesse acomodações mais apropriadas. Precisa de ajuda por aqui? – perguntou ela. Depois olhou para minha saia de tênis e para a raquete nos meus braços e sorriu. – Está indo para as quadras de tênis. Me acompanhe. Preciso garantir que não seja assediada por Nelton, nosso técnico desleixado. Temos outro muito mais legal, o Adam. É dele que você precisa.

Bom saber. Eu precisava ficar longe do Nelton. Ela se virou e fomos andando. Seu rabo de cavalo balançava de um lado para outro conforme caminhava, mas ela nem rebojava. Mesmo sem conhecê-la muito bem, parecia estranho.

Bethy acenou para várias pessoas enquanto andávamos. A maioria era sócia do clube. Era amiga e funcionária do clube. Não estava acostumada a lugares assim. Gostei. E muito.

– Você joga tênis com frequência? – perguntou Bethy, voltando a olhar para mim.

– Na casa do meu pai tem uma quadra. Costumo usá-la para me exercitar e me ocupar um pouco. Me dá tempo para pensar.

– E você veio para cá a fim de ficar longe da Nan. Boa ideia – completou ela.

Dessa vez eu sorri.

Um cara alto, loiro, bronzeado e de olhos verdes nos viu andando em sua direção e percorreu meu corpo com os olhos. Não gostei. A viseira estava virada ao contrário e o uniforme era totalmente branco.

– Não é para você, Nelton. Fique com suas tiazonas. Estou procurando o Adam – disse Bethy ao homem. Percebi que me aproximei dela quando passamos por ele.

– Por que não deixa que ela decida? Tenho um horário vago para essa menina – respondeu.

– Eca, sai daqui – retrucou Bethy, e continuou andando.

Fiquei muito agradecida a ela naquele momento.

– Desculpe. Nelton pensa que é um presente de Deus para as mulheres. Se ele não fosse tão repugnante, até seria atraente, mas... Argh! A mulherada mais velha morre de amores por ele. Adam é mais novo. Woods, o dono do Country Club de Kerrington, contratou Adam há duas semanas. Ou, melhor, Della, noiva do Woods, contratou. Ela não gostava do Nelton e queria uma alternativa a ele.

Não conhecia Della, mas já gostei da moça só por isso.

– Adam – chamou Bethy. Olhei para a quadra e vi um cara alto e musculoso. Ele era ruivo. Talvez mais para um loiro avermelhado por ficar tanto tempo no sol. Usava uma viseira branca na cabeça e o mesmo uniforme que Nelton. Notei as palavras “Country Club de Kerrington” bordadas na camisa polo e “Instrutor de tênis” logo abaixo.

Adam veio correndo até a gente, com um sorriso no rosto. Quando se aproximou, seus olhos azul-claros entraram em foco. Eram impressionantemente claros. Ele não era tão bronzeado quanto Nelton – tinha a pele alva. Seus braços musculosos eram cheios de sardas. Ele era o que minha avó chamaria de *ruivinho*.

– Oi, Bethy, e aí? – perguntou, sorrindo, relanceando o olhar para mim, e voltando para Bethy.

– O clube tem uma nova sócia. Ela é amiga do Rush e, infelizmente, meia-irmã da Nan. Não vamos culpá-la por isso. Como o Rush, ela não tem nada a ver com a Nan – foi assim que ela me

apresentou. – Bem, Harlow quer jogar. Mostre tudo a ela e marque alguns horários. Ela vai precisar de um refúgio enquanto estiver morando com aquela vadia do mal. Harlow, esse é o Adam. Adam, conheça a Harlow.

Bethy realmente odiava Nan.

– É um prazer conhecê-la, Harlow – disse ele. Apertei a mão dele. Foi rápido. Nada estranho ou desconfortável. Eu não gostava de apertar a mão ou tocar pessoas que mal conhecia.

– Tenho alguns horários vagos. Nelton está sempre com a agenda cheia, e fica com a maioria dos alunos regulares – informou Adam. Seus dentes eram perfeitamente alinhados e muito brancos. Eu tinha uma quedinha por dentes bonitos.

– Está certo, então. Meu trabalho terminou – disse Bethy, virando-se para mim em seguida. – Você está a salvo com ele. Aproveite o dia.

– Obrigada pela ajuda – respondi.

Bethy sorriu, mas novamente vi tristeza em seus olhos.

– De nada. Blaire falou muito bem de você. Quis ter certeza de que cuidaria de você em nome dela.

Assenti com a cabeça e Bethy acenou para Adam antes de refazer o caminho de volta.

– Por que não deixamos marcadas as sessões diárias logo? Quero dizer, caso você pretenda vir todos os dias.

– Sim. Preciso me manter ocupada – confirmei. Adam era uma pessoa fácil de lidar, e a ideia de ter algo pelo que esperar, alguém com quem conversar, mesmo que fosse sobre tênis, me parecia agradável. Além disso, ele era atraente e seu sorriso fazia meus olhos brilharem. Gostava daquilo. Gostava muito daquilo.

Grant

Harlow não estava atendendo às minhas ligações, droga. Como antes, estava me ignorando. Seu olhar pela manhã era pura mágoa. Ela não atendia meus telefonemas e pensava que eu estava transando com a Nan esse tempo todo. Era por isso... não era? Acabei me deixando levar pela conversa da Nan quando percebi que Harlow não me permitiria invadir sua fortaleza de pedra. Tentei apagá-la da mente. Não consegui. Mas vinha me esforçando. O olhar magoado e traído me devorava vivo. O que ela estaria pensando? Será que eu havia entendido tudo errado?

Precisava falar com ela.

Entrei no clube e quase atrolei Bethy. Não a vi muito nos últimos meses. Ela tinha preferido ficar sozinha e meter a cara no trabalho.

– Oi – falei quando ela parou e me olhou tentando sorrir.

– Oi.

– E aí?

Era uma pergunta vazia, mas eu não tinha ideia do que dizer. De todos nós, foi ela quem mais sofreu a perda de Jace.

Bethy deu de ombros.

– Estou trabalhando. Acabei de apresentar a Harlow para o Adam, o novo instrutor de tênis, então já completei a cota de boas ações do dia.

Harlow.

– Harlow está jogando tênis? – perguntei, tentando me conter para não sair correndo naquela direção.

Bethy confirmou.

– Sim. Está se escondendo da Nan. Tenho tanta pena dela. Mas você não deve entender por quê – respondeu, revirando os olhos. Passou por mim e foi embora.

Ia tentar argumentar, mas me concentrei em chegar até Harlow.

Quando cheguei à calçada de ladrilhos que levava às quadras de tênis, vi Nelton com a mãe de Thad. Tinha quase certeza de que ela não era mais uma das tietes. Era uma senhora legal. Não conseguia imaginá-la traindo o marido. Além disso, ela não faria nada que pudesse decepcionar Thad. O garoto era mimado e tinha uma sorte do cacete.

Passei por eles e vi Harlow imediatamente. Tinha no rosto uma expressão franzida, determinada, acertando todas as bolas que Adam lançava. E estava deslumbrante com aquela saia.

– Isso mesmo, garota – Adam a elogiou. Não gostei do tom. Ele parecia muito feliz. Muito... interessado.

– Vamos dificultar um pouco. Acha que dá conta? – perguntou ele.

– Vamos lá. – Ela parou quando seus olhos me encontraram. Deu para perceber quantas emoções passaram por ali antes que voltasse o olhar para Adam novamente. – Só um minuto.

O instrutor tinha se virado e olhado para mim. Pude senti-lo me encarando, mas não tiraria os olhos dela, caso fugisse.

Ela pegou uma toalha e secou o suor do rosto e do pescoço, depois agarrou a garrafa d'água e sorveu um longo gole. Esperei pacientemente, apreciando a forma como ela se movimentava. Nunca tinha visto uma garota com uma postura tão correta quanto a de Harlow. Ela tinha um jeito gracioso, refinado, de fazer as coisas. Mesmo quando estava aqui, suando, dava a impressão de pertencer à realeza.

Seus ombros se ergueram e relaxaram conforme ela respirava, depois ela se virou e partiu em minha direção. Havia um brilho determinado em seus olhos. Aquilo não contribuiu em nada para me dissuadir. No máximo, me deu vontade de agarrá-la e beijá-la até que nós dois esquecêssemos os últimos dois meses.

– O que você quer? – perguntou ela, mantendo uns 30 centímetros de distância. Seu tom de voz agressivo, frio e sensual pra caralho me soava familiar. Era a Harlow de antes de eu pedir comida chinesa e convencê-la a confiar em mim.

– Precisamos conversar. Tenho que explicar tantas coisas... – falei.

Harlow ergueu a sobrancelha.

– Não sou surda nem cega. Não precisa explicar nada. Entendo perfeitamente.

Merda.

– Harlow. A noite passada não foi nada do que você está pensando. Você não estava falando comigo. Eu ligava e você me ignorava. O que queria que eu fizesse? Eu estava... Droga, eu estava tentando esquecê-la. Esquecer a gente. Foi o que você me obrigou a fazer. E ontem à noite eu estava tão bêbado que mal sabia meu nome.

Harlow endireitou os ombros e me encarou com olhos grandes e magoados iluminados por uma raiva lenta e furiosa. Não parecia nada promissor.

– Não sou imbecil. Sei que nunca me telefonou, exceto aquela única vez, e estava bêbado demais para lembrar o próprio nome. Não me faça de idiota só para se sentir melhor. Sou bem crescida e, graças a você, perdi toda aquela ingenuidade de antes. Aprendi algumas duras lições.

– Ela engoliu em seco e balançou a cabeça. – Não. Não temos nada para conversar, Grant. Seu tempo acabou. Por favor, volte para Nan. Aproveite o máximo que você puder. Minha vida não é da sua conta nem nunca será. – Ela se virou e começou a andar de volta para a quadra.

Estiquei o meu braço e segurei-a para impedi-la de dar as costas para mim. Precisava dizer alguma coisa. Tinha que fazê-la me escutar. Durante todo esse tempo, pensei que o pai dela lhe contara que eu estava dormindo com Nan. Não sabia direito de onde ele havia tirado essa informação, ou se estava apenas presumindo, mas, pelo que Dean me disse, era por isso que Harlow estava me ignorando.

– Se você não sabia sobre mim e Nan antes, então por que não respondeu às minhas ligações?

Harlow parou e não tentou livrar o braço da minha mão. Ela ficou lá, muito calma. As

mulheres que eu conhecia não lidavam com as emoções dessa forma. Eram histéricas. Gritavam, berravam e saíam atirando objetos. Harlow era tão tranquila.

– Você ligou uma vez. Estava bêbado. Depois, nunca mais. Agora, por favor, largue o meu braço. Tenho mais quarenta minutos com Adam e gostaria de usar meu tempo da maneira adequada.

– Mas eu liguei! Um milhão de vezes! Você não atendeu. Quando seu pai atendeu no telefone fixo, chegou até a me ameaçar. Até o Dean me alertou. Achei que você quisesse isso. Preciso explicar.

Harlow se virou e o fogo em seus olhos me assustou.

– Não, Grant, não foi isso que aconteceu. Eu sou inteligente o bastante para saber que haveria uma ligação perdida. Você não ligou. – Ela soltou o braço e foi para seu lado da quadra.

Eu não havia imaginado a conversa desse jeito. E não tinha a mínima ideia de como fazê-la me escutar. Ela ficava na defensiva por demais. Muralhas de aço foram erguidas entre nós.

– Se já terminou, Sr. Carter, precisamos continuar a aula – disse Adam num tom profissional.

Eu também não queria ter tido aquela conversa ali. Com plateia. Em vez de responder, simplesmente saí. Não sabia o que mais poderia fazer. Precisava me recompor e planejar meu próximo passo. Também precisava de conselhos. Chega de esperar Rush. Eu ia falar com Blaire.

Harlow

Adam agiu como se nada tivesse acontecido. Mesmo depois que errei todas as bolas que ele lançava. Não estava conseguindo me concentrar. As palavras de Grant se repetiram várias vezes na minha cabeça. Estava determinado a me fazer acreditar nele. Ainda assim, não pensou duas vezes ao enfiar uma faca no meu peito quando comentou sobre estar dormindo com Nan. Simplesmente parei de tentar. Adam parou de lançar e ficamos ali, um olhando para o outro.

– Sinto muito. Acho que não vou conseguir terminar a aula de hoje – falei. Ele não precisou de mais nenhuma explicação; sabia que tinha escutado a conversa. Grant e eu não nos preocupamos em ser discretos.

– Tenho um tempo livre. Quer tomar um café? – perguntou, surpreendendo-me.

Eu não sabia se queria isso realmente. Na verdade, não tinha muitos amigos. Meus livros eram meus amigos.

– Não vou perguntar sobre o que aconteceu. Só fiquei com vontade de tomar um café, e eu gostaria de ter companhia – disse ele quando não respondi.

Eu precisava fazer isso. Já estava na hora de ter vida social. Meu pai me mandara para cá, e era impossível ficar trancada no quarto. Ficar em casa significava ter que lidar com Nan.

– Tudo bem – finalmente aceitei.

Adam pareceu aliviado e sorriu.

– Ótimo. Achei que precisaria implorar.

Não entendi direito o que ele quis dizer com isso, ou se estava apenas brincando. Esperei que ele se secasse com a toalha e tomasse um longo gole d'água. Quando Adam se virou novamente para mim, percebi que gostava muito dele. Ele era atraente e legal. E nunca tinha transado com Nan... ou pelo menos eu achava que não.

– Antes do café, preciso lhe perguntar uma coisa... – comecei. – Você tem ou já teve algum tipo de relacionamento com a Nan? – Sabia que era ridículo, mas eu precisava me proteger. Se a resposta fosse positiva, achava melhor não passar nenhum tempo com ele fora dessa quadra.

Adam riu. Fiquei me sentindo uma criança questionando esses detalhes. Mas não me importava.

– Não. Nan é o tipo de garota de quem mantenho distância. E também está rolando algo entre ela e August Schweep, o novo instrutor de golfe aqui do clube.

Ótimo. Grant transava com ela enquanto ela transava com o instrutor de golfe. Eca. Simplesmente, *eca*.

– Não é só com ele que Nan está tendo alguma coisa.

As sobrancelhas de Adam se ergueram.

– Como eu disse. Não faz meu tipo.

Sim, poderíamos ser amigos.

– Que bom. Não que tomar café signifique algo. Eu só prefiro não perder meu tempo com gente que tenha qualquer tipo de relacionamento com ela.

– Você a odeia tanto assim? – perguntou ele.

Balancei a cabeça.

– Não. Mas é uma grande bandeira vermelha sinalizando que a pessoa tem algum problema.

– Sério? Que problema?

– Falta de integridade – respondi antes de fechar bem a boca. Não devia ter dito aquilo.

Adam, no entanto, caiu na gargalhada.

Passamos pelas portas do grande pórtico cercado e entramos numa pequena área reservada para o café. Imediatamente vi Rush parado no que parecia a entrada de um salão de jantar ou restaurante. Ele olhou para mim e em seguida para Adam, então ergueu as sobrancelhas levemente. Acenou com a cabeça na minha direção antes de voltar sua atenção a um cara que reconheci do casamento.

– Tem problema ficarmos aqui? O restaurante está lotado a essa hora. Ou prefere entrar e pedir algo para comer?

Era hora do almoço, mas a ideia de entrar num local cheio de gente não me agradou.

– Podemos pedir um sanduíche aqui? – perguntei.

– Claro que sim. – Ele puxou uma cadeira para mim. – Sente-se, vou pegar o cardápio. Eles demoram a trazer.

Já ia dizer que ele não se preocupasse, que bastava o café, mas Adam não estava mais ali. Não percebi se Rush lhe disse algo. Mantive a atenção nas janelas que davam para as quadras. Pensar nessas coisas todas me deixaria nervosa. Não havia motivo para isso. Adam era um cara legal. Ele jogava tênis. Já tínhamos algo em comum.

– Gosto do Adam. – A voz de Rush me assustou. Quando me virei, vi-o andando na minha direção.

– Eu também – respondi, imaginando se ele sabia alguma coisa sobre mim e Grant.

– Nan a está tratando bem?

Rush se preocupava bastante com isso. Sabia melhor do que ninguém quanto nossa relação era ruim.

– Ainda nem nos encontramos. Estou tentando evitá-la.

Rush riu.

– Não é má ideia.

– Como estão Blaire e Nate? – perguntei.

O rosto dele se iluminou e o risinho se transformou num largo sorriso. Um sorriso autêntico.

– Estão perfeitamente bem.

Ele nunca foi homem de muitas palavras.

– Gostaria de visitá-los qualquer dia.

– Blaire ia adorar. Quando ela souber que você está na cidade, vai ficar atrás de você.

A gentileza me fez sorrir. Eu gostava muito da Blaire. Era impossível não gostar dela.

– Que bom. Fico aguardando ansiosamente.

Rush olhou para a frente e depois me fitou novamente.

– Aproveite seu almoço. Não deixe que Nan assuma o controle. Seja firme.

Não falou mais nada; apenas saiu. Eu me virei e vi Adam voltando. Ele e Rush se cumprimentaram quando passaram um pelo outro. Adam colocou o cardápio na mesa e se sentou na minha frente, voltando a olhar para a porta.

Quando se virou outra vez para mim, parecia ter algo em mente. Resolvi esperar e deixá-lo reunir coragem para perguntar. Abri o cardápio e analisei as opções de salada e sanduíches.

– Então você é amiga do Rush, mas não do Grant. Eles não são melhores amigos, irmãos ou algo do gênero?

Ah. Finalmente perguntaria sobre a cena que testemunhara entre mim e Grant. Eu não estava pronta para fornecer detalhes. Tínhamos acabado de nos conhecer, e o que acontecera com Grant era muito íntimo.

– Rush é meu amigo. Sempre foi, desde que éramos crianças. Já Grant é alguém que conheci há alguns meses e em quem fiz a besteira de confiar. É mais ou menos isso.

Adam acenou com a cabeça e depois voltou sua atenção ao cardápio. Parece ter ficado satisfeito com aquela explicação. Ótimo. Porque eu não contaria mais nada.

Grant

Eu estava caminhando na direção da minha picape quando notei o Range Rover de Rush no estacionamento. Ele estava no clube. Dei meia-volta e entrei de novo, ligando para ele para encontrá-lo. Eu não estava entendendo nada.

– Alô.

– Estou vendo o seu carro. Onde você está?

– Aqui dentro. Está no estacionamento?

– Estou.

– Espere aí. Já vou sair.

Desligou. Que diabo...? Rush estava no restaurante. Dava para ouvir o burburinho ao fundo. Por que ele ia sair para falar comigo? A menos que... Harlow estivesse lá dentro. O que ele achava que eu ia fazer? Um escândalo? Merda, eu já tinha discutido o suficiente na quadra de tênis. Precisava de um plano, e não de mais um desastre.

Esperei por ele, que chegou rápido. Rush passou pela porta e olhou para mim com um semblante preocupado.

– Eu cheguei antes de você? – perguntou ele, como se eu não suspeitasse de nada.

Resolvi acalmá-lo.

– Sei que Harlow está na cidade. Sei que ela está morando com Nan e já tivemos nosso primeiro encontro... e o segundo, na verdade.

Rush soltou um suspiro de alívio.

– Que bom. Depois das suas últimas bebedeiras, fiquei com medo de você ter cometido uma loucura.

– Meu único problema é que ela não me deixa explicar. Harlow me odeia. Preciso de uns conselhos, cara. Estou fodido. Era por isso que queria falar com você. Mas eu acho... eu acho que talvez seja melhor conversar com a Blaire.

Rush franziu a testa.

– Como você ferrou tudo? Kiro não deixou que você chegasse perto da filha! Foi isso. Harlow é uma menina adorável. Não consigo imaginá-la odiando alguém.

– Não é só isso – falei, passando a mão pelo cabelo. Não queria contar a Rush que estava dormindo com Nan outra vez. Ela era irmã dele e, mesmo sendo egoísta e cruel como uma cobra, Rush a amava. Não sabia como ele ia reagir ao perceber que eu a estava usando.

– O que mais?

Pensei bem. Queria que Rush simplesmente me deixasse conversar com Blaire. Não precisava da ajuda dele dessa vez.

– Não vai me dizer que andou transando com a Nan? – comentou com um suspiro exasperado.

Ele sabia. Sempre dava um jeito de descobrir o que estava acontecendo com a irmã mais nova.

– É, foi meio isso.

Rush balançou a cabeça e soltou uma gargalhada.

– Você está fodido. Eu disse que Harlow é incapaz de odiar alguém, mas chega bem perto disso quando se trata de Nan. Esqueça Harlow e siga em frente. É impossível consertar essa situação.

Eu queria que Harlow entendesse. Queria que me perdoasse. E que soubesse que eu apreciava o que ela me dera. Nada nem ninguém seria tão especial quanto ela. Eu nunca a esqueceria. Talvez esquecê-la fosse mesmo o melhor para nós dois. Naquela noite em que estive dentro dela, conheci algo muito mais profundo do que jamais imaginei. E isso me deixava assustado pra caralho.

Amar alguém como Rush amava Blaire... Era um sentimento intenso demais. Era controlador e tinha o poder de destruir uma pessoa. Eu já tinha visto tantos corações partidos e tanta dor na minha vida. Meu pai se apaixonara mais de uma vez, e todos os seus relacionamentos acabaram mal não só para ele, mas para mim também. Eu não acreditava em amor. Nesse sentido, Harlow representava perigo. Ela era a única pessoa com quem ousei me imaginar passando o resto da vida. E se um dia ela não me amasse mais? Ou se eu a perdesse? Vi o olhar inexpressivo no rosto de Bethy. A dor bem lá no fundo. Ela tinha que acordar todos os dias e viver com isso.

– Eu só quero que ela me escute. Mais nada. Quero que Harlow saiba... que... que ela foi especial. Aquela noite foi especial. Só isso. Pronto. Não estou pedindo uma segunda chance. Não posso pedir isso. Preciso que ela me perdoe. Não vou conseguir viver comigo mesmo se ela acreditar que tirei sua inocência como parte de um jogo. Nunca foi um jogo.

Rush ficou lá parado, olhando para mim como se eu falasse outra língua. Não tinha parado de tagarelar. Nada fazia sentido. Pelo menos não para ele. Eu precisava falar com Blaire, merda.

– Você só quer que Harlow tenha consciência de que a transa de vocês significou algo? É isso? Não quer mais nada?

Eu me encolhi com aquela descrição fria, mas confirmei.

– Posso perguntar por quê?

A imagem de Bethy curvada, gemendo quando baixaram o corpo de Jace na cova, repassava no meu cérebro.

– Não posso amar alguém do jeito que você ama Blaire.

Rush entortou uma das sobrancelhas.

– E por que não?

– Porque isso me assusta pra caralho. Não quero ficar tão vulnerável. Simplesmente não quero.

Rush não parecia compreender, mas então apontou com a cabeça para o Range Rover.

– Estou indo para casa. Se quiser ouvir os conselhos da Blaire, me encontre lá e poderá

contar toda essa loucura para ela. Mas tenho certeza de que Blaire não vai ficar do seu lado nessa história. Já vou avisando.

Eu não esperava que ela ficasse.

– Sei disso.

– Quando você falar que transou com Nan depois de tirar a virgindade de Harlow, é melhor cair fora, porque a metralhadora vai aparecer e Blaire vai apertar o gatilho – disse ele com um sorriso divertido antes de caminhar até a picape sem olhar para mim.

Ele tinha razão. Blaire ia me comer vivo. Mas, assim que superasse o horror, me ajudaria, no mínimo porque entenderia que Harlow merecia.

Trinta minutos depois, Blaire me olhava feio. Sua expressão avançara de horrorizada a completamente irritada. Por sorte, fui salvo por Nate, que subira em seu colo, senão tinha quase certeza de que levaria um soco no meio da cara.

– Quer que eu fique com ele, amor? – perguntou Rush, entrando na sala.

– Não. Deixe o menino com ela. Para a minha segurança – respondi.

Rush riu e se sentou ao lado dela. Nate foi até ele e soltou uma risada feliz. Vi meu amigo durão amolecer por completo quando a criança lhe deu um beijo estalado no rosto. É... esse tipo de amor. Eu não podia fazer isso. E se algo acontecesse com Nate? Como Rush acordaria todas as manhãs?

– Eu não sou como o Rush. Não posso fazer isso. Essa... vida. Não posso amar uma pessoa a ponto de entregar meu coração a ela. Não sou tão forte. Tive experiências ruins com esse tipo de confiança. Mas eu me preocupo com Harlow. Deixei que as coisas fossem longe demais com ela. Permiti que ela se aproximasse o suficiente para me preocupar em magoá-la. Não quero que ela fique mal. Por favor, me ajude.

O olhar zangado de Blaire deu uma suavizada, e ela se inclinou para a frente, sem tirar os olhos de mim.

– Por quê? Me diga por quê, Grant. O que eu tenho com Rush que você não pode aguentar?

Eu não estava desenterrando meu passado e falando da minha infância como se fosse um pretexto. E não queríamos mencionar o Jace. A morte dele era muito recente.

– Não estou pronto para isso. Eu acabaria machucando Harlow, e não me perdoaria por isso. Peço apenas que ela ouça minha explicação e que a gente encerre essa história como amigos. Harlow é doce e especial, não suporto que pense que foi usada por mim.

Amigos. A palavra parecia vazia. Se Harlow me perdoasse, conseguiríamos ser apenas amigos? Como olharia para ela sem me lembrar de como foi bom tê-la nos braços? Será que estava pedindo algo impossível? Eu não queria sair de Rosemary. Droga, não podia sair de Rosemary. Alguém precisava garantir que Harlow sobrevivesse com Nan.

Blaire prendeu uma mecha de seus longos cabelos louros atrás da orelha e me encarou.

– Você não quer ficar com ela, mas ela tem que saber que o que vocês fizeram foi especial para você. Eu entendo isso. Bem típico de você. Não gosta de magoar as pessoas.

– O que eu faço? Ela me odeia.

Nate esticou o braço, agarrou os cabelos de Blaire e começou a rir.

– Não puxe o cabelo da mamãe. Já falamos sobre isso, rapazinho – disse Rush, salvando Blaire de outro puxão.

Ela agradeceu ao marido e deu um beijo na cabeça de Nate, depois se virou para mim.

– Deixe-me conversar com ela. Aí eu aviso quando você puder falar. Até lá, fique longe da cama de Nan, principalmente agora que Harlow está morando na casa dela.

– Não vou voltar lá. Também vou parar de beber.

– Ótimo. Já estou cansado de buscar você nos bares com o cu cheio de bebida – completou Rush.

– Olhe a boca – Blaire alertou Rush.

– Desculpe – respondeu ele rapidamente.

Blaire suspirou.

– A primeira palavra que o Nate falar vai ser um palavrão, com certeza.

– Mas “cu” é uma palavrinha – brinquei.

– Cuidado com a metralhadora, cara. Lembre-se da metralhadora. Minha mulher anda armada – alertou Rush.

Blaire se levantou e soltou um suspiro.

– Vocês dois não têm jeito – disse ela, pegando Nate. – Preciso alimentar esse rapazinho e depois é hora da soneca. Eu ligo para você, Grant.

Fiquei olhando enquanto ela saía da sala.

– Está de olho na bunda da minha mulher? – rosnou Rush.

Foi a primeira vez no dia que senti vontade de rir.

Harlow

Até que o almoço transcorreu de forma agradável.

Mas eu não repetiria aquilo tão cedo. Não estava pronta para confiar em ninguém no momento. Era temporário, mas, por mais legal que fosse ter um amigo, Adam não parecia querer parar na amizade. Cedo ou tarde, desejaria mais.

Saí do clube e segui para o carro. Não estava a fim de jogar golfe. Só queria ler e fugir dessa bagunça em que meu pai tinha me enfiado. Precisava encontrar algum parque onde pudesse me sentar sob uma árvore e ler. Eu mal podia esperar para começar a leitura de dois livros que eu havia adicionado ao meu leitor digital.

Foi então que eu o vi. Longos cabelos escuros, meio ondulados apenas para parecerem desgrenhados, presos num rabo de cavalo. O chapéu de caubói na cabeça. Camisa xadrez azul ajustada nos ombros largos e nas costas conforme ele se apoiava no meu carro, com os braços cruzados. A empolgação fervilhou dentro de mim, mesmo me perguntando o motivo de ele estar aqui. Corri na direção dele.

O som dos meus passos chamou sua atenção e ele se virou para mim. Um sorriso lentamente se abriu. Havia tanto de nosso pai nele. Costumava me perguntar se meu pai teria sido parecido com ele se não tivesse aquele estilo de vida deprimente, regado a sexo e drogas. Mase era saudável e forte.

Abracei-o ao mesmo tempo que ele abriu os braços.

– O que você está fazendo aqui? – perguntei, apertando-o forte. Lágrimas se formavam em meus olhos. Eu não tinha me dado conta de como me sentia sozinha. Só o fato de Mase estar aqui, alguém que me amava, já era um alívio.

– Fiquei sabendo que nosso querido pai jogou você aos lobos e quis ter certeza de que estava bem. – Ele arrastava as palavras com seu sotaque sulista que sempre me fizera rir.

Ainda não sabia dizer se estava bem ou não. Se ele visse como eu estava emocionada, me obrigaria a fazer as malas e me levaria para o Texas. Engoli o nó na garganta.

– Não é tão ruim. Hoje tive um dia bom.

Mase resmungou e se afastou um pouco para me analisar.

– Pelo que papai me contou, Nan é uma vadia. Depois, fico sabendo que ele mandou você morar com ela. Estou achando tudo isso um pouco difícil de engolir.

– Ela me odeia. Vai odiar você também. Mas Rush e a esposa dele, Blaire, estão aqui. Você vai gostar dela. É muito legal. Não estou completamente sozinha.

Mase franziu a testa e a covinha de sua face esquerda desapareceu.

– Rush se casou? Merda, estou desatualizado.

– Sim. Eles têm um bebê também. Nate. É uma graça, mas o Rush é mesmo... Bem... Rush e Blaire são lindos.

– Minha nossa. O garanhão se casou. Não o vejo há mil anos, mas não esperava por isso.

– As pessoas mudam. Rush mudou.

Mase concordou com a cabeça.

– É, as pessoas mudam mesmo.

Perdi a vontade de ler. Queria passar o tempo com meu irmão.

– Por quanto tempo vai ficar aqui?

Mase curvou a sobancelha e esfregou o queixo com a barba por fazer.

– O tempo que precisar de mim, irmãzinha.

Nove meses, então, mas não diria isso.

– Onde você vai ficar?

Mase riu.

– Vou ficar naquela casa grande e bonita que meu pai comprou.

Fiquei boquiaberta. Ele devia saber que Nan morava lá. Ela não o deixaria nem entrar.

– Mas Nan... – Não consegui terminar a frase.

Mase me deu uma piscadela e se aproximou.

– Liguei para o Kiro. Ele sabe que estou aqui. E avisou que, se a vadia me causasse problemas, ela teria que se entender com ele. Ele resolveria. – Mase deu um sorrisinho. – Não que eu precise disso. Vou levar minhas coisas para lá e escolher um quarto. Ela não vai me impedir.

Pensei na reação de Nan e já imaginava quão grande seria o escândalo.

– Nan vai enlouquecer. Ela é louca.

Mase passou o braço pelos meus ombros.

– Ótimo. Preciso me distrair um pouco. Por que não me mostra o caminho e me ajuda a me instalar? Depois vamos procurar um bar decente para tomar umas cervejas e jogar uma sinuca. Um lugar que não tenha essas malditas camisas polo e carros de luxo. – Ele olhou para o estacionamento com repulsa.

Mase podia ser o único filho homem do roqueiro mais infame do mundo, mas ainda assim fora criado no interior. Sua enorme picape Dodge preta tinha lama nos pneus e manchas de terra na carroceria. Ele não estava nem aí para as aparências.

– Certo. Vou dirigindo e você me segue?

– Sim. Precisamos deixar o seu carro em casa antes de sair à noite.

Abri a porta e olhei para trás, vendo-o caminhar até sua picape e entrar nela.

Meu irmão estava aqui. Ele ia morar conosco. Os três filhos de Kiro na mesma casa. Isso seria... um desastre.

Grant

— **P**reciso que você venha aqui agora! Agora mesmo, droga! – gritou Nan ao telefone. Mantive o fone longe do ouvido para que ela não arrebentasse meus tímpanos.

– Pare de gritar! – vociferei.

– Ele não quer ir embora! Preciso de ajuda. Não consigo falar com o idiota do meu pai! Preciso de você. Por favor! Venha aqui me ajudar!

– Quem está aí?

– Venha logo! – berrou ela, desligando o telefone na minha cara.

Merda. Eu não pretendia me aproximar nem um pouco de Nan. Mas Harlow... Se “ele” incomodava Nan, poderia machucar Harlow? Será que a vadia irresponsável levava um desconhecido para casa? Será que era alguém perigoso? Porra! Peguei as chaves do carro e saí correndo. Eu iria até lá, mas não por Nan. Queria me certificar de que Harlow estava segura.

Uma picape Dodge preta com cabine estendida que parecia ter andado na lama estava estacionada atrás do carro de Harlow. Quem Nan tinha levado para casa desta vez? A ideia de Harlow estar em perigo fez a raiva que havia dentro de mim começar a ferver. A segurança de Harlow não poderia ser garantida com aquela louca da irmã dela sob o mesmo teto. Harlow precisava de um lugar seguro para morar, e agora Nan me aparecia com um cara que tinha uma picape Dodge.

Passsei rapidamente pelos degraus da entrada e escancarei a porta sem bater. Foi fácil seguir o grito agudo de Nan. Subi as escadas até o primeiro quarto, no segundo andar.

– Você NÃO vai morar na minha casa! Arrume suas malas e saia agora! Não foi esse o acordo que fiz com Kiro. – O rosto de Nan estava vermelho quando eu entrei no quarto. Ela me viu e disparou na minha direção, me abraçando. – Você veio! Obrigada, obrigada. Preciso da sua ajuda.

Olhei para Harlow. Seus olhos estavam arregalados, com uma mistura de emoções. A única que eu decifrara era a mágoa. Tirei os braços de Nan do meu corpo e a afastei de mim, sem parar de olhar para Harlow. Não queria que ela pensasse que eu estava preocupado com Nan.

– Você ligou para o seu namorado? Que engraçado. – O sotaque arrastado chamou minha atenção. Desviei o olhar para o cara ao lado de Harlow. Seu tom de voz parecia relaxado, mas sua postura rígida na frente dela denunciava proteção.

– Quem é você? – perguntei, passando por Nan e me aproximando de Harlow. Não sabia quem esse cara queria proteger, mas não o deixaria chegar mais perto dela.

– Ele acha que pode se mudar para esse quarto! Diga que não! – exigiu Nan.

Ele acha o quê?

Harlow deu um passo na direção do sujeito e pegou no bíceps dele com sua mão pequena. Não gostei daquilo. Nem um pouco. Fitei a mão dela no braço do cara e voltei a olhar para ela. Harlow estava ali com ele? Ela já tinha seguido em frente?

– Quem é ele, Harlow? – perguntei. Precisava ouvi-la dizer.

Harlow olhou para o cara, depois para mim. Percebi a indecisão em seu rosto. Ela não confiava em mim. Eu odiava aquilo. Tinha me esforçado tanto e agora ela estava abraçada a esse homem, como se ele fosse parte da cavalaria que viera resgatá-la.

– Não acredito! Você vem até aqui e pergunta para *ela* quem ele é? Qual é o seu problema? Ele está na *minha* casa e quero que vá embora. *Agora*. – Nan segurou meu braço e o puxou, tentando chamar minha atenção. Simplesmente a ignorei. Mantive o foco em Harlow.

– Grant, este é o meu irmão, Mase Colt-Manning. Mase, este é Grant Carter. Ele é o melhor amigo do Rush e namorado da Nan.

Quando ouvi “meu irmão”, meu corpo relaxou. Irmão. O aperto no meu peito desapareceu e pude respirar novamente. Nada mais que ela pudesse ter dito importava. Mase Colt-Manning. O único filho homem de Kiro Manning. Fiquei imaginando se meu suspiro de alívio não tinha saído muito alto.

Mase deu um passo na minha direção e estendeu a mão.

– Muito prazer – disse ele com um sotaque sulista carregado.

Cumprimentei-o. Seu aperto de mão estava mais para um alerta, na verdade.

– Igualmente – respondi. A ameaça velada em seus olhos não passou despercebida. Ele notou que eu havia me preocupado com Harlow. A mensagem que ele capturou ali não era a correta, e eu queria corrigi-la, mas não por ele. Por Harlow.

– Que merda, isso é sério? Você está apertando a mão dele? Ele quer se mudar para a minha casa! Sem ser convidado! – berrou Nan.

Eu me afastei e olhei para Nan pela primeira vez desde que entrei naquele quarto.

– A casa é do Kiro, Nan. Se ele quiser colocar outro filho para morar aqui, tem todo o direito. Não vejo como você possa impedir.

O rosto de Nan ficou quase roxo. Ela bateu o pé e fez um ruído tão alto que parecia uma criança de 5 anos dando chilique.

– Não que seja da minha conta, mas como você aguenta? – perguntou Mase.

– Não aguento. Ela não é minha namorada. Harlow não entendeu algumas coisas e não me deixa esclarecer – respondi, olhando para ela. Harlow baixou a cabeça e ficou olhando para os pés.

– Entendo – respondeu Mase, e eu tive a impressão de que ele realmente entendia. Muito mais do que Harlow. Ele era homem e minha atitude dizia tudo. Só queria que ela me perdoasse e soubesse que Nan não era importante para mim. Não mais.

– Caia fora – ordenou Nan, apontando para a porta. O brilho de raiva em seus olhos se dirigia a mim. – Agora. Saia da porra da minha casa. Você é alguém que eu posso colocar para fora. Então rua! Não devia ter ligado.

– Eu o convidaria para ficar, mas Harlow e eu temos planos. Certamente vamos nos esbarrar

por aí – disse Mase. – Pode sair do meu quarto agora, Nan.

Quando se virou e saiu do quarto, ela contorceu o rosto numa careta furiosa que quase me fez rir. Mase não daria folga para Nan. Era por isso que ele estava aqui? Será que tinha vindo por Harlow? A forma como ele mantinha o corpo discretamente na frente dela, como se estivesse pronto para atacar qualquer um que chegasse muito perto, revelava claramente seus motivos.

– Obrigado – respondi antes de sair.

– De nada. Mas por que está me agradecendo? – perguntou ele.

Virei-me, mas não olhei para ele. Meus olhos estavam concentrados em Harlow.

– Por ter vindo protegê-la. Vou dormir tranquilo à noite sabendo que ela tem você. – Não esperei que ele fizesse mais nenhuma pergunta. Simplesmente saí.

Harlow

Eu não conseguia encarar Mase. Mas ele não tirava os olhos de mim. Dava para sentir sua curiosidade. Tomava conta de todo o meu quarto. O que tinha sido aquilo? Grant invadira o cômodo como se estivesse pronto para salvar Nan. Depois basicamente a empurrou para longe. Quase senti pena dela. Ontem ele a fizera gritar durante o orgasmo, mas hoje não queria nem que ela o tocasse.

– Faça o favor de explicar toda essa merda. Porque, maninha, estou me esforçando para entender essa porra toda – disse Mase ao se sentar na cama king-size ao meu lado.

– Não sei do que está falando – respondi, ainda sem olhar para ele.

Mase riu.

– Aham. Desembuche logo. Ou eu vou lá perguntar para ele.

Não. Eu não podia deixá-lo falar com Grant. Nem sabia direito o que ele achava que sabia.

– Não sei bem. Grant e Nan dormem juntos, mas parece que é só isso. Ele estava aqui ontem à noite.

– Ele transa com ela? Sério? Com você aqui na casa?

Dei de ombros.

– Ele não sabia que eu estava aqui ontem à noite.

Mase não respondeu de imediato. Eu não tinha ideia do que passava pela cabeça dele, mas pela primeira vez desde que havia chegado desejei ficar sozinha por alguns minutos.

– Você percebeu que ele gosta de você, não percebeu? – concluiu Mase finalmente.

Balancei a cabeça.

– Não, não gosta. Ele quer que eu o perdoe por... – Parei de falar. Não podia contar a verdade. Meu irmão iria atrás de Grant com uma daquelas armas grandes que ele usava para caçar.

– Por...? – Mase perguntou com as costas eretas, o corpo tenso. Droga. Eu precisava consertar isso.

– Eu e ele ficamos amigos há alguns meses. Comecei a gostar dele. Nós nos beijamos. Então um amigo dele morreu e ele voltou para Rosemary. E nunca mais me ligou. Achei que estivesse de luto pelo amigo e só precisasse de um pouco mais de tempo. Depois descobri que ele estava transando com a Nan.

Mase soltou um resmungo desagradável e cruzou os braços diante do peito.

– Foi só isso que ele fez? Beijou você? Alguma promessa?

Balancei a cabeça em negação, porque mentir para Mase era o único jeito de manter Grant vivo.

– Se serve de consolo, ele está se torturando por tê-la magoado. Não está nem um pouco a fim da Nan. Meu palpite é que ele quer você e sabe que está fodido. Fique bem longe dele. Não se amarre em caras fracos assim. Quando um homem consegue a atenção de alguém como você, deve entender a sorte que teve. E não jogar tudo fora. Ele não entende. Encontre um homem que a valorize.

Sorri e finalmente olhei para Mase.

– Isso é um conselho de irmão mais velho? – perguntei.

– O melhor. Estou cheio deles. Agora, ande, vista um jeans e arrume uma daquelas botas de caubói que lhe dei de presente de Natal. Vamos para um lugar com gente comum – respondeu com uma piscadela.

Fui até ele e o abracei.

– Obrigada – sussurrei.

– Não me agradeça por cuidar de você.

O bar que Mase encontrou ficava a uns bons vinte minutos de Rosemary. As luzes de neon nas janelas e as picapes estacionadas bastaram para animar meu irmão.

– Se tem lama nos pneus é porque a cerveja daqui é boa – explicou ele, abrindo a porta da picape. Fiz uma careta de desdém e abri a porta para descer do carro.

Caminhamos na direção da entrada e Mase parou, depois voltou a olhar para mim.

– Tente não parecer muito atraente. Só quero jogar sinuca e tomar uma cerveja. Passar um tempo com a minha irmã. Não estou a fim de bater em nenhum cretino que der em cima de você.

Eu ri, depois concordei. O que ele achava que eu ia fazer? Entrar lá e ficar piscando para todos que olhassem para mim?

Mase abriu a porta e nós entramos. O ar estava empestado de fumaça de cigarro. O cheiro do tabaco era familiar para mim. Ele respirou fundo e sorriu.

– Dá para sentir o cheiro do malte daqui. O chope é bom – reconheceu antes de se dirigir ao bar. Fui atrás dele. Dei uma olhada no grande salão enquanto Mase pedia cerveja para nós dois. Não disse nada sobre ser menor de 21 anos. Simplesmente deixei que trouxesse as bebidas.

A maioria das mesas de sinuca estava lotada. Tentei não fazer contato visual com ninguém. Mas acabei vendo um rosto conhecido. Ela não estava olhando na minha direção. Fitava sua bebida sobre a mesa. Vi um homem abordá-la, mas ela respondeu sem olhar para ele. O cara balançou a cabeça e foi embora. A tristeza em seu rosto e seus ombros caídos me deixaram de coração partido.

– Conheço uma pessoa que está aqui – falei, me virando para Mase. – Você ficaria chateado se eu fosse lá falar com ela sozinha? Volto em alguns minutos. Ela parece estar precisando de uma amiga.

Mase olhou para a multidão e eu vi quando seus olhos pousaram em Bethy. Ele concordou.

– Claro. Vou ficar bem aqui.

– Está bem – respondi, e fui até lá. Bethy não ergueu o rosto até que eu me sentasse na frente dela.

A confusão em seus olhos se transformou em surpresa.

– Harlow? – perguntou, depois olhou em volta para ver se eu estava com mais alguém. Notei o momento de pânico. Ela não queria que as pessoas soubessem que estava bebendo para esquecer a dor.

– Estou aqui com meu irmão. Mais ninguém. – Garanti a ela, que voltou a olhar para mim, aliviada.

– Ah – murmurou, simplesmente.

Eu não era boa nisso. Já tinha lidado com perdas. Perdera minha mãe, de quem agora eu mal lembrava, e depois minha avó, mas nunca alguém por quem estivesse apaixonada. Nunca alguém tão jovem e com uma vida inteira pela frente.

– Quer conversar? – perguntei.

Bethy franziu a testa e olhou para o copo.

– Não sei. Acho que não.

Eu nunca havia sido amada nem tinha amado ninguém, então não sabia muito bem qual era a sensação. Quanto a pessoa se sentia vulnerável. Só conhecia a dor de ter confiado em alguém que me traiu. Havia sido doloroso, mas não se comparava a isso.

– Às vezes acho que vou acordar e isso tudo não vai ter passado de um pesadelo – disse ela, olhando para o copo como se ele contivesse todas as respostas.

Decidi que era melhor permanecer em silêncio e deixar que ela falasse. Eu era uma boa ouvinte. Podia ajudá-la assim.

– Mas então eu acordo e ele não está lá. Não está ao meu lado. Não está sorrindo para mim com aqueles lindos olhos. Não tenho mais seu corpo para abraçar e planejar o resto da vida. Ele era meu porto seguro. Eu nunca havia tido um porto seguro antes. Mas Jace foi isso para mim. Ele cuidou de mim... e eu... eu não o merecia.

Tentei dizer que aquilo não era verdade, mas ela continuou falando.

– Ele nunca soube a verdade a meu respeito. Nunca conheceu meus segredos. Eu queria contar tudo. Mas sabia que se fizesse isso poderia perdê-lo. E eu não queria perdê-lo. Então... então Tripp veio me visitar, e eu perdi o controle. As lembranças, as mentiras, era muita coisa. Bebi aquela noite porque finalmente tinha me convencido a contar a verdade ao Jace. Ele merecia saber quem era a pessoa que amava. E, por ser covarde, eu bebi. E depois... eu o matei.

Estendi o braço sobre a mesa e peguei na mão dela.

– Você não o matou – garanti a ela. Disso eu sabia. Jace havia se afogado.

Ela ergueu os olhos e as lágrimas que se acumulavam rolaram por seu rosto.

– Jace tentou me salvar. Eu entrei na água e quase me afoguei. Devia ter sido eu. – Ela engoliu em seco. – Devia ter sido eu. Ele devia ter me largado lá e se salvado, mas não. Ele me salvou, mas eu devia ter morrido. Eu é que era a mentirosa. Não o merecia.

Não era da minha conta. Eu não conhecia os segredos dela nem queria conhecer. Mas sabia que Jace a teria salvado independentemente de qualquer coisa. O amor não desaparecia de repente. Eu amava o meu pai, e ele estava longe de ser perfeito.

– Ele a teria salvado mesmo que você tivesse lhe contado esses segredos. O amor não se esvai de uma hora para outra. Ele podia ficar magoado. Podia até não ser capaz de confiar em você novamente. Mas teria ido atrás de você, porque é isso que o amor faz com as pessoas.

Bethy chorou um pouco e cobriu a boca.

– Ele merecia viver. Ter uma vida plena e feliz – disse ela assim que soltei sua mão. – Eu tirei isso dele.

Eu não tinha como ajudá-la a se perdoar. Isso levaria tempo.

– Mas você errou. Jace apenas quis proteger você. Um dia você vai conseguir parar de se culpar. Até lá, tente pensar na parte boa. Não se atenha às ruínas.

– Mas o Tripp está na cidade agora. Ele me faz lembrar. Vê-lo de longe já me faz lembrar.

Eu não tinha ideia de quem era Tripp nem por que ela o mencionava o tempo todo. De novo, não era da minha conta. Ele era obviamente uma parte do passado que a atormentava.

– Sei que muitas coisas fazem com que você se lembre dele e do passado que tiveram juntos. Com o tempo, vai ficar mais fácil.

Bethy fechou bem os olhos.

– Espero que sim – sussurrou ela.

Eu não queria deixá-la.

– Por que está aqui sozinha? – perguntei.

Ela franziu a testa.

– Eu gosto. Não quero encontrar as pessoas. Mas acho que já está na hora de voltar para casa. Apertei a mão dela e voltei a colocar a minha na lateral da mesa.

– Se precisar de alguém para conversar, alguém que não esteja relacionado à situação, pode contar comigo – falei enquanto me levantava.

Bethy deu um sorriso fraco.

– Obrigada, Harlow. Significa muito para mim.

Grant

Rosemary não era uma cidade grande. Na verdade, não passava de uma pequena faixa de areia. Então, como Harlow conseguira a proeza de me evitar por três dias inteiros? Fiz o possível para cruzar com ela. Sabia que ela estava com o irmão, mas ainda queria encontrá-la a sós, para podermos conversar. Precisávamos fazer as pazes.

Parei do lado de fora do clube, esperando que ela viesse. Seu treino de tênis começava em dez minutos. Eu tinha trapaceado: pedi que Woods ligasse para Adam e perguntasse o horário da aula dela, depois o fiz mudar para uma hora mais tarde. Ele não ficou nem um pouco feliz, mas também queria se livrar de mim, então concordou em fazer o que eu quisesse contanto que o deixasse em paz.

Harlow deixou o carro com o manobrista e saltou com uma saia curta branca que não me ajudou a manter o foco. Saias de tenista não deviam ser tão sensuais.

Apressei-me para abrir o portão para ela antes que um dos funcionários o fizesse. Ela ergueu os olhos e parou de andar quando me viu ali à sua espera. Parecia confusa, e eu queria lhe dar todas as respostas. Ela só precisava me escutar.

Quando começou a andar novamente, manteve a cabeça baixa e tentou entrar como se eu não estivesse ali. Peguei no braço dela com cuidado.

– O horário do seu treino foi adiado. Preciso falar com você. Se você me ouvir. Deixo você em paz depois disso. Só preciso que me ouça primeiro.

Harlow ficou rígida quando falei baixinho em seu ouvido. Ela não se mexeu nem respondeu de imediato. Por fim, simplesmente concordou.

– Obrigado – agradei. – Precisamos de privacidade. Você iria até o meu carro?

Harlow soltou um suspiro derrotado.

– Está bem, acho que vou.

Ela não estava feliz, mas concordou. Eu precisava comemorar as pequenas vitórias.

Caminhamos em silêncio até o estacionamento, destravei o carro, abri a porta para ela. Então dei a volta e entrei do outro lado.

– Pode falar. Estou ouvindo – disse ela sem olhar para mim. Harlow fixou o olhar num ponto à sua frente.

– O que fizemos... o que aconteceu significou algo para mim.

Harlow se manteve imóvel.

– Quando recebi a ligação sobre o Jace, voltei correndo em estado de choque. Depois... vi a Bethy desmoronar. No funeral, o sofrimento era tão grande que fiquei horrorizado. Ela planejava

passar a vida toda com Jace. Bethy o amava com todo o seu ser e ele foi tirado dela. Nunca mais poderia tê-lo de volta.

Harlow ainda estava olhando para a frente, embora sua testa estivesse franzida de preocupação.

– E eu só conseguia pensar no que aconteceria se eu amasse uma pessoa tanto assim e depois a perdesse. Como poderia viver? Olhei para Rush e Blaire. Ele a abraçava enquanto ela chorava e eu me perguntei como ele conseguiria acordar de manhã se a perdesse. Ou se perdesse Nate.

Parei e respirei fundo. Estava me abrindo mais do que jamais fizera. Não tinha explicado dessa forma nem para Blaire e Rush. Com eles, acabei me contendo um pouco. Só estava colocando tudo às claras para Harlow.

– Resolvi que nunca ficaria tão vulnerável. Nunca amaria alguém tanto assim. Nunca teria que encarar a perda da única pessoa a quem eu pertenceria. Então me afoguei na bebida. Porque também percebi que poderia facilmente me apaixonar por você. Em apenas duas semanas, isso já tinha acontecido. Tive contato com sentimentos que nunca tinha vivenciado antes. Não desse jeito, pelo menos. Isso me assustou. Eu sabia que pertenceria a você, se eu permitisse. Fugi disso. Bebi uísque demais e, quando Nan apareceu, estraguei tudo. Devia ter ficado longe dela. Mas, na minha cabeça, achava que fora apaixonado por ela um dia. Mas não. Só me dei conta disso depois de passar apenas duas semanas com você. O que eu sentia por Nan era nada mais que *desejo*. Gostava da sensação de ser necessário para alguém, e ela precisava de mim. Era tudo o que havia entre nós.

Harlow finalmente baixou os olhos para as pernas e começou a retorcer as mãos de nervoso.

– Nunca quis magoá-la. É a última coisa que eu desejaria no mundo. Não fui merecedor do que você me deu, mas acredite quando digo que é algo que guardarei para sempre com carinho. Significa mais para mim do que você imagina. Mas eu não devia ter tirado sua virgindade aquela noite. Devia ter sido homem, percebido que não merecia e ido embora. Mas você me deixou fraco. É uma das coisas em você que me assusta. Ninguém nunca me deixou tão vulnerável assim.

Finalmente, Harlow virou a cabeça e olhou para mim. Seus olhos castanhos pareciam mais suaves, compreensivos. Ela simplesmente acenou com a cabeça.

– Está bem. Eu o perdoo. – Então abriu a porta e saltou.

Fiquei ali sentado e tentei acalmar todas as emoções que se agitavam dentro de mim. Não queria que ela aceitasse tão facilmente e fosse embora. Mas não tinha mais nada a lhe oferecer. Nossa história acabava ali. Eu havia explicado, e ela perdoado. Então, não havia mais nada entre nós? Era grande a dor que acompanhava aquela realidade. Esfreguei o peito, apoiando a cabeça no encosto, e fechei os olhos.

– O que acabei de fazer? – murmurei.

Uma batida na janela me fez pular de susto. Abri os olhos e vi Mase parado ali.

Desci o vidro do carro enquanto ele levantava os óculos de sol até o alto da cabeça.

– O que foi aquilo? – perguntou ele.

– Eu precisava explicar umas coisas para ela. Eu a magoei e queria que ela soubesse da verdade.

– Qual era a verdade? – perguntou Mase, estreitando os olhos enquanto me analisava.

– Que eu não estava pronto para um relacionamento e ela era o tipo de garota com quem alguém precisa se comprometer.

Mase resmungou.

– Ah, sim, ela é. E é boa demais para você. Harlow nunca vai se contentar com as sobras da Nan. E, cara, você *é* sobra da Nan. – Ele colocou os óculos outra vez e caminhou lentamente até aquela picape preta que precisava urgentemente de água.

Por mais irritado que eu estivesse, ele tinha razão. Eu não era bom o bastante para Harlow. Sabia disso, droga. Não precisava que alguém me lembrasse disso o tempo inteiro.

Harlow

Tênis era exatamente o que eu necessitava para descarregar minha agressividade. Não precisava abrir a boca; só queria acertar aquela bolinha estúpida durante uma hora. E acertei todas as que Adam lançou para mim. Quando ele soltou a raquete, jogou a bola para cima, pegou e guardou no bolso, soube que nossa aula havia acabado.

– Você arrasou hoje. Pensei que fosse destruir as bolas – brincou Adam enquanto eu pegava a garrafa d’água e a toalha. Sequei o rosto, depois tomei um longo gole.

– Foi amor pelo jogo ou imaginou que a bola era a cabeça de alguém?

Forcei um sorriso.

– Só tive um dia difícil. Já estou me sentindo melhor – falei.

– Ótimo. Porque eu queria saber se você quer jantar comigo hoje. Talvez pegar um cinema...

Fiz uma pausa. Espere... Ele estava me chamando para sair? Virei-me para ele e seu olhar me disse exatamente isso. Adam queria marcar um encontro.

Minha reação imediata era recusar. Não estava pronta, mas me contive antes de qualquer coisa. Não era porque Grant tinha me magoado que todos fariam o mesmo. Além disso, Grant havia se livrado de um problemão. Ele ainda não sabia disso, mas era verdade. Adam não corria esse risco. Eu não o desejaria tanto quanto desejei Grant. E, também, seria justo ficar me protegendo de todo mundo? Será que eu queria passar a vida toda sozinha? Não. Não queria. Não queria morar com o meu pai até morrer. Merecia descobrir como viver uma vida plena. Queria sentir como era ser amada. Como saberia essas coisas se não as procurasse ou não as deixasse me alcançar?

– Gostaria muito – disse, sem pensar demais.

Adam abriu um sorriso imediato, e também tive que sorrir. Eu tinha um encontro marcado. Um encontro de verdade. Meu pai ficaria orgulhoso.

– Ufa, passei o dia todo me preparando para levar um fora, mas ainda bem que consegui reunir coragem suficiente para perguntar.

Ele havia arriscado. Aquilo fazia com que eu me sentisse especial. Mais especial do que Grant jamais me fizera sentir.

– Fico feliz por ter perguntado – disse a ele com sinceridade.

– Eu também – respondeu jogando a toalha por sobre o ombro. – Já está indo embora? Eu posso acompanhá-la até o carro. O próximo aluno pode esperar uns minutos – disse, abrindo o portão para mim. Gostei daquilo também.

Adam começou a caminhar junto comigo.

– Posso pegar você na sua casa, se não tiver problema – sugeriu.

- Ah, está bem, seria legal. Meu endereço é Rosemary Beach Estates, número 43 – falei.
- Às sete é muito cedo? Muito tarde?
- Perfeito – respondi.

Demos a volta no prédio em vez de passar por dentro dele, mas Adam não parecia estar com pressa.

- Como estão indo as coisas com Nan? – ele quis saber.

Dei de ombros. Não iam muito bem. Ela odiava Mase, e me odiava mais ainda por estar lá, mas eu não me importava. Na verdade, já estava acostumada aos ataques de fúria da minha irmã.

- Toleráveis – respondi.

Entramos no estacionamento e me lembrei de que havia deixado o carro com o manobrista.

- Harlow – Mase me chamou de dentro da picape. Olhei para ele, depois para Adam.

- Este é Mase, meu irmão. Ele veio me visitar – expliquei.

Adam arregalou um pouco os olhos.

- Ouvi falar que Kiro tinha um filho, mas achei que fosse mentira.

Um nó de nervoso se formou no meu estômago. A menção ao meu pai me desequilibrou. Ele tinha “ouvido falar” de Mase? Apenas fãs incondicionais tinham ouvido falar de Mase. Ele nunca aparecia. Não soube muito bem o que pensar.

Adam voltou a sorrir para mim.

- Vejo você à noite.

Fiz que sim com a cabeça. Ele se virou para voltar pelo mesmo caminho, antes que Mase se aproximasse de nós.

– Entre no carro. Quero almoçar, mas não aqui. Preciso de comida de verdade – disse ele, parando na minha frente. – Professor de tênis? – perguntou, depois que subi na picape.

Assenti, ainda pensando no comentário de Adam a respeito de Mase.

– Você gosta dele? Porque ele com certeza gosta de você. O cara quase lambia o chão onde você estava pisando.

- Onde vamos comer? – perguntei, tentando mudar de assunto.

- No Hooters. Agora, responda, você gosta desse cara?

Soltei um suspiro frustrado. Mase parecia um cachorro agitado.

- Ele me chamou para sair.

- Não respondeu a minha pergunta.

- Acho que sim.

- Acha?

Resmunguei e olhei para Mase com frustração.

– Não sei. Ele parece legal e sincero, mas eu já passei por isso. Os caras gostam de mim por causa do papai. Isso me cansa, e já entrei em muita furada por causa disso. Agora estou mais velha, mais esperta e mais cuidadosa.

Mase franziu a testa. Ele não entendia o problema. As mulheres se jogavam para cima dele por causa dele mesmo, e não do Kiro. Mase era lindo e quase ninguém sabia que era filho de um astro do rock.

- Acha que esse cara está interessado em quem é o seu pai?

Dei de ombros.

– Não sei.

– Você aceitou o convite?

Confirmei com a cabeça.

– Bom, então provavelmente ele tem algo a oferecer.

Talvez. Até ficar sabendo que Adam tinha ouvido falar de Mase.

– Ele sabia quem você era. Quando eu disse que você era meu irmão, Adam logo foi dizendo que sabia que Kiro tinha um filho homem. Só os fanáticos sabem da sua existência.

Mase enfim compreendeu a questão. Ele virou na estrada principal e saiu da cidade.

– Entendi. É, isso é estranho. Mas talvez ele não seja tão fã assim; talvez apenas esteja por dentro das fofocas de Rosemary. Essa cidade sabe mais sobre a Slacker Demon do que qualquer outra, já que o filho do Dean cresceu por aqui. As pessoas se sentem próximas. Adam deve ter ouvido rumores, já que mora aqui.

Eu não tinha pensado nisso. Era bem provável que Adam tivesse os membros da banda como alunos. Pode ter ouvido as fofocas pelo clube. Rosemary tinha mesmo um relacionamento muito próximo com a Slacker Demon. Soltei um suspiro aliviado e recostei no assento. Fazia sentido.

– Está se sentindo melhor agora? – perguntou Mase.

– Sim.

– Ótimo. Mas se eu estiver errado, é só você dizer que dou um jeito nele para você.

Apenas sorri. Não por não acreditar nele. Mas por acreditar. Mase era durão. Era o típico cara durão do Texas, e eu havia aprendido que se tratava de um tipo diferente. Era como um garotinho crescia sem o pai. Seu padrasto era texano. Ele tinha um rancho e usava botas e chapéu de caubói o tempo todo. Era grande, alto e barulhento, e eu o amava. Mesmo quando era uma garotinha tímida, ele sempre garantiu que eu me sentisse como alguém da família quando ia visitá-los.

De nós três, Mase era o sortudo. A mãe dele o adorava. O padrasto o tratava como se fosse seu próprio filho. Talvez por esse motivo ele fosse o melhor de nós. Pelo menos eu não era a pior. Nan carregava esse título. Mas ela também teve a pior vida, até onde eu sabia.

Uma parte de mim sentia pena dela. Mas apenas uma parte. E uma parte bem pequena.

Grant

Entrei na casa do Rush depois de dar apenas uma batida na porta. Não estava a fim de esperar. Blaire veio descendo as escadas com Nate no colo, e um punhado dos seus cabelos estava na boca do garoto.

– Grant? – chamou ela, parecendo preocupada. Eu não invadia aquela casa desde que Blaire e Rush se casaram. Aquele não era mais o cafofo de solteiro do meu irmão, onde eu podia entrar quando quisesse, mas sim a casa dos dois.

– Ela me deixou falar, depois disse que tudo bem e me perdoou. Nada mais. Sem perguntas. Nada. Depois... depois o merda do Adam disse que ia convidá-la para sair. Parei no café para comprar uma garrafa d’água e ouvi o imbecil conversando com alguém sobre isso. Eu escutei. Adam! Ele... ele... simplesmente...

– Ele é um cara legal – Blaire completou a frase para mim enquanto tirava o cabelo das mãos do Nate. Depois entregou o garoto para mim. – Segure ele um pouco. Mas não fale palavrão. Preciso fazer alguma coisa para comer e você pode falar enquanto isso.

Nate sorriu para mim e notei que um dentinho já estava aparecendo na gengiva inferior.

– Olhe só para você. Já tem um dente, rapazinho.

Nate continuou sorrindo e tentou pegar o meu cabelo. O menino dava cada puxão forte, e eu tinha cabelo demais.

– Ei, carinha. Isso precisa continuar na minha cabeça. – Peguei as chaves no meu bolso e tentei distraí-lo.

Blaire se virou ao ouvir Nate sacudindo as chaves e estendeu o braço para tirá-las das mãozinhas dele.

– Essas coisas estão cheias de germes. Ele coloca tudo na boca. Os dentes estão nascendo. – Blaire foi até a cozinha, abriu o freezer, pegou um brinquedo azul que parecia congelado e entregou a ele.

– Isso vai congelar as mãos dele – alertei, imaginando que diabo ela estaria fazendo.

– Não, isso é próprio para essa fase de nascimento dos dentes. Vai anestesiar as gengivas dele.

Eu não estava a fim de conversar sobre essas baboseiras de criança.

– Onde Rush se meteu?

– Ele foi correr na praia. Deve voltar logo. Já saiu há uma hora. Agora, fale de Harlow – pediu Blaire, abrindo a geladeira e pegando uma comida que não parecia nem um pouco apetitosa. – Ela o perdoou e o isentou da responsabilidade, e você está irritado porque ela não arrumou briga e agora vai sair com o Adam.

Não exatamente. Blaire falava como se eu estivesse sendo egoísta.

– Eu só... queria conversar mais sobre o assunto.

Ela ergueu os olhos do tomate que estava fatiando.

– Sério? Era isso que você queria? Porque, na maioria das vezes, quando um cara está tentando se livrar de uma menina, ele não quer drama. Parece que Harlow apenas facilitou as coisas para você.

– Eu não estava tentando me livrar dela – falei na defensiva, enquanto Nate jogava seu treco azul congelado no chão e começava a aplaudir como se tivesse feito algo fantástico.

Blaire deu um sorriso.

– Ele quer que você pegue. Fique avisado: essa é a brincadeira favorita dele. Nate vai tratá-lo como um cachorro. Vai ficar jogando enquanto você continuar pegando.

Levantei as sobrancelhas.

– Bem, então que porr... digo, que porcária devo fazer?

Ela deu de ombros.

– Banque o tio legal e pegue o brinquedo, ou seja um estraga-prazeres e ignore o garoto.

Droga. Eu me abaixei, peguei o negócio e entreguei a ele, que ficou radiante como se eu fosse a pessoa mais maravilhosa do mundo. O menino era uma graça. E, naquele momento, eu me senti muito especial... até ele jogar o brinquedo no chão de novo e começar a bater palmas.

– Ele manipula as pessoas – falei para Blaire, quando me abaixei novamente para pegar o brinquedo.

– Ou você que é um idiota – considerou Rush, abrindo a porta dos fundos e entrando. Deu um sorriso amarelo para mim, depois foi até Blaire e beijou-a bem na minha frente e da criança.

– Socorro! Largue o rosto dela ou vai acabar engolindo a cabeça inteira – resmunguei.

Rush se demorou um pouco mais no beijo só para me irritar, depois olhou para mim.

– Veio falar da Harlow de novo?

– Sim – disse Blaire, dando um último beijo nos lábios dele e voltando a fatiar o tomate.

– Papapapapapa – disse Nate alegremente, e Blaire e Rush ficaram paralisados. Ela derrubou a faca sobre a bancada e cobriu a boca.

Ele olhou para o filho com uma emoção tão grande que não entendi.

– Papapapapapa – pronunciou Nate mais uma vez.

– Minha nossa, ele falou – concluiu Blaire com lágrimas nos olhos, rindo alto.

Rush deu a volta na bancada e pegou Nate do meu colo como se eu nem existisse.

– Ei, mocinho – disse ele com admiração. Nate deu tapinhas no peito do pai.

– Papapapapapa – o garoto tornou a repetir.

Blaire soltou outro grito de felicidade e Rush sorriu.

– É isso aí, garotão. Você já sabe falar, não é?

Olhei para Blaire e percebi que aquela devia ser a primeira palavra de Nate. Eu estava testemunhando um momento especial na família e precisava ir embora. Os dois deviam ficar a sós com o filho. Voltaria a conversar com Blaire mais tarde.

Ela deu a volta na bancada e abraçou Rush.

– Quem é esse, Nate? – perguntou ela. E o menino, todo feliz, respondeu mais uma vez.

Eu não disse nada, apenas saí e fui para o carro. Mandeí uma mensagem de texto para Rush.

“Diga parabéns ao Nate por sua primeira palavra. Converso com vocês depois. Vocês deviam desfrutar desse momento sozinhos.”

Já passavam das oito da noite e eu só conseguia pensar no maldito encontro da Harlow. Por quê? Eu a tinha deixado ir. Dissera que não poderia me comprometer com ela. Nada de namoro. Só me restava uma bela lembrança para cultivar. A melhor. Agora precisava seguir em frente. Se estava com medo de me envolver, então precisava encarar meu destino. Só não podia mais ter nenhuma relação com Nan. Seria muito problemático.

Harlow esperava mais. Eu esperava menos. Então, fui até o bar mais próximo. Encontraria uma gostosa que só quisesse se divertir e a levaria para casa. Não queria a proximidade de uma garota do clube. Todas procuravam mais do que eu queria dar.

Estava familiarizado com esse local. Era para onde eu ia quando queria sair de Rosemary. As bandas tocavam músicas boas e a cerveja era gelada. Havia sempre universitárias por ali, vindas da faculdade estadual.

Ao entrar, dei uma olhada no lugar e avistei várias oportunidades. Depois fui até o balcão. Lynette estava atendendo. Ela era linda para uma mulher com idade para ser minha mãe.

– Oi, gato. Não vi você essa semana. Achei que estivesse fora da cidade de novo.

Sorri para ela de um jeito que não a faria corar. Ela era bem durona, mas ainda gostava de ser paquerada.

– Não consigo ficar muito tempo longe de você – respondi.

– Bobagem. – Ela sorriu e colocou uma caneca grande na minha frente. – Esse é o melhor chope que temos hoje.

– Obrigado, gata – respondi com uma piscadela. Lynette soltou uma gargalhada, então foi atender outra pessoa. Eu me virei para observar o salão. Duas louras lindas de regatas pretas e minissaias vermelhas sorriam para mim. Não eram gêmeas, mas se pareciam bastante. A roupa combinando era um toque interessante. Sem contar que tinham pernas maravilhosas. Mas não chegavam à altura de Harlow...

Não! Merda, não! Interrompi meus próprios pensamento. Não compararia ninguém a Harlow. Aquelas duas eram lindas. Tinham belos peitões prestes a cair para fora das blusinhas minúsculas. E usavam salto alto que me deixavam louco. Dei o fora do balcão.

– Imaginei que aquelas duas chamariam sua atenção – ouvi Lynette dizer num tom de voz divertido.

Olhei para ela.

– Você me conhece bem.

Ela balançou a cabeça e preparou outra bebida.

As duas garotas tentaram fazer poses sensuais quando me aproximei. Queriam ser abordadas. Seria fácil até demais. E eu estava precisando de algo fácil esta noite.

– Vocês estão aqui sozinhas? Lindas desse jeito? – perguntei, depois tomei um gole de bebida. Não queria falar nada idiota.

Elas riram e se entreolharam.

– Estamos – responderam juntas.

Então elas iam falar sempre ao mesmo tempo. Aperfeiçoaram esse lance de gêmeas. Fiquei impressionado.

A banda começou a tocar um som grave, pesado e sensual e eu coloquei a cerveja em cima da mesa.

– Venham dançar comigo – convidei, passando por elas e indo até a pista. Não precisei olhar para saber que haviam me seguido.

Queria ver se essas duas eram boas de verdade. Prometiam muito com base no corpo e no modo de se vestir, mas a dança me dizia se a noite valeria a pena. Além disso, eu ainda não estava bêbado. Precisava de mais álcool para isso.

– Meu nome é Carly – disse a de olhos castanho-escuros, chegando tão perto que seus peitos ficaram ainda mais apertados dentro da blusinha.

– Eu sou a Casey – apresentou-se a outra, me espremendo pelas minhas costas.

Até os nomes eram parecidos. Que graça.

– Me mostrem do que são capazes, meninas – falei, colocando a mão no quadril da garota que estava à minha frente, pegando a mão da garota que estava atrás e envolvendo minha cintura.

Era isso que tentei me convencer de que precisava. Então tinha que aprender a desfrutar disso novamente. Casey moveu a mão, que foi parar no meu pau, e começou a acariciá-lo enquanto movimentava o corpo colado às minhas costas. Coloquei a mão na bunda de Carly, deixando dois dedos escorregarem para debaixo do tecido e acariciando sua pele sob ele. Que pele macia ela tinha. Seus seios estavam logo abaixo da minha boca e, com cada movimento de nossos corpos, eu me concentrava em como seria bom chupar aqueles mamilos. Meu pau começou a ficar duro dentro do jeans enquanto Casey continuava mexendo ali.

Abri mais as pernas e deixei que a mão dela agarrasse as minhas bolas através da calça. Essas duas me aliviariam um pouco hoje à noite.

– Está gostando? – perguntou Casey no meu ouvido.

– Quando estiver na sua boca, será ainda melhor – respondi.

– Gosto de fazer de joelhos – respondeu Carly, passando a língua pelos lábios.

É, essas duas resolveriam o meu problema.

Harlow

Adam fora educado e atencioso durante o jantar. Não mencionou meu pai nem Mase, o que foi um alívio. Acabou com a minha preocupação. Era difícil me livrar de hábitos antigos e eu era boa em construir muros quando suspeitava que um cara estava me usando para se aproximar do meu pai.

Fomos assistir a um filme de ação, porque ambos gostamos do gênero. Foi bom não ter que manter a conversa durante duas horas. Depois ele me levou para casa. Nem o carro de Nan nem a picape de Mase estavam lá. Eu poderia convidá-lo para entrar, imaginei. Era isso que deveria fazer?

– Gostei muito da noite de hoje – disse a ele enquanto caminhávamos até a porta.

– Eu também. Espero que possamos sair de novo – comentou, com sinceridade na voz.

– Gostaria muito – respondi. E era verdade. Eu estava nervosa, mas transcorrera tudo bem no encontro. E também havia me distraído da solidão da noite.

Peguei as chaves na bolsa.

– Você quer entrar para tomar alguma coisa? Um café? – sugeri, sem saber se devia oferecer algo mais forte.

Adam sorriu.

– Sim, gostaria. Não estava preparado para me despedir ainda.

Suspirei de alívio. Estava fazendo tudo certo.

Abri a porta e a segurei para que ele entrasse.

– Entre.

Ele soltou um assobio baixo. Olhei em volta. De fato, o lugar era bem impressionante para uma casa na praia.

– Nan gosta de coisas caras – expliquei, colocando a bolsa sobre a mesa perto da entrada. – A cozinha é por aqui – falei, caminhando naquela direção.

– Está se acostumando a morar com alguém com quem não se dá bem? – perguntou ele.

– Sim e não. Mas fazer o quê? Damos um jeito, ignorando a existência uma da outra – respondi. Entramos na cozinha. – Você quer café ou...? Nan tem um bar completo.

– Não posso beber, estou dirigindo. Aceito um café – disse ele.

Eu me mantive ocupada preparando o café e deixei que Adam desse uma olhada na casa enquanto esperava.

– Seu irmão também está aqui? – A pergunta me deixou imediatamente tensa. Precisava lembrar a mim mesma de que ele estava apenas puxando conversa. Falar em Mase não significava que estava interessado no meu pai.

– Ele vai ficar aqui enquanto estiver na cidade.

– Reunião familiar – falou, com um sorriso.

Eu não pensaria nisso. Não pensaria. Tinha que aprender a confiar nas pessoas. Só porque ele estava mencionando minha família não significava que era fã do meu pai. Eu precisava superar essa insegurança.

– Não exatamente – respondi, pegando duas xícaras no armário.

Ouvi a campainha que soava quando a porta da entrada ou a janela eram abertas e paralisei. Se fosse Nan, seria péssimo. Logo ouvi a voz dela rindo e outra mais grave. Fiquei enjoada. *Por favor, Deus, que não seja Grant. Não agora. Não sou capaz de lidar com isso.* Ainda não estava pronta.

Os saltos dela batiam no piso de mármore conforme ela caminhava pelo corredor. Estavam vindo na nossa direção.

– É a Nan – expliquei para ele enquanto servia o café.

– Ah.

– Leite e açúcar? – perguntei.

– Pode ser puro.

Entreguei a xícara a ele quando Nan entrou cambaleando na cozinha nos braços de um loiro alto e bronzeado. Usava camisa polo e um short cheio de pregas. Se ele não fosse tão atraente, aquela roupa ficaria ridícula.

– Ora, olá – disse ele, sorrindo para mim de um jeito que me deixou desconfortável. Depois virou-se para Adam e seus olhos se arregalaram um pouco. – Adam, oi – cumprimentou ele enquanto Nan olhava para nós dois com cara feia.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ela.

– Eu moro aqui e ele está comigo – respondi, mexendo o açúcar no café e torcendo para que ela fosse embora logo.

– Guarde as garras, gatinha. É sua irmã e o Adam. Seja legal.

– Ela não é minha irmã – retrucou Nan com raiva.

Eu não estava com paciência para chilikies idiotas. Estava ficando farta disso.

– Então é melhor você sair da casa que meu pai comprou – falei, tomando um gole de café.

O ódio que faiscou dos seus olhos revelou que eu havia tocado no ponto exato. Ótimo. Ela precisava crescer.

– Como ousa?

– Como ousa o quê, Nan? Lembrar que temos o mesmo pai, que é dono dessa casa? Ela é tanto minha quanto sua. Se quer discutir, por favor, ligue para ele. Tenho certeza de que vai esclarecer tudo.

Não sabia de onde aquelas respostas rápidas estavam saindo. Era como se eu estivesse possuída, sem controle das minhas palavras.

O cara alto riu e deu uns tapinhas nos braços de Nan como se quisesse acalmá-la.

– Ela é sua irmã mesmo. Essa boca diz tudo. Acalme seu corpinho sexy e deixe os dois em paz. Não viemos aqui para tomar café – disse ele, piscando para mim como se eu estivesse muito interessada nos planos dele com Nan. – Por sinal, eu sou o August – apresentou-se.

Ele era o instrutor de golfe de quem eu tinha ouvido falar. Estava feliz por não ser Grant. Mais feliz do que gostaria de admitir.

– Eu sou Harlow. Prazer em conhecê-lo – respondi.

– Não fale com ela! – vociferou Nan.

– Você fica má quando bebe tequila. Já disse que não ia deixar você exagerar – afirmou August.

– Não, ela é má o tempo todo. A tequila não tem nada a ver com isso – garanti a ele.

Adam riu dessa vez, e vi que August tentava conter um sorriso.

– Acho que vou interromper antes que vocês comecem a brigar. Vamos, Nan. Vamos subir.

A campanha soou novamente e todos nos viramos para ver quem era.

O som pesado das botas denunciou Mase antes que ele chegasse à cozinha.

– Merda, agora é a vez *dele* – reclamou Nan, o que apenas me fez sorrir.

Mase entrou na cozinha e contornou August e Nan, olhando rapidamente para eles antes de olhar para mim e para Adam.

– E aí? Estou perdendo uma briga de família? Que pena!

– Vou levar essa daqui lá para cima para evitar que os ânimos se exaltem – disse August a ele.

Mase se apoiou na bancada bem na minha frente e cruzou os braços.

– Ela pode fazer o que quiser, mas não vai encostar em um fio de cabelo da Harlow. Não se quiser que seus ossos continuem inteiros – disse ele lentamente, como se estivesse entediado.

August franziu as sobrancelhas.

– Cara, Harlow não é tão inocente assim. Ela estava dando umas respostas bem afiadas também.

Mase olhou para mim.

– Você respondeu? – perguntou ele.

Fiz que sim com a cabeça. Não adiantava nada mentir. Meu irmão abriu um grande sorriso.

– Ora, olhe só! Essa é minha garota. – Mase se virou novamente para August. – Você pode fazer o que quiser com essa daí. Mas quando ela pisar em você com esse salto agulha e esmagá-lo, vai ver a ideia idiota que teve.

– Deus, como eu odeio vocês. Vamos, August. – Nan agarrou o braço dele e os dois saíram da cozinha. Dava para ouvir os saltos dela batendo nos degraus, como uma adolescente contrariada.

– Aquilo foi... hum... bem interessante – disse Adam, tomando um gole do café.

– Não foi? Esse lugar é um maldito zoológico – comentou Mase, olhando novamente para mim. – Sobrou café?

Assenti e servi uma xícara a ele, depois dei a volta na bancada. Agora tudo aquilo parecia esquisito. Não sabia muito bem o que fazer com Adam, afinal.

– Eu sou Mase, o irmão da Harlow.

Ele estava se apresentando ao Adam. Eu era uma péssima anfitriã.

– Adam. Prazer em conhecê-lo – respondeu.

– Como foi a noite de vocês? – perguntou Mase.

– Foi boa – falamos juntos, e eu corei.

Mase riu.

– Bem, eu vou para a cama. A gente se vê de manhã. Foi um prazer, Adam – Mase se despediu, dando um beijo no alto da minha cabeça e seguindo para as escadas.

Assim que seus passos pesados tocaram nos degraus, olhei para Adam.

– Desculpe por tudo isso. Talvez ter convidado você para entrar não tenha sido uma boa ideia.

– Não. Hã, eu compreendo agora. Você não gosta de ficar aqui. Ela é uma víbora. Não entendo por que August está saindo com ela. Será que ela sabe que ele tem uma filha? Certamente não vai deixar que Nan chegue perto da criança nos fins de semana que fica com a menina.

Então Nan estava namorando um cara que tinha uma filha? Eu nem conseguia imaginar uma coisa dessas.

– Espero que não mesmo. Tenho medo de que Nan use a criança para competir pela atenção dele. Ela é imatura a esse ponto.

Adam assentiu com a cabeça e franziu a testa.

– Estava pensando na mesma coisa.

Tomei mais um pouco de café e considerei chamá-lo para ir até a sala ou simplesmente me despedir. Estava cansada e não sabia se queria estender muito a noite. Principalmente se Nan começasse a fazer barulho.

– Estou ficando cansada e minha cabeça está um pouco dispersa.

Adam concordou e me lançou um sorriso compreensivo, depois se levantou.

– Eu entendo. Também estaria.

Larguei a xícara e o acompanhei até a porta.

– Obrigada mais uma vez pela noite de hoje, e sinto muito por tudo isso.

Adam não respondeu de imediato. Em vez disso, olhou para mim por um instante como se decidisse algo importante. Então se abaixou lentamente e eu logo soube o que estava prestes a acontecer. Seria meu primeiro beijo desde Grant. Beijara Grant inúmeras vezes durante aquelas duas semanas. Não queria comparar os dois, mas estava com medo de não conseguir conter meus pensamentos.

Quando seus lábios tocaram os meus, não eram tão macios, mas eram quentes. Ele movimentou a boca sobre a minha com suavidade e foi agradável. Não tentou mais nada. Quando se afastou e sorriu, percebi como os beijos de Grant eram incomparáveis, mas conseguiria viver com isso.

– São tão macios e carnudos quanto parecem – disse ele, meneando a cabeça com um sorriso no rosto. – Boa noite, Harlow. – Ele abriu a porta antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa e saiu.

Não era Grant, mas era legal. E me queria. O sorriso em seu rosto me transmitia a sensação de ser especial. Como se eu fosse realmente especial. Grant Carter invadia a fantasia das mulheres. Adam era mais real. Com ele, eu não precisaria me preocupar se estaria indo longe demais. Era apenas alguém com quem passar o tempo.

Grant

— Você só pode estar brincando. — A voz de Rush invadiu meus sonhos e eu abri os olhos lentamente, vendo peitos em cima do meu rosto. Confuso, olhei para baixo e enxerguei dois longos pares de pernas pendurados em mim.

Carly e Casey. Eu tinha esquecido. Droga, elas ainda estavam aqui. Eu apaguei. Merda. Preferia ter mandado as duas para casa. Então me lembrei da voz de Rush e me virei para a porta. Ele estava olhando para mim com repulsa. Não olhava para as duas mulheres nuas na minha cama. Merecia créditos por isso, pois elas tinham bundas lindas. Soube isso logo de cara.

— Livre-se delas e me encontre na varanda — disse Rush, e saiu andando.

Por que ele estava tão irritado? Era isso que eu tinha feito.

Consegui me desvencilhar e fiquei olhando para as duas garotas com quem havia transado. Embalagens de camisinha vazias permeavam o quarto e a cama. Elas tinham muita energia.

— Hora de levantar, meninas. Vamos para casa. — Acordei-as, puxando as cobertas e dando um tapa na bunda das duas. Elas resmungaram e eu já não lembrava mais quem era quem. Tinha quase certeza de que em algum momento da noite simplesmente começara a chamar as duas de Harlow. Foi decadente.

— Tenho uma visita aqui. Vistam-se. Em cinco minutos um táxi estará esperando lá na porta. Foi divertido — falei, acendendo a luz para ajudar.

— Ai! — reclamou uma delas, cobrindo os olhos.

Esperei até que as duas se levantassem e comesçassem a procurar as roupas. Saí para ver por que Rush estava aqui.

Abrindo a porta, vi a luz do sol.

Rush olhou para mim.

— Duas? Sério? Que merda.

Levantei uma sobrancelha.

— Não venha me dar sermão sobre pegar duas de uma vez. Antigamente você fazia isso o tempo todo.

Rush balançou a cabeça.

— Eu era um idiota. Você é um idiota.

— Cuidado aí. Foi uma ideia genial. Elas eram legais e tinham uma boa ginga. Isso me ajudou a aliviar um pouco a tensão.

Rush virou a cabeça e olhou para mim.

— Achei que você sentisse alguma coisa pela Harlow...

Eu sentia... mas não podia. Já tinha explicado isso a ele.

– Querer ficar com Harlow é uma coisa. É claro que eu quero. Quem não ia querer? Mas é que eu gosto muito dela para criar problemas. Não vou assumir nada sério. Não posso ter o que você tem com a Blaire. Eu não sou assim.

– Bobagem – disse Rush, olhando diretamente para mim. – Você encheu a cara e ficou falando sem parar sobre como ela era especial, que só queria falar com ela e como sentia falta do seu sorriso. Essas merdas não desaparecem de repente.

Eu não me dei conta de que havia dito tudo isso. Mesmo aqui em casa, sentia saudades dela. Ela me fazia rir e seu sorriso sempre fez todo o resto parecer insignificante.

– Ela saiu com Adam ontem à noite.

– O instrutor de tênis?

– É – respondi, sentindo o estômago embrulhar. – E se Adam a beijou? E se tocou nela?

– Você transou com duas estranhas na própria cama!

– Porque ela saiu com o Adam! – respondi. Era verdade. Eu não dormiria com qualquer uma se ela não tivesse marcado um maldito encontro com o maldito instrutor de tênis.

Rush soltou um suspiro.

– Harlow é a pessoa mais resguardada que eu conheço. Ela foi protegida e vigiada a vida toda. É a única filha do Kiro que foi parar no noticiário. Então ele a escondeu na Carolina do Norte com a avó. Ele odiava o modo como os jornalistas querem saber tudo a respeito dela. Gastou uma grana para afastar todo mundo. Quando a avó faleceu, ela foi jogada no olho do furacão de novo e fez a única coisa que sabia: se escondeu no quarto. Agora está aqui e precisa de amigos. Não pode ficar escondida dentro de casa. E Nan está lá. Então, é claro, alguém a convidou para sair. Ela saiu. Por que diabo não sairia? Você não a convidou. Você não fez porra nenhuma.

– Eu tenho medo dela. – Pronto, falei.

Rush franziu a testa.

– Você tem medo dela? Da Harlow? Ou da Nan?

– Eu tenho medo da Harlow. Ou do que posso sentir por ela.

– Está com medo de se apaixonar – disse ele, finalmente entendendo.

Apenas confirmei.

– Por quê? O que há de tão problemático nisso? É mil vezes melhor do que a cena que presenciei no seu quarto ainda agora.

Agarrei a grade da varanda. Odiava ter que admitir. Aquele sentimento me fazia parecer tão vulnerável.

– E se eu a perdesse? Como o que aconteceu com Jace?

– Você pode perder qualquer um. Você pode me perder, mas não me tirou da sua vida.

Era diferente. Olhei para ele.

– E se você perdesse Blaire? – perguntei. Com certeza ele devia morrer de medo disso.

Rush franziu a testa.

– Seria a coisa mais difícil que eu teria que enfrentar. Perder Blaire seria como perder a minha alma. Mas não posso privar o meu amor por causa do medo de perdê-la. Que tipo de vida é essa? Eu não saberia como é incrível acordar com ela nos braços. Não poderia desfrutar de vê-

la rindo e brincando com Nate. Vale a pena. Não se permitir passar por essa experiência é deixar que o medo assuma o controle. Você não pode deixar que isso aconteça. Cada instante que passo com Blaire e Nate faz minha vida sem eles parecer superficial e solitária.

Dava para ver isso na cara dele. Rush não tinha medo de perdê-la. Isso não o assombrava. Ele amava a vida que tinha. Concentrar-se no que poderia acontecer não o impedia de fazer nada. Será que a vida era isso? Correr riscos?

– Se você acha que ela pode ser a mulher da sua vida, está na hora de arriscar. Se eu perdesse tudo o que tenho amanhã, não me arrependeria nem por um minuto. Jamais. Eles são o que faz minha vida valer a pena.

– Meu pai achou que estivesse apaixonado duas vezes. Em ambas ele se fodeu e quem pagou o preço fui eu. E olho para a vida dele e para onde ele está agora, e é triste. Não quero aquilo.

Rush balançou a cabeça como se não entendesse meu argumento.

– As duas mulheres que seu pai amou não eram como Harlow. Ele não fez uma boa escolha. Harlow é. O cara que ganhar o coração dela vai ser o maior sortudo. Ela é honesta e gentil. Nunca a vi sendo outra coisa. Então, se ela for a mulher por quem vai se permitir se apaixonar, ficarei extremamente feliz por você.

Ele tinha razão.

Um enorme peso estava sendo retirado do meu peito. O que Rush estava dizendo fazia sentido. E eu não precisava me ferir para me proteger.

– Acho que pressionei Harlow demais – falei, deixando a realidade assentar.

Rush deu de ombros.

– Talvez sim. Talvez não. Talvez você nunca tenha tido chance. Mas ela vale a tentativa?

Fiz que sim com a cabeça.

– Sim, vale a pena implorar por ela – respondi.

Rush se sentou e colocou os pés na grade.

– Então é melhor você parar de transar com duas estranhas ao mesmo tempo na sua própria cama e se esforçar para conseguir que Harlow lhe dê mais uma chance.

Era mais fácil falar do que fazer. Eu já tinha dito que não queria nada além de amizade com ela. Harlow concordou e deixou por isso mesmo. E agora? Ia dizer que mudei de ideia?

– Acho que ela não vai deixar que eu me aproxime com tanta facilidade. E ainda tem o irmão dela, que não é exatamente meu fã.

Rush riu.

– Mase? É, vai ser difícil convencê-lo. A boa notícia é que você não vai precisar beijá-lo nem implorar nada. Concentre-se na Harlow.

Pela primeira vez em meses, eu tinha esperança. A ideia de ficar perto dela novamente, passar um tempo com ela, era mais empolgante do que qualquer outro desejo... exceto tirar sua roupa.

Harlow

Um toque distante interrompeu meus sonhos. Obriguei-me a abrir os olhos e percebi que o meu telefone estava tocando. Eu me virei e vi o número de Dean Finlay na tela. Só podia ser algo a respeito do meu pai. O pai do Rush só ligava quando acontecia alguma coisa com Kiro. Sentei-me e atendi rapidamente.

– Alô? O que houve? – perguntei, olhando para o relógio. Passava um pouco das três da manhã.

– Ele sumiu de novo – respondeu Dean.

Não era a primeira vez que meu pai desaparecia. Infelizmente, ele ficava tão chapado que fazia coisas idiotas, como sair com mulheres que não conhecia e acordar na cama delas, muitas vezes a cidades de distância de onde deveria estar.

Eu me levantei e fui até o armário pegar umas roupas.

– Há quanto tempo? – quis saber.

– Depois do show de ontem à noite, ele estava se divertindo com umas tietes. Saí para descansar na limusine. Foi a última vez que o vi. Trac ainda estava lá com ele, e o Wayne também. Wayne estava chapado demais para lembrar de qualquer coisa. Trac disse que ele saiu com duas mulheres. Uma ruiva e outra de cabelo castanho, comprido e cacheado. Ele não achou nada de mais.

Trac Trace era o baixista e Wayne Rolls, o guitarrista. Vesti uma calça jeans.

– Onde o Hail estava? – perguntei. Hail Holloway era o tecladista e o mais responsável deles.

– Já tinha ido embora. Ele não viu nada.

– Estou me vestindo. Onde vocês estão? – Eu sabia que Dean só tinha ligado porque o único jeito de encontrar meu pai era se eu estivesse lá. Às vezes ele ia longe demais, e eu parecia ser a única pessoa capaz de trazê-lo de volta. Dean falou uma vez que era porque eu me parecia muito com a minha mãe.

– Odeio ter que pedir para você vir sozinha. Não é seguro – disse ele, preocupado. – Eu pediria para o Rush vir com você, mas ele não vai deixar Nate e Blaire.

– Mase está aqui. Ele deve ir comigo. Onde vocês estão? – repeti enquanto abotoava a camisa.

– Las Vegas – respondeu Dean com um suspiro.

– Já estou indo. Não sei quando vou conseguir um voo, mas estou a caminho. Continue me dando notícias.

– Já mandei o jatinho. O avião vai estar na pista particular no aeroporto Destin em meia hora. Seu pai não ia querer que você pegasse um voo comercial.

– Obrigada. Vou tentar ligar para ele. Se atender o telefonema de alguém, vai ser o meu.
– É. Tente falar com ele. A gente se vê mais tarde.
– Tchau – respondi. Desliguei e peguei uma mala. Precisava levar umas roupas. Não sabia quanto tempo ficaria lá. Também precisava acordar Mase.

Abrindo minha porta com cuidado, fui até o quarto dele e bati várias vezes até ouvir um resmungo. Ótimo, ele estava lá dentro.

– O que foi? – resmungou Mase.

Abri a porta devagar e olhei para ele.

– Papai desapareceu. Preciso ir para Las Vegas ajudar a encontrá-lo.

Mase se sentou e esfregou o rosto com as mãos, tentando despertar.

– Você só pode estar brincando. Quantos anos ele tem, 15? Como é que ele simplesmente desaparece? Ele é Kiro Manning, porra.

Mase não fazia ideia de como isso era comum.

– Isso sempre acontece quando ele sai em turnê. Eu vou encontrá-lo ou ele vai acabar atendendo alguma das minhas ligações. Tenho que ir. O jatinho vem me pegar num aeroporto a vinte minutos daqui.

Vi que Mase estava indeciso. Ele não gostava de ficar perto da banda. Raramente aparecia. Procurar meu pai também não era seu maior desejo.

– Eu também vou. Você não pode ir sozinha para Las Vegas. Só vou me vestir e pegar umas coisas.

Eu não disse que ele não precisava ir; apenas concordei e fechei a porta. Ainda tinha que arrumar a mala, escovar os dentes e pentear os cabelos. Disquei o número do meu pai enquanto voltava para o quarto; tocou três vezes e a ligação caiu na caixa postal.

Depois de arrumar uma pequena mala, desci. Precisava tomar um café e sabia que Mase também ia querer. Era inútil acordar Nan para contar o que aconteceu. Ela ficaria puta da vida por eu ter perturbado seu sono. Eu nem avisaria que estávamos saindo. Ela não notaria.

Assim que coloquei o pó de café no filtro, ouvi uma batida fraca na porta da frente. Olhei para o relógio. Eram 3h45. Quem poderia ser a uma hora daquelas?

Fechei a tampa da cafeteira e a liguei antes de ir até a porta. Estava escuro demais para enxergar o lado de fora. Acendi as luzes externas e vi Grant com uma garrafa térmica na mão, parecendo bem desperto.

Abri a porta e apenas olhei para ele, aturdida, mas não podia simplesmente deixá-lo ali.

Ele sorriu.

– Está pronta?

O quê? Será que eu estava sonhando? Será que meu pai não havia desaparecido de verdade? Será que eu estava no meio de algum sonho louco em que eu acabava na cama com Grant novamente? Eu costumava sonhar bastante com isso.

– Dean ligou para o Rush, que me ligou. Posso entrar? – perguntou ele, passando por mim e entrando em casa.

– O quê? – finalmente consegui perguntar.

Grant levantou a garrafa térmica cheia de café.

– Estou pronto para ir procurar o Kiro. Vou dirigido até o aeroporto.

Os passos pesados de Mase interromperam os meus pensamentos. Eu me virei e o vi se aproximando.

– Vamos formar um grupo de busca? – resmungou Mase, soltando a mala a seus pés e alternando o olhar entre mim e Grant.

– Parece que sim – respondeu Grant.

– Eu, hã... – foi só o que consegui dizer, ainda sem compreender direito o que estava acontecendo.

– Por que você não toma um pouco do café que preparou, mana? Vai precisar dele para começar a formar frases coerentes. Eu resolvo isso aqui – disse Mase.

Eu não queria deixar Grant sozinho com ele, mas, sinceramente, não sabia mais o que fazer.

Então fui pegar o café.

Grant

— É melhor você se explicar — começou Mase com as pernas separadas e os braços cruzados. Ele era o irmão mais velho de Harlow e possivelmente a única pessoa que assumira o papel de uma figura paterna na vida dela. Eu respeitava aquilo.

— Faço questão de ir com ela. Tenho muita coisa para compensar. Estou começando agora.

Mase franziu a testa e continuou me encarando.

— O que você quer dizer com isso? Até onde eu sei, você estava comendo a Nan. O que você tem a ver com a Harlow?

Ela não tinha contado nada para ele. Fiquei imaginando se tinha feito isso para me proteger.

— Fiquei com medo de gostar de alguém. Harlow mexeu comigo e eu não estava acostumado a sentir esse tipo de coisa, e isso fez com que eu fugisse. Mas decidi não fazer mais isso.

Mase deu um passo na minha direção.

— Você precisa ter muita certeza disso. Porque ela gosta mais de você do que gostaria, e eu não confio em você. Nem um pouco. Se quiser ajudar a encontrar o cretino do nosso pai, ótimo, mas eu vou junto.

Eu preferia ficar sozinho com Harlow, mas tudo bem. Pelo menos estaria perto dela. Estava cansado de não estar por perto, observando-a a distância.

— Combinado — respondi.

Harlow voltou com duas canecas de café.

— Aqui está — disse ela, entregando uma a Mase.

— Obrigado. Ele vai com a gente. Gosta de ficar olhando para você ou alguma bobagem desse tipo.

Harlow arregalou os olhos, e eu tentei conter um sorriso. Não era o que eu tinha dito, mas a expressão dela foi perfeita.

— Ah — foi tudo o que disse.

Mase pegou a mala e olhou para a irmã.

— Onde está a sua mala?

— Deixei na cozinha. Vou pegar.

— Pode deixar que eu pego — falei, indo para a cozinha antes que ela pudesse continuar a frase. Se quisesse reconquistar sua confiança e quebrar uma parte daquele muro que ela construíra, precisava fazer o possível para que soubesse que eu estava falando sério.

— Estou confusa — ouvi Harlow sussurrar quando saí da sala. Apenas sorri. Ótimo. Estar confusa era uma coisa boa.

Uma bolsa de viagem de grife jazia no chão da cozinha. Fui até lá e a peguei. A mala estava

desgastada. Sem dúvida tinha sido presente de Kiro e Harlow devia usá-la há anos. Não era algo que ela compraria para si mesma.

Levei a bolsa para a sala e abri a porta.

– Está na hora – declarei aos dois, ainda segurando a mala. Harlow olhou para ela, depois para mim.

Mase soltou um ruído gutural divertido e revirou os olhos para mim ao sair. Harlow o seguiu, mas parou ao se aproximar de mim.

– Obrigada – disse simplesmente.

Essa viagem seria ótima.

Mase entrou na frente e desconfiei que tinha sido de propósito. Ele não me queria perto da Harlow. E pretendia dificultar as coisas para o meu lado. Tudo bem. Eu podia lidar com isso.

– Está confortável aí atrás? – perguntei a Harlow, olhando para me certificar de que havia espaço suficiente para as pernas dela.

– Estou, obrigada – respondeu ela, corando. Nossa, como era linda.

Eu me virei e girei a ignição da picape.

– Rush me disse que é normal o Kiro sumir. Vocês têm algum método para encontrá-lo? – perguntei, tentando puxar conversa.

– Temos. Harlow liga para ele. Ele finalmente atende, e ela vai encontrá-lo. Minha irmãzinha é a única pessoa que ele ouve – explicou Mase.

Eu não gostava de toda essa responsabilidade sobre os ombros de Harlow. O cara tinha três filhos adultos. Por que era ela que tinha que resolver tudo?

– Você não pode ligar e ir pegá-lo? – perguntei, sem conseguir disfarçar a irritação na voz.

– Meu querido pai tem uma filha preferida. Ele só dá ouvidos a ela.

– Não é verdade. Você tem a sua mãe e não precisa dele. Tem uma vida boa. E Nan não facilita as coisas. Eu só... Eu só sou aquela que...

– Você é a filha especial. Ele amava a sua mãe. Ela era o mundo para ele, e quando ela morreu foi você que se tornou o mundo dele. As coisas são assim, e eu fico feliz por ele se importar com você – Mase disse a ela.

Harlow não falou mais nada. Ficou em silêncio. Eu queria fazer outras perguntas. Queria saber como ela estava se sentindo e se estava preocupada. Mas Mase estava sentado ao meu lado e não era um bom momento.

– Preciso comer alguma coisa. Espero que tenha comida no jato – resmungou Mase.

– Sempre tem – respondeu Harlow.

Não era a primeira vez que eu voava no jato da Slacker Demon, mas era estranho estar com os filhos de Kiro. Sempre fui com Rush. Esses dois tinham uma dinâmica que eu nunca tinha visto. Até Mase aparecer em Rosemary, eu não fazia a mínima ideia daquela intimidade entre eles. Achava que o filho esquivo de Kiro se mantinha longe desse mundo.

– Vocês dois sempre foram tão próximos? – perguntei.

– Sim – responderam juntos.

– Minha avó sempre me levava para ficar no rancho com Mase e os pais dele quando eu era

pequena.

– Pais? – indaguei, porque aquilo não fazia sentido, uma vez que o pai dele era Kiro.

– Meu padrasto e minha mãe. Ele é mais meu pai do que meu próprio pai – explicou Mase com a cabeça apoiada no encosto e os olhos fechados.

Eu não sabia disso. Interessante.

– Esperava ansioso as visitas da Harlow. Achava tão legal ter uma irmã. Principalmente alguém tão doce como ela. Sempre era divertido deixá-la toda suja de lama e convencê-la a andar a cavalo ou alimentar as vacas.

Harlow soltou uma risadinha no banco de trás.

Talvez ter Mase por perto não fosse tão ruim. Pelo menos eu teria uma chance de conhecê-lo melhor.

Harlow

Assim que subimos a bordo do jato, Mase comeu uma tigela de aveia e foi dormir. Ele não funcionava bem quando não dormia direito. Sentei-me no sofá de couro perto da janela para poder olhar para fora enquanto pensava sobre onde meu pai poderia ter ido em vez de ficar lembrando que Grant estava aqui. Comigo.

Não me virei para ver o que ele estava fazendo ou onde se sentaria. Não sabia ao certo o que dizer agora que estávamos sozinhos. Também odiava o fato de meu coração acelerar quando ele sorria para mim.

Seu corpo quente se acomodou ao meu lado, perto o bastante para nossos braços roçarem.

– Oi – disse ele simplesmente.

Era impossível ignorá-lo e isso não seria nada educado. Eu não era uma pessoa mal-educada.

– Oi – respondi, olhando rapidamente para ele, antes de me virar para a janela.

– Está preocupada com seu pai? – perguntou.

Na verdade, eu não estava. Aquilo acontecia bastante.

– Não. Só estou frustrada porque ele não parece crescer nunca.

– Você não vai olhar para mim?

Eu não queria. Ele me fazia esquecer de como era perigoso.

– Provavelmente não – respondi com sinceridade.

Grant riu.

– É uma pena. Eu gosto de olhar dentro desses seus olhos.

Fechei os olhos e praguejei em silêncio. *Por quê, Grant? Por que você está fazendo isso comigo? Não é justo.*

– Você vai me odiar para sempre? – perguntou ele.

Eu não o odiava. Não se tratava disso. Será que ele não entende? Ele havia apresentado os termos. Eu só estava me protegendo.

– Não odeio você. Só sei quão insignificante eu sou e estou tentando não pensar muito nisso, ou em você.

Ele não respondeu. Ótimo. Consegui deixá-lo sem palavras. Talvez ele saísse dali e eu não precisaria mais sentir o cheiro do seu perfume. Tão quente e delicioso. Conhecia a sensação da sua pele tocando na minha e não precisava de lembretes.

– Eu cometi um erro, Harlow. Fiquei com medo e ferrei tudo.

Finalmente me virei para ele. Já tínhamos discutido isso. Eu não queria mais tocar naquele assunto.

– Eu sei, você já falou. Já entendi. – Comecei a me virar novamente, mas Grant segurou meu

queixo de forma gentil e fez com que eu olhasse para ele.

– Não. Nós não conversamos sobre isso. Eu falei um monte de besteira que não é verdade. Disse que não estava preparado para um relacionamento. Era mentira. Só estava morrendo de medo de amar demais alguém e depois perdê-la. Mas não estou mais. Não posso continuar fazendo isso comigo mesmo.

Fiquei calada. Não fazia a menor ideia do que ele estava falando.

– Eu quero você. Desde a primeira vez em que a vi. Quando estava dentro de você, soube que não tinha mais volta. Esses seus lindos olhos castanhos e seu sorriso angelical conseguiram cativar o meu coração. Mas naquela noite... você me pediu o que queria, e isso me marcou. Não consigo esquecer.

Nossa. Fiquei olhando para ele enquanto tentava entender aquelas palavras. Será que ele queria ficar comigo? Ou só estava dizendo aquelas coisas porque queria transar de novo?

Ele aproximou os lábios da minha orelha.

– Você é tudo o que eu quero. Desculpe por ter fugido. Por favor.

Eu me afastei dele, tentando ganhar um pouco de espaço entre nós.

– Não. Não estou preparada para simplesmente esquecer que você dormiu com a Nan ou que não me ligou em dois meses.

Grant franziu a testa e passou a mão pelos longos cabelos, deixando-os ainda mais desgrenhados.

– Eu liguei. Pergunte ao Dean. Ele vai confirmar. Não sei por que você não viu as minhas ligações no seu celular, mas eu liguei sem parar. Achei que você tinha ficado sabendo que eu havia bebido e transado com a Nan e não queria mais nada comigo. Seu pai ameaçou chamar a polícia se eu aparecesse na sua casa. Comecei a beber muito para esquecer você e, sim, a Nan por acaso estava lá.

Será que ele tinha mesmo tentado me ligar? Por que meu pai queria mantê-lo longe de mim? A menos que ele soubesse sobre Nan e Grant. Esse seria um motivo para o meu pai ameaçá-lo. Será que Grant estava dizendo a verdade?

– Eu quero ficar perto de você. Quando estamos juntos, todo o resto desaparece e eu não consigo me concentrar em mais nada além de você. Foi isso que me assustou, mas resolvi que era inútil ter medo desse sentimento. O que temos é especial. Você é especial.

Minha avó me aconselharia a ignorar as palavras sedutoras e ir embora. Mas ela nunca havia colocado os olhos em Grant Carter. Ele era atraente demais para sequer descrever. Eu sentia falta dele. Disso. De estar ao seu lado. Sentia muita falta. Ele me mostrara como aproveitar a vida, ainda que por apenas duas semanas. Senti que finalmente estava vivendo quando estava com ele.

– Acho que não posso confiar no meu bom senso com você – respondi com sinceridade.

– Você vai descobrir que pode confiar em mim. Eu não sou um cafajeste. No fundo, você sabe disso. Só tomei uma decisão muito errada.

Nunca fui de me arriscar. Nunca gostei. Sempre fui cuidadosa. Assim, eu não me machucava, apenas me protegia. Eu me cercava de muros, mas Grant conseguira atravessá-los uma vez. Permitir que ele entrasse de novo era pedir muito.

Ele se aproximou de mim e pousou a cabeça no meu ombro.

– Eu posso implorar – disse ele.

Estremeci ao sentir o hálito contra minha pele. Era uma péssima ideia. Grant era sedutor. Com sua aparência e sua lábia, era capaz de convencer uma garota a fazer qualquer coisa. Se eu permitisse que meus sentimentos por ele voltassem a aflorar, acabaria com o coração partido.

– Não implore. Eu só preciso de um pouco de tempo e espaço para pensar – respondi, afastando-me ainda mais dele. Não era um bom sinal o fato de eu querer me acomodar no seu colo e me enroscar nele. Eu costumava ser mais forte. Ele falou que eu o enfraquecia, mas se soubesse como ele me afetava...

Grant me lançou um olhar de coitadinho que o deixava ainda mais lindo. Fechei os olhos e respirei fundo.

– Por favor, pare com isso. Você estava transando com a Nan. Eu ouvi. Você consegue imaginar como eu me senti? Saber que os gritos que me acordaram eram na verdade provocados por alguém que... – parei de falar para não me expor demais.

– Eu não consigo mais dormir. Odeio saber que você ouviu aquilo. Nem me lembro muito daquela noite. Mas saber que você escutou... Isso me mata.

Olhei pela janela para poder abrir meus olhos. Eu não confiava em mim mesma com os olhos do Grant fixos em cima de mim.

– Tente se colocar no meu lugar. E se você me escutasse transando com outro homem... alguém que você odiasse? Como se sentiria?

Grant não respondeu. Achei que talvez ele fosse ficar calado e me deixar em paz. Senti um misto de alívio e decepção.

Ele se aproximou novamente, estendeu a mão e afastou o cabelo do meu pescoço.

– Fico louco só de imaginar outro homem tocando o seu corpo. Só de pensar tenho vontade de sair quebrando tudo. Não consigo nem me concentrar. Fervo de raiva.

Senti seu corpo rijo encostando no meu.

– Seu encontro com Adam me assombra. Não suporto a ideia daquele cara tocando você. – Grant acariciou o meu braço com a ponta do dedo. – Não sou ciumento e descontrolado. Nunca fui. Mas com você... Eu quero pegá-la e sair correndo para que ninguém a toque de novo. Só eu. Sempre eu.

Grant baixou a cabeça e tocou no meu pescoço com a ponta de seu nariz.

– Seu cheiro é um misto de paraíso e inferno – sussurrou ele.

Senti o coração disparado e as pernas trêmulas. Será que ele estava falando sério? Virei-me e olhei diretamente em seus olhos. A determinação e o desespero que vi revelaram que ele estava falando sério mesmo. Grant Carter me queria muito. Por mais difícil que fosse acreditar, ele tinha, sim, me telefonado naqueles dois meses e eu não ficara sabendo. Não consegui me convencer de que ele estivesse mentindo. Estava tão determinado em me fazer acreditar. Eu queria acreditar.

Fui tomada pela lembrança de como meu corpo reagia ao toque de Grant. Não queria lembrar, mas ele estava dificultando as coisas.

– Entendo que você não confie em mim. Mas eu só quero que você me deixe ficar perto de

você – pediu ele, enfiando a mão por baixo da minha blusa e pousando-a na minha barriga. – Vou provar para você. É só você deixar. Me dê uma chance para provar.

Grant ficou acariciando a minha barriga e eu me esqueci de respirar.

– Não quero ser mais uma Nan para você – confessei com sinceridade. Eu vira como tinha sido fácil para ele transar com Nan e depois simplesmente ignorá-la.

– Você não tem nada a ver com a Nan. O que ela e eu tivemos era vazio e baseado no egoísmo e na carência dela. Ela não sente nada por mim e fez questão de acabar com tudo o que eu sentia por ela.

Permiti que ele continuasse me tocando e provocando arrepios na minha pele. Eu sabia que poderia me arrepender, mas eu era boa em julgar pessoas – e acreditava em Grant Carter.

– Sua pele é tão macia – murmurou ele no meu ouvido, e eu inclinei a cabeça para trás para lhe dar mais acesso ao meu pescoço. Simplesmente não resistia ao que esse homem podia me oferecer. Não era muito inteligente da minha parte. Eu estava cometendo um erro enorme, mas não conseguia parar. Eu amava a sensação que ele provocava. Meu corpo queria mais. Mesmo que minha mente gritasse para que eu parasse com aquilo.

Ele gemeu e seus lábios tocaram o meu pescoço arqueado, mordiscando enquanto descia até a gola da camisa. Suas mãos abriram os botões e eu não disse nada. Queria sentir a boca dele nos meus seios. Grant me fez ter orgasmos inimagináveis, e era isso que eu desejava de novo. Ele tinha feito o meu corpo sentir coisas surpreendentes, e era isso que eu queria.

– Tão linda – disse ele num tom reverente ao afastar o meu sutiã e cobrir meus seios com as mãos.

Gemi de alívio. O tesão que eu sentia foi, de certo modo, atenuado por aquele toque. Mas eu queria mais.

Grant me pegou pela cintura e me puxou para o seu colo até que eu estivesse praticamente montada nele com os seios descobertos em seu rosto.

– Isso – disse ele antes de começar a chupar um dos mamilos, enquanto a mão acariciava o outro.

Eu estava molhada e começava a me contorcer. Senti uma nova onda de desejo crescer dentro de mim. Pressionei o corpo contra a ereção que se formava sob a calça jeans, gemendo de prazer.

Grant parou de me chupar, e seus olhos azuis ardentes pousaram em mim cheios de desejo.

– Você quer que eu toque a sua bocetinha? – perguntou ele, começando a abrir o zíper da minha calça. Só consegui gemer. Não devia estar fazendo isso, mas não conseguia parar.

A verdade é que eu estava morrendo de tesão. Eu não conseguia entender esse termo até Grant Carter entrar na minha vida. Mas esse homem me enloquecia por completo. Em questão de segundos, ele me fazia abandonar todo o controle.

– Coloque as mãos atrás de mim e se levante – orientou.

Não discuti. Queria que ele me tocasse. Meu coração estava disparado e meu corpo, trêmulo de prazer.

Ele enfiou a mão pela abertura da calça e dois dedos encontraram o caminho por dentro da minha calcinha até alcançarem o clitóris. Eu me movimentava e gemia.

– Caralho! – exclamou ele, tirando a mão.

Comecei a implorar e ele se levantou, me segurando. Envolvi a cintura dele com as pernas, enquanto ele seguia até a parte traseira do avião. Então, Grant parou e olhou para a porta fechada do quarto do meu pai. Mase estava lá, dormindo. Eu havia me esquecido completamente do Mase e tinha quase certeza de que Grant também.

Ele olhou para o outro quarto, mas eu sabia que, mesmo que ficássemos em silêncio, Mase nos ouviria. Grant se virou e foi para o banheiro, abriu a porta e entrou.

– Tire a roupa – ordenou ele num tom inflamado, arrancando a camisa pela cabeça.

Olhei para a calça e tentei tirá-la. Sem conseguir avançar muito, ele já estava despido e assumiu o controle, arrancando meu jeans e minha camisa. Quando estávamos nus, nossas bocas se encontraram e sua língua quente e ávida, com sabor mentolado, procurou a minha. Eu me segurei nos seus ombros e retribuí o beijo na mesma intensidade. Sentia falta disso. Do calor, da paixão, da necessidade toda envolvida num único ato. Grant me segurou pela bunda e me puxou para si, enquanto mordiscava e lambia os cantos da minha boca, destruindo-me com um beijo que eu sabia que ninguém jamais superaria.

Quando se afastou, olhou nos meus olhos e me deu mais um pequeno beijo nos lábios antes de me erguer e me colocar sentada na bancada.

– Quero entrar em você de novo, mas quero sentir seu sabor. Senti falta do seu gosto doce. Mas você tem que ficar quieta. – Ele deu um sorriso malicioso. – Consegue ficar quietinha enquanto chupo sua bocetinha? – perguntou ele, colocando um dedo dentro de mim e me fazendo gemer. – Acho que não. Minha doce menina gosta de gritar. Eu não posso chupar a sua bocetinha se você gritar – disse ele, beijando meu pescoço e passando a ponta do dedo por entre os lábios escorregadios.

Eu queria a boca dele em mim. Mais do que queria respirar.

– Eu vou me comportar – prometi.

Ele sorriu, mas não pareceu acreditar. Prendi a respiração enquanto Grant descia beijando meu corpo, dando um único e simples beijo na minha virilha.

Então passou a língua bem em cima do clitóris. Cobri a boca com a mão e joguei a cabeça para trás conforme o prazer aumentava.

Ele parou e eu tateei sua cabeça, para mantê-lo ali.

– Se você gritar, eu paro – avisou ele, olhando para mim com um sorriso sensual que me fazia querer fazer tudo o que ele pedisse.

Assenti e tapei a boca de novo.

Grant

Não era o que eu pretendia fazer. Queria conversar com ela e convencê-la a se abrir comigo. Fazer Harlow sorrir e confiar em mim como confiava antes de eu ferrar tudo sendo um covarde. Mas então ela me fez imaginar outro homem tocando nela. Outro homem sabendo como era incrível a sensação de estar dentro dela, sendo o responsável por fazê-la gritar de prazer. Merda, não. Eu não podia permitir que esse tipo de pensamento se formasse na minha mente. Se ela tinha pensado em dormir com outro, eu precisava fazê-la se lembrar de como eram as coisas entre nós. Eu não ia perdê-la. Não de novo.

Seu sabor e seu cheiro me distraíam de tudo à minha volta. Tinha quase esquecido que o irmão dela estava no maldito quarto. Pequenos gemidos escapavam apesar de ela tapar a boca com firmeza. Eu não consegui conter o sorriso. Ela era tão adorável.

Se Harlow chegasse ao orgasmo, com certeza tiraria a mão da boca, agarraria os meus cabelos e gritaria. Então, por mais que eu desejasse, isso não podia acontecer. Minha boca deveria estar perto o suficiente para abafar sua voz quando gozasse.

Com um beijo rápido na pele sensível, me afastei um pouco, mas ela me puxou de volta. Eu amava ver a doce Harlow se tornando sexualmente exigente. Me enchia de tesão.

– Shhh... Vai ser bom, minha linda. É só esperar – prometi, abrindo o armário atrás dela, sabendo que haveria camisinhas em algum lugar ali. Afinal, estávamos no avião da Slacker Demon. A segunda porta revelou uma caixa aberta e eu peguei um pacotinho. Harlow me observou colocar o preservativo, então a agarrei pelos quadris, fazendo com que escorregasse para a beirada da bancada.

Os olhos dela se arregalaram e se fixaram nos meus enquanto nossos corpos se uniam. Ela era tão incrivelmente apertada que eu tive vontade de gemer. Mordi meu lábio inferior ao mergulhar fundo. Ela era como uma luva quente e macia que me pressionava na medida certa.

– Se você se mexer, eu vou gritar – disse ela, ofegante.

Cobri sua boca com a minha antes de recuar um pouco e deixar a intensa sensação do corpo dela me provocar arrepios. Harlow gemeu na minha boca e eu comecei a movimentar a língua acompanhando o ritmo dos nossos corpos.

Ela cravou as unhas nas minhas costas e eu me delicieei. Apenas sentiria aquelas marcas mais tarde. Eu queria aquilo. Puxei seus cabelos e soltei um gemido em sua boca quando seus quadris começaram a acompanhar as minhas investidas. Quando os joelhos dela se levantaram ainda mais, foi o meu fim. Eu estava quase gozando e ela era muito gostosa.

– Quero que você goze – murmurei junto à sua boca antes de cobri-la novamente para abafar seus sons.

Ao dizer isso, seu calor estreito me apertou tanto que perdi o controle. O grito de Harlow quando atingi o orgasmo me fez gozar ainda mais. Senti vontade de berrar quando seu corpo estremeceu sob o meu. Isso estava acontecendo comigo. Como pude acreditar que eu seria capaz de abrir mão disso?

Interrompi o beijo e afundei o rosto no pescoço dela, tentando recuperar o fôlego. Ela acariciou as minhas costas com as unhas mais uma vez e soltou um suspiro longo e trêmulo. Suas pernas relaxaram ao longo do meu corpo, e eu fiquei lá, dentro dela, relutante em deixar aquele calor.

– Não acredito que acabei de fazer isso – disse ela baixinho.

Eu também não, mas não daria o braço a torcer. Não queria que ela se arrependesse.

– Você é incrível – respondi, inclinando a cabeça para olhar para ela. O rosto e o peito corados só enfatizavam o olhar saciado.

– Eu não sou assim. Não saio fazendo essas coisas por aí – disse ela.

A insegurança outra vez. Fiquei de pé e a puxei para perto de mim.

– Você faz comigo. É isso que importa. Estamos conectados. Temos sentimentos um pelo outro. Está tudo bem. Não é uma transa qualquer.

Harlow passou a mão pelos cabelos despenteados e olhou para mim.

– Tem certeza de que isso não me transforma numa vadia? – A preocupação genuína em seus olhos era a única coisa que me impedia de rir alto.

– Minha linda, você só transou comigo. Só fez isso comigo. Duas vezes. Isso não faz de você uma vadia. Jamais. Nem pense nisso.

Harlow mordeu o lábio inferior como se estivesse pensando no que eu tinha acabado de dizer. Finalmente suspirou.

– Tudo bem. Acho que você está certo. Mas... nós não temos nenhum tipo de relacionamento, e eu só... – Ela parou e olhou para baixo. Eu ainda estava dentro dela e pude ver o momento em que percebeu isso, pois seu rosto corado ficou ainda mais vermelho.

Tirei o meu pau de dentro dela e gemi ao me libertar de seu calor. Harlow me observou, fascinada. Se ela não parasse, eu estaria pronto para outra em menos de cinco minutos. Peguei um pedaço de papel higiênico e tirei a camisinha antes de olhar de novo para ela.

Harlow desviou o olhar e sorriu, envergonhada.

– Esqueci o que eu estava falando.

Uma batida forte na porta a fez saltar e eu praguejei.

– Vistam logo a merda das suas roupas e saiam daí – exigiu Mase em voz alta, do outro lado da porta.

Merda. Eu não queria ter que lidar com isso agora.

– Me deixe falar com ele primeiro – pediu ela, pulando da bancada e procurando a calcinha. Seu irmão zangado podia estar do lado de fora, mas eu não ia permitir que estragasse tudo.

Peguei a calcinha da mão dela e me abaixei para ajudá-la a vestir. Fiz o mesmo com a calça jeans. Ela cooperou em silêncio. Quando fechei o sutiã, finalmente olhei para ela. Agora estava vestida o suficiente para eu poder me concentrar.

Havia uma suavidade em seu olhar que eu não vira antes. Queria mantê-la bem aqui, longe de

todo mundo nesse momento. Ela vestiu a camisa e eu lhe dei um beijo no rosto.

Depois, vesti rapidamente minha calça e puxei a camisa pela cabeça. Ambos calçamos os sapatos. Passei as mãos pelos cabelos desgrehados dela até que não parecesse que ela tinha acabado de transar no banheiro. Acho que disfarçou bem.

– Vamos – disse eu, abrindo a porta.

– Talvez seja melhor você ficar – sugeriu ela em voz baixa.

Balancei a cabeça. Eu não tinha medo do caubói.

– De jeito nenhum.

Harlow suspirou e nós seguimos até a cabine principal do avião. Mase estava tomando café, sentado perto da janela, mas de frente para nós.

– Acho que nem estou surpreso. Já imaginava que isso fosse acontecer – declarou ele, lançando-me um olhar fulminante.

– Você não entende. Foi só... foi... nós estávamos... – gaguejou Harlow.

– Eu mandei mal em umas coisas. Harlow e eu estamos resolvendo isso. Estou tentando reconquistar a confiança dela.

Mase falou ríspidamente:

– Não, você estava transando com ela na porra do banheiro do avião.

Dei um passo na direção dele, e Harlow segurou o meu braço.

– Você não entende, Mase.

Ele ergueu as sobrancelhas, depois tomou outro gole de café.

– Você é uma mulher adulta. Não posso fazer nada se você quiser insistir nesse erro.

O fato de ele me chamar de erro me irritou, mas eu me contive.

– Não diga uma coisa dessas. Você não entende. Mas tem razão, eu sou uma mulher adulta e, por mais que eu ame você, esse assunto não é da sua conta.

Mase deu um sorriso forçado.

– Aposto que o pai não vai concordar com isso.

Harlow se mexeu dessa vez.

– Você não vai contar nada disso para o nosso pai. Não somos crianças.

Mase tomou outro longo gole de café.

– Calma. Eu só estou brincando. Além disso, ele vai ficar sabendo sozinho. Mas primeiro temos que encontrar o pobre coitado.

Harlow

Grant se sentou no sofá e me puxou para o seu lado, mantendo o braço ao redor do meu ombro enquanto conversava com Mase, como se meu irmão não tivesse acabado de nos flagrar no banheiro.

Homens.

O resto do voo passou rápido, já que Grant havia me mantido distraída durante a parte mais longa da viagem. Quando chegamos a Las Vegas, ele pegou minha mala e seguimos para a limusine que Dean enviara para nos buscar. Nem precisei perguntar se estavam no Hard Rock. Era o lugar favorito deles em Las Vegas. Eu preferia o Venetian.

Grant entrou depois de mim e se sentou tão perto que nossos corpos se tocaram do ombro ao tornozelo, mesmo com Mase sentado à nossa frente e muito espaço para Grant se acomodar. Mas eu gostei. Ele estava determinado a ficar perto de mim.

– Você já ligou para ele depois que chegamos? – perguntou Mase, recostando-se e esticando as pernas.

Peguei o celular e liguei para o meu pai. Tocou três vezes e caiu novamente na caixa postal.

– Ele ainda não está atendendo – respondi.

– Ele é um merda. Não acredito que viemos até aqui para procurar um cara de 45 anos. Isso é ridículo – reclamou Mase.

Eu sabia que Mase não respeitava o nosso pai. Ele o comparava a seu padrasto, e isso não era muito justo. Kiro era um astro do rock. Uma lenda. Vivia num mundo diferente do nosso. Era preciso levar em consideração que, se ele quisesse algo, as pessoas se acotovelariam para oferecer a ele.

– Ele continua sendo nosso pai – respondi, tentando não ficar muito na defensiva. Grant apertou minha mão. Senti que tinha um aliado. Alguém que me entendia. Ninguém entendia de verdade minha vida e minhas escolhas, nem mesmo Mase. Só de saber que alguém era capaz de me compreender era... bem, era libertador. Como se eu não estivesse sozinha.

– É, continua. Que sorte a nossa – retrucou Mase, olhando pela janela.

Grant apertou a minha mão outra vez e me puxou para mais perto. Eu não queria gostar, ou precisar disso. Mas, no momento, estava cedendo.

Meu telefone tocou, dando um susto em todos nós, e eu vi que era Dean.

– Alô – atendi, esperando que ele dissesse que meu pai estava de volta ao hotel.

– Vocês já chegaram?

– Já, estamos a caminho – respondi.

– Ele atendeu alguma ligação sua?

Havia algo de estranho na voz de Dean. Será que ele sabia de alguma coisa?

– Não... Ele ligou para você? – perguntei.

Dean não respondeu de imediato. Comecei a ficar preocupada.

– Não, ele não ligou. Mas quando chegar aqui, precisamos conversar antes de você sair para procurá-lo.

Ele parecia saber de alguma coisa. Não gostei nem um pouco daquele tom misterioso. Aquilo estava me deixando nervosa.

– Está bem. Devo chegar em alguns minutos – respondi, mas queria exigir que ele me contasse o que sabia.

– Vejo você em breve – despediu-se antes de desligar.

Fiquei olhando para o celular por um instante.

– Você esqueceu de dizer para o Dean que trouxe o outro filho de Kiro junto – provocou Mase com sotaque arrastado.

Fulminei meu irmão com o olhar, e Grant apenas riu. Fiquei feliz por Mase não estar implicando com ele. Não queria me preocupar com aquilo agora. Temia ter que enfrentar um problema muito maior. Eu só conseguia pensar no tom sinistro que detectei na voz de Dean. Havia alguma coisa errada. Ele me diria se algo ruim tivesse acontecido com meu pai... não diria? Deixei o telefone cair no colo e pousei a mão sobre o estômago. Meu pai tinha que estar bem. Tinha mesmo que estar.

Quando chegamos ao Hard Rock, subimos direto para a cobertura que Dean e Kiro sempre ocupavam. Os outros integrantes da banda ficavam em outra suite. Dean abriu a porta com a testa franzida. Eu o observei com atenção. Não parecia alguém prestes a anunciar que meu pai estava morto. Só parecia preocupado.

– Precisamos conversar – declarou ele. Concordei, porque já sabia disso. Não comentei nada sobre isso com Mase e Grant no carro porque acho que não sabia se conseguiria falar sem chorar. Eu estava com medo. Odiava admitir isso, mas estava morrendo de medo de perder Kiro.

De repente, Grant pegou a minha mão, e Mase ficou do outro lado, segurando o meu braço, como se eu precisasse de apoio para ficar em pé.

– Ele está vivo? – perguntou Mase, e me dei conta de que ele tinha captado a tensão, assim como eu. Independentemente do que fosse, Dean precisava me contar, mesmo que eu o obrigasse.

Dean ergueu as sobrancelhas quando percebeu como suas palavras tinham sido interpretadas, e uma expressão de arrependimento invadiu o seu rosto.

– Claro que ele está vivo. Desculpe, Harlow, eu não quis assustá-la, querida. Normalmente, quando ele faz esse tipo de coisa e eu sei onde ele está, nem recorro a você. Simplesmente resolvo a situação. Mas quando ele fugiu dessa vez, resolvi que era hora de você saber. Você não é mais criança, mesmo que ele ainda a trate assim. Mas Kiro precisa muito de você. – Dean fez uma pausa e começou a andar de um lado para outro na nossa frente. Ele ficava abrindo e fechando as mãos e olhando para o chão.

Embora eu soubesse que meu pai estava vivo, agora tinha que lidar com o medo desse grande

segredo. Seria alguma doença? Ele esconderia algo assim de mim?

– Não quero ser a pessoa que vai contar isso para você. Droga, ele já devia ter contado há anos. Mas não está certo. Você precisa saber. Eu preciso que saiba. Não aguento mais. Preciso de ajuda. Só você pode ajudá-lo. Está cada vez mais difícil fazer Kiro sair quando está lá. – As divagações de Dean não faziam o menor sentido. Ele continuava andando de um lado para outro como se fosse abrir um buraco e se afundar nele. Independentemente de qual fosse o segredo, era algo ruim. Meus joelhos começaram a ficar fracos.

Dean se aproximou do sofá e fez um sinal com a mão antes de passá-la nos cabelos.

– É melhor você se sentar – sugeriu.

Diferentes cenários começaram a se formar na minha mente. Meu pai estava na reabilitação, ou tinha outra família, ou alguma doença terminal. Soltei a mão do Grant, fui até o sofá e me sentei, os olhos fixos em Dean. Grant me acompanhou e ficou ao meu lado. Eu não sabia se queria alguém perto de mim nesse momento. Comecei a me sentir sufocada. Meus nervos à flor da pele já dificultavam a respiração.

– Eu não esperava vê-lo aqui, Grant – disse Dean, finalmente cumprimentando Grant.

Deu para ver nos olhos de Dean o que havia acontecido com aquelas ligações que nunca recebi. Ele não aprovava o meu relacionamento com Grant, e isso me surpreendeu.

– Diga logo o que é, Dean. Ela precisa ouvir – declarou Grant.

Dean ameaçou se sentar, mas logo voltou a ficar em pé e passou as mãos pelos cabelos.

– Droga, não vai ser fácil – murmurou, e olhou para Mase.

– Fale logo, Dean – exigiu Mase, sentando-se à minha frente. Eu fiquei grata por ele não ter se sentado do meu outro lado. Eu estava com dificuldade para respirar.

Dean concordou e olhou para mim.

– Você conhece a história do acidente de carro que sua mãe sofreu quando você era bebê?

Assenti. Foi assim que ela morreu. Ela me deixou com o meu pai e foi até uma loja. Um caminhão não parou no sinal vermelho e a atingiu. Morreu na hora. Minha avó me contou a história quando eu tinha idade suficiente para perguntar. Mas ela jamais quis falar sobre isso. Nem conseguia olhar para mim enquanto me contava. Eu sabia que era pela dor de ter perdido a filha. Então nunca mais perguntei. O fato de ele mencionar a minha mãe só me deixou ainda mais ansiosa. Segurei a beirada do sofá e tentei me acalmar.

– Ela não morreu naquele acidente de carro, querida. Sua mãe ficou em coma. Durante 5 anos. Seu pai se recusou a desligar os aparelhos, e, um dia, ela acordou. Só que não se lembrava de nada. Nem de você, nem de Kiro, nem do próprio nome. Também não conseguia comer, beber, falar. E... ficou paralisada. Os médicos logo viram que ela não só havia perdido a memória, como seu cérebro sofrera um trauma. Ela não tinha mais capacidades mentais. Não seria capaz de reaprender nem as coisas mais simples. Ficaria presa num estado vegetativo pelo resto da vida. Ela ficou muito agitada quando seu pai tentou levá-la para casa, e os médicos o alertaram que, se ele a levasse, o trauma poderia fazê-la entrar novamente em coma, e nunca mais acordar. Então ele escolheu deixá-la lá.

Levantei-me do sofá e me afastei de todos, caminhando até o outro lado do quarto. Eu não

conseguia respirar. Aquilo não podia ser verdade. Não podia ser. Minha avó nunca mentiria para mim. Ela não faria isso. Minha mãe estava morta.

Grant rapidamente estava ao meu lado, envolvendo a minha cintura com o seu braço.

– Não acredito em você – declarei com raiva, lançando um olhar fulminante para Dean. Ele era um mentiroso. Por que tentava me magoar desse jeito?

– Que merda! – exclamou Mase, levantando-se e olhando para Dean e para mim de maneira alternada. Vi nos olhos dele. Mase acreditava em Dean. Será que não percebia que aquilo era mentira?

– Chegou a hora de você ver sua mãe. Acho que você vai ter que trazê-lo de volta. Ele odeia sair em turnê porque não pode visitá-la quando quer. Ela está na melhor clínica de Los Angeles. Quando a gente vem para Las Vegas, Kiro está perto o bastante para ir até lá ver como ela está. Mas temos que ir para o Reino Unido. E ele não quer sair de perto dela. Você deve ir buscá-lo. Não podemos viajar sem ele, e vê-la só o deixa mais chateado.

Eu me afastei de Grant. Não queria que ninguém me tocasse. Precisava de espaço para respirar. Assim que consegui que o oxigênio entrasse em meus pulmões, apoiei as duas mãos na parede e fechei os olhos. Será que aquilo era verdade? Mase achava que sim. Ele nem precisava dizer nada – dava para notar pela expressão em seu rosto. E Grant não dissera nada. Ele estava lá para me consolar.

Como puderam esconder isso de mim por tanto tempo? Minha avó não visitava a filha? Não era possível. Nada daquilo fazia sentido. Não olhei para Dean. Não olhei para ninguém. Fiquei de frente para a parede e respirei fundo.

– Não é possível. Eu teria percebido. Minha avó ia querer visitar sua única filha. – Eu queria gritar com ele e atirar coisas, mas cerrei os punhos e tentei me acalmar. Eu o deixaria explicar. Eu o deixaria dizer que minha avó passou a vida sem visitar sua única filha.

– Texas, Harlow. Sua avó levava você para o Texas para ficar com Mase – explicou Dean em voz baixa. Suas palavras eram calmas, mas ainda assim pareciam um soco no estômago.

Ela... ela ia visitar minha mãe. Ai, meu Deus. Eu me curvei de dor. Ela nunca tinha ficado no Texas comigo. Como pôde mentir para mim? Por quê? Por quê? Por que ninguém queria que eu a visse? Ela era a minha mãe!

Ouvi Mase e Grant chamando por mim, mas balancei a cabeça. Não queria que tentassem me acalmar. Não havia como aliviar a dor que eu estava sentindo. Eu me virei e vi os dois andando na minha direção, e um grito preso na garganta escapou:

– NÃO! – Eu não queria ninguém perto de mim. Estendi as mãos para impedir que se aproximassem. Ambos ficaram paralisados. Não me concentrei na dor que havia nos olhos de Grant nem na tristeza nos de Mase. Aquilo não tinha a ver com eles. Eu precisava lidar com aquilo. Sozinha.

– Onde ela está? – perguntei a Dean, voltando a olhar para ele. A fúria e o sentimento de traição que cresciam dentro de mim se dirigiam àquele homem. Ele era o único que eu podia atacar. Ele sabia, e mesmo assim deixou todo mundo mentir para mim.

– A limusine vai levá-la. Seu pai foi para Los Angeles. O motorista sabe onde é – disse,

baixando a cabeça e soltando um suspiro. Dean não queria me contar. Na verdade, eu deveria estar grata. Mas naquele instante não havia espaço para coisas boas no meu coração.

Grant voltou a caminhar na minha direção e Mase fez o mesmo.

– Parem. Vocês dois. Não cheguem perto de mim. Preciso ficar sozinha. Quero ir sozinha. Fiquem aqui – exigi. Não esperei pela resposta. Virei-me e segui até a porta.

Precisava chegar à limusine. Se aquilo fosse verdade, tudo mudaria. Meu pai tinha mentido para mim a vida toda, e minha avó também. Como eu confiaria em alguém novamente?

Como eles puderam afastar minha mãe de mim?

Grant

Nunca havia me sentido tão impotente. A porta bateu quando Harlow saiu correndo da suíte. Ela não queria que eu fosse junto. Não queria Mase por perto. Queria ficar sozinha. Mas como ia lidar com isso?

Fuzilei Dean com o olhar.

– Não acredito nessa merda! – vociferei, com vontade de atirar alguma coisa longe. – Você falou que a mãe dela está viva numa clínica sem nem preparar a garota? Que porra é essa?

– Concordo plenamente! – disse Mase, furioso.

Dean se afundou na cadeira atrás dele.

– O que eu deveria fazer? Kiro não quer sair de lá. Quando me dei conta de onde ele estava, liguei para a clínica e minha suspeita se confirmou. Ele disse que ia desistir da turnê. Não queria deixá-la por tanto tempo. Ela fica ansiosa e difícil se ele demora muitos dias para visitá-la. Os médicos dizem que ela fica esperando. Se não o vê, fica chateada.

Caralho.

Fui até a janela com vista para a cidade. Como ele tinha sobrevivido durante todo esse tempo, vendo a mulher que obviamente ainda amava sem poder falar com ele? Parecia quase pior do que a morte.

– Alguém já devia ter contado a Harlow. Ela tem 20 anos, porra! Foi privada de conhecer a mãe durante a vida toda! – Mase parecia pronto para dar um soco na parede.

– Kiro tinha medo de que ela ficasse abalada ao ver a mãe desse jeito. E que Harlow também acabasse fazendo mal à mãe. Ele protege Emily com todas as forças. A imprensa nunca soube dessa história. Ninguém, além de nós, sabe dela. Para todos os efeitos Emily está morta. Kiro ama Harlow, mas faz o possível e o impossível para proteger a mãe dela. Custe o que custar. Até mesmo negar a Harlow a oportunidade de vê-la. Mas você têm razão. Já passou da hora de alguém contar. Kiro devia ter contado.

Eu não podia ficar ali parado, esperando. Não podia ficar imaginando se ela estava bem depois de ver a mãe pela primeira vez. Olhei para os dois.

– Vou sair.

– O quê? Vai sair? E se Harlow voltar? Você não está pronto para encarar isso? – perguntou Mase, olhando feio para mim.

– Eu vou sair *atrás dela*. Não quero deixá-la sozinha. Alguém precisa estar lá quando ela conhecer a mãe.

A expressão de raiva de Mase se transformou em respeito.

– Ótimo.

Não perguntei se ele queria ir junto. Não queria que fosse. Três pessoas já seria gente demais.

Harlow

Quando entrei no casarão branco, fui recebida na porta por uma moça com uniforme de enfermeira.

– Posso ajudar? – perguntou ela, bloqueando a passagem.

Aparentemente, era mais difícil entrar na Manor in the Hills do que numa base militar. Eu já tinha mostrado minha identidade ao homem do portão. Ele demorou dez minutos para fazer uma ligação e discutir meus dados antes de abrir os grandes portões de ferro que cercavam o local.

– Meu nome é Harlow Manning. Meu pai... e minha mãe... estão aqui – respondi. Formar qualquer frase com a minha mãe nela era muito estranho. Processei tudo durante o trajeto. Parte de mim entendia por que meu pai e minha avó haviam mentido, mas outra parte os odiava pelo mesmo motivo. Eu tinha sido privada de algo que nunca mais poderia ter de volta.

A moça digitou algo no iPad Mini que tinha nas mãos. Presumi que fosse o meu nome.

– Preciso verificar sua identidade, por favor.

De novo? Sério? Tirei a carteira da bolsa e lhe entreguei a habilitação. Ela olhou para mim e para a fotografia várias vezes, digitou os dados e esperou. Depois do que pareceu uma eternidade, finalmente recuou.

– Regina – disse ela a uma das recepcionistas. – Por favor, leve-a até o quarto da Sra. Manning. O Sr. Manning está lá esperando por ela.

Então meu pai sabia que eu estava aqui. Ótimo.

Acompanhei Regina por uma área que parecia o hall de um hotel cinco estrelas. Paramos no elevador e ela digitou um código. As portas se abriram e nós entramos.

Regina então destravou outro código e olhou fixamente para mim.

– Aconteça o que acontecer, não chateie a Sra. Manning. A presença do Sr. Manning a acalma, mas, quando ela se sente ameaçada, fica muito agitada e temos que sedá-la. E o Sr. Manning não gosta que façamos isso.

Meu coração pulava dentro do peito. Estava muito nervosa. Não tinha ficado nervosa até agora. Saber que veria minha mãe, e que ela seria essa... pessoa... nada parecida com a mulher sorridente das fotos... inerte... Será que eu estava preparada para encontrá-la?

E meu pai. A forma como todo mundo o descrevia quando ele estava com ela não se parecia nada com o Kiro Manning que eu conhecia. Meu pai não era nada emotivo. Ele comia meninas da minha idade, e bebia demais. Não era aquele sujeito que se sentava ao lado da cama de uma mulher e cuidava dela. Era como se eu tivesse entrado em outra vida.

O elevador parou e acompanhei Regina pelo corredor. Só havia uma porta no andar. Não me

surpreendi. Nada que meu pai fazia era normal. Regina foi até lá e bateu duas vezes, depois esperou.

Quando ela foi aberta, meu pai estava ali de pé. Não devia pentear o cabelo havia dias, e tinha a barba por fazer. Vestia uma de suas camisetas justas e calças jeans apertadas demais para um homem de 45 anos. Mas aquele era Kiro. Esperava-se isso dele.

– Obrigado, Regina. Pode nos deixar a sós – disse ele, com um tom de voz derrotado.

Fiquei ali parada, olhando para ele. Não conhecia esse homem. Ele se parecia com o meu pai, mas também estava arrasado. Eu nunca o tinha visto arrasado.

– Conte para ela que você vinha. Falo de você sempre que a visito, então ela sabe quem você é. Acho que está bem animada, mas preciso que você fique calma. Não demonstre muita emoção; isso vai deixá-la chateada. Não discuta toda essa merda na frente dela. Odeio quando não consigo acalmá-la. Odeio quando aqueles filhos da puta enfiam aquelas porcarias de agulhas nela. Então você precisa mesmo ficar calma, Harlow. Guarde as perguntas para conversarmos depois longe dela. Sei que está zangada; posso ver a raiva em seus olhos. Apenas entenda uma coisa: ninguém vai aborrecer Emmy. Ninguém. Nem você. Eu não vou deixar.

Sua expressão feroz e protetora era algo que eu nunca tinha visto. A emoção em meu peito não era exatamente o que eu gostaria de analisar no momento. Era um lado do meu pai que eu não conhecia.

– Está bem – concordei.

Ele assentiu e recuou. Entrei no quarto, tão sofisticado quanto todo aquele lugar. Havia um lustre na entrada e janelas altas com molduras elaboradas bem à frente.

– Por aqui – guiou ele ao passarmos por uma grande lareira de mármore e sofás de couro branco que formavam uma sala de estar. Entramos em outro cômodo e dessa vez minha atenção não se voltou para a decoração. Meus olhos encontraram uma camada de longos cabelos escuros que pareciam ter sido recém-escovados. Os fios caíam sobre o encosto do que presumi ser uma cadeira de rodas, embora fosse diferente de tudo o que eu já vira. Era feita de couro macio, mas as rodas eram inconfundíveis. As janelas davam vista para colinas e um riacho que corria por perto.

Meu pai foi até ela e pegou a escova sobre a cadeira. Ele estava penteando os cabelos dela antes de eu chegar?

– Emmy, querida, lembra que eu disse que a Harlow vinha fazer uma visita? Ela já está bem crescadinha. E está muito animada para encontrar você. Escovei seus cabelos, você está linda.

Era o meu pai que estava falando? Nunca, em toda a minha vida, eu o vi falar com tanta ternura. Fiquei olhando para ele. Não era Kiro. Não era o meu pai. Meu pai não era carinhoso daquele jeito. Ele não penteava os cabelos de mulher nenhuma. Não penteou nem os meus quando eu era criança.

Ele olhou para mim, depois começou a virar lentamente a cadeira da minha mãe. Meu coração batia forte. Estava difícil respirar novamente, e eu temia ter um ataque de pânico. Era demais para mim. Sabia que precisava ficar calma, mas como conseguiria? Era minha mãe!

Olhei fixamente nos olhos dela. Prendi a respiração enquanto observava lentamente a mulher diante de mim. Tinha visto fotografias dela, e ainda era capaz de enxergar a mesma jovem

naquela mulher ali na minha frente. Como ela tinha sido bem-cuidada! Um vazio perceptível preenchia os seus olhos, mas algo parecido com um sorriso se formou em seus lábios.

– Olá – cumprimentei. Não podia dizer “mãe”. Eu não a conhecia. A mulher em quem sempre pensei como mamãe era uma jovem de olhos castanhos alegres e um grande sorriso. Uma pessoa cheia de vida. Mas essa mulher... eu não a conhecia.

– Harlow, esta é sua mãe, Emily. Emmy, essa é a Harlow. Lembra-se daquele bebezinho lindo que você segurava? Lembra que vemos as fotos e falamos sobre as coisas que fazíamos e os lugares que frequentávamos? Ela nasceu tão pequena, e ficamos com muito medo de perdê-la. Mas não perdemos. Você a amava tanto que não a deixaria morrer. Fez um bom trabalho, querida. Ela é uma mulher adulta agora.

Emily Manning continuou me fitando. Queria aceitar que aquela era a mulher das fotos que conheci quando criança, com quem sonhava acordada. Mas isso partia ainda mais meu coração. A mulher alegre e vibrante não existia mais. Restara apenas aquilo.

– Ela já tem idade para visitar você. Gostaria que eu a trouxesse comigo de vez em quando? – perguntou meu pai, sentando-se numa cadeira ao lado dela e pegando sua mão. – Acho que ela faria você sorrir mais. Você sabe como amo ver o seu sorriso.

Isso não estava acontecendo. Eu devia estar sonhando. Nada daquilo parecia real.

– Aproxime-se um pouco, Harlow. Ela não enxerga bem de longe – disse meu pai sem tirar os olhos do rosto de Emily.

Fiquei com medo de discutir com ele. Era óbvio que ele moveria céus e terras para garantir a felicidade dela. Com certeza eu não queria chateá-la.

Cheguei mais perto, e ela acompanhou todos os meus movimentos com os olhos. Piscou várias vezes e soltou uma espécie de gemido.

– Já está perto o bastante – disse meu pai. – Não a deixe nervosa.

Parei de andar.

– Ela se parece com você. Consegue ver? Tem sua linda boca e suas mãos. E os cabelos são iguaizinhos aos seus – descreveu ele, com carinho.

Emily inclinou o corpo na direção do meu pai. Não sabia se ela tinha escorregado ou se tentava se aproximar mais dele.

– Está tudo bem. Está vendo? Eu estou aqui. Nunca vou permitir que alguém a machuque, Emmy. Você sabe como eu gosto de cuidar da minha garota favorita – disse ele, dando um beijo na testa dela.

Meu peito explodiu de emoção e eu finalmente entendi. Aquilo não tinha a ver comigo. Não tinha a ver com o que me havia sido negado. A amargura da traição se transformou em tristeza – não porque eu não tivera a chance de conhecer minha mãe, mas por meu pai. Meus olhos se encheram de lágrimas e percebi que estava prestes a chorar. Ele estava me matando. Toda aquela devoção e aquele amor partiam o meu coração.

– Preciso sair um instante – avisei quando meus olhos lacrimejaram.

– Pode ir – disse ele, virando Emily de frente para si. – Ela vai beber alguma coisa e descansar. Harlow veio de longe para vê-la. – Eu o ouvi explicando a ela. Será que ela entendia? Ou ele falava apenas para se sentir melhor?

Quando entrei na saleta, as lágrimas rolavam pelo meu rosto. Cobri a boca para abafar o som. Aquele pai forte, duro e poderoso, que adorava mandar o mundo “se foder” e vivia como se não se preocupasse com nada na vida, estava sentado lá dentro, segurando a mão da minha mãe e a tratando como a uma rainha. Como se ela fosse a joia mais preciosa do mundo.

Eu sempre soube que ele a amava. Todos sabiam que o dia em que ele a perdera o havia marcado para o resto da vida. Mas a cena que eu acabara de testemunhar? Ah, Deus, meu coração doía tanto.

As pessoas o viam como uma lenda. Ele tinha tudo o que queria. Era idolatrado. Mas ninguém sabia. Eu não sabia. Sempre o enxerguei como um homem forte e durão. Isso não era mais verdade. Aquela ilusão desapareceu. Meu pai sofria. Sofria mais do que eu imaginava.

Afundi no sofá, enterrei o rosto nas mãos e chorei. Chorei pela mulher que estava lá dentro, cuja vida fora abreviada cedo demais. Chorei pela garotinha que nunca pôde conhecê-la. Mas, principalmente, chorei pelo homem que sempre a amaria, mesmo que ela nunca voltasse a ser a mulher por quem ele se apaixonou.

Grant

Assim que entrei no carro alugado, meu celular tocou. O nome de Nan apareceu na tela. Pensei em ignorar, mas decidi lidar com a víbora logo de uma vez. Não esconderia o fato de que estava com Harlow. Além do mais, ela estava com August.

– Alô. – Ela devia ter algum motivo para ligar, então eu a deixaria falar.

– Onde diabo você está? – exigiu saber.

– Por quê?

– Porque Harlow sumiu, você sumiu e Mase sumiu. Onde vocês se meteram?

– Você precisa se entrosar mais com seus colegas de casa – falei devagar, já entediado com a conversa.

Tinha vontade de fumar um cigarro sempre que falava com ela. Mas eu estava me saindo bem. Não fumava havia dois meses. Não permitiria que Nan me fizesse ter uma recaída.

– Não dou a mínima para aqueles dois, mas quero saber se você está com eles. Não vou deixar que isso aconteça. Está entendendo?

Eu entendia que ela estava delirando, como sempre.

– Nannette, se eu começar a dormir na cama da Harlow, você não vai poder fazer nada. Então, faça o favor. Acabou. Estou cansado de ser o seu estepe.

A raiva efervescente implícita no silêncio dela me fez sorrir. Eu adorava irritá-la.

Por muito tempo, só quis fazê-la feliz. Quis salvá-la de si mesma. Mas Nan conseguiu destruir todas as coisas boas que eu sentia por ela. Dormia com um cara atrás do outro e esfregava na minha cara, depois me ligava quando se sentia sozinha. Eu permitira que ela me usasse, e isso me corroeu lentamente. Pensei que era bom ser necessário, que isso me daria uma sensação de propósito. Mas não percebera que havia me tornado o cachorrinho dela. Era algo difícil de engolir. Não foi fácil sair da vida de Nan, mas, quando matei meus sentimentos por ela e aceitei que ela nunca deixaria de ser amarga e revoltada, me tornei uma pessoa melhor. Transar com ela enquanto estava bêbado era banal. Eu sabia o que esperar pela manhã. Sabia que não corria mais o risco de me apaixonar por Nan.

– Você só ficou puto porque August está me comendo. Que criancice, Grant. Já disse que só queria uma amizade colorida com você por um tempo. Não gosto de coisa séria e você queria um relacionamento.

Eu só podia ter enlouquecido. Ela havia me salvado do inferno – na verdade eu tinha era que agradecer-lá por isso.

– Estou entediado, Nannette. A amizade colorida acabou. Faz parte do passado. Não quero

mais. Pode dar para quem quiser, eu não me importo. Se ele precisar de camisinha, posso até pegar do meu estoque.

Nan deu um gritinho de descrença.

– Você acha que ela é doce e bonita, mas, quando não for mais novidade, vai enlouquecer e ficar chata. Quando enjoar de tentar comer a Harlow, quando perceber que não valeu o esforço, não volte correndo para mim.

Não mordi a isca. Ela estava jogando verde. Eu não era burro e não ia falar besteira para ela jogar na cara de Harlow depois. Nan gostava dessas brincadeiras. Gostava de jogos maldosos e brutais.

– Não é da sua conta com quem eu passo o tempo. Eu não pertenço a você, Nan. Nunca pertenci. Agora, se já terminou, tenho coisas mais importantes para fazer.

– Mas onde é que você está?! – gritou ela ao telefone.

– Não estou em Rosemary – respondi, desligando na cara dela. Nan havia sido uma dura lição que aprendi. Era o tipo de garota sobre quem o próprio pai havia me alertado. Amar Nan só levaria ao desastre. Mas pelo menos eu não fiquei tão de quatro assim por ela.

O celular tocou de novo, mas dessa vez era Rush.

– E aí? – falei, grato por ser alguém com quem eu realmente poderia travar uma conversa.

– Acabei de falar com o meu pai – foi só o que ele disse.

– É. Que merda. Estou indo para lá agora. Ela foi sozinha, mas quero estar presente quando sair.

– Vocês resolveram as coisas antes dessa confusão toda?

Nós tínhamos conversado. Resolvido tudo de uma forma que eu não esperava.

– Sim, resolvemos. Não tudo, mas aí Dean jogou essa bomba no colo dela...

– Até eu estou com dificuldades de acreditar nessa história, e a mãe nem é minha. Com certeza Harlow não deve ter aceitado nada bem. Ela parece tão frágil.

Afastei o orgulho que surgiu dentro de mim. Imaginar Harlow como alguém frágil me perturbava. Não queria pensar nisso. Pelo menos não enquanto ela não estivesse comigo.

– Não vou mentir. Fiquei muito puto com seu pai. Ele despejou tudo de uma vez, não foi capaz nem de preparar a garota!

Rush suspirou.

– É, bem, ele não é muito bom com as palavras. Simplesmente diz o que vem à cabeça.

Aquela desculpa não era boa o bastante. Dean tinha entrado para a minha lista negra.

– Nan está procurando por você – informou Rush.

– Ela me ligou – respondi. Não queria conversar com ele sobre isso agora. Nan estava longe de ser uma das minhas pessoas preferidas, mas ainda era irmã dele.

– Ela vai comer a Harlow viva. Tenha cuidado.

Não esperava que ele me avisasse disso, mas concordei.

– Eu sei. Não vou permitir que ninguém a machuque.

– Se machucar, Kiro nunca vai aceitar a Nan. Ela precisa que ele a aceite. Pode não merecer, mas precisa.

Eu devia ter desconfiado de que Rush se preocupava mais com Nan do que com Harlow.

- Não vou deixar que ela se aproxime de Harlow – foi minha única resposta.
- Seria melhor que você tivesse se envolvido com alguém de fora da prole do Kiro. Menos complicado.

Apenas ri. Sim, seria menos complicado, mas Harlow... Bem, ela era Harlow.

Harlow

— Harlow, você não pode voltar lá com essa cara — disse meu pai ao chegar à sala. — Vai acabar assustando a Emily.

Ergui o rosto ensopado de lágrimas e enxerguei meu pai. Nunca mais o veria da mesma forma. Não importava com quantas garotas transasse ou quantas grosserias fizesse. Ele seria sempre o homem que estava lá dentro segurando a mão da minha mãe.

— Cheguei aqui zangada. Com você. Com minha avó. Mas agora eu simplesmente... — Dei de ombros. Não podia dizer que estava com o coração partido. Não queria que ele soubesse que sua dor havia me despedaçado.

— Eu só quis proteger a sua mãe. Você era uma criança. Não conseguiria entender e ela poderia ficar perturbada. Eu não podia deixar que isso acontecesse, Harlow. Eu te amo, filha. Sempre amei. Você é a única coisa que me sobrou da mulher que conheci e pela qual me apaixonei perdidamente. Mas ela está aqui, viva, ainda que seu espírito tenha partido. E eu a protegerei com minha vida. Ela sempre virá em primeiro lugar. Até mesmo antes de você.

Assenti com a cabeça. Eu compreendia a posição dele. Antes de vê-los juntos, nada que ele dissesse me impediria de odiá-lo. Agora meu pai não precisava dizer mais nada.

— Com que frequência você vem visitá-la? — perguntei.

Ele foi até a lareira e se apoiou na pedra.

— Três, quatro vezes por semana.

— E foi por isso que você sumiu de Las Vegas? Porque está prestes a sair do país em turnê?

Ele franziu a testa.

— Ela não fica bem quando estou em turnê. Os médicos precisam sedá-la porque fica muito agitada. Emily precisa de mim. Pode não ser, mentalmente, a mulher por quem me apaixonei, mas o coração dela sabe quem eu sou. Ela me quer por perto. Não posso fazer isso de novo. Ver o sorriso dela quando entro no quarto faz todo o resto parecer menos importante.

Eu não queria chorar de novo. Tinha certeza de que ele havia chorado o bastante por nós dois durante todos esses anos.

— A banda precisa de você. Talvez dê para voltar algumas vezes para visitá-la, assim ela sentirá menos.

Ele concordou.

— Andei pensando nisso. Só não sei se vai ser suficiente.

Não podia ficar aqui parada e pedir que ele cantasse para milhões de estranhos quando seu coração se encontrava naquele quarto com minha mãe. Não cabia a mim dar conselhos. Não entendi seu tormento. Nunca entenderia. Não tinha vivido aquilo.

– Sei que não posso decepcionar os caras. Eles precisam de mim. Mas será minha última turnê. Não dá mais para eu continuar fazendo isso. Quero ficar em casa. Perto dela.

– Sinto muito, papai – disse a ele, porque não sabia mais o que dizer.

Ele ergueu os olhos do chão e me encarou.

– Por quê?

Mordi o lábio inferior e abafei o choro, torcendo para que as lágrimas não rolassem.

– Por você ter perdido a mamãe.

Um sorriso triste tomou conta da boca do meu pai.

– Eu costumava ficar puto. Droga, costumava odiar o mundo. Odiar a vida. Mas quando via você, sabia que tinha que viver. Você tinha pouquíssimas chances de sobreviver, mas sobreviveu. Emily gostaria que eu vivesse por você. Pela garotinha que o amor dela salvou. Também sabia que não gostaria que você fizesse parte da minha vida se eu continuasse sendo Kiro. Desejava que você crescesse na casa em que ela foi criada, com a mãe que ela adorava. Então fiz o que sabia que sua mãe queria. E você cresceu e ficou igualzinha a ela, por dentro e por fora. Os outros filhos me acusam de amar você mais do que a eles. E amo mesmo. Amo de verdade. Você é minha filha com a Emmy. Não amei Georgianna, ela era só uma tiete. Maryann não passou de um casinho. Então, infelizmente não amo os filhos delas da maneira como deveria. Só tenho um coração, e sua mãe ocupa grande parte dele. Não sobra muito espaço. Você é a única que pode preenchê-lo.

Sabia que ele amava Mase. Ainda não havia decidido a respeito de Nan. Mas também sabia que meu pai estava tentando me dizer que minha mãe estava, e sempre estaria, em seu coração.

Eu me levantei e fui até ele. Abracei-o pela cintura e descansei minha cabeça em seu peito. Não disse nada. Não tinha palavras.

Ele me retribuiu o gesto devagar.

– Não pretendia magoá-la mantendo sua mãe afastada. Mas tive que fazer isso. Sei que é adulta, mas, quando olho para você, ainda vejo minha garotinha de maria-chiquinha. Tentei lhe contar várias vezes, mas eu sempre ficava chapado. Não conseguia reunir coragem suficiente. Espero que possa me perdoar, e também sua avó. Ela concordou que você não precisava saber o que realmente havia acontecido. Pelo menos até que crescesse. Você era um bebê doente, e eu sabia que não podia perdê-la também. Isso teria me destruído.

Abracei-o com mais força e afundei o rosto em seu peito, chorando baixinho. Não podia odiá-lo por isso. Não era justo, mas eu compreendia.

– Eu amo você, papai – falei.

– Eu também. E aquela mulher lá dentro a adorava, Harlow. Nunca saiu do seu lado quando você esteve no hospital. Acreditava que você era o nosso presente especial. Eu me lembro do olhar dela quando você deu o primeiro passo. Para ela, você era um anjo que caíra do céu. E, quando a perdi, sabia que precisava proteger você.

Apertei bem os olhos e lutei contra as lágrimas. Queria me controlar para poder voltar lá e vê-la novamente. Quando parei de chorar e o rosto tinha secado, olhei para o meu pai.

– Posso voltar lá?

Ele passou a mão pelo meu rosto e concordou:

– É claro.

Grant

Um telefonema de Dean liberou minha passagem pelos grandes portões da Manor in the Hills. Eu não pretendia entrar na clínica. Só queria estacionar e esperar por Harlow. Ela já devia estar lá dentro havia pelo menos duas horas. Fechei a porta do carro e dei a volta para ver a entrada. Quando ela pisasse fora do casarão, me encontraria ali.

Tudo bem se não quisesse me ver. Apenas seguiria a limusine de volta a Las Vegas. Mas, se precisasse de mim, eu sempre estaria disponível para ela. Tinha sido idiota da minha parte pensar que aquela transa no banheiro havia apagado todas as minhas burrices. Ainda tinha muita coisa a provar. E se Harlow me desse uma chance, eu sempre estaria presente quando ela precisasse.

Não esperei nem dez minutos quando a porta se abriu e Harlow apareceu. De onde eu estava, consegui ver que ela estivera chorando. Andei em sua direção. Ela não percebeu minha presença de imediato. Estava secando o rosto e descendo os degraus quando eu cheguei. Ela ergueu os olhos, que se arregalaram quando me viu ali. Era isso. Ela gritaria para eu ir embora ou...

Harlow terminou de descer as escadas correndo, se jogou em meus braços e voltou a chorar. Abracei-a bem forte e fechei os olhos. Fiquei satisfeito por ter vindo. Estava certo. Ela precisava de mim.

Não perguntei nada. Deixei que ela chorasse quanto quisesse e a abracei. Ela agarrou minha camiseta com as duas mãos conforme seu corpo tremia. Meu peito doía com cada ruído lamentável que vinha dela. Eu queria consertar isso. Queria entrar e consertar tudo o que a chateasse, mas como?

– Ele... ele escova os cabelos dela – disse, soluçando de tanto chorar.

“Ele escova os cabelos dela.” O quê? Será que estava falando de Kiro? Não perguntei. Era melhor que ela desabafasse.

– Ela sorri para ele – contou.

Sim, ela estava falando do pai. Tentei imaginar Kiro escovando os cabelos de uma mulher. De uma mulher que não podia falar ou se mexer. Nada combinava. Eu não conseguia imaginar Kiro escovando os cabelos de ninguém, além do seu próprio, o que também era raro.

– Ai, minha nossa, Grant. Meu coração está doendo tanto. Ele é tão doce com ela. É como se houvesse outro homem que eu nunca soube que existia. Minha mãe não consegue fazer nada. Nada. Nem sei se ela entende o que ele diz, mas ele fala com ela mesmo assim. Ele ainda a ama. Completamente. E não recebe nada em troca.

Olhei para a mansão à minha frente e tentei imaginar tudo aquilo que ela descrevia, mas não consegui. Já tinha visto Kiro comer uma garota de pouco mais de 19 anos na mesa de sinuca da

casa dele. Bebia vodca no gargalo e fumava um baseado ao mesmo tempo. Essa cena ficou gravada para sempre na minha mente de moleque de 13 anos.

Abracei Harlow e passei a mão pelos cabelos dela, tentando acalmá-la. Ela não revelou mais nada. Parou de soluçar, soltou minha camisa e alisou onde havia amassado. Não que eu me importasse com isso. Ela podia até ficar com a camisa, se quisesse.

– Você está aqui – disse finalmente, olhando para mim com o rosto molhado, mas ainda lindo de tirar o fôlego. Como ela conseguia fazer aquilo? Sempre tão perfeita. Dificultava para os homens.

– Achei que pudesse precisar de alguém.

Harlow me lançou um sorriso trêmulo.

– E estava certo.

Estiquei o braço e com os polegares sequei as lágrimas que ainda desciam pelo rosto.

– Sempre que você precisar de mim, estarei aqui – prometi a ela.

Harlow suspirou e fechou os olhos por um instante.

– Isso não ajuda – disse ela.

– Por quê? – Achei que se ela tivesse alguém à disposição, principalmente se fosse eu, seria muito útil.

– Estou tentando manter distância de você. Ser gentil apenas torna as coisas mais difíceis.

Então, era disso que se tratava. Bem, ela ainda não tinha visto nada. Eu dificultaria muito mais antes de chegar ao fim.

– Achei que tínhamos superado essa coisa de “manter distância” no banheiro do avião – respondi, tentando fazê-la sorrir.

Harlow ergueu a sobrancelha.

– Não. Aquilo aconteceu porque você é ridículamente sexy e me faz ter orgasmos incríveis.

Eu podia conviver com aquela justificativa.

– Sempre que estiver com vontade de ter um daqueles, é só curvar seu lindo dedinho – instiguei, e dessa vez ela sorriu. Um sorriso de verdade. Uma sorriso que iluminava toda a escuridão em seus olhos.

Entrelacei meus dedos nos dela.

– Vim dirigindo um carro alugado. Quer voltar comigo?

Ela olhou para a limusine.

– Sim. Quero. Papai ainda vai ficar mais um pouco e preciso deixar a limusine para ele.

Ótimo. Eu a queria ao meu lado.

– Está pronta? – perguntei.

Harlow voltou a olhar para a clínica.

– Sim, estou. Não aguento mais nada por hoje. E ele precisa de um tempo sozinho com a mamãe. Acho que ela precisa dele também.

Não estava certo sobre as coisas que aconteceram naquele quarto hoje, mas sabia que a percepção de Harlow havia mudado. Sua vida estava diferente para sempre. O choro também não tinha acabado. Fiquei com a impressão de que haveria mais sofrimento a caminho. E eu pretendia estar presente. Ela não enfrentaria isso sozinha.

Voltamos ao deserto e pedi que Harlow escolhesse uma música. Também a deixei quieta. Ela precisava pensar e processar tudo o que vivenciara hoje, e eu compreendia tudo isso. Olhava para ela de vez em quando para ter certeza de que não estava chorando.

– Não vou desabar de novo – disse ela, finalmente.

– Quer conversar? – perguntei. Harlow não gostava muito de falar sobre seus sentimentos, mas, depois do que acontecera, senti que ela realmente precisava desabafar. Não era bom guardar tudo dentro de si.

– Eu estava tão zangada com ele. Com todo mundo que mentiu para mim. Mas então... eu o vi com ela. Ninguém poderia ter me preparado para a cena que presenciei. – Ela balançou a cabeça e olhou para as mãos cruzadas. – Certamente mudou muitas coisas entre nós hoje. Sempre soube que papai me amava mais que aos outros filhos. Odiava admitir isso em voz alta, mas sabia e me sentia culpada. Agora, entendo por quê. Não acho que ele *me* ame mais. Sou apenas a filha que ela lhe deu. Sou a conexão entre os dois.

Pensei em Mase e em como ele parecia distante quando falávamos sobre Kiro. Como se Kiro nem fosse seu pai. E também tinha Nan. Era visível que ele não era muito fã dela. Harlow, no entanto, precisava do pai e o amava. Não discuti, mas não era apenas sua mãe que fazia dela a filha preferida.

– Esta será sua última turnê com a banda. Papai odeia ter que ficar longe dela. Não consegui nem argumentar. O mundo pode desejar Kiro, mas ele só quer ficar com a mulher de sua vida. Mesmo daquele jeito... ele quer ficar perto dela. – Harlow deu uma risadinha leve. – E pensar que eu achava que meu pai tinha enterrado o coração junto com minha mãe.

Olhei para ela.

– Você pretende voltar para vê-la?

Harlow assentiu.

– Sim. Ela não fala e talvez nem saiba quem eu sou, mas agora que sei que está viva já é o bastante. Eu quero... quero eu mesma contar a ela sobre minha vida. E talvez mamãe esteja sorrindo de verdade quando as pessoas conversam com ela. Se eu for visitá-la mais vezes, posso pensar num meio de desenvolver algum tipo de relacionamento.

Dava para notar a esperança em sua voz. Harlow desejava conhecer a mãe. Fazia sentido. Eu só não tinha certeza se conseguiria lidar com a tristeza e o sofrimento dela. Estendi o braço e soltei suas mãos, entrelaçando meus dedos nos dela.

– Pode contar sempre comigo se quiser uma companhia. Não pense que deve ir sozinha. Não me importo de esperar no carro.

Um leve sorriso tocou seus lábios, e ela relaxou a cabeça no encosto e se virou para mim:

– Obrigada.

– Faça tudo o que você pedir, Harlow. Tudo o que você pedir – repeti.

Ela apertou a minha mão.

– Não consigo tirar da cabeça a imagem do meu pai falando com ela. Ele foi tão gentil e doce. Kiro nunca é gentil. Pensar nisso faz meu coração doer outra vez.

– O que posso fazer para que você se distraia um pouco? Sou péssimo para contar piadas, mas canto muito bem, então é tudo o que tenho a oferecer no momento.

Harlow sorriu, mas ficou calada. Continuou olhando fixamente para mim, dificultando minha concentração na estrada.

Quando entrei numa longa reta, pude olhar para ela com mais frequência. Era difícil me controlar. Harlow se aproximou e colocou a mão entre as minhas pernas. Meu corpo ficou imóvel, e meu foco foi pelos ares. Agarrei o volante com as duas mãos e tentei manter a respiração estável. Ela colocou a boca na minha orelha antes que eu pudesse formar palavras e sua mão estava acariciando meu pau, instantaneamente duro, através da calça jeans.

– Pare o carro – ela pediu antes de beijar o meu pescoço, dando uma lambida. *Putá merda*. O que ela estava fazendo?

– Harlow, querida, o que você pretende? – perguntei. Sabia que ela estava tentando encontrar algo que tirasse sua mente dos acontecimentos traumáticos do dia, mas não tinha certeza se essa era a melhor coisa a fazer. Embora meu pau discordasse veementemente do que eu estava pensando.

– Preciso que você me faça esquecer o dia de hoje – disse ela num sussurro rouco.

Ah, droga. Era uma péssima ideia, mas a mão dela ali transmitia uma sensação tão boa. Decidi parar o carro. Pelo menos eu poderia me concentrar o suficiente para conseguir conversar com ela. O acostamente logo apareceu.

Harlow se debruçou sobre o assento. Pensei que ela tivesse mudado de ideia até que a vi desabotoando a calça e se despiando, junto com a calcinha que eu já tinha visto hoje.

Fiquei paralisado e em choque até que ela se movimentou sobre o banco e montou no meu colo, levantando a camisa para tirar os seios do confinamento.

– Vai me fazer implorar? – perguntou, sentada ali, olhando para mim.

Implorar? O que eu poderia dizer? Não conseguia lembrar.

– Harlow, não acho que isso é o que você realmente quer – consegui dizer.

– Por favor. Não me venha com sermão agora. Estou cansada de ouvir o que as pessoas decidem por mim. Sou uma mulher adulta e, nesse momento, preciso que você me ajude a esquecer, que me dê outra coisa em que pensar.

Olhei nos olhos dela e a dor que havia ali me arruinou. Como poderia dizer não? Ela precisava de mim. Não foi por isso que vim? Para apoiá-la sempre? Mesmo que meu cérebro insistisse que aquilo seria uma péssima ideia, segurei o rosto dela entre as mãos, acariciando sua face ainda molhada. Ela era especial.

– Vou fazer o que você quiser – falei, antes de pressionar minha boca junto à dela.

Senti sua doçura e desejei poder acabar com toda a sua tristeza. Beijando os cantinhos de sua boca, passei a língua pelo lábio inferior dela e tremi quando ela gemeu. Ela enfiou a língua dentro da minha boca e foi sua vez de saborear.

Eu poderia fazer isso por horas. Antes, isso era tudo o que fazíamos, e eu amava cada minuto. A intimidade e a conexão que tínhamos eram as coisas mais poderosas que eu já vivenciara. Até estar dentro dela.

Harlow movimentou o quadril sobre mim e eu escorreguei a mão por entre suas pernas. A umidade que encontrei ao tocá-la me surpreendeu. Tinha me preocupado, achando que ela

estivesse forçando o sexo apenas para esquecer a dor, mas ela estava preparada, e o gemido de satisfação que vibrou junto à minha boca me implorava por mais.

– Sim, isso é bom. Quero mais – pediu ela quando começou a cavalgar em cima da minha mão. Minha nossa, de onde veio isso? Eu ia gozar de calça e tudo se continuasse assim.

Tirei a mão e ela resmungou em protesto, até que me viu arrancando rapidamente a calça.

– Ah – suspirou, excitada, e me agarrou com as duas mãos, esfregando a ponta da cabeça intumescida do meu pênis com o polegar. Segurei suas mãos.

– Gata, você está pelada e me implorando para te tocar. Estou prestes a explodir. Não me toque. Por melhor que seja, estou perto demais.

A testa franzida se transformou em compreensão ao processar minhas palavras e ela arregalou os olhos, surpresa.

– Está dizendo que já vai gozar?

Porra! Ela precisava ter dito essa palavra? Esse linguajar saindo daquela boquinha ia me matar.

– É. Estou muito perto.

– Quero ver.

– Harlow, meu doce, faz muita sujeira, e estamos dentro de um carro. Prometo que deixo você ver ao vivo e em cores, se quiser, mas não aqui, onde não tenho como limpar.

Ela olhou para a bolsa.

– Tenho lenço de papel.

Ela estava falando sério? Ou eu tinha morrido e ido para o céu, onde anjos de boca suja pediam para me ver gozar?

– Por favor, Grant. Quero brincar com ele até você gozar. Eu limpo tudo depois – implorou ela.

Rangi os dentes e meu pau pulou nas mãos dela. Ele gostou muito da ideia. Até demais. Não teria que mexer muito.

– Pensei que você quisesse foder – consegui dizer.

– Eu quero. Podemos foder depois que eu terminar aqui. Podemos deixá-lo duro de novo, não?

Olhei para sua bocetinha nua e vi que, sim, facilmente ficaria duro de novo.

– Sim, você consegue. Com toda a certeza do mundo.

Ela ficou radiante e tentou alcançar a bolsa, esfregando aquela bundinha redonda na minha cara. Apertei uma nádega, e Harlow soltou um gritinho antes de se sentar no meu colo outra vez.

– Viu? – disse, mostrando a caixa de lenços de papel. Colocou-a no painel do carro e voltou as mãos à minha ereção. Apoiei a cabeça e fechei os olhos. Se eu ficasse olhando, teria que lidar com o constrangimento de gozar rápido demais. E minha menina queria brincar.

– É tão macio. Achei que seria áspero, ou algo do tipo, mas a pele é macia, mesmo estando duro e parecendo inchado. Dói?

Não acreditei. Puta merda.

– Dói um pouco, mas é uma dor boa, e o que você está fazendo é muito bom. Bom pra caralho.

– Sério? – perguntou com inocência e eu olhei para ela.

Harlow fitava o meu pau e brincava cuidadosamente com ele. Desse jeito, eu perderia a cabeça. Peguei a mão dela e posicionei onde interessava.

– Aperte aí – instruí.

Ela obedeceu, mas não com força suficiente.

– Com mais força, gata.

Agora, sim.

– Certo, faça de cima para baixo desse jeito. – Segurei a mão dela, ainda apertando com força, e mostrei o movimento. – Se continuar assim, vou gozar bem rápido.

Harlow mordeu o lábio inferior e se concentrou em seguir minhas instruções. Eu não conseguia parar de olhar para ela. Era tão sexy. Toquei a umidade entre suas pernas, fazendo-a parar por um instante e gemer de prazer.

– Se você pode brincar, eu também posso.

– Certo – disse ela, suspirando e me puxando com mais força enquanto eu passava o dedo em volta do seu clitóris, sentindo-o intumescer sob meu toque.

– Ah, isso... isso é tão bom – gemeu, me puxando com mais força.

Eu precisava sentir o sabor dela. Levei os dedos à boca e chupei aquela umidade enquanto ela me observava. Sua língua veio e lambeu meus lábios. Minhas bolas subiram e eu soube que tinha chegado lá. Comecei a me cobrir para evitar que espirrasse nela, mas, como Harlow queria ver, joguei a cabeça para trás e gritei o nome dela ao gozar, sem proteção, nas mãos dela.

Ela ficou surpresa, mas continuou me segurando enquanto eu ejaculava sobre suas mãos e seus braços. Meus quadris se movimentavam, desfrutando da sensação do orgasmo. Quando ela tocou a ponta da cabeça, para sentir a porra que ainda saía lentamente, agarrei-a pelo pulso e praguejei.

– Pare, gata. É sensível demais.

A respiração dela era rápida e entrecortada como a minha. A masturbação a deixara excitada. Olhei para as mãos de Harlow e vi que estavam melecadas. Mas ela não se limpava. Seus seios balançavam com cada respiração profunda. Merda. Já estava ficando de pau duro de novo.

Peguei os lenços e comecei a secá-la.

– Posso fazer de novo outro dia? Gostei. Gostei da cara que você fez quando gozou. – Com aquela confissão brusca, meu pau, já agitado, começou a subir.

Só ela para conseguir isso.

– Gata, fique à vontade sempre que quiser me tocar. Pode fazer o que quiser com ele.

Ela sorriu, levou a mão que eu não havia limpado à boca e lambeu o dedo. Parei de me mexer. Prendi a respiração.

– Gostei do sabor – disse ela antes de dar mais uma lambida.

Eu tinha morrido. Era a única explicação. Tinha morrido e ido parar num lugar onde anjinhos safados davam vida às fantasias dos homens.

– Na próxima vez você vai gozar na minha boca – ordenou ela, estendendo os braços para que eu terminasse de limpar.

– Se queria que eu ficasse de pau duro de novo, conseguiu – comuniquei, pegando uma

camisinha na carteira. – Não aguento você falando desse jeito. Agora preciso de você. – Levantei seus quadris e a sentei em cima de mim, fazendo-a gritar.

– Quer brincar com o meu pau, gata? Então pode brincar – falei, erguendo-a e a puxando de volta para baixo.

– Isso! – Ela jogou a cabeça para trás e enfiou os peitos na minha cara. Os dois mamilos grandes e rosados imploravam para que eu os agarrasse. Coloquei um deles na boca e comecei a chupá-lo. Ela segurou a minha cabeça. – Mais forte. Chupe mais forte – pedi, e eu mordi o bico intumescido, incapaz de me controlar.

– Grant! É maravilhoso. Mais! – implorou ela quando troquei de seio.

Harlow começava a assumir o controle, erguendo os quadris e baixando com força.

– Era isso que você queria? – perguntei enquanto ela me cavalgava.

– Sim! – gritou.

– Quero que me diga. Me diga o que você quer. – Eu precisava ouvir sacanagem daquela boquinha doce.

Ela abriu os olhos e olhou bem para mim, depois passou a língua sobre os lábios.

– Eu quero que você me coma – falou lentamente, pronunciando todas as sílabas, e eu soltei um gemido irreconhecível e comecei a meter nela com toda a força. Seus peitos balançavam na minha frente, tornando a cena ainda mais erótica.

Nunca havia imaginado Harlow dessa forma. Mas bem que gostei. Ela acabara de transformar um sexo incrível em algo alucinante.

– Vou gozar – avisou, agarrando o meu cabelo e enterrando meu rosto nos seios. Gostei muito de ficar ali. Dei uma mordidinha neles e ela gritou meu nome e estremeceu. Arranhou minhas costas de novo e repetiu meu nome inúmeras vezes.

Agarrei seus peitos e os apertei quando atingi o orgasmo e meti nela, desejando não haver barreiras. Queria marcá-la como minha. Não a dividiria com ninguém. Nunca.

Harlow

Eu era uma vagabunda. Ou o trauma me transformou em uma. Não tinha certeza. Não conseguia olhar para Grant, uma vez que praticamente o havia estuprado, então voltei ao meu assento e vesti a calça. Ele ficou com a mão na minha perna, ou de mãos dadas comigo, mas não me obrigou a falar.

Imaginei que ele não tinha percebido que eu era uma vadia ou se sentia pena de mim. Meu rosto corou quando me lembrei de Grant gozando nas minhas mãos e eu provando o sabor dele. Eu sabia o que eram boquetes. As mulheres deviam gostar de fazer. Então estava curiosa. Mas, depois de tudo aquilo, fiquei envergonhada. Eu não era assim. Não era do meu feitio. Só precisava me lembrar de que estava viva. Grant me fazia sentir viva, de um jeito que nada poderia me atingir.

Mas tinha feito isso hoje, e foi ótimo. Ele fez com que eu me sentisse bem. Meu seio esquerdo ainda ardia por causa da mordida. Tentei não sorrir ao pensar na boca dele deixando uma marca no meu peito. Gostei demais daquilo.

Talvez eu gostasse de ser uma vagabunda. Estava constrangida, claro, mas me sentia muito bem. Meu corpo ainda estremecia com o orgasmo que tive.

– Você vai ficar aí sentada, em silêncio, sorrindo dessa forma até chegarmos? Porque, se for, vou ter que encostar o carro de novo.

Eu ri e me virei para ele. Grant me observava com aquele sorriso sexy no rosto.

– Eu não estava sorrindo.

Ele voltou a olhar para a estrada.

– Sim, meu doce, você estava sorrindo como uma menina muito feliz.

Grant tinha razão. Eu estava feliz. Como podia me sentir assim depois de tudo o que havia descoberto? Nunca pensei que seria feliz outra vez quando saí daquele lugar. Mas Grant estava lá, e me deixou chorar em seu peito. Ele me fizera feliz.

– Obrigada – finalmente agradeci.

Grant voltou a me fitar e franziu a testa.

– Por favor, diga que não acabou de me agradecer pelo sexo.

Balancei a cabeça.

– Não. Bem, foi incrível, mas não. Eu estava agradecendo por você ter ido me buscar. Por me apoiar.

A mão dele deslizou pela minha coxa e pegou minha mão novamente.

– De nada.

Eu não conseguia entender. Duas semanas atrás pensei que ele fosse um tarado que não

queria nada além de sexo e que, quando conseguiu me desvirginar, fora embora. Depois achei que ele estivesse a fim da Nan. Mas agora... agora eu não compreendia mais nada. Saiu comigo no meio da noite para ir até Las Vegas encontrar meu pai. Então foi atrás de mim para eu não ficar sozinha quando mais ninguém pensara em agir assim. Então tivemos a transa mais incrível do mundo. Não tinha nenhum parâmetro para comparar, mas ninguém poderia ser melhor que Grant.

– Por que você está aqui? – perguntei. Eu precisava saber. Se fosse pelo sexo, eu não me privaria, porque eu bem que gostava daquilo. Não, eu amava. Ele era viciante. Mas tinha que preparar meu coração e minhas emoções.

– Porque você está – respondeu ele.

Não fazia o menor sentido.

– Eu não entendo – disse a ele.

Grant apertou minha mão.

– Eu estraguei tudo. Fiquei com medo e estraguei tudo. Então fugi, porque é o que costumo fazer. Estou sempre fugindo. Mas quando vi você na cozinha da casa da Nan, percebi que desejava ficar. Só precisava criar coragem. Por você, vale a pena enfrentar demônios.

Fiquei lá sentada, incapaz de pensar numa resposta para a declaração. Grant Carter era conhecido por sua beleza, corpo sexy, tatuagens e bom papo. Isso não era segredo nenhum. Eu mesma já havia escutado os rumores e fora alvo da lábia dele mais de uma vez.

Por mais que quisesse acreditar no que ele estava dizendo, eu era uma garota esperta. Já tinha me queimado. Minha avó sempre dizia: *Se você me enganar uma vez, o erro é seu. Se me enganar duas, o erro é meu.* Tentava viver de acordo com esse lema. Mas Grant tornava tudo mais difícil.

– Eu não confio em você. Posso nunca mais conseguir confiar. Mas gosto de você. Você me faz sorrir quando mais preciso. Não quero me afastar. Quero mais... Bem, você sabe. Só não posso prometer que um dia vou esquecer o que aconteceu.

Grant não respondeu de imediato, e eu imaginei que ele fosse me expulsar do carro, me largar na pista. Não poderia culpá-lo. Eu era mais difícil do que ele imaginava.

– Você vai voltar a confiar em mim – foi tudo o que disse. Não soltou a minha mão, e eu não discuti mais. Não havia motivo.

Mase me ligou quando estávamos chegando a Las Vegas. A mãe dele telefonara para avisar que o padrasto tinha quebrado a perna ao cair do trator. Meu irmão pegou um avião comercial para voltar a Rosemary, resgatar seu carro e ir para casa. Queria me esperar, mas disse que sua mãe parecia cansada e preocupada. Ele precisava ajudá-la, depois voltaria para ficar comigo. Parecia chateado e perguntou como eu estava depois de ter visto minha mãe. Garanti a ele que estava bem, e que Grant estava comigo. Isso não o acalmou.

– Tome cuidado com esse cara. Por que não vem para o Texas comigo? Posso ajudar minha mãe e cuidar de você.

Mase tinha boas intenções, mas eu não me mudaria para o Texas. Não agora. Queria saber como ficariam as coisas com Grant antes. Expliquei que retornaria a Rosemary e ligaria se

precisasse dele. Mas disse que ele devia cuidar da mãe e do padrasto no momento. Mase respondeu aliviado e disse que voltaria a Rosemary assim que possível.

Grant pareceu ficar veladamente satisfeito com a partida do meu irmão. Não fiz comentários a respeito, no entanto. Dean se desculpou por ter me contado tudo daquela maneira. Eu o abracei e fiz questão de dizer que estava tudo bem. Eu precisava saber, e fiquei feliz por ver meu pai com minha mãe. Nunca teria acreditado se não tivesse visto. Mas Grant não falou com Dean, e eu achei aquilo estranho.

Quando estávamos no jatinho a caminho de Rosemary, percebi que não dormia havia mais de 24 horas. Grant pareceu ler minha mente. Pegou meu braço, me levou para o quarto e começou a tirar meus sapatos.

– Deite-se – disse ele com um sussurro rouco. E eu me deitei. Não pretendia discutir.

Ele tirou as botas, deitou-se ao meu lado e me puxou para junto do peito. Não falamos nada, e não foi preciso. Parecia a coisa certa. Fechei os olhos e deixei a exaustão assumir o controle.

Grant

Dormimos durante todo o voo. No caminho de volta para a casa de Nan, parei numa lanchonete para comprar café e sanduíches. Harlow estava linda, mesmo desgrenhada, e eu não conseguia manter os olhos na estrada por causa dela.

Quando parei na entrada para carros, fiquei imediatamente irritado ao ver o automóvel de Nan. Claro, já era noite e a casa era dela, mas tive esperanças de que ela tivesse saído e eu pudesse dormir com Harlow sem problemas.

Estacionei a picape e desliguei o motor, virando-me para Harlow: – Vou dizer de uma vez. Quero entrar e voltar para a cama com você, dormir mais um pouco. Não estou nem aí se Nan mora nesta casa.

Harlow olhou para a casa, depois para suas mãos e suspirou.

– Não sei se é uma boa ideia. Ela não vai aceitar muito bem se vir nós dois juntos.

Segurei seu queixo para que me olhasse nos olhos.

– Não importa. Não vou permitir que ela a machuque. E não vou deixar que ela assuma o controle do nosso relacionamento.

– Mas uma semana atrás você estava na cama dela – argumentou Harlow. A dor ao se lembrar do que acontecera fez com que eu me odiasse.

– Eu estava bêbado e fui um idiota. Não significou nada. Com você, sempre significa alguma coisa.

Harlow sorriu para mim e abriu a porta da picape.

– Acho que Nan vai acabar sabendo. Não precisamos esconder nada – disse ela, descendo do carro.

Não esperei que mudasse de ideia. Peguei nossas malas e saltei.

Harlow olhou para trás enquanto subia as escadas e eu apreciei a vista daquela bunda no jeans apertado.

– Você vai dormir de cueca? – perguntou.

Eu não tinha pensado nisso. Dei de ombros.

– Sim, provavelmente.

Ela sorriu.

– Que bom. Acho que você fica bem de cueca – disse ela, chegando ao topo da escada.

É, eu estava sorrindo, mas também pensei em como ela ia dormir. De repente, dormir era a última coisa que me passava pela cabeça.

Harlow abriu a porta e nós entramos. Percebi que ela tentava não fazer barulho, mas,

sinceramente, eu não dava a mínima. A menos que Nan saísse gritando e acabasse com minhas chances de presenciar Harlow usando aquele pijaminha lindo que vi no primeiro dia.

Quando chegamos ao quarto de Harlow, ela fechou e trancou a porta, depois olhou para mim.

– Preciso tomar um banho. Estou com nojo de mim mesma depois de tanto tempo de viagem.

– Eu também preciso – respondi, e abri a porta do banheiro para ela. Harlow parou, olhou para a porta, depois para mim.

– Nós vamos... Você vai... – Ela fez uma pausa e se esforçou para não rir.

– Meu doce, se o seu corpinho sexy vai entrar naquele chuveiro, eu também vou. Essa é uma visão que eu não quero perder.

Harlow parecia em dúvida e eu me perguntei o que haveria de errado.

– Eu... Isso parece tão pessoal. Não sei se consigo.

Será que ela sempre me deixaria com vontade de rir? Minha nossa, esperava que sim. Mesmo se não fosse tão perfeita por fora, bastaria o fato de ser tão adorável.

– Gata, já vi você completamente nua em cima da bancada de um banheiro, com as pernas abertas, e enfiei a cara no meio delas. Nada pode ser mais pessoal do que isso.

Ela baixou a cabeça e eu escutei uma risadinha.

– É, acho que você tem um bom argumento.

– Ah, sim, tenho um bom argumento. Agora entre aí e tire a roupa, assim posso ajudá-la a se lavar – falei.

Ela entrou no banheiro e eu a segui. Nem tentei esconder o fato de que a observava tirar cada peça de roupa. Nunca perdia a graça.

– Vai lavar as minhas costas? – perguntou ela com um tom provocativo enquanto tirava a calça.

Sorri e tirei a camisa.

– Claro, eu lavo suas costas. Mas também vou lavar esses seus peitões e aquela bocetinha de que gosto tanto.

Ela fechou bem os olhos.

– Odeio quando você fala assim.

Rindo, deixei a calça cair e abri o chuveiro. A formalidade era parte da sensualidade. Era o máximo saber que a Srta. Certinha era capaz de lambe os dedos melados com a minha porra.

Eu me virei e a vi parada atrás de mim, olhando para a minha bunda. Harlow tinha os braços diante do peito – como se pudesse cobrir qualquer coisa.

– A água está quente, vamos. – Estendi a mão e ela deu um passo à frente, segurando minha mão e deixando os seios livres. Eles balançavam tanto que meu pau começou a lhes dar atenção.

– Harlow? – chamei.

– O quê?

– Vou foder você todinha nesse chuveiro. Se não fizer isso, não vamos conseguir dormir naquela cama.

Sua respiração ficou rápida. Era exatamente o que eu queria.

– Não sei como fazer isso.

– Confie em mim, gata. Eu sei.

Ela ficou tensa e se virou para a água, de costas para mim. O que diabo eu tinha feito agora? Toquei os braços dela para evitar colocar as minhas mãos em outros lugares.

– O que houve?

Ela deu de ombros e se afastou um pouco mais, inclinando a cabeça para deixar a água morna correr sobre seu rosto e cabelos. Esqueci o que estava fazendo por um instante. Só fiquei observando, fascinado. Tinha certeza de que podia passar o resto da vida ali parado, assistindo a isso.

Quando ela recuou e passou as mãos pelos cabelos, eu a agarrei e a puxei na minha direção.

– Ainda não sou capaz de ler mentes, Harlow. Preciso que me diga o que há de errado. Seu corpo está denunciando a tensão.

Esperei que permanecesse em silêncio, mas ela falou:

– Talvez eu não goste de lembrar que você transou com um monte de outras mulheres antes de mim.

Ah, droga.

Não havia pensado nisso.

Nenhuma garota se importou com isso antes.

Eu era um idiota.

Virei-a de frente para mim. Seus cílios molhados ficaram grudados e a água escorria por sua pele lisa. Eu a deixara insegura. Não era minha intenção.

– Desculpe. Não devia ter dito isso. Não achei que fosse problema, mas entendo por que está chateada. Não posso mudar o passado – expliquei, tocando seu rosto porque não podia mais me conter. – Mas você é diferente. O que estamos fazendo é diferente.

Harlow apertou os lábios e apoiou a cabeça na minha mão como um gatinho.

– Odeio não saber o que fazer. É incrível estar com você, mas não sei muito mais além disso. Não tenho experiência, então não faço ideia de como lhe dar prazer. Não posso competir com o seu passado.

Ela realmente não fazia ideia. Eu a puxei para perto de mim.

– Minha nossa, Harlow. Você vai me matar – disse, abraçando-a enquanto tentava conter minhas emoções. – Sexo é uma forma de ter prazer. Nunca significou outra coisa para mim. Só um modo de me sentir bem. Nunca o vi como nada além disso antes. Só dei e obtive o que necessitava. E talvez eu quisesse isso quando a vi pela primeira vez. Naquela festa de noivado, vi aquelas suas pernas e desejei ter você nua, debaixo de mim. Não vou mentir. Mas depois que a conheci... experimentei algo precioso. Queria guardar e tocar o que encontrei de especial ali.

Eu me afastei e olhei para ela.

– Quando estive dentro de você pela primeira vez, percebi algo que nunca havia sentido antes, e foi assustador. O prazer não foi superficial e eu não saí ileso. Alguma coisa dentro de mim mudou e eu fiquei viciado. Em você. Não tenho outra explicação para dar no momento. Mas jamais se compare a alguém com quem estive, porque você é tudo o que eu quero, tudo o que eu vejo.

Harlow não respondeu. Em vez disso, beijou meu peito e foi descendo até estar de joelhos na minha frente. Ela olhou para mim por entre os cílios molhados.

– Não sei como fazer, mas só consigo pensar nisso desde que transamos no carro.

Esqueci de soltar o fôlego quando ela colocou as mãos em mim e apertou meu pênis exatamente como eu tinha ensinado.

– Qualquer coisa que fizer será perfeito – consegui dizer.

Meu plano era lavar seu corpo e deixá-la enlouquecida antes de pressioná-la contra a parede e meter meu pau duro dentro dela. Mas ela queria me chupar. Como consegui isso? O que fiz de tão bom para merecer essa recompensa? Harlow não existia para caras como eu.

Todos os pensamentos foram interrompidos quando sua boca quente me envolveu e ela começou a chupar como se soubesse exatamente o que estava fazendo. Não havia padrão ou ritmo. Ela simplesmente o enfiou na boca como se fosse um picolé. Não a guiei nem nada. Nossa, eu queria estar dentro dela, mas, se ela melhorasse o desempenho, não conseguiria foder no chuveiro.

Harlow lambeu a cabeça do meu pênis e olhou para mim, sorrindo.

– Estou fazendo certo? – perguntou.

Percebi que estava prendendo a respiração e puxei um pouco de ar.

– Nenhuma fantasia pode ser comparada ao que estou sentindo.

Ela abriu a boca e começou a envolvê-lo novamente. Eu não podia permitir que ela me fizesse um boquete agora. Queria penetrá-la. Estava mais do que disposto a deixá-la ter outra experiência pelo tempo que quisesse, ou até eu explodir.

– Levante-se – pedi.

Ela o deixou escapar da boca e resmungou. Ficou de pé, franzindo a testa sem entender nada. Peguei o rosto dela e cobri sua boca com a minha. O sabor almiscarado nos lábios fez meu pulso acelerar. Era eu. Ela estava com o meu gosto.

Agarrei seus quadris e a pressionei contra a parede, abrindo suas pernas e afundando em seu calor apertadinho.

– Meu Deus! – gritou ela, agarrando os meus braços.

Eu a levantei e comecei a meter enquanto ela gemia e implorava por mais. A Harlow certinha e contida desaparecia. Era a minha garota doce e selvagem. Quando ergueu o joelho, envolveu minha cintura com a perna e fincou as unhas nas minhas costas, soube que ia gozar.

Eu não estava usando a maldita camisinha. Merda!

Harlow gritou o meu nome e eu me segurei quando ela atingiu o orgasmo. Ela rangeu os dentes e me segurou. Quando começou a me apertar com sua fenda estreita, tirei o pau e ejaculei nas coxas dela.

Ela ainda me abraçava, mas ficou imóvel quando o calor do sêmen escorreu-lhe pelas pernas. Harlow arregalou os olhos. Só agora percebera que tínhamos transado sem proteção. Pelo menos eu sabia que não tinha nenhuma doença.

– Não tenho nada. Eu juro. Faço exames regularmente e sempre uso camisinha.

– Tem certeza? – perguntou ela, ainda paralisada.

– Absoluta.

Eu nunca tinha transado sem camisinha.

– Me deixe limpá-la – falei, dando um passo para trás.

Ela olhou para as pernas e voltou o olhar para mim. Um pequeno sorriso tocou seus lábios.

– Eu me sinto meio marcada.

Parei de procurar o sabonete e a encarei. Ela tinha mesmo dito aquilo?

– Se gosta de ser marcada, vou marcá-la sempre que quiser – avisei, antes de pegar o sabonete. – Vire-se. Vou começar pelas costas.

Harlow

Quando abri os olhos, Grant me envolvia em seus braços e eu estava aquecida, acomodada junto a seu peito. Olhei para a porta fechada. O relógio ao lado da cama marcava onze horas da manhã. Com certeza, àquela altura, Nan já devia ter acordado. Será que eu estava pronta para enfrentar isso?

– Pare de pensar tanto – murmurou Grant, ainda dormindo.

Ele não estava nem um pouco preocupado com Nan. Eu não entendia o relacionamento deles. Se fosse esperta, eu não estaria abraçada na cama com alguém que teve qualquer tipo de relacionamento com Nan. Mas ter força de vontade para ignorar o sorriso sensual e a lábia de Grant era quase impossível.

– Não vou deixar que ela faça nada para machucá-la – disse Grant junto ao meu cabelo.

Não era com isso que eu estava preocupada. Podia enfrentar Nan se fosse preciso. Estava mais concentrada em fazer uma escolha que acabaria partindo meu coração. Eu poderia amar Grant? Estaria me apaixonando por ele? Amá-lo seria justo comigo?

Sim. Eu tinha certeza de que podia amá-lo. Mas não estava apaixonada por ele no momento. Era simplesmente uma atração, talvez uma paixão. Ele sorria e eu fazia coisas idiotas. Isso podia ser considerado paixão, não é? E se ele não estivesse apaixonado por mim, eu sofreria por amá-lo? Mesmo que ele ainda não soubesse do meu segredo?

– Vire-se e olhe para mim – pediu ele, afrouxando seu abraço para eu conseguir me mexer.

– Por quê? – perguntei.

– Porque não gosto de onde seus pensamentos estão. Preciso dar um jeito nisso – respondeu.

Ele não fazia ideia de onde estavam meus pensamentos. E ele tinha que parar de querer resolver tudo para mim.

– Não estou preocupada com Nan – disse a ele. Certo, talvez estivesse um pouco. Não gostava de confrontos, e o que me esperava quando saísse do quarto seria drástico.

– Então por que está tão quieta?

– Estou tentando entender o que estamos fazendo. Se estou me metendo numa possível dor de cabeça para o futuro – respondi com sinceridade. Não havia motivos para mentir para ele. Eu não gostava de fingimento.

– Vire-se para mim – resmungou Grant, puxando meus braços dessa vez.

Era uma péssima ideia. Ele ficava ainda mais lindo com cara de sono. Seus olhos não estavam totalmente abertos, o que só deixava os longos cílios mais em evidência. E o cabelo estava todo bagunçado. Dava vontade de passar as mãos nele.

– Não costumo ter relacionamentos. O mais próximo disso foi o que tive com Nan, e só

porque ela estava muito carente. Eu gostei de ser necessário. Ninguém nunca precisou de mim antes. Ela, sim. Mas ela também era louca pra caralho e sem coração, e isso acabou com tudo. Então o que eu e você estamos fazendo é uma novidade para mim.

Percebi que Grant estava sendo sincero. Ele continuou:

– Eu nunca quis acordar e ficar abraçado com alguém. Nunca senti falta de uma mulher quando ela não estava por perto. Só consigo pensar em você, Harlow. Eu também não sei aonde vou chegar, mas quero muito ir até lá se for o lugar onde você vai estar. Você está preocupada se vai sofrer, mas acho que não entende que está com todas as cartas na mão, meu doce. Com todas as malditas cartas.

Fiquei olhando para ele e deixei que suas palavras assentassem. Por que eu? O que eu tinha que fazia esse homem querer fazer algo que nunca havia feito antes? Será que eu era carente? Será que ele achava que eu precisava dele? Porque eu era uma pessoa bem independente.

– Eu não sou carente – falei.

Ele sorriu.

– Já percebi isso. Mas eu sou... pelo menos no que diz respeito a você.

E lá se foi minha resolução de fortalecer um dos muros que eu havia construído ao meu redor. Em vez disso, ele ruiu um pouco mais. Esse cara sabia exatamente como me enfraquecer.

Comecei a falar de novo, mas ouvi uma batida forte na porta.

– Grant Carter, seu inútil, saia JÁ daí!

E lá estava Nan.

Pulei da cama, grata por não estar nua, e sim de pijama, como Grant havia pedido.

– Ela já descobriu – sussurrei.

Grant suspirou e deitou de costas como se não se importasse:

– Vá embora! – gritou ele em resposta.

Ela voltou a golpear a porta.

– Eu não vou embora, seu cretino! Saia daí agora! Não vou deixar que ela faça isso. Harlow já tem tudo, por que diabo tem que ter você também? Vadia idiota!

Arregalei os olhos. Nunca havia sido chamada assim, e não sabia como reagir.

Grant pulou da cama e foi direto para a porta. O olhar assassino em seu rosto me fez recuar até a parede.

Talvez eu não fosse tão corajosa quanto pensava. Grant era um cara calmo, então eu nunca tinha visto ele tão... *puto*.

Ele abriu a porta de uma vez. Depois tentou alcançá-la. Eu o vi agarrá-la pela camisa e puxá-la para perto de seu rosto.

– Nunca mais fale dela assim. Está entendendo? Nunca mais. – Ele a soltou e Nan cambaleou para trás. Depois ele fechou a porta na cara dela. O som da tranca ecoou no silêncio que se formou entre nós. Acho que ele também a silenciou pelo choque.

Os ombros dele subiam e desciam enquanto ele mantinha uma das mãos na porta e olhava fixamente para o chão.

Não me mexi nem falei nada.

Finalmente, ele se virou para mim e a raiva que eu tinha visto desapareceu. Ele voltou a se

parecer com Grant. O Grant divertido e tranquilo.

– Sinto muito – disse ele simplesmente.

Eu não sabia o que responder. “Tudo bem” não parecia algo correto para se dizer nesse momento. Apenas assenti com a cabeça.

– Ela só quer machucar você. Tentei falar com ela e ajudá-la a ver que nada disso é culpa sua, mas Nan não me ouve. Se eu pudesse amordaçá-la, faria isso.

Uma imagem mental de Nan amordaçada me fez sorrir. Grant também sorriu para mim e se aproximou.

– Ela nunca devia ter falado de você daquele jeito. Você está muito longe de ser uma vadia, e ela sabe muito bem.

Ele falava de Nan ter me chamado de vadia. Foi isso que o irritou?

– Acho que você a assustou. Ela ficou caladinha. – Eu não tinha certeza nem se ela ainda estava lá.

Grant franziu a testa, frustrado.

– Ela não terminou. Está muito zangada para reagir agora. Nunca fui tão duro com ela. Normalmente saio andando e apenas a deixo falando sozinha. Mas aquilo... – Ele balançou a cabeça. – Ainda vai ter que processar toda aquela merda.

– Você está tentando resolver as coisas de novo? – perguntei, pensando no porquê ele achava que tinha que resolver todos os meus problemas.

Grant sorriu e se abaixou para beijar o canto da minha boca.

– Não, meu doce, só estou corrigindo um erro. Ninguém pode consertar a sua irmã.

Eu tinha receio de que ele estivesse certo.

Grant

Só queria que Harlow ficasse nua e voltasse para a cama. Mas eu estava atrasado para o trabalho e ambos precisávamos sair do quarto para acabar com o circo armado pela Nan.

Deixei que ela se vestisse enquanto eu me lavava no banheiro. Não podia vê-la se trocar porque acabaríamos voltando para a cama. Dane-se o trabalho. Quando já estávamos vestidos, abri a porta do quarto dela devagar, para o caso da Nan estar parada lá fora, esperando para atacar.

Harlow esperou atrás de mim e tive quase certeza de que escutei um suspiro de alívio quando vimos que o corredor estava vazio. Peguei na mão dela quando saímos do quarto e fomos até a escadaria. Não achava que Nan ia pular de um canto e dar o bote, mas queria manter Harlow o mais perto possível de mim.

Eu não deixaria Harlow ficar sozinha até estar seguro de que Nan havia superado essa história. Não sabia o que ela podia dizer e não ia permitir que soltasse os cachorros em cima de Harlow sem mim ali para protegê-la.

– Está com fome? – perguntei ao chegarmos ao último degrau sem encontrar Nan.

Harlow deu um pulo quando algo fez um barulho alto na cozinha. Achei que não comeríamos aqui.

– Eu, hum... acho que não é uma boa ideia – respondeu ela, olhando para a cozinha.

– Quer sair? – perguntei.

Harlow balançou a cabeça.

– Não. Eu moro aqui também. Quero tomar café antes de sair. Não vou me esconder. Essa casa também é minha.

O modo como ela endireitou os ombros me fez lembrar que por trás daquele rosto doce havia nervos de aço. Ela já tinha passado por muita coisa. Apenas concordei e a deixei conduzir o caminho.

Se ela ia tomar café, eu também ia.

Nan estava parada em frente ao micro-ondas e se virou para olhar para nós quando entramos na cozinha. Seus olhos caíram direto em nossas mãos, e a cara feia se transformou em puro ódio.

– Você só pode estar brincando. Sério, Grant? De mãos dadas? Minha nossa, você ficou louco – resmungou. Ela abriu a porta do micro-ondas e tirou uma pequena tigela.

Harlow soltou da minha mão e foi até a cafeteira. Tive que me controlar para não sair correndo atrás dela para protegê-la. Se ela queria fazer isso, eu tinha que deixar.

– Ele fica entediado rápido com o seu tipinho. Não sei o que está falando para você, mas ele gosta de emoção, coisa que você nunca vai poder dar. Não deixe seu coraçãozinho se envolver,

porque você não faz o tipo de Grant Carter – disse Nan com tom de voz desagradável enquanto Harlow preparava o café e a ignorava. Quando ela colocou a caneca sobre a bancada, virou-se e deu total atenção a Nan.

– Ele pode ficar entediado comigo, mas isso não é da sua conta. É problema meu – respondeu Harlow.

Eu nunca ficaria entediado com ela. Ela era tão fascinante que era impossível deixar alguém entediado.

– Grant gosta de sexo. Ele não é de ficar de mãos dadas, falando sobre seus sentimentos. Ele gosta de sacanagem. Bem aqui, nessa bancada, ele me derrubou, rasgou minha calcinha e me comeu. Ele adora isso, e vai voltar para ter mais.

É. Já era demais. Comecei a me aproximar de Harlow para tirá-la dali antes que Nan desse mais detalhes. Ela não lidava bem com lembretes sobre o passado da minha vida sexual.

– Então acho que você é a vadia da história, Nan. Não eu. Porque eu nunca lhe daria tantos detalhes. É desprezível. – Harlow pegou a caneca e se virou para mim: – Está pronto? – perguntou, como se Nan não tivesse acabado de fazer uma descrição de algo que eu não queria que ela soubesse.

– Hum, estou – respondi e voltei a olhar para Nan, que estava espumando. Aquilo só me fez sorrir. Nossa, minha doçura conseguia encerrar um assunto sem drama. Quanta classe.

Abracei-a pela cintura e a levei até a porta, onde ela pegou a bolsa e as chaves. Quando saímos, Harlow se afastou de mim e me encarou.

– Isso acabou agora. Eu falei que podia enfrentá-la. Perdi a aula de tênis, então preciso falar com Adam e me desculpar. Obrigada por ter ido comigo ontem. Significou muito para mim – disse ela, beijando meu rosto e indo na direção do carro.

Que. Merda. É. Essa?

Corri atrás dela e peguei em seu braço para impedir que fosse embora.

– Ei, espere. O que foi isso? – Porque me pareceu um fora. E isso não podia acontecer.

Harlow sorriu para mim com tristeza e deu de ombros.

– Minha forma de me distanciar de você. Preciso disso.

Distanciar?

– O que diabo aconteceu? Achei que depois de ontem tivéssemos superado essa coisa de “distância”.

Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

– Eu não faço essas coisas. Nunca fiz. Talvez por isso a imagem de você arrancando a calcinha da Nan sobre a bancada vai ficar gravada no meu cérebro para sempre. Antes, isso me incomodava. Agora, tenho detalhes. Então preciso manter certa distância.

Queria bater em alguém. Em especial numa certa ruiva que estava dentro daquela casa.

– Harlow, não faça isso comigo. Aquilo foi antes. Eu não sei. Eu estava perturbado. Foi depois de encontrarmos o corpo do Jace, e eu perdi a cabeça por um tempo.

– Sinto muito, Grant. Não posso. Venho protegendo meu coração há anos. Não posso agir diferente agora. Você é perigoso. É difícil resistir àquele sorriso sexy e às palavras doces, mas não posso deixar algo que possivelmente vai me destruir ao entrar na minha vida.

Não. Não mesmo. Ela não faria isso.

– Eu não vou me afastar. Quero você, Harlow. Só você.

Ela esticou o braço e passou o polegar sobre meu lábio inferior.

– Acredito em você agora. O que me assusta é quem você vai querer daqui a algumas semanas.

Harlow se virou, abriu a porta e entrou no carro. Eu não havia acabado de dizer que nunca sentira isso por outra pessoa? As palavras de Nan eram tão poderosas assim? Meu peito doía e coloquei o punho sobre ele para aliviar a dor. Eu não podia permitir que Harlow fizesse isso. Só precisava encontrar uma forma de provar a ela que estava falando sério. Completamente sério.

Harlow

Esprei que Adam terminasse a sessão com uma senhora que não reconheci. Tentei me concentrar em me desculpar com ele, e não no que havia acontecido com Grant pela manhã. O fato de eu ter reagido como uma namorada ciumenta estava me consumindo. Eu não era assim. Não me permitia usar algo como a vida sexual passada de alguém para puni-lo. Podia mentir a mim mesma e me convencer de que eu estava falando sério ao dizer aquilo, mas a verdade é que o fiz para me vingar dele. Por quê? Por transar com Nan? Quando havia me tornado uma pessoa tão superficial? Será que estava agindo como ela? Ah, minha nossa. Estava com náuseas.

Adam olhou para mim e eu sorri. Pensaria em Grant depois. Resolveria isso na minha cabeça. Ele não merecia o que eu tinha feito mais cedo. Estávamos vendo como as coisas se desenrolariam entre nós. Eu sabia sobre ele e Nan. Não era nenhum segredo. Havia escutado os dois na noite em que cheguei. Só tinha ficado possessiva e me tornado uma megera.

Estava horrorizada comigo mesma.

Adam terminou a sessão e esperou que a senhora fosse embora antes de sair da quadra. Ele se aproximou de mim.

– Está atrasada – repreendeu ele com um sorriso que eu não merecia.

– Dormi demais. Sinto muito. Ontem foi um dia muito cansativo. Tive que encontrar meu pai para resolver uns assuntos de família.

– Tudo bem. A vida é assim. Espero que esteja tudo bem.

Fiz que sim com a cabeça. Não estava, mas eu não pretendia contar a verdade a ele.

– Está tudo bem. Só fiz questão de explicar por que não vim. Não queria que pensasse que simplesmente dei o cano e não me preocupo com seu tempo.

Ele sorriu.

– Como espera que alguém fique frustrado com você? Alguém já ficou? Acho difícil acreditar.

Pensei em Nan. Ele não tinha ideia.

– Acontece – garanti a ele.

– Peça para virem falar comigo e eu dou um jeito nisso.

Adam era mesmo legal, e tão menos complicado que Grant. Mas não havia a empolgação e a paixão enlouquecedora que eu sentia.

– Eu estava indo comer. Quer almoçar comigo? Compensar por ter me deixado esperando? – perguntou.

Eu estava com fome. E seria bom ter companhia.

– Sim, eu adoraria – respondi.

– Ótimo. Pode ser no restaurante daqui?

Na verdade, eu nunca tinha comido no restaurante do clube.

– É claro – respondi. Só queria forrar o estômago. E não tinha frescura.

Ele estendeu o braço para mim. Tão gentil. Então Adam me conduziu pelas escadas, na direção das portas do clube.

A recepcionista obviamente gostava dele. Não conseguia parar de sorrir. Pensei que ela fosse tropeçar ao nos levar até uma mesa.

– O garçom virá atendê-los num instante – informou a Adam. Para aquela garota, eu nem existia.

Quando ela se afastou, peguei o cardápio e tentei esconder o sorriso.

– Você acha graça, não é? – disse Adam, sorrindo para mim.

Apertei os lábios para não gargalhar e concordei.

– Ela é bonita, e já saímos uma vez, mas não faz meu tipo.

Por isso a garota me ignorara. Apenas meneei a cabeça e tornei a consultar o cardápio.

– O chefe está em seu trono – sussurrou Adam, e eu ergui os olhos. Do que ele estava falando? Ele apontou levemente com a cabeça para a esquerda. – Está vendo aquele cara de cabelo escuro na mesa redonda, falando com Rush Finlay?

Eu não queria olhar. Principalmente se Rush estivesse lá. Ele me veria. Esperei um pouco e olhei rapidamente para trás. Rush não prestava atenção em nós. Conversava com o cara de cabelo escuro. Eu já o tinha visto antes.

– Sim – respondi.

– Aquele é o chefe, Woods Kerrington. Ele é dono de todo esse lugar. É um cara legal, se não pisarem no calo dele.

Ele era jovem. Queria olhar de novo para ter certeza de que vi a pessoa certa, mas não virei.

– Ele é novo? Parece muito jovem.

Adam confirmou.

– É, sim. Tem uns 25 anos. O clube era do pai dele, que morreu de ataque cardíaco há um tempão. Agora tudo pertence a Woods. Finlay é amigo dele e está no conselho de diretores. E há boatos de que Dean Finlay também esteja. Quando foi divulgado, foi muito bom para os negócios. Todos queriam ver o famoso baterista.

Eu não sabia de nada daquilo. Interessante.

– Boa tarde. Meu nome é Jimmy e vou atendê-los hoje. Desejam água mineral natural ou com gás?

Olhei para o loiro alto e atraente que sorria para mim.

– Eu adoraria uma água sem gás, por favor – respondi.

– Para mim também – disse Adam. – Qual é o prato do dia, Jimmy?

– Sopa fria de siri com salada de framboesas e garoupa envolvida em alga, pescada hoje.

Adam franziu a testa e eu resolvi pedir um sanduíche.

– Vou deixar vocês dois decidirem e volto com a água – disse ele, saindo em silêncio.

– Você gosta de alga? – perguntou Adam, com um sorriso divertido.

Eu ri e balancei a cabeça. Ele devia estar pensando a mesma coisa. Já tinha comido umas

coisas estranhas morando em Los Angeles, mas algo não era uma delas.

– Acho que vou pedir a salada de frango com noz-pecã no croissant – pensei em voz alta.

– Posso ter me mudado para o país da noz-pecã, mas ainda assim não gosto – respondeu ele.

Fechei o cardápio e ergui os olhos exatamente quando Grant entrou no restaurante. Ele estava concentrado em outra pessoa e isso me deu tempo para me preparar. Será que viria falar comigo? Ou eu o havia deixado zangado? Será que decidiu que não valia a pena aturar o meu drama? Eu o vi passar e se sentar ao lado de Rush, na mesa de Woods Kerrington. Woods disse algo a Grant e ele forçou um sorriso que não combinava com a expressão em seus olhos.

Eu já ia desviar o olhar quando Grant virou a cabeça e me viu. Ambos ficamos paralisados. Eu não estava fazendo nada errado, mas por que não era essa a sensação? Grant deu uma olhadela rápida em Adam, depois voltou a olhar para mim, e seu rosto se transformou. Ele não estava feliz. Ah, droga.

Voltei os olhos para o cardápio e contei até dez. Meu coração estava acelerado, o que era ridículo. Eu não devia estar nervosa. As coisas não tinham acabado bem pela manhã, graças a mim. Então o fato de eu estar aqui sentada, almoçando com Adam, não era grande coisa. Certo?

Alguém puxou a cadeira ao meu lado e vi Grant se sentar.

Não... Errado. Aquilo *era* grande coisa.

Ele não parecia feliz, mas o sorriso tenso em seu rosto tentava revelar o contrário.

– Olá, Adam – cumprimentou Grant antes de dirigir seus intensos olhos azuis para mim. – Você podia ter me convidado para almoçar – disse ele.

Tecnicamente, o convite não era meu. Adam é que tinha me convidado.

– Você está com seus amigos – falei, odiando o nervosismo aparente na minha voz.

Grant se aproximou mais de mim.

– Eu largaria qualquer um e qualquer coisa no momento em que você chamasse.

Aquelas palavras de novo. Palavras que penetravam em mim e me transformavam numa tigela de gelatina.

– Eu, hum, Adam me convidou para almoçar. Eu estava com fome – acabei dizendo, sem conseguir olhar para Adam. Não fazia ideia do que ele estava pensando e, no momento, não queria saber.

– Parece que agora temos três pessoas na mesa – disse Jimmy ao colocar a água na minha frente. – Sr. Carter, gostaria de algo para beber?

– Um chá gelado, por favor, Jimmy – respondeu ele.

– Pois não, senhor – disse o garçom, sem anotar nossos pedidos.

– Acho que preciso dar um jeito de convidar você antes do Adam da próxima vez – implicou Grant, recostando na cadeira e colocando o braço atrás da minha, possessivo. – E então, Adam, como vai o tênis? Está gostando do novo emprego? – perguntou em tom educado.

Adam parecia nervoso. Ele voltou a olhar para a mesa de Woods, depois para Grant. Fiquei me perguntando se eles estavam nos observando.

– Sim, senhor. Estou gostando. A cidade é ótima.

Grant tocou no meu ombro e começou a fazer círculos com o polegar, numa carícia gentil. Adam percebeu. Isso estava ficando cada vez mais estranho.

Grant

Woods e Rush deviam estar olhando para mim. Eles tentaram me impedir. Mas não dei ouvidos. Até parece que não teriam feito a mesma coisa. Ficar sentado, comendo, e deixar Adam, o instrutor de tênis, dar em cima da minha garota. Nem fodendo. Isso não ia acontecer.

Harlow estava dura feito uma tábua. Eu odiava deixá-la tão desconfortável, mas ela não devia ter aceitado almoçar com Adam, o maldito instrutor. Essa manhã havia estragado meu dia. Se Harlow achava que não resolveríamos essa merda, estava muito enganada.

Ouvi quando ela pediu um sanduíche e ignorei o sorriso galhofeiro de Jimmy. Ele sabia o que estava acontecendo. Deve ter falado com Rush e Woods sobre isso quando foi pegar as bebidas.

– Quero mostrar uma coisa depois do almoço. Tem algum compromisso? – Queria acrescentar que ela precisava dar um tempo, mas não quis parecer um cretino.

Harlow olhou para mim.

– Não, eu não tenho nada para fazer.

– Ótimo – concluí, inclinando-me para enrolar uma mecha de cabelo dela no dedo, sentindo sua maciez. – Sinto muito – falei sem pensar. Mas eu sentia mesmo. Sentia pelo que havia acontecido de manhã. Sentia por ela estar tão desconfortável nesse exato momento. Mas tinha que fazer Adam ver que Harlow não estava disponível.

– Adam. – A voz de Woods chamou minha atenção e vi que ele tinha ido até nossa mesa. – Nelton marcou duas pessoas no mesmo horário. Foi um engano. Ele precisa de ajuda com a Sra. Venice antes que ela faça um escândalo. Se, por favor, puder ajudar, mando levarem seu almoço até lá. É por conta da casa hoje.

Ele havia acabado de inventar aquelas bobagens. Tive que tossir para disfarçar o riso. Acho que Woods estava do meu lado, afinal.

– Sim, senhor – respondeu Adam, levantando-se e olhando para Harlow. – Preciso ir. Fica para a próxima vez – disse ele, virando-se para sair.

Woods não disse mais nada e voltou para sua mesa. Rush olhava para a bebida, rindo. Tinha o dedo dele ali também. Tossi de novo para encobrir o riso.

– Isso foi armado, não foi? – perguntou Harlow, olhando para mim com as sobrancelhas unidas.

– Garanto que, quando Adam chegar lá, terá uma aula para dar – disse a ela. Woods deve ter dado um telefonema para garantir isso.

– Mas então foi Woods que criou essa situação – concluiu ela. Harlow não era burra.

– Sim, foi ele. Eu não pedi nada. Foi ideia dele, e provavelmente do Rush, pela cara que está fazendo.

Harlow olhou para os dois e ambos rapidamente desviaram o rosto.

– Deve ser bom ter amigos influentes – disse ela, voltando a olhar para mim.

Eu estava pronto para agradecer ao Woods, mas se Harlow estava zangada, não o faria.

– Não tive nada a ver com isso – repeti.

Ela suspirou e relaxou.

– Acho que acredito em você. E, sinceramente, não sei mesmo como Adam conseguiria almoçar com você passando a mão em mim e fazendo cara feia para ele.

– Não fiz cara feia – respondi com um sorriso aliviado.

Ela revirou os olhos e pegou o copo.

– Sim, Grant, você fez.

Talvez tenha feito mesmo, mas não gostava daquele cara. Ele queria o mesmo que eu.

– Queria conversar sobre hoje de manhã e mostrar minha casa. Você nunca foi lá, e eu gostaria que você conhecesse.

Ela tomou um gole d'água e depois olhou para mim.

– Eu agi como uma namorada ciumenta e odeio isso. Nunca agi dessa maneira antes. Sinto muito. Não somos exclusivos. Você tem um passado que não é da minha conta e, quando Nan jogou a isca, eu mordi. Não devia ter feito isso.

Não era o que eu estava esperando. Mais uma vez, Harlow não era como as outras garotas que eu conhecia. E também precisávamos discutir aquele comentário sobre não sermos “exclusivos”. Porque almoçar com Adam era uma coisa, mas não queria nem imaginar se ela quisesse sair com aquele idiota de novo.

– O que Nan falou foi cruel e amargo. Você não gostou e isso é normal. Quanto a sermos exclusivos, eu sou muito, muito exclusivo. Desde ontem naquele avião, eu sabia que não tocaria em mais ninguém.

Harlow inclinou a cabeça para o lado e me observou em silêncio. Ela achava que eu transaria com outras pessoas agora? Sério? Minha reputação era tão ruim?

– Tudo bem – foi só o que disse. Se havia uma coisa em Harlow que me deixava maluco eram suas respostas curtas, como “tudo bem”, quando eu queria sentenças completas. Droga. Garotas gostavam de falar sem parar. Por que ela não era assim?

– Poderia elaborar essa resposta? – perguntei, esticando o braço para pegar na mão dela sobre as pernas porque simplesmente precisava tocar nela.

Os cantos de sua boca se ergueram.

– O que mais você quer que eu diga? Você não vai dormir com mais ninguém enquanto estivermos fazendo... essa coisa que estamos fazendo. E eu não vou almoçar com mais ninguém – respondeu ela.

Eu precisava de mais.

– Almoçar? É isso?

Harlow deu de ombros.

– Não se preocupe, não vou dormir com ninguém. Eu não faço isso.

Não, ela não fazia. E eu queria colocá-la no colo e rosnar para qualquer um que olhasse para ela como um cachorro com um osso.

– E encontros? – perguntei. Ela havia saído com Adam.

Harlow franziu a testa.

– Eu disse que não almoçaria com ninguém. Nem vou marcar encontros.

– Só queria esclarecer – brinquei com ela, e me aproximei para beijá-la. Eu estava sentado aqui, olhando para eles há muito tempo. Ergui os olhos e vi Woods e Rush me observando. Eles estavam aproveitando um pouco demais.

Harlow

O apartamento de Grant ficava perto de Rosemary. Era pequeno e fiquei surpresa com isso, mas ao mesmo tempo percebi que a casa se parecia com ele. Os móveis estavam desgastados e o resto era exatamente como um apartamento de solteiro devia ser, do alvo para dardos na parede até as caixas de pizza vazias sobre a bancada.

– Eu devia ter feito uma limpeza antes de trazê-la aqui – desculpou-se, andando atrás de mim. Recuei até tocar nele.

– Eu gosto do jeito que está – respondi.

Grant beijou meu pescoço.

– Por que diz isso?

– Porque é a sua cara. É confortável e real.

Ele me abraçou.

– Não sei se quero que você pense em mim como algo confortável. Parece muito próximo de entediante.

Grant não era nem um pouco entediante.

– Bem, você não é.

Ele colocou a mão na barra da minha saia e a levantou.

– Sinto necessidade de provar quanto posso ser empolgante – sussurrou em meu ouvido.

Eu não queria que nossa relação se resumisse a sexo. Queria algo mais profundo. Mas talvez fosse isso que Grant quisesse. Eu gostava... Não, eu amava. Ele fazia com que eu me sentisse incrível, mas será que pararíamos por aí? Quando acabasse, eu seria apenas mais uma garota com quem ele transou? Ou ele se lembraria de mim por outros motivos?

– Você ficou tensa. O que foi?

As palavras de Nan se repetiram em minha cabeça. Ele ficaria entediado comigo. Desejaria algo mais empolgante. Será que ela era a empolgação que ele desejava? Será que eu queria ser como ela? Eu desejava Grant. Quem não o desejava? Isso era fato.

Eu sempre havia sido meio entediante. Estava cansada de ser assim. Estava cansada de ser esquecível. Não. Eu não entediaria Grant. Quando terminássemos, seria uma decisão dos dois, não por eu ter sido a chata entediante de que Nan me acusara.

Peguei na mão dele e a puxei mais para cima, abrindo as pernas.

– Me faça esquecer o que Nan disse – pedi a ele com ousadia.

Grant pareceu aflito; tirou a mãos do meio das minhas pernas e as levou ao meu rosto.

– Eu já esqueci. Sinto muito por ela ter falado aquilo.

Ele estava cuidando de mim novamente. Me tratava como se eu fosse quebrar. Balancei a

cabeça.

– Não. Eu não esqueci. Não consigo tirar aquela imagem da cabeça. Não gosto de pensar em você e Nan juntos. Estou com ciúmes por ela ter ficado com você antes. Eu quero ser mais... Não quero que me esqueça.

Grant fez uma careta.

– Eu nunca a esquecerei. Você me conquistou de um jeito que Nan jamais fez. Nada em você, Harlow... nada é esquecível. Nem pense nisso.

As palavras dele eram sempre tão doces. E a lábia era seu grande talento.

– Então faça isso por mim. Quero ver a bancada da cozinha e me lembrar de nós sobre ela. Não de você com Nan. Isso magoa demais.

Um urro baixo veio do peito de Grant e ele agarrou minha calcinha e a tirou.

– Não consigo suportar a ideia de você magoada por minha culpa. Odeio isso. Quero fazê-la feliz. Queria nunca ter ficado com ninguém antes. – Ele parou e respirou fundo. – Vou fazer você esquecer, mas saiba que esqueci todas as outras mulheres no momento em que estive dentro de você pela primeira vez.

Antes que eu pudesse reagir, ele passou o dedo ao longo da minha fenda.

– Sabe por que ela contou sobre a bancada? – perguntou com uma voz rouca que sempre me fazia estremecer.

Sim. Para me magoar. Mas eu não disse aquilo. Em vez disso, neguei com a cabeça.

– Porque eu a agarrei e fechei os olhos. – Ele respirava junto ao meu pescoço. – E quando gozei, não foi o nome dela que eu gritei. Não era ela que eu estava comendo.

Minha respiração ficou pesada e deixei que minha cabeça pendesse para trás. Ele estava enfiando o dedo em mim.

– Foi o seu nome que eu gritei. Eu estava bêbado, mas mesmo assim fantasiava com você. Depois que experimentei você, nada mais funcionou. Só conseguia pensar em você.

Não era o que eu esperava ouvir, mas ajudou a tornar a imagem em minha cabeça muito mais suportável. Deixei a calcinha descer por minhas pernas e me liberei dela.

– Não quero mais que você pense em mim quando estiver com ela – falei, virando-me para ele enquanto tirava a blusa.

Grant me pegou e me sentou sobre a bancada antes de começar a abrir a calça. Ele não tirou os olhos dos meus seios. Desabotoei o sutiã e o deixei cair para a frente devagar. Ele baixou os olhos para me olhar e o calor que vi neles me fez sorrir. Atenuava os ciúmes de imaginá-lo tocando em Nan.

Ele nem tirou a calça. Puxou meu corpo para perto dele e já ia meter quando parou.

– Merda, quase fiz de novo – praguejou.

Abriu uma gaveta cheia de porcaria e pegou uma camisinha. Eu nem quis saber por que raios ele tinha uma camisinha enfiada ali, mas estávamos falando de Grant.

– Não gosto de usar camisinha – declarei.

Grant respirou fundo e fechou os olhos.

– Eu também não, mas é preciso.

Ele tinha razão, e eu ficava feliz por ele ser forte o bastante para pensar nisso. Para falar a

verdade, estava tão pronta para senti-lo dentro de mim que nem teria lembrado.

Dessa vez, quando ele me pegou pelo quadril, me penetrou e mordeu meu ombro com um gemido alto. Foi excitante. Bem excitante. Ele lambeu onde havia mordido, depois olhou em meus olhos.

– Não preciso fingir. Estou exatamente onde quero estar – disse, escorregando as mãos pela lateral do meu corpo e cobrindo meus seios. – Nossa, eles são lindos.

Eu me apoiei nas mãos e ergui os joelhos.

– Não seja gentil comigo. Você quer realizar uma fantasia, então me use para isso – falei. Não queria que ele usasse outra pessoa no meu lugar. Estava tirando isso da cabeça dele nesse exato momento.

Grant praguejou, agarrou meu quadril com as duas mãos e começou a investir dentro de mim, sem nunca deixar de olhar em meus olhos. Levantei uma perna e a pendurei em seu ombro.

– Caralho! – gritou ele, agarrando minha perna. Estava perdendo o controle, e o olhar selvagem em seus olhos me fazia querer levá-lo a outro nível.

Fiquei inclinada para trás até me deitar sobre a bancada e coloquei a outra perna sobre o ombro dele. Ele virou o rosto e a mordiscou, ainda olhando em meus olhos. Eu gritei. Era melhor do que eu imaginava. Transar na cozinha era excitante demais.

– Venha aqui – ordenou, me puxando tanto que minhas pernas ficaram completamente penduradas nas costas dele. – Você me deixa louco. Seus lábios carnudos e os mamilos grandes e arredondados, e essas pernas compridas. Eu só quero ficar enterrado em você. Você me ganhou, Harlow. Você me ganhou, gata. Eu...

Grant fez uma pausa e gemeu quando os tremores do meu orgasmo iminente o apertaram.

– Não posso lutar contra isso. Não quero lutar. – Ele terminou de falar, depois colocou as duas mãos ao lado de minha cabeça. – Goze comigo – sussurrou, e eu me desfiz em milhões de pedaços.

Gritei seu nome e me contorci enquanto ele dizia coisas sobre como eu era apertadinha e como era bom. Todas as palavras que saíram de sua boca me fizeram gritar de prazer novamente. Aquelas palavras eram mágicas. Era a única forma de explicar.

Grant

Vi Harlow na varanda usando nada mais do que uma camiseta minha. Ela estava de costas e o vento fazia seus cabelos dançarem em volta dos ombros. Eu precisava arrumar a bagunça que fizemos fodendo em cima da bancada da cozinha. Depois tinha que recuperar o fôlego.

Eu quase disse... quase disse que a amava. Jamais. Eu nunca. Quase. Disse a uma garota. Que a amava. Nem quando o sexo era maravilhoso. Isso nunca me passara pela cabeça, muito menos pela boca.

Então agora tinha que refletir.

Será?

Eu estava apaixonado por ela?

Harlow cruzou os braços na frente do corpo e se inclinou para olhar para baixo, fazendo a camiseta subir e revelando uma parte da bunda. Eu estava apaixonado por aquela bunda. Estava apaixonado pelas pernas dela também. Mas será que estava apaixonado por *ela*?

Eu a observei em silêncio e senti meu lado protetor ganhar vida quando pensei em alguém olhando para cima e vendo-a apenas com minha camiseta, parecendo uma deusa do sexo. Não queria que ninguém olhasse para ela. Ela era minha.

Ela era minha.

Minha nossa.

Ela era minha.

Eu não a deixaria escapar e, com toda certeza, ninguém mais a tocaria. Queria abraçá-la e mantê-la em segurança comigo. Era irracional. Era... Era... Eu estava apaixonado por ela.

Respirei fundo, me preparando para o momento de pânico que acompanharia essa percepção. Mas ele não veio. Eu me sentia completo. O peso que achei que viria com esse sentimento não estava aqui. Em vez disso, respirei ainda mais fundo.

Dei a volta na bancada e fui direto para a porta. Quando abri, Harlow se virou e sorriu para mim. Era o sorriso perfeito, capaz de resolver todos os problemas do mundo. Eu a peguei, levei para sala e a sentei, acomodando-a junto a mim. Estava me sentindo um pouco como um homem das cavernas no momento, e só esperava não bater no próprio peito.

Harlow não perguntou nada; apenas se ajeitou sob meu queixo e me abraçou. Minha. Só minha.

Eu só teria que convencê-la disso antes, porque, embora eu já tivesse refletido sobre tudo, ela não havia feito o mesmo. Não confiava em mim. Não de verdade. Mesmo sendo dona do meu coração.

– Obrigado – disse com a boca junto aos cabelos dela.

– Por quê? Pelo sexo na cozinha? – perguntou ela meio rindo.

– Por você estar aqui – respondi.

Ela não disse nada. Aquela era Harlow. Não era de fazer muitas perguntas. Não queria sempre conversar sobre tudo. Apenas ouviu e aceitou. Eu só esperava que ela aceitasse o fato de ser minha. Ou, mais precisamente, de eu ser dela.

Passamos o resto da tarde ali, conversando. Harlow me falou sobre sua avó. Não era de se estranhar que fosse especial. Fora criada de um jeito muito diferente de todas as outras mulheres de minha vida. Ela também imitava a avó de maneira adorável.

Contei a ela sobre meu pai e sobre o que, exatamente, eu fazia. Quando meu pai se casou com Georgianna, ele trabalhava no ramo de construção. Agora, era dono de sua própria construtora. A empresa ficava no sudeste. Eu era responsável pela área da Flórida. Gerenciava e verificava coisas. Também me encarregava dos telefonemas que ele não tinha tempo para atender.

Ignorara duas ligações do meu pai hoje. Não estava com cabeça para falar de negócios, principalmente depois de perceber que estava apaixonado. Precisava me ajustar a isso primeiro.

– Estou com fome – disse Harlow ao se sentar no sofá com as pernas no meu colo.

Eu sabia que não tinha nada em casa para oferecer a ela.

– Eu também. Quer comida chinesa? – perguntei enquanto brincava com o anelzinho que ela usava no pé.

– Podemos pedir para entregar? – perguntou ela.

Eu queria guardá-la só para mim.

– É claro. Vou ligar e pedir.

Harlow não respondeu de imediato. Ficou olhando para as unhas como se elas contivessem todas as respostas.

– Você vai me levar para casa hoje à noite? – perguntou, olhando para mim.

– Eu ia alimentá-la e mimá-la com um biscoito da sorte primeiro, mas queria que ficasse aqui hoje. Não quero levá-la de volta para a casa da Nan.

Ela suspirou e sorriu.

– Ótimo. Acho que ainda não estou pronta para voltar. Resolvo isso amanhã.

Peguei no tornozelo dela e a puxei mais para perto de mim, fazendo-a gritar de surpresa.

– Queria que você ficasse aqui para sempre. Mas amanhã de manhã eu preciso trabalhar um pouco, antes de ser demitido. Você não precisa ir embora. Pode ficar aqui. Eu só preciso fazer umas coisas. Depois tenho reunião do conselho no clube, às quatro da tarde.

Ela franziu o nariz.

– Nem pensei que poderia estar atrapalhando o seu trabalho. Vou embora de manhã. Tenho aula de tênis.

Tênis.

Eu odiava aquele maldito tênis.

– Posso ser mais divertido do que tênis – falei, engatinhando para cima dela.

– Está falando isso por causa do Adam? – perguntou ela, olhando para mim.

– É claro que sim.

Harlow riu e bateu no meu peito.

– Eu não quero nada com o Adam. Acho que deixei isso bem claro hoje. E ontem, algumas vezes.

Ela tinha razão. Mas eu queria que Adam soubesse.

– Certo, tudo bem. Vá para o tênis, mas se eu for assistir enquanto trabalho, não fique irritada.

Ela arregalou os olhos.

– Você não faria isso.

Eu me aproximei para beijar o canto de sua boca.

– Sim, meu doce, faria.

Harlow

Não voltava para a casa de Nan havia três dias. Grant me convenceu a dormir na casa dele. Quando não estava trabalhando, estava comigo, e às vezes ficava comigo enquanto trabalhava. Como todos os dias em que eu jogava tênis. Ele se sentava na varanda em volta do prédio principal do clube. Tomava café e trabalhava em seu notebook.

Adam entendeu o recado. Seria idiota se não entendesse. Grant deixou bem claro, chegando mesmo a me acompanhar até o portão e me dar um beijo de tirar o fôlego antes de cada treino.

Hoje, no entanto, eu tinha que voltar para a casa da Nan. Não podia morar com Grant. Precisávamos superar essa dificuldade. Aquela casa também era minha. Eu também queria falar com Mase sem Grant por perto, para ter privacidade caso meu irmão me perguntasse sobre ele.

Quando Grant recebeu uma ligação para verificar um terreno para seu pai a duas horas de carro para o sul, ele quis que eu fosse junto. Mas eu precisava de um pouco de espaço. Sentia que tínhamos avançado rápido demais e passado para a velocidade máxima. Meu coração estava com dificuldade para acompanhar.

No momento em que me entreguei a Grant, sabia que tinha sentimentos profundos por ele. Então ele os destruiu. Achei que demoraria muito tempo para me recuperar. Mas descobri que estava errada. Eles voltaram com toda força.

Pela manhã, enquanto via Grant escovar os dentes, percebi como aquilo parecia certo. Era fácil. E me assustava. Ele estava me fazendo ter uma imagem de como seria nosso futuro. Mas que tipo de futuro eu poderia lhe dar? Não seria o que ele sempre sonhara. Ele não estava apaixonado por mim. Mergulhar nos detalhes cotidianos da vida com ele era perigoso. Antes, estava preocupada em me machucar. Agora, já sabia que isso aconteceria. Tínhamos ido longe demais.

E eu não sabia o que fazer a respeito.

Esperava que Mase tivesse algo a me dizer.

Não vi o carro de Nan quando cheguei em casa, e suspirei de alívio. Boa notícia. Entrei e parei na cozinha para pegar uma garrafa de água antes de subir.

Meu quarto estava como eu o havia deixado. Nan deve ter pedido para a empregada não entrar lá. Eu não me importava. Nada estava bagunçado, apenas a cama desfeita. Coloquei a água sobre a mesa e me sentei.

Mase atendeu o telefone no segundo toque.

– Já era hora de receber uma ligação sua – resmungou ele no telefone.

– Desculpe. Andei ocupada – respondi.

– Nem quero saber. Já tenho uma ideia do que andou ocupando você.

Meu rosto ficou vermelho. Odiava pensar no que ele tinha escutado no avião.

– Como estão as coisas? – perguntei a ele.

– Estou trabalhando muito. Com o Jim machucado, assumi todo o trabalho dele. O cara dá um duro danado. Acordo cedo e vou para a cama tarde.

– Até quando ele deve ficar com o gesso?

– Por mais seis semanas. Dá para aguentar. Trabalhar nunca me machucou.

O mundo nunca conseguiria imaginar o único filho homem de Kiro trabalhando duro num rancho no Texas.

– E você? Nan já a comeu viva? – perguntou.

– Não. Sou rígida demais para ela. Você sabe disso.

– Bobagem. Quando ela vir você e Grant, vai ficar bem louca. É melhor ele se preparar para garantir que você saia sem nenhum arranhão.

– Ela já sabe. E ele já deu um jeito nela. Não a vejo há dias.

– Ótimo. Talvez ela dê o fora.

Eu não tinha ligado para Mase para falar da Nan. Precisava de conselhos masculinos.

– Você acha que seria burrice eu gostar do Grant?

Ele não respondeu de imediato. Eu estava preocupada que ele dissesse o que eu já temia.

– Eu achei que, para vocês fazerem o que ouvi naquele avião, você já gostasse dele.

– Bem, sim, eu já gostava dele, mas estou falando de... você sabe, *gostar* de verdade.

Mase riu.

– Está tentando me perguntar se seria esperto da sua parte se apaixonar por Grant Carter?

– Acho que é isso – respondi.

– Não. É provavelmente a coisa mais idiota que poderia fazer. Mas já aconteceu. Você estava apaixonada quando decidiu ir para a cama com ele. Você é assim, Harlow. Então já passou. Precisa se preocupar com o que vai fazer quando isso terminar. Como vai lidar com a situação?

Fiquei ali sentada, olhando para o espelho à minha frente. Ele estava certo. Eu estava apaixonada por Grant há meses. Não queria admitir porque era patético. Ninguém se apaixona em duas semanas. Mas foi exatamente isso que aconteceu. E depois ele foi embora.

– Não sei – respondi.

Mase resmungou e percebi que ele carregava algo pesado.

– Você fará as malas e virá para o Texas. Eu cuido do resto. É isso que vamos fazer.

Percebi que era inútil conversar sobre isso com meu irmão. Eu não me mudaria para o Texas e não o deixaria se vingar.

– Deixe para lá. Eu dou um jeito. Obrigada por me escutar.

– Estou aqui, irmãzinha. É só me ligar.

– Eu sei. Amo você.

– Eu também.

Desliguei e deixei o telefone ao meu lado. O que faria agora?

Estava apaixonada por Grant. Completamente apaixonada. Queria ficar com ele para sempre.

Queria ver seu sorriso todas as manhãs. Queria saber como era estar nos braços dele todos os dias. O que eu tinha feito?

Grant

Já passava das nove quando voltei para Rosemary. Havia tentado ligar para Harlow duas vezes, mas ela não atendeu. Se Rush não tivesse me avisado que Nan estava em Nova York com Georgianna, eu teria entrado em pânico. Mas sabia que Harlow estava sozinha em casa. Ficava repetindo para mim mesmo que ela estava dormindo ou tinha esquecido o telefone no quarto.

Quando parei na frente da casa de Nan, fui logo pulando da picape e correndo para a porta. Ela teria que começar a atender o telefone quando eu estivesse fora. Conversaríamos sobre isso. Primeiro, eu precisava ver o rosto dela e saber que estava tudo bem.

A porta estava trancada. Boa menina. Toquei a campainha e esperei. Estava prestes a tocar de novo quando a porta se abriu e Harlow apareceu, com cara de sono. Um sorriso tocou seus lábios e ela passou a mão pelos cabelos.

– Oi – cumprimentou com doçura.

Entrei e fechei a porta, depois cobri a boca de Harlow com a minha. Era tão macia e carnuda, sem batom, e eu queria provar. Só conseguia pensar nisso durante todo o caminho de volta.

Ela passou as mãos pelos meus braços e aguardou. O shortinho de bolinha e a regata combinando que ela usava não deviam ser tão sensuais. Mas nela, eram isso e muito mais.

Quando me afastei para olhar para ela, sorri.

– Oi.

Ela riu e apoiou a cabeça em meu peito.

– Desculpe, peguei no sono no sofá assistindo à primeira temporada de *How I Met Your Mother* na Netflix.

Não tinha certeza do que diabo ela estava falando, mas acenei com a cabeça.

– Onde está seu celular?

Ela franziu a testa.

– Acho que deixei lá em cima.

Eu a puxei para mim.

– Da próxima vez que eu estiver fora, fique com ele por perto. Ultrapassei todos os limites de velocidade tentando chegar aqui porque você não atendia.

Ela se aproximou ainda mais.

– Desculpe. Nem pensei nisso. Ninguém costuma ligar.

Isso, por si só, me chocava. Por que ninguém ligava para ela? Será que não queriam ouvir sua voz? Ficar perto dela? O mundo estava repleto de idiotas.

– Eu ligo. Preciso ouvir sua voz quando estou longe – falei.

O sorriso que iluminou o rosto dela fez meu coração vibrar.

– Tudo bem.

Eu teria que dizer logo. Precisava que ela soubesse o que eu sentia. Ela não iria para lugar nenhum. Eu ficaria com ela. Não a deixaria ir embora. Daria voltas no mundo inteiro se fosse preciso.

– O dia foi longo, e agora nesse instante, só quero me deitar com você – foi o que acabei dizendo a ela.

– Humm, tudo bem – ela entendeu, pegando na minha mão e se virando na direção das escadas.

Nesse momento, a vida era boa. Eu estava com minha menina, prestes a ficar abraçado com ela a noite toda. Antes de Harlow, eu não entendia por que Rush e Woods deixariam que uma mulher controlasse suas emoções, vidas, ações.

Mas agora compreendia.

Fazia muito sentido.

Essa pequena mulher tinha minha vida nas mãos, e não fazia a mínima ideia disso.

Eu teria que dizer a ela. Não queria assustá-la. Precisava deixá-la se apaixonar por mim também. Quando soubesse que ela era minha e que meus sentimentos não a afastariam, eu me declararia.

– Acho que Nan está fora da cidade – disse ela, olhando para mim.

– Sim. Falei com Rush.

Harlow não respondeu, mas dava para ver que seu corpo estava tenso. O que houve dessa vez?

Quando chegamos ao topo da escadaria, eu a puxei para perto.

– O que foi? Diga o que está pensando.

– Não estou pensando nada – respondeu ela, mas o olhar em seu rosto imitava sua linguagem corporal.

– Está, sim. É melhor você desembuchar logo ou vamos ficar aqui a noite toda.

Harlow soltou um suspiro e desviou o rosto.

– Você falou com o Rush sobre a Nan – murmurou.

– É claro que falei. Eu tinha deixado você com sua meia-irmã maluca e ido para um lugar a duas horas de distância. Quis ter certeza de que você ficaria bem. Liguei para o Rush perguntando se a Blaire poderia vir para cá ficar com você, então ele me disse que eu não precisaria me preocupar. Nan está em Nova York com a mãe.

Os ombros dela relaxaram.

– Acho que ainda não estou lidando bem com isso.

Ela estava com ciúmes, e aquilo me dava vontade de gritar. Segurei o rosto dela entre as mãos.

– Meu passado com Nan ainda incomoda você. Eu sei disso e farei o que for preciso para aliviar sua mente.

Ela assentiu com a cabeça e soltou uma risada baixa.

– Por que está rindo?

– Porque não consigo acreditar que estou agindo dessa forma.

Eu também não, mas não pretendia reclamar. Estava eletrizado.

– Seria melhor se eu admitisse que gosto disso?

Harlow ergueu uma sobrancelha.

– Gosta que eu me comporte como uma namorada possessiva e louca?

– Nossa, como eu gosto. E você não tem nada de louca. Mas, gata, sempre que quiser ficar possessiva, vá em frente. Me deixa bem excitado.

Ela riu e deu um tapa no meu peito, depois se virou e correu para o quarto.

– Você me deixou para trás – gritei para ela.

– Venha me pegar – respondeu ela, olhando para mim e dando uma piscadinha.

Harlow tinha acabado de piscar para mim.

– É bom ficar logo nua naquela cama antes que eu rasgue essa roupinha linda – ordenei antes de ir atrás dela.

Harlow

Eu não gostava muito de multidões. Preferia me manter longe delas. Mas também não podia dizer ao Grant que não queria ir com ele a um evento beneficente no clube. Ele fazia parte do conselho de diretores e era um baile anual para arrecadar fundos para a vida marítima ao longo da costa do golfo.

O Country Club de Kerrington sediava esse evento havia mais de vinte anos. Grant dissera que também não desejava ir, mas Woods queria que ele fosse. Então nós íamos. A noite seria em homenagem a Jace. Os pais dele estariam lá e Woods havia alertado Grant de que passariam um vídeo que não seria fácil de ver. A morte de Jace ainda era algo muito recente para todos eles.

Perdi muito tempo me maquiando, principalmente porque não fazia aquilo com frequência e queria fazer direito. Também não foi fácil escolher um vestido. Eu tinha vários trajes formais que meu pai havia insistido que eu comprasse e trouxesse para cá. Disse que poderia precisar deles para certos eventos. Como não comprara nenhum, ele contratou uma profissional para trazer vários para mim. Indiquei os poucos de que gostei e fiquei com eles. Nunca esperei que realmente precisasse usá-los. Agora me sentia grata por meu pai ter se certificado de que eu os tivesse.

Finalmente me decidi por um de seda azul-clara que ficava logo acima do joelho na parte da frente e era mais longo atrás. Calcei um par de sandálias Daniele Michetti que consistiam em apenas três tiras e saltos finos prateados e que eu havia levado por impulso. Nunca comprava coisas assim, mas não resisti. Comprei mesmo sem experimentar. Eu sempre ficava nervosa em lojas de sapatos.

Só usara essas sandálias no meu quarto. Hoje, seria corajosa para usá-las em público. O vestido pedia. Eu esperava me sentir ousada se me vestisse com ousadia. Quando terminei de enrolar os cabelos e de prender os cachos, já havia se passado uma hora e Grant estava prestes a chegar. Nan estava no quarto dela, também se arrumando. Não nos falamos mais cedo, quando ela chegou. Ela simplesmente passou por mim como se eu não estivesse lá.

Grant me avisara que ela iria à festa. Garanti que conseguiria me arrumar sem tê-lo como guarda-costas. A campainha tocou bem a tempo, e eu saí do quarto, pegando a bolsa preta e prateada que combinava perfeitamente com as minhas sandálias.

Nan ficou no quarto. Foi um alívio. Desci a escadaria devagar, segui até a porta e respirei fundo. Grant nunca tinha me visto assim. Queria que ele gostasse. Não, queria que ele ficasse de queixo caído. Estava sendo vaidosa. Eu não fora ao meu baile de formatura. Esse era aquele momento que todas as meninas imaginavam.

Lentamente, abri a porta. Em vez de Grant, August estava lá, vestindo um smoking preto,

com os cabelos perfeitamente penteados. Ele percorreu os olhos pelo meu corpo sem disfarçar, a partir dos pés.

– Nan ainda não está pronta, mas você pode entrar e esperar – disse a ele, recuando e esperando que ele tirasse os olhos de mim.

– Espero que ela tenha metade da sua beleza – disse ele com uma piscadela conforme entrávamos na saleta, que seu corpo alto fazia parecer bem pequena. Onde estava Nan?

– Hum, gostaria de beber algo? – perguntei, esperando ter um bom motivo para sair de perto dele.

– Eu adoraria. Acho que ela vai me deixar esperando mesmo. Que bom que tenho companhia.

Eu não gostava de August. Virei-me para ir até a cozinha e senti vontade de xingar quando o ouvi me seguindo. Esperava que ele aguardasse na sala.

– Posso levar a bebida até você, se quiser se sentar – falei.

– Você nem sabe o que eu quero. – Ele estava se divertindo; dava para perceber em sua voz.

– Ah, desculpe. O que você quer beber?

Ele não respondeu. Quando entrei na cozinha, contive o impulso de sair correndo para o andar de cima com a desculpa de ter esquecido algo, deixando-o sozinho para preparar a própria bebida.

– É difícil acreditar que você e Nan sejam irmãs. Ela não é tão educada ou gentil – disse ele, puxando um banco alto e se sentando.

Eu precisava sair dali. Prepararia a bebida rapidamente e fugiria. Virei-me para pegar um copo.

– Do que gostaria? – perguntei.

Ele se inclinou para a frente e voltou a olhar para minhas pernas.

– De muitas coisas – respondeu.

Coloquei o copo sobre a bancada. Eu o deixaria se servir sozinho.

– Quem é o cara de sorte que vai levá-la ao baile? – perguntou ele.

– Sou eu. – A voz de Grant me assustou e eu o vi olhando feio para August. Não tinha escutado ele chegar, mas também estava concentrada em me livrar de August.

– Não posso culpá-lo. Ela é a irmã boazinha – disse August olhando para minhas pernas novamente.

Grant deu a volta no balcão e me puxou para o seu lado antes que eu pudesse piscar.

– Está pronta?

Assenti com a cabeça.

– Estou.

Esse não era o momento com que eu vinha sonhando. Parecia que Grant mal podia controlar sua raiva, e não estava interessado na minha aparência.

– Olá, Grant – disse Nan lentamente ao entrar na cozinha.

Ela usava um vestido curto e justo que abraçava todas as suas curvas. Ela não devia ficar maravilhosa de vermelho, mas ficava. Nan era como todas as meninas sonhavam ser quando

crescessem. Os longos cabelos ruivos caíam em ondas leves sobre o decote, bem evidente para o mundo todo ver e, sem dúvida, babar.

– Minha nossa, gata – disse August, levantando-se levemente, boquiaberto.

Observei Grant, que também olhava Nan. Do jeito que eu queria que ele tivesse me olhado. Fechei os olhos rapidamente e respirei fundo. Não queria ver aquilo.

– Você sempre ficou bem de smoking – disse Nan, ignorando August e mantendo o olhar sobre Grant.

Aquele não era um jogo que eu sabia jogar. Meu instinto me dizia para sair correndo para o meu quarto e me trancar, deixando Grant ter o que queria enquanto eu sofria. Mas meu orgulho não me permitia me mexer. Então fiquei ali parada, esperando que ele se lembrasse de mim e tivesse compaixão o bastante para não me humilhar completamente na frente de Nan.

O sorriso dela era diabólico conforme caminhava lentamente na direção de Grant, sem tirar os olhos dele, sabendo que tinha sua total atenção.

Eu estava prestes a ceder e fugir. Poderia ir para o Texas. Não era tão ruim.

Grant pegou na minha mão e saiu da cozinha. Não voltei a olhar para Nan, embora tenha ouvido uma risada satisfeita que fez meu peito doer. Porque ela sabia, assim como eu, que havia atingido Grant.

Ele ficou em silêncio até sairmos e descermos os degraus em direção à picape. Assim que chegamos lá, ele soltou da minha mão, mas, em vez de abrir a porta, me virou de frente para ele.

– Você está tão linda que não sei como vou me concentrar hoje à noite – disse ele, finalmente olhando nos meus olhos.

Era isso que eu tinha desejado. A mulher boba dentro de mim queria ser apreciada por ele, mas agora... parecia superficial. Percebi o jeito que ele tinha olhado para Nan, hipnotizado. Mas não reagira a mim dessa forma. Eu também não era gostosa como ela. Podia culpá-lo? Ele era homem e Nan era de tirar o fôlego. Eu era apenas eu.

– Queria não precisar ir a esse baile. Preferia levá-la para sair e ter você a noite toda só para mim.

Eu gostava da ideia. Encarar um salão cheio de pessoas não estava na minha lista de desejos. Mas eu não tinha certeza se queria ficar sozinha com ele hoje à noite. Precisava lamber minha ferida agora, e me esconder no quarto, com meus livros, era uma opção mais interessante.

– Vamos ficar apenas o suficiente para agradar o Woods. Depois, prometo que deixo essa noite bem melhor – sussurrou ele antes de me beijar e soltar um gemido baixo. Grant se afastou e abriu a porta da picape.

– Entre antes que eu mude de ideia e deixe Woods irritado.

Quando ele estivesse pronto para ir embora, eu daria uma desculpa para ir para casa dormir. Sozinha.

– Quanto tempo aquele idiota ficou lá antes de eu chegar? – perguntou ele enquanto saía com o carro.

– Acho que uns dez minutos. Não foi muito tempo – respondi.

Havia tensão no aceno de cabeça de Grant. Ele não gostava de August e eu queria acreditar que não tivesse nada a ver com o fato de estar saindo com Nan. Mas era difícil. Ele já havia

explicado o tipo de relacionamento que tivera com Nan, mas eu não sabia se deveria acreditar. Principalmente agora.

Grant

Harlow ficou em silêncio durante todo o trajeto, mas eu precisava de tempo para me acalmar. Entrar na casa e ver aquele merda olhando para as pernas dela na cozinha havia me tirado do sério. Eu devia ter chegado antes. Não gostava da ideia de Harlow fazer sala para August. E se ela estivesse sozinha? Minhas mãos agarraram o volante com ainda mais força.

Aquilo não ia acontecer. A beleza de Nan não bastava, e eu não tinha dúvida de que August já tinha notado esse detalhe. Hoje à noite ela havia apostado alto. Estava linda, claro. Nan sempre foi linda, mas não passava de aparência. Assim que abria aquela boca rancorosa, seu exterior ficava mais feio. Não era o suficiente.

Sabia que Nan havia interpretado mal a forma como olhei para ela. Estava apenas contente em ter minha atenção. Ela pensou que havia me deixado maravilhado com sua beleza. Eu já tinha passado dessa fase. Ela era parte do meu passado. Sempre seria. Crescemos com pais ausentes, mas eu nunca deixei isso me definir. Nan deixou. Ela permitiu que a falta de um pai a envenenasse. Hoje, enxerguei apenas amargura e ódio quando ela entrou na cozinha. Estava na cara, e eu fiquei imaginando como conseguira deixar aquilo passar. Será que eu era tão cego assim antes... antes de...

Harlow?

Droga, eu fora um cretino idiota. Vi as mãos de Harlow entrelaçadas sobre o colo. Ela estava nervosa. O lábio inferior estava apertado sob os dentes e ela olhava fixamente para a frente. Ah, merda. Eu a ignorara durante todo o caminho e ela estava lá sentada, nervosa.

Já tinha começado a estragar a noite.

Estiquei o braço e soltei uma de suas mãos, entrelaçando meus dedos nos dela.

– Ei – falei, invadindo seus pensamentos.

Ela virou a cabeça e me deu um sorriso forçado. Aquilo não ia funcionar. Se ela realmente não quisesse ir a esse maldito baile, Woods teria que superar. Eu não a obrigaria. Achei que o fato de estar vestida para fazer qualquer homem babar significasse que estava pronta para isso. Mas talvez não.

– Tudo bem? – perguntei, apertando a mão dela.

Harlow confirmou com a cabeça e não disse nada.

– Se não quiser ir à festa, podemos ir para outro lugar – sugeri, esperando ver sua reação. Ela ficou impassível. Que diabo...? – Fale comigo, Harlow – pedi.

Seus ombros caíram. Ela baixou a cabeça e ficou olhando para as mãos, ainda sobre o colo.

– Acho que talvez fosse melhor eu simplesmente ir para casa. Não quero atrapalhar.

O quê?

– Você está preocupada em atrapalhar o quê? Alguém disse alguma coisa que eu precise interferir?

Ela não olhou para mim. Continuou fitando as mãos.

– Não. Estou falando de atrapalhar você. Não quero que se sinta obrigado a me levar. Não me importo de ir para casa. Por mim, tudo bem. Sério mesmo.

Aquilo não fazia o menor sentido. Será que Nan dissera algo a ela? Eu queria que Harlow saísse da casa daquela vadia. Conversaríamos sobre isso ainda hoje. Mas, no momento, eu precisava descobrir o que estava errado.

– Quero você perto de mim. Se Nan disse alguma coisa...

– Ela não precisou falar nada. Você disse tudo com seus olhos.

Espere... o quê?

Eu a observei, tentando entender.

Harlow respirou fundo e finalmente olhou para mim. Seus olhos grandes estavam tão tristes e magoados que achei que meu peito fosse explodir. Eu precisava consertar aquela merda. Não queria que minha menina sofresse. Parei a picape no acostamento e desliguei o motor antes de puxar Harlow para mais perto.

– Você precisa me explicar direito, porque não estou entendendo nada, querida – pedi.

Harlow fixou os olhos num ponto em meu ombro.

– Eu vi como você olhou para ela. Não sou cega. Sei que ela é linda. Sei que você ficou de queixo caído. E ficou óbvio que ela teria largado o August por você. Quem não faria o mesmo?

Ah, droga. Eu não tinha cogitado o que Harlow pensaria ao me ver olhando para Nan. Não ficara impressionado com ela, e sim enojado comigo mesmo.

Toquei o queixo de Harlow e inclinei seu rosto para olhar para mim. Ela sempre ficava com os olhos baixos e eu queria vê-los. Queria tirar aquela tristeza deles. Não pretendia deixá-la triste.

– Você percebeu que eu olhei para Nan, mas não vi nada além de amargura e crueldade em seus olhos. Fiquei me perguntando como nunca tinha notado isso antes. Não estava impressionado com a beleza dela. Você estava ali do meu lado, e parecia um anjo. Ninguém se compara a você. Você não é só bonita por fora, mas também é linda por dentro. Eu enxergo e adoro isso. Só não sei como fui capaz de sair com Nan. Acho que você me salvou.

Harlow continuou a franzir a testa para mim.

– Ela é a fantasia de todos os homens.

Passei o dedo pelo lábio inferior de Harlow e tentei não pensar em como aquela boca era doce.

– Ela é o pesadelo de todos os homens, minha querida. Infelizmente, eles não o percebem de imediato.

– Não posso competir com ela. E nem quero.

– Não há competição nenhuma. Ela não chega aos seus pés. O que posso fazer para convencer você de que significa tudo para mim? Não vejo nada além de uma conhecida quando olho para Nan.

Harlow fitou minha camisa antes de finalmente erguer o olhar e me dirigir seu primeiro

sorriso verdadeiro.

– Acho que acredito em você.

Ela tinha problemas com confiança, e eu precisava me lembrar disso e agir apropriadamente. Enquanto Nan nunca precisou de garantias de que eu a desejava, Harlow tinha que ter certeza de que me dominava. Ela era inocente demais para enxergar o que eu realmente sentia. Mesmo que fosse óbvio para o resto do mundo.

– Vou cuidar para que você nunca duvide de mim outra vez. Saiba pelo menos que não vejo ninguém além de você. Um recinto se ilumina todo quando você entra nele.

Harlow se aproximou e me deu um beijo no rosto.

– Obrigada – disse simplesmente.

Eram coisas assim que a diferenciavam. Ela era diferente de todo mundo que eu conhecia, e eu era o filho da puta mais sortudo do Universo.

Harlow

Blaire me viu assim que entrei no salão de baile e foi até nós. Fiquei aliviada. Ver um rosto amigo me ajudaria a passar por isso. O vestido preto dançava em volta de suas pernas conforme ela andava. Ele também destacava ainda mais seus cabelos louros. Olhei atrás dela e vi os olhos de Rush sobre a esposa, observando cada movimento. O amor e a possessividade tomavam conta de suas expressões, o que fazia meu coração bater mais rápido. Devia ser uma sensação incrível.

– Estou tão feliz por ver você aqui – disse Blaire, me dando um abraço.

– Ainda estou pensando se estou feliz ou não – respondi.

Blaire riu e olhou em volta.

– Ah, não é tão ruim. – Ela se virou para Grant e sorriu. – Você parece feliz.

– E estou – respondeu ele, colocando a mão na minha cintura.

– Já estava na hora.

– Já mesmo – concordou ele.

Percebi que havia ali uma conversa particular em paralelo e eu tinha sido excluída.

– Está com sede? – perguntou Grant, aproximando-se de modo que senti seu hálito quente na minha orelha.

– Estou – respondi. Uma bebida me daria algo para fazer com as mãos.

– Já volto – avisou ele, afastando-se e me deixando com Blaire.

– E então? – perguntou ela, erguendo as sobrancelhas.

Eu sabia que ela queria saber sobre Grant. Devia ser próxima dele por causa do Rush.

– Acho que ele gosta de mim – respondi, porque não sabia mais o que dizer.

O sorriso de Blaire se alargou.

– Isso é óbvio, Harlow. Se você não tem certeza, pode perguntar que ele vai lhe confirmar. – Olhei para o bar e vi uma mulher de cabelos cacheados castanho-escuros e um vestido branco decotado chegar muito perto dele enquanto conversavam.

– Ignore-a. Ele com certeza está fazendo isso. Aquela é Katrina, não se preocupe. Ela dá em cima de todo mundo.

– Não consigo imaginar por que ele me escolheu. Ele pode ter a atenção de todas que quiser. É perfeito. Pode escolher.

Blaire colocou a mão na cintura e ficou olhando para mim, sem acreditar.

– Está falando sério?

Confirmei com a cabeça. Por que brincaria com isso?

– Sabe o que pensei quando a vi pela primeira vez?

– Não – falei, não muito certa de que gostaria de ouvir a resposta.

– Quis saber quem era aquela mulher linda que estava entrando no quarto do meu noivo. Fiquei imediatamente maravilhada com você. Então você abriu a boca e essa personalidade doce e gentil se revelou. Quis conhecê-la na hora. Essa empatia faz as pessoas se aproximarem. E é por isso que Grant não consegue tirar os olhos de você – confidenciou Blaire, olhando por sobre meu ombro e sorrindo.

Quando me virei, percebi que a garota ainda estava falando com Grant, mas ele só tinha olhos para mim. Sorri e ele piscou. Precisava aprender a confiar nele. Ele merecia.

– Como você aprendeu a confiar no Rush? – perguntei a Blaire.

Ela suspirou.

– Foi difícil. Quando consegui, ele estragou tudo. Foi uma longa estrada depois disso, mas a confiança é tudo num relacionamento. Meu coração o desejava e, para poder ceder, tive que me convencer de que confiar nele era a melhor forma de acreditar que ele cuidaria de mim.

– Está dizendo que se trata de uma decisão? – perguntei.

– Sim, é isso.

Acho que eu conseguiria tomar essa decisão.

Blaire soltou um suspiro e seguiu seu olhar. Bethy se encontrava num canto, com uniforme de garçonne, conversando com uma senhora que parecia estar no comando das coisas.

– Estou preocupada com ela – disse Blaire.

– Eu a vi semana passada num bar. Estava bem deprimida – relatei. Não devia contar para ninguém, mas sabia que Blaire era a melhor amiga de Bethy, e podia confiar nela.

– Perder Jace a transformou. Não consigo mais falar com ela – disse Blaire. – Bethy quase nunca atende minhas ligações.

– Nem posso imaginar o que ela está passando – falei, me lembrando das palavras dela no bar.

– Nem eu – respondeu Blaire.

– Sua água com gás – disse Grant, me entregando a taça de vinho que tinha na mão.

– Preciso voltar para o Rush. Divirtam-se, vocês dois – disse Blaire, olhando diretamente para mim e sorrindo antes de voltar para o Rush, que ainda a observava.

– Tripp veio. Não sabia que ele estava na cidade – afirmou Grant, olhando para um cara alto, de cabelos curtos e uma tatuagem visível acima do colarinho. Ele não parecia feliz de estar lá. E também parecia preocupado com Bethy.

– Vamos dar oi para Woods e Della, depois só preciso falar com algumas pessoas antes de darmos o fora desse lugar e ficarmos sozinhos – sugeriu Grant, colocando a mão nas minhas costas e me conduzindo na direção do homem alto e bronzeado que comandava o salão com autoridade. Eu já sabia quem era Woods, mas ainda que não soubesse, dava para perceber que ele era o dono de tudo aquilo.

Notei a mulher que estava de braço dado com ele. Seus olhos azuis se destacavam junto aos longos cachos escuros. Um sorriso leve se formava em seu rosto quando ela olhava para Woods, como se ele tivesse todas as respostas do mundo.

Woods viu Grant e alternou o olhar entre mim e ele. Um sorriso satisfeito surgiu em seu rosto, e eu me dei conta de que Woods sabia de algo.

– Grant, parece que está sabendo escolher melhor suas companhias – elogiou Woods.

– É. Alguns demoram mais do que outros – respondeu Grant, fazendo pequenos círculos com o polegar nas minhas costas, onde apoiava a mão.

A mulher de cabelos escuros soltou do braço de Woods e deu um passo à frente, entendendo a mão.

– Olá, sou Della. Blaire já me falou muito sobre você. É um prazer.

Ela era sincera. Gostei dela instantaneamente.

– É um prazer conhecê-la também – respondi.

– Fico feliz em ver Grant fazendo escolhas mais sábias – disse Della, sorrindo.

Aparentemente, ninguém gostava de Nan.

Grant riu com o comentário e eu relaxei. Estava preocupada que ele se ofendesse por todos estarem tocando nesse assunto.

– Por quanto tempo preciso ficar por aqui? – perguntou Grant.

O comportamento profissional de Woods foi deixado de lado por um instante enquanto passava os olhos pelo salão.

– Espere pelo menos uns trinta minutos, talvez uma hora. Fique para assistir ao vídeo. Acho que será a parte mais difícil da noite. Os pais do Jace vão gostar de vê-lo por aqui. As pessoas também precisam ver a sua cara, já que é membro do conselho. Depois dê o fora. Bem que eu gostaria de fazer o mesmo – revelou em voz baixa.

Naquele momento, Woods me lembrou Grant e Rush. Não parecia tão poderoso e sério. Della sorriu para mim.

– Eu também queria que pudéssemos sair mais cedo.

– Se quiser ir embora antes, eu dou um jeito – comentou o diretor.

Della olhou para ele e abriu um sorriso.

– Não. Vamos ficar. Não quero ir embora sozinha.

Woods chegou perto do ouvido dela.

– Faça o que você quiser fazer.

Della deu um beijo no rosto dele.

– Eu quero ficar.

– Mentirosa.

Ela riu e olhou para mim.

– Tenho que mantê-lo na linha.

– Fico feliz por alguém fazer isso – Grant respondeu.

O sorriso fácil de Woods se transformou numa careta ao notar algo atrás de nós. Grant e eu nos viramos ao mesmo tempo. Rush vinha na nossa direção com uma cara que não consegui entender.

Grant tirou a mão das minhas costas e foi até Rush. Fiquei sem saber se devia acompanhá-lo ou esperar onde estava.

– Tem algo errado – disse Woods, passando por mim e indo até eles.

Olhei para Della, que os observava, preocupada. Ela não foi atrás de Woods, então fiquei com ela.

Rush balançou a cabeça e olhou para mim, depois acenou para que eu me juntasse a eles. Confusa, fui até lá. Rush pegou no meu braço.

– Preciso que fique com Blaire e Nate. Grant vai ter que ir comigo. Pode fazer isso?

Tentei dizer que sim, mas só consegui ficar ali parada, ainda mais confusa.

– É a Nan. Mas eu preciso do Grant. E você terá que confiar nele – pediu Rush.

Nan? Tínhamos acabado de ver a Nan. Ela estava vindo para cá.

– Tudo bem – foi tudo o que consegui dizer. Eles não pareciam querer argumentar. Grant parecia zangado e Rush estava tenso.

– Não posso ir com você, mas se for mesmo o que ela está dizendo, me avisem. Eu cuido disso – disse Woods, voltando para perto de Della.

Rush fez um sinal para Blaire e a puxou para seus braços, sussurrando algo às pressas. Ela concordou e olhou para mim com preocupação.

– Se acha que é necessário – foi a única coisa que ela respondeu.

– Preciso verificar – disse Rush a Blaire, que não parecia concordar tanto.

Ela manteve as costas eretas e assentiu com a cabeça. Rush parecia dividido. O que estava acontecendo?

– Se quiser, venha junto. Não faça isso comigo – disse Rush, puxando Blaire para mais perto. Ela finalmente pareceu ceder e concordou.

– Está bem. – Rush lhe deu um beijo na boca que a fez derreter ainda mais.

Todos pareciam saber o que estava acontecendo, menos eu. Woods falava com Della de cabeça baixa. Estava lhe contando. Rush contou para Blaire, mas e eu? Todos me mantinham no escuro. Grant nem mesmo dirigia o olhar para mim. Seu corpo parecia tenso, e percebi que havia confiado nele um pouco cedo demais.

Grant

Eu estava fazendo isso por ele. Ele era meu irmão. Era o que mais importava na minha vida. Mas, porra, a expressão de Harlow ao ouvir o nome de Nan ia estragar tudo. Tive que escolher. E escolhi Rush. Ele era da família.

Confiei que Harlow acreditaria em mim. Que soubesse por que eu estava fazendo isso. Precisava que ela entendesse, porque perdê-la não era uma alternativa.

– Ela vai compreender. Harlow vai ouvir quando você explicar, e tudo vai ficar bem. Blaire deve estar lhe contando tudo agora – disse Rush, correndo para a casa de Nan.

Se toda aquela merda fosse verdade e August tivesse espancado Nan, eu concordava em deixar Rush se vingar. Nan podia ser uma vadia, mas era a irmã caçula de Rush. Ele não permitiu que ela se metesse entre ele e Blaire, e protegeu sua esposa. Mas se Nan estava com problemas e precisava de Rush, ele ia correndo. Ele era tudo o que ela tinha. Ninguém mais se importava. Eu me importei um dia, mas ela fez questão que não durasse muito tempo.

– Se Nan estiver mentindo, sou eu que vou quebrar a cara dela – alertei a ele.

Rush soltou um suspiro pesado.

– Eu sei.

Ele não era cego. E também sabia que socorrer Nan e deixar Harlow não era algo fácil para mim. Eu não me casara com Harlow. Não fizera promessas com um anel de brilhante. Blaire tinha tudo isso, e ver Rush sair às pressas para salvar a irmã fazia mais sentido para ela. Nan era da família.

Eu não podia alegar nada disso.

Droga, era bom que ela estivesse dizendo a verdade.

Rush parou na frente da casa, e o medo de Harlow não superar isso me acometeu novamente quando vi seu carro preto. Porra, eu não devia tê-la deixado lá. Mas Rush precisava de mim. Quando ele precisava de ajuda, era a mim que recorria. Era para isso que serviam os irmãos. Cuidávamos um do outro.

Ambos saímos da picape e corremos para a entrada ao mesmo tempo. Rush não bateu na porta; apenas enfiou a chave na fechadura e a abriu. Fiquei surpreso por ele ter a chave da casa de Nan. Devia ser coisa do Kiro.

– Nannette – gritou Rush ao abrir a porta.

Entrei atrás dele.

– Estou aqui – berrou Nan da sala de estar. Rush seguiu o som de sua voz.

Ele estancou ao entrar na sala, e eu parei bem atrás dele e olhei por sobre seu ombro.

Ela não tinha mentido.

A boca de Nan estava estourada e um olho roxo já se formava sobre a pele clara. Os braços descobertos tinham marcas de mãos que logo virariam hematomas. Nan estava lá sentada, com as pernas dobradas na frente do corpo. Filetes pretos de rímel escorriam por seu rosto. Ela estava chorando.

Aquela não era a Nan que eu conhecia. Era a menininha de quem eu tivera pena. Aquela cujos problemas eu tanto quis resolver, assim como Rush. A megera amarga e raivosa não se encontrava ali. Nan estava muito assustada.

– Que merda é essa? – vociferou Rush e deu dois longos passos até ir parar na frente dela, sentada no sofá. – August fez isso? – perguntou Rush. Ele mal conseguia conter a fúria, e minha raiva começou a ferver também.

Não importava o que ela havia feito. Nenhuma mulher merecia isso. August era um homem morto. Se Rush não o matasse, eu o mataria.

– Sim. Ele ficou zangado porque... – ela olhou para mim, depois voltou a olhar para Rush – ... eu estava incomodada com Grant e Harlow. Desisti de ir ao baile, então ele quis transar, mas eu não estava a fim. Ele tentou me forçar, mas eu reagi. Então ele me bateu e, quando acordei, caída no chão, ele já tinha ido embora.

O corpo de Rush se retesou.

– August deixou você inconsciente.

Nan confirmou e olhou para mim outra vez.

– Ele já tinha ficado irritado antes, mas não desse jeito. Não assim. Sabia que a esposa o tinha abandonado e que ele havia levado dois anos para conseguir ver a filha de novo. Acreditei nele quando disse que nunca encostara um dedo nela. Que ela era uma mentirosa – contou Nan com a voz trêmula.

– Você precisa passar no médico. Se ficou inconsciente, pode ter tido uma concussão. Grant, leve-a para o hospital, por favor.

Eu?

– O quê? Por que não vai você? – perguntei. Também queria quebrar a cara do August, mas isso não significava que acompanharia Nan para cima e para baixo.

– Eu vou atrás do August. Preciso que você leve Nan para o hospital. Por favor – pediu Rush, ficando em pé. – Vou ligar para a Blaire e explicar tudo.

O que significava que ele garantiria que Harlow soubesse o que estava acontecendo e por quê. Esperava que ela entendesse. Rush acreditava que ela era forte o bastante para isso, mas eu não concordava totalmente com a afirmação. Ele não sabia quanto ela era insegura, na verdade.

– Não posso ir atrás dele? – perguntei.

Rush balançou a cabeça.

– Não. Eu tenho o Dean para impedir que eu seja preso. Você não.

Era um bom argumento.

– Não tem problema. Posso ficar aqui – disse Nan.

Rush olhou para mim, implorando em silêncio. Merda.

– Está bem, eu levo. – Olhei para Nan. – Você consegue andar?

Ela fez que sim com a cabeça e se levantou.

– Só estou um pouco tonta.

Rush colocou o braço em volta dela e eu o deixei levá-la até a picape. Não queria tocar em Nan. Eu ajudaria, mas não tocaria nela.

Acompanhei os dois até o Range Rover dele. Ele colocou Nan no banco do carona e me disse: – Vou pegar o carro dela. Peça para fazerem todos os exames.

– Ligue para Blaire e veja como Harlow está – respondi.

Ele concordou.

– Vou fazer isso agora.

Não agradei. Ele me devia essa. Dei a volta no carro, entrei e bati a porta para extravasar parte da frustração. Não ajudou.

– Você não precisa me levar – falou Nan.

– Sim, preciso – respondi.

– Porque ainda se importa – disse ela com esperança na voz.

– Não, por causa do Rush – respondi, seguindo para o hospital, a uns trinta minutos dali.

– Está falando sério?

– Estou.

– Mas uma vez você disse que me amava. – Nan parecia magoada.

Eu bebia muito. O sexo era ótimo.

– Era só desejo. O que tivemos foi ótimo no início. Eu gostava. Depois percebi que você não era a mulher da minha vida. Era desagradável, cruel e superficial. Assim como o sexo.

Ela ficou boquiaberta. Não estava nem aí se minhas palavras a magoavam. Sabia que ela estava ferida, e odiava o fato de ela ter ficado com um cara capaz de bater em mulher. Era isso. Nada mais.

– O sexo com ela é melhor? Ela é muito inexperiente para ser boa.

Era isso que ela nunca entenderia. Sexo nunca passaria de sexo para Nan, porque não tinha capacidade de olhar mais a fundo. De realmente sentir algo por outra pessoa.

– Nada se compara a Harlow. Nada chega aos pés dela – foi tudo o que eu disse.

Minha vida particular com Harlow era simplesmente isso: particular. Eu não compartilharia mais nada com Nan.

Harlow

Ouvi Blaire falando ao telefone na cozinha enquanto esperava do lado de fora, na varanda. Ela tinha explicado no caminho que Nan havia sido espancada por August. Ou pelo menos era o que havia dito quando ligou para o Rush.

Dava para ver nos olhos de Blaire que ela parecia não acreditar muito naquela história. Mas entendia que Rush precisava ir. Eu também entendia que ele precisaria de ajuda se fosse verdade, e Grant era seu irmão – ou o que mais se aproximava disso.

Mas imaginar Grant abraçando e consolando Nan... Eu odiava ser tão egoísta. Eu não era assim. Meus sentimentos por Grant estavam me transformando. E eu não gostava muito de algumas mudanças. Se Nan havia apanhado mesmo, ela precisaria de seu irmão e de Grant. Eram os únicos dois homens em quem podia confiar.

– Era o Rush – disse Blaire atrás de mim.

– Como ela está? – perguntei, sem conseguir olhar diretamente para ela. Tinha medo de que visse nos meus olhos o que eu estava pensando, e me envergonhava por isso.

– Ela falou a verdade. Rush contou que Nan apanhou feio e ficou inconsciente.

Meu peito doía, mas não por Nan. Por mim. Podia ver que Grant se afastaria. Eu me odiava por isso. Será que era mesmo tão cruel?

– Rush foi atrás de August. Ele mandou Grant levar Nan para o hospital. Disse que queria que ela fizesse alguns exames.

Então Grant estava com ela. Sozinho. Era isso. Ele era um idiota quando se tratava da Nan. Eu tinha visto como ele corria atrás dela antes, quando sentia que ela precisava de alguém.

– Rush pediu para avisar que Grant não queria levá-la. Ele praticamente o obrigou.

Eu poderia me apegar àquilo por um tempo. Talvez atenuasse meu medo. Ou talvez me preparar para o pior fosse a melhor maneira de proteger meu coração. Não que fizesse muita diferença. A situação era ruim do mesmo jeito.

– Eu costumava odiá-la. Achei que era a maldição da minha vida. Mas, com o tempo, me dei conta de que Nan é apenas triste. Ela afastou todo mundo e fez com que a odiassem. Não faz nada para mudar de comportamento. Ligou para Rush porque é o irmão dela. É o único que vai correndo. Não chamou Grant hoje porque sabia que ele não atenderia, muito menos iria ao seu resgate. Mas Rush sim, e sabia que ele levaria Grant a tiracolo. Mesmo quando está no fundo do poço, Nan manipula as pessoas. Grant é esperto o bastante para enxergar isso.

Eu esperava que ela estivesse certa.

– Ele já ficou fascinado por ela antes – falei simplesmente.

Blaire ficou ao meu lado.

– Grant viu alguém que precisava de reparos. Ele gosta de consertar as coisas. Quando cheguei aqui, Rush me odiou. Queria que eu fosse embora. Mas Grant deu um jeito de isso não acontecer. Na manhã seguinte, quando acordei, estava preocupada em como pagaria pela gasolina. No carro, encontrei um bilhete de Grant. Ele havia enchido o meu tanque! Ele é assim. Nan está com defeito, e não é algo que pode ser consertado. Grant percebeu isso. Ele tem você e não vai estragar tudo.

Senti que lágrimas estavam se formando nos meus olhos. Eu conhecia a história de Blaire. Ela veio para cá sozinha, perdida, mas corajosa. O fato de Grant ter garantido que ela tivesse gasolina só me fazia amá-lo mais. Agarrei a grade com força e fechei os olhos. Não podia chorar.

– Estou apaixonada por ele – admiti num sussurro tão baixo que achei que ela não tinha escutado. E, assim que disse, esperei que não tivesse mesmo.

– Eu sei. Dá para ver na sua cara quando está com ele. E ele está apaixonado por você também. Nunca o vi olhar para ninguém do jeito que olha para você.

Pensei em Rush e na maneira que ele protegia Blaire. O brilho possessivo em seus olhos e o modo como ele a mantinha sempre por perto. Eu não tinha aquilo. Blaire tinha algo de excepcional, e eu havia lido romances demais. Queria aquilo também. Não sabia que era real até ver Rush com Blaire.

Aquele tipo de amor não era uma fantasia. Era real.

– Eu quero a fantasia. Quero que ele me ame como Rush ama você.

Blaire se aproximou de mim e bateu no meu ombro com o dela.

– Ele está percorrendo esse caminho, se é que já não chegou lá. Você o pegou de jeito.

– Grant nunca disse que me ama – contei a ela.

– Ele dirá. Quando reunir coragem suficiente.

Tentei acreditar naquilo. Queria acreditar.

– Passei a vida toda vendo meu pai ficar com mulheres e jogá-las no lixo como se não significassem nada. Ficava pensando que o amor não era real, ou, se fosse, que eu não tinha a genética certa para amar alguém. Eu nunca havia me apaixonado. Sempre fiquei muito na defensiva. Me preocupava em não amar porque meu pai era incapaz disso. Então... então eu o vi com... – parei de falar. Não tinha certeza se queria compartilhar aquilo com Blaire. Não sabia se algum dia compartilharia aquilo. – Ele ama a minha mãe. Mesmo que ela não possa falar ou se mexer, ele quer ficar perto dela. Escova os cabelos dela. – Aquele fato ainda me deixava desnorteada. Nunca pensei que ele pudesse ser daquele jeito.

– Tenho o palpite de que você é igualzinha à sua mãe. Ela inspirou aquele tipo de amor e devoção num astro do rock que podia ter quem quisesse. É um dom especial, e você precisa aprender a confiar que é digna desse amor. Dê tempo ao Grant. Ele está começando a entender as coisas, e acredito que vale a pena esperar.

Confirmei com a cabeça. Ela estava certa. Eu precisava parar de duvidar dele. Duas vezes em uma noite. Outra característica que odiava em mim. Para que tanta insegurança? Já estava na hora de superar isso. Eu não sabia se meu relacionamento com Grant duraria ou não. Mas queria ficar com ele. Queria que ele fizesse parte da minha vida. Quando terminasse, queria saber que tive isso.

Também estava na hora de contar meu segredo a ele. Grant merecia saber.

Três horas depois, meu celular tocou e eu me sentei encolhida no sofá dos Finlay. Blaire tinha subido mais cedo, quando Nate começou a chorar. Contou que o filho tinha se acostumado com Rush, então teria que lhe dar atenção extra.

– Alô.

– Oi, você ainda está na casa do Rush? – perguntou Grant.

– Estou – respondi.

– Ótimo. Tenho que deixar Nan em casa e me certificar de que ela vá para a cama. O médico disse que ela precisa ser acordada de hora em hora. A concussão foi feia. Vou buscar você assim que ela estiver deitada.

Não queria pensar no fato de que ele a estava colocando na cama. Eu era mais forte do que isso.

– Está bem – respondi.

– Harlow? – chamou, obviamente preocupado.

– Sim?

– Sinto muito por tudo isso. Por favor, saiba que nada mudou. Ela é apenas a irmã mais nova do Rush. Certo?

– Eu sei.

Grant soltou um suspiro frustrado.

– Chego aí em alguns minutos. Eu juro.

– Tudo bem. Leve o tempo que precisar – garanti a ele antes de desligar.

A porta da frente se abriu e Rush entrou. Ele passou pela sala e parou, voltou, e olhou para mim.

– Ei, você ainda está aqui.

– Estou. Grant acabou de ligar.

– Precisei da ajuda dele hoje. Foi só por isso que ele foi comigo.

– Eu sei – falei, mesmo sem concordar completamente.

– Ele queria voltar para você.

– Tudo bem, Rush. Não estou chateada.

Ele pareceu aliviado.

– Nate dormiu? – perguntou.

– Ele estava chorando e a Blaire subiu para niná-lo.

– Deve ter sentido a minha falta. É o nosso momento juntos. Agradeça ao Grant por mim – despediu-se.

– Pode deixar.

Grant

Harlow saiu quando parei na garagem de Rush. Ela ainda usava aquele vestido, mas levava as sandálias na mão. Eu tinha feito planos para aquele vestido, e principalmente para o salto alto. Mesmo sem ter culpa, Nan havia arruinado a noite.

Desci do carro e dei a volta para abrir a porta para ela.

Harlow sorriu para mim com doçura. O olhar cansado me fez querer abraçá-la.

– Oi – chamei, pegando nas mãos dela e colocando-as em volta do meu pescoço.

– Oi – ela respondeu, apoiando as mãos nos meus ombros.

– Senti sua falta – confessei, abaixando a cabeça até conseguir beijar seus lábios. Ela abriu a boca com facilidade e eu mergulhei, saboreando-a e lembrando que ela era minha. Confiava em mim.

– Também senti sua falta – sussurrou ela junto aos meus lábios.

– Não está zangada? – perguntei, precisando de confirmação.

– Não.

– Está na hora de colocar a minha menina na cama também. Quero ver você nua e enrolada em mim – disse, levantando-a para deixá-la no assento do carona. – E quero que use aqueles saltos.

Ela franziu o nariz.

– Para dormir?

– Não, quero você de salto enquanto eu me enterro em você – informei a ela.

Suas bochechas ficaram bem vermelhas e ela, corada, assentiu com a cabeça.

Aquela era minha garota. Não estava chateada ou zangada. E eu nunca fiquei tão aliviado.

Apontei para o assento ao meu lado na picape e Harlow se aproximou. Ela se inclinou junto a mim e me deixou abraçá-la. Tê-la aqui tornava tudo mais fácil. Dei um beijo na testa dela.

– Obrigado.

– Por quê?

– Por ser tão perfeita.

Harlow virou o rosto para apoiar a cabeça em meu ombro. Senti seu hálito quente na minha pele, e levá-la para o quarto estava se tornando prioridade.

– Não vou mentir. Fiquei chateada. Não gostei de você ter ido resgatar a Nan. Foi egoísmo meu e eu me odiei quando percebi que tinha um lado tão feio. Nunca mais vou reagir dessa forma. Não quero ser assim.

Ela era tão sincera. E estava tão errada. Não havia um pinga de feiura nela. Passei a mão em sua coxa descoberta.

– Harlow, não acho que você seja capaz de ser egoísta e feia, nem mesmo se tentar. Reagiu dessa forma porque ficou com ciúmes, e isso faz de mim o homem mais sortudo do mundo. É normal. Droga, gata, até eu fiquei chateado, dividido entre você e Rush. Queria ter ficado com você, mas Rush precisava de mim.

– E eu me senti mal por isso. Fui egoísta.

Rindo, subi a mão pela perna dela.

– Vou dizer uma coisa: pode ser egoísta quando quiser em relação a mim. Me deixa bem excitado.

Harlow abriu um pouco as pernas.

– Por quê? – suspirou ela enquanto minha mão roçava sua calcinha já molhada.

– Porque quero pertencer a você. Quero que se importe quando eu saio. Se tivesse ido atrás de mim, ficaria feliz em ter levado você junto. Sou incapaz de lhe dizer não.

Ela se movimentou junto à minha mão e um gemido suave se formou em sua garganta.

– Então quero que você me coma no carro antes de entrarmos. Preciso de você – disse ela, jogando a cabeça para trás e gritando quando mexi no seu clitóris.

– Parece que vou realizar minha fantasia com você usando esse vestido, afinal – falei, pegando as sandálias. – Calce isso primeiro – pedi.

Ela riu e colocou as sandálias antes de subir no meu colo.

Quando tocou o primeiro alarme, uma hora depois que Harlow e eu fomos para a cama, eu o desliguei e comecei a sair para acordar Nan. Harlow esticou a mão e me agarrou, puxando-me de volta.

– Não. Eu vou – disse ela, levantando.

– Fique na cama. Não quero que tenha que lidar com isso – argumentei. Nan era problema meu, não dela.

Harlow tirou os cabelos longos e grossos do rosto e franziu a testa para mim.

– Você disse que eu podia ser possessiva. Bem, não gosto da ideia de você entrando no quarto de Nan para acordá-la. Você fica aqui na *minha* cama e *eu* vou acordá-la – ordenou ela.

Sorrindo, voltei a deitar.

– Está bem. Certo. Você venceu – respondi.

Ela tinha um bom argumento. Eu nunca permitiria que ela entrasse no quarto de outro homem à noite para acordá-lo e ver se estava bem.

Harlow concordou e pegou minha camisa branca, vestindo-a sem se preocupar em abotoar. Segurou na frente e saiu.

A mulherzinha doce e sensual fazia questão de ver se Nan estava bem e ao mesmo tempo mostrar quem estava na cama dela. Aquilo me fez sorrir. Gostava de saber que ela era meio birrenta. Com uma irmã como Nan, precisava ser mesmo. Odiava pensar em Nan machucando Harlow de qualquer modo.

E pensar que quase fiquei sem isso por medo de amá-la e perdê-la. O medo da morte estava com as garras bem fincadas. Eu tinha que agradecer a Rush e Blaire por me mostrarem que valia a pena amar alguém. Só precisava encontrar um jeito de admitir isso para Harlow. Não queria

assustá-la. Pela maneira como me olhava ultimamente, queria acreditar que ela sentia o mesmo por mim.

A porta do quarto se abriu e Harlow revirou os olhos.

– Ela está bem. Megera como sempre. Disse que queria que fosse você da próxima vez – contou Harlow antes de tirar a camisa e voltar para junto de mim na cama.

– O que você disse? – perguntei.

– Disse para ela esquecer essa questão. Que seu corpinho sexy estava em segurança na minha cama – respondeu, jogando uma de suas longas pernas sobre as minhas e se aconchegando junto de mim.

Eu a abracei e voltei a dormir com um sorriso no rosto.

Harlow

Rush encontrou August. Mesmo que Woods não o tivesse demitido, ele não conseguiria trabalhar. Rush quebrou o braço com que ele bateu em Nan e disse para ele sair da cidade. Ou Rush tinha alguma influência na polícia ou August tinha ficado muito assustado e fugido. Não sei exatamente o que aconteceu. Não gostava de falar sobre Nan com Grant.

Ela saiu da cidade de novo, como sempre. Voltaria quando tivesse superado o que aconteceu com August. Eu estava feliz por poder ficar sozinha com Grant. Ele parecia até mais aliviado do que eu.

A única coisa que existia entre mim e Grant agora era o meu segredo. O que guardei durante a maior parte da vida. O que fazia as pessoas me tratarem diferente. E que me impedia de dizer que eu o amava.

Grant não admitira ainda. Seria justo amá-lo sem poder lhe dar tudo o que merecia? Por muito tempo, vivi sem pensar nisso porque minha avó não permitia que eu o usasse como muleta ou desculpa. Mas agora... Eu não podia ficar com ele sem ser sincera. Dizer a verdade a Grant seria difícil. Ou ele entenderia ou ficaria decepcionado.

Se ao menos eu tivesse mais tempo. Não queria estragar as coisas. O coração dele estava seguro, mesmo que o meu não. Olhei para Grant, ao telefone com alguém de um obra para onde iríamos, a três horas da cidade. Ele preferiu que eu fosse com ele, e eu não queria ficar longe. Não conversamos muito no caminho porque ele estava dirigindo, fazendo anotações e falando ao telefone com várias pessoas. Eu até o ouvi discutindo com o pai. Era diferente conhecer outro lado da vida dele. Grant não era como os demais riquinhos de Rosemary – ele tinha um emprego de verdade. Um emprego regular numa construtora. Eu gostava disso.

Grant finalmente largou o celular sobre o bloco de notas e olhou para mim.

– Juro que se soubesse que eles me alugariam tanto tempo no maldito telefone, eu não teria arrastado você para vir comigo.

– Gosto de ficar com você – falei.

Um sorriso surgiu no canto da boca e ele entrelaçou os dedos nos meus.

– Amo ter você comigo. Deixa tudo melhor.

Ele amava me ter com ele. Ele não *me* amava, mas amava me ter por perto. Isso era novo. Eu não conseguia tirar o sorriso bobo do rosto.

– Estou morrendo de fome. Quer almoçar? – perguntou, entrando com o carro na saída seguinte.

– Sim, estou ficando com fome – admiti.

Meu telefone tocou, interrompendo-me, e eu o peguei imediatamente. Só duas pessoas

podiam estar ligando. Meu pai ou Mase.

O nome do meu pai apareceu na tela.

– Pai? – falei ao telefone. Ele quase nunca me ligava quando estava em turnê.

– Oi. Estou voltando para casa. Há um problema com Emmy. Preciso ir para lá. E quero que você se prepare. As coisas vão sair do controle quando eles encontrarem você.

Como assim?

– Não entendi, papai. O que vai sair do controle? Quem vai me encontrar?

– Alguma cretina vazou a informação sobre sua mãe. Alguma funcionária nova da clínica. Quando me viu lá, ela investigou. Quando você foi visitar, ela descobriu que você era minha filha. Fui atacado pelos paparazzi em Paris hoje à noite. Estou indo para casa. Não quero que cheguem perto da sua mãe. A vadia foi demitida e expulsa da propriedade, mas a imprensa está cercando o local. Os funcionários estão em pânico. Jornalistas devem estar atrás de você também.

Eu sempre fiquei a salvo dos paparazzi por ser uma pessoa entediante. Agora a existência da minha mãe mudaria tudo.

– O que posso fazer para ajudar? – perguntei, preocupada com o homem que vi protegendo a esposa naquele quarto como se fosse uma princesa.

– Nada. Nada mesmo, querida. Nada mesmo. Preciso chegar até sua mãe. Ela precisa de mim. Sinto muito, mas você está por conta própria. Apenas se prepare, pois eles vão encontrá-la. E tudo vai vir à tona. Tudo. Você compreende isso, não é?

Ele estava falando da minha vida. Dos meus segredos. Da minha privacidade.

– Sim, senhor. Eu sei.

– Sinto muito, filhinha – disse, e a dor em sua voz era sincera. Ele realmente desejava que eu não tivesse que enfrentar isso. Mas eu precisava resolver sozinha.

– A única coisa que consigo pensar é que você pode ir para a clínica. Posso conseguir um quarto para você lá, onde ficará em segurança, mas eles vão acabar descobrindo a história. Muitas pessoas sabem de coisas. Você pode se esconder por um tempo, e eu vou escondê-la. Mas é hora de enfrentar. Você não é mais uma garotinha.

Ele tinha razão. Era hora de enfrentar a vida. Aquela da qual eu havia me escondido.

– Papai, me ligue para avisar como ela está e diga que chegou em segurança – pedi a ele.

– Pode deixar. A história de Nan também vai aparecer. Prepare-se para isso também.

– Farei isso.

Desligamos e fiquei olhando para o celular.

– O que foi? – perguntou Grant, olhando em meus olhos.

– Eu... Eles sabem. A imprensa sabe.

– Merda. – Grant tirou o bloco que dividia os bancos e se aproximou de mim. Nem tinha me dado conta de que tínhamos estacionado. – Você está falando da sua mãe?

Confirmei com a cabeça.

– Sim. Minha mãe. Nan... eu. Eles sabem de tudo. Virão me procurar. Não vai ser difícil me encontrar. Já sabem onde o Rush mora. De vez em quando ele vira notícia, quando os jornais

sensacionalistas precisam dar uma alavancada nas vendas e publicam alguma história de família da Slacker Demon.

Grant me abraçou apertado. Eu precisava contar tudo a ele agora. Só não conseguia organizar as ideias.

– Não vou deixar que esses malditos cheguem perto de você. Eu juro – vociferou ele, me apertando mais forte.

Grant não sabia como eram os jornalistas. Tratava-se de uma história grande na indústria da música. O vocalista da banda de rock mais importante do mundo era casado com uma mulher que ele mantinha em segredo. Até mesmo da própria filha, durante anos.

E tinha eu. A filha milagrosa. A criança que não devia ter sobrevivido, mas conseguiu. Aquela que talvez não sobrevivesse muito mais. Aquela que não podia ter filhos, ou morreria. Aquela que não era completa, cujo coração nunca funcionou direito. Os remédios que tomei a vida toda. As precauções – tudo seria revelado. E eu seria a garota doente. Aquela para quem todos olhavam como se não fosse normal. Eu não queria aquilo. Não de novo.

Já tinha vivido essa vida, e não estava a fim de passar por tudo outra vez. Meus segredos ficavam trancados por um motivo. E agora todos seriam revelados, e sem controle algum.

– Ei, está tudo bem, gata. Vou proteger você. Juro que vou – murmurou Grant enquanto lágrimas silenciosas corriam pelo meu rosto. Minha vida estava prestes a mudar completamente.

Grant

Minha nossa. Não conseguiria consertar aquilo, e me odiava por isso. Os ombros de Harlow balançavam silenciosamente conforme as lágrimas ensopavam sua camisa. A vida dela estava prestes a ser descoberta pela mídia. E eu não podia fazer nada a respeito.

Rush nunca teve que lidar com isso porque o mundo sabia da existência dele. Saía nos tabloides de vez em quando, mas sua vida normal não oferecia o drama que eles queriam.

Isso forneceria. Harlow não teria paz. Eu poderia levá-la para longe e escondê-la. Podíamos entrar num avião e sair do país.

– Vamos embora. Entrar num avião e nos esconder. Podemos ir para uma ilha isolada.

Ela balançou a cabeça.

– Não vai adiantar nada. Um dia eles vão me encontrar e, até eu enfrentar... – soluçou – ... ficarão atrás de mim. Preciso encarar. E preciso ver se meu pai está bem. Vai ser muito difícil para ele.

Sempre preocupada com os outros. Esta era Harlow. Era uma das coisas que eu mais amava nela. Mas, naquele momento, queria que ela pensasse em si mesma. Kiro estava acostumado com os paparazzi. Estava acostumado com a mídia e os rumores sobre ele. Tinha conseguido manter Harlow longe dos holofotes e agora ela estava prestes a ser jogada aos leões.

O mundo sabia que ela existia. Apenas não conhecia muito da vida dela, então era deixada de lado. Ela era muito certinha e as proezas de Kiro eram muito mais divertidas.

– Me diga o que fazer e eu faço. Tenho que saber somente do que precisa para lidar com isso – falei, com a sensação de que meu coração se partia a cada soluço de choro.

– Preciso voltar para Rosemary e fazer as malas – respondeu simplesmente.

Fazer as malas? Por quê?

– Por que você vai fazer as malas? – perguntei, sentindo as primeiras pontadas de pânico.

– Preciso ir embora. Não será menos interessante para a mídia se eu não estiver lá. Preciso voltar para Los Angeles e me esconder. Sou boa nisso.

– Não posso trabalhar em Los Angeles. Mas vou ligar para o meu pai e pedir que ele dê um jeito – falei.

Harlow balançou a cabeça.

– Não, você não vai. Fique aqui e se livre de tudo isso.

Segurei os ombros dela com cuidado e a encostei para poder ver seu rosto. Sua face estava molhada de lágrimas e seus olhos grandes me fitavam.

– Não vou permitir que me abandone. Jamais. Está entendendo?

Harlow olhou para mim. Ela tinha dúvidas quanto a mim... quanto a nós. Achei que havíamos

superado isso.

– Harlow, não vou permitir que você me abandone.

Ela secou as lágrimas do rosto.

– Vai, sim – disse ela com a voz triste e derrotada. Eu odiava isso.

– Meu doce, nenhum jornalista vai me afastar de você. Posso aguentar qualquer coisa contanto que esteja com você.

Harlow balançou a cabeça e desviou o rosto.

– Você está dizendo isso agora. Mas você não sabe. Não vale a pena.

– Vou levar você de volta para casa, mas não vou sair do seu lado. Não vou deixar que você passe por isso sozinha, e não vou embora. Está ouvindo?

Um sorriso triste surgiu em seu rosto.

– Sei que pensa isso, mas vai ter que aguentar muita coisa. Você logo vai descobrir. Não é exatamente o que você pensa. Revelações virão à tona, e você não vai conseguir lidar com elas. E eu vou entender.

Harlow não confiava em ninguém. Eu estava perdendo essa briga. Precisava ganhar o coração dela, droga. Ela tinha o meu, e eu faria o possível para provar isso. Dizer não bastava. Palavras eram fracas. Eu precisava mostrar a ela. E mostraria.

Mantive Harlow atrás de mim. Não ouvimos rádio. Provavelmente o assunto já devia ser o mais comentado nas estações. Eu não queria chateá-la. Não seria fácil e eu estava disposto a bater em alguém antes que terminasse, mas eu mostraria a ela que estava falando sério. Que ela era a mulher da minha vida.

Quando voltamos para Rosemary, vans e carros de redes de TV ocupavam as ruas. Dei a volta e segui para o meu apartamento.

– O que está fazendo? – perguntou ela, endireitando o corpo e olhando para os paparazzi que já cercavam a casa de Nan. Eles tiravam fotos do carro dela e da casa.

– Vou levar você para a minha casa – informei.

– Preciso encarar isso agora. Só vai piorar. Quero que eles vão embora para que todos em Rosemary voltem à vida normal.

– Harlow, se eu deixar você sair desse carro e eles vierem para cima, vou acabar na cadeia. Está entendendo?

Ela olhou para mim com a testa franzida.

– Por quê?

– Porque eu vou quebrar tudo. Por isso.

– Ah – respondeu ela, e ficou calada o restante do trajeto.

Quando estacionei, suspirei aliviado. Estava com medo que já tivessem descoberto quem eu era e esperassem aqui também.

Meu celular tocou quando parei o carro. O nome de Rush apareceu na tela.

– Oi – falei, abrindo a porta. Queria levar Harlow logo para dentro.

– Onde está Harlow? – perguntou Rush.

– Comigo.

– Onde?
– Acabamos de chegar no meu apartamento – respondi.
– Entre com ela e não saiam! – gritou Rush.
– Já estou fazendo isso – falei, irritado por ele achar que precisava proteger algo que era meu.
– Ela sabe? – perguntou ele.
– Sim. Kiro ligou e avisou.
– Harlow sabia a respeito da mãe?
– Sim, descobriu quando fomos procurar o pai dela em Las Vegas. Fui para lá também.
– Já estão falando sobre Harlow. Deixe a TV desligada – disse Rush.
– É o que pretendo fazer. Vou cuidar dela. Não preciso que fique me dizendo como manter minha mulher em segurança.

Rush ficou em silêncio por um instante.

– Certo. Tudo bem. Mas se... – ele fez uma pausa. – Esqueça. Me ligue se precisar. – Ele desligou e eu tirei Harlow do carro, dando a mão para ela e correndo para a porta. Não havia ninguém aqui e eu queria que continuasse assim.

Quando estávamos em segurança, fechei e tranquei a porta.

– Você está bem? – perguntei a ela.

Harlow confirmou e ficou ali parada, olhando para mim. Eu não sabia ao certo em que pensava, mas dava para ver que combatia algo.

Dei um passo na direção dela, que se jogou em meus braços. Eu não esperava aquilo, mas a segurei e abracei. Percebi que era a primeira vez na vida dela em que alguém a transformava em prioridade. O alívio em seu corpo ao pressioná-lo contra o meu dizia tudo o que eu precisava saber. Minha superprotegida Harlow nunca havia sido protegida para seu próprio bem, mas dos segredos de sua família e por uma mulher que ela nem sabia que estava viva.

– De agora em diante, você tem a mim – falei para ela.

E Harlow meneou a cabeça junto ao meu peito.

Harlow

Levaram apenas três horas para nos encontrar. Grant fechou as venezianas e as cortinas das janelas e das portas de vidro da varanda. Havia carros de polícia lá fora e eu soube que Rush estava usando todo o poder que tinha para tirar os abutres de cima de mim, mas não adiantaria nada.

Grant estava trancado em seu apartamento como um animal por minha causa. Eu odiava aquilo. Eu o vi espiar pela janela e comecei a me odiar. Havia feito isso com ele. Eu era egoísta e o deixei ficar comigo. Devia ter fugido. Devia tê-lo obrigado a me deixar. Devia ter dito a ele que esse medo de gostar de alguém que podia perder era muito real. Eu não sabia por quanto tempo viveria. Ele nunca poderia me engravidar. Eu já tinha visto como ele olhava para Rush com Nate, e sabia que desejava ser pai.

Mas nunca poderia ter um filho comigo.

Eu era defeituosa.

E agora arruinava a vida dele.

Grant se virou e me viu olhando para ele. Franziu a testa e chegou até mim com alguns passos longos.

– Não estou gostando da expressão em seu rosto. Ignore aquela merda lá fora.

– Não posso. Você está preso por minha causa.

Grant levantou as sobrancelhas.

– Acha que ligo para isso? Meu único problema seria se você não estivesse comigo. Mas está. Então está tudo bem.

Não conseguia deixar de sorrir vendo o olhar brincalhão em seu rosto. Ele nunca parava de me fazer sorrir.

– Logo você vai querer sair – falei, tentando lembrar de um problema bem real.

Grant não discutiu comigo. Em vez disso, fez um gesto com o dedo.

– Levante-se – ordenou.

Fiz o que pediu.

Ele esticou o braço e acariciou meu rosto com o dorso da mão.

– Boa menina – disse com carinho. – Agora, tire a roupa – falou com um tom de voz austero. Isso devia ter me deixado zangada, mas os tons graves e obscuros só chamavam minha atenção de uma forma bem diferente.

– O quê? – perguntei, começando a respirar mais rápido.

– Eu mandei você tirar a roupa. Sei que me ouviu bem – disse lentamente.

Pensei em discutir, mas o modo com que ele me observava me fez mudar de ideia. Procurei o

zíper da saia e a tirei, deixando-a cair aos meus pés. Peguei na barra da camisa e a puxei pela cabeça devagar. Se ele queria jogar, resolvi que faria o seu jogo. Quando deixei a blusa cair no chão, ele me fuzilou com os olhos. Quase dava para sentir o calor queimando minha pele. Coloquei as mãos nas costas e abri o sutiã, deixando-o cair para a frente. Fiquei segurando com uma das mãos, depois joguei em cima dele.

– Calcinha – pediu com a voz áspera.

Foi necessário um esforço maior para fazê-la descer, depois fiquei lá parada enquanto seu olhar quente aquecia meu corpo e o fazia formigar nos lugares certos.

– Nenhum homem se arrependeria de ficar trancado com você – disse em voz baixa, esticando os braços para cobrir um dos meus seios intumescidos e carentes.

– Seus mamilos reagem tão rápido. Nem preciso tocar neles. Ficam duros como balas só com o meu olhar – murmurou.

Achei que devia mencionar que os mamilos de qualquer mulher ficariam duros se recebessem um olhar daquele. Mas não quis pensar nisso. Só queria falar sobre nós. Mais ninguém. Só nós.

– Depilar essa bocetinha devia ser ilegal. É injusto. Uma boceta tão perfeita não devia poder ficar ainda mais irresistível. É muita coisa para um homem.

Suas mãos escorregaram para cobrir minha virilha e eu gemi. Não sabia muito bem qual era a regra do jogo agora, mas gostava.

– Molhadinha. Sempre tão molhadinha. Você fica úmida com tanta facilidade. Por quê? O que eu faço para deixá-la assim? – perguntou ele enquanto seus dedos escorregavam por meu calor úmido.

– Não precisa muita coisa. Você só precisa olhar para mim e eu fico assim – contei a ele.

Um sorriso satisfeito surgiu em sua boca e ele se aproximou.

– É só olhar? Sério? Assim vai ser difícil eu não meter a mão na sua calcinha. Já penso em beijar você e sentir seu gosto o dia todo. Saber que sua bocetinha está molhada vai me fazer comer você em lugares perigosos – sussurrou enquanto beijava meu pescoço.

Estremeci e agarrei os braços dele para impedir que minhas pernas cedessem. Suas mãos ainda agiam sobre mim, e eu estava quase tendo um orgasmo com as sacanagens que ele estava dizendo e fazendo.

– Você foi feita para mim – disse ele, me fazendo parar.

O que queria dizer com aquilo? Estava terrivelmente perto de outra coisa. Ele não podia me amar. Ele não sabia. Não me amaria quando descobrisse.

Eu queria esquecer. Não queria que Grant dissesse mais nada. Levantei a perna esquerda e a posicionei em volta de seu quadril, me abrindo para ele. Seus dedos afundaram e ele gemeu.

– Quanta flexibilidade – sussurrou ele, beijando todas as partes que sua boca podia alcançar. Minha orelha, meu queixo, meu pescoço. – Vire-se e se agarre no encosto do sofá. Levante essa bundinha para mim – exigiu.

Não questioneei, apenas obedeci. Queria fazer. Ele pegou a minha bunda e bateu com suavidade. Eu gritei e ele bateu com mais força.

– Gosto de ver a marca da minha mão na sua pele – disse, acariciando o local onde havia

batido.

Eu me contorci, desejando o orgasmo que estava tão perto de atingir.

– Minha menina está rebolando. Ela gosta disso. – Ele me deu outro tapa, dessa vez mais forte, e eu gritei. – Porra, que lindo – murmurou Grant, roçando os lábios na pele que ardia. Ele lambeu a área delicada com sua língua quente. Saber que sua boca estava tão perto de outras áreas me deixou ávida.

– O que você quer, meu doce? Quer que eu bata em mais algum lugar? – perguntou.

Eu não sabia como responder. Só queria aquele orgasmo que ele estava provocando. E seria diferente dos outros. Eu sentia.

Um tapa ruidoso e forte atingiu meu clitóris e eu gritei quando o orgasmo me atingiu em cheio e comecei a cair no sofá, incapaz de ficar em pé com o corpo tomado por tremores.

Grant agarrou meus quadris e me levantou, me penetrando com uma investida suave.

– Tenho uma garota sacana que gosta de apanhar – ofegava ele enquanto me controlava, entrando e saindo de mim.

Nunca imaginei que gostaria de apanhar, mas do jeito que Grant fez foi maravilhoso. Meu corpo ainda estava mole do orgasmo quando senti outro se aproximando. Eu não sabia se conseguiria suportar outro. Não como aquele. Grant teria que segurar mais do que apenas meus quadris.

– Minha bocetinha. Saber que mais ninguém tocou nessa boceta e que ela é só minha me deixa louco – urrou de satisfação e eu comecei a me movimentar com ele, louca pelo que estava prestes a me dar.

Grant começou a acariciar meu clitóris em movimentos circulares enquanto me elogiava.

– Goze para mim, gata – disse, me mandando mais uma vez para longe. Ele ejaculou e eu implorei que não parasse enquanto rugia de prazer.

Não tínhamos usado camisinha de novo. O líquido quente nas minhas costas era prova disso. Não podíamos continuar fazendo isso.

– Fique parada. Vou limpar você – disse Grant, afastando-se e me deixando lá.

Eu queria afundar no sofá. Minhas pernas pareciam feitas de gelatina. Ele voltou em menos de um minuto com um pano morno, limpando o esperma com cuidado. Sorri, sabendo que ele tinha se observado ejacular sobre meu corpo. Seu urro de prazer havia sido mais alto do que das outras vezes. Eu sabia que ele gostava de ver.

– Acho que marquei você de novo – disse ele com um sorriso satisfeito quando me virei para cair no sofá.

– Sim, marcou.

Grant passou os olhos sobre meu corpo. Depois pegou sua camiseta e a jogou na minha direção.

– Não posso ver você assim ou vamos começar tudo de novo em cinco minutos.

Eu amava saber que ele me desejava tanto. Puxei a camiseta bem para baixo e coloquei as pernas sob o corpo.

– Se estava tentando me distrair, fez um ótimo trabalho – eu disse a ele.

– Que bom. Fico feliz por isso, mas, gata, sexo com você não tem a ver com mais nada além

do fato de eu amar ficar dentro do seu corpo.

Aquilo me dava a sensação de que Grant precisava de mim tanto quanto eu dele.

– Eu diria para tomarmos um banho, mas gosto de saber que você está com meu cheiro e com aroma de sexo. Sinto como se eu fosse um homem das cavernas. Se eu começar a bater no peito, é só ignorar. – Ele deu uma piscadela e vestiu a calça, deixando-a desabotoada, mostrando a barriga tanquinho, depois se sentou ao meu lado.

– Me lembre de mandar um bilhete de agradecimento a esses cretinos por me darem motivo para trancar você aqui vestindo minha camiseta.

Eu ri e me aproximei dele. Isso fazia sentido. Tudo o que dizia respeito a Grant parecia certo. Talvez Deus o tivesse feito para mim. Tinha que haver alguém para mim no mundo, mesmo sendo defeituosa. Certamente Deus não queria que eu passasse a vida toda sozinha.

Grant

Harlow estava encolhida nos meus braços, brincando com meus cabelos. Tinha considerado cortar porque já estavam compridos havia um bom tempo. Mas decidi manter o mesmo corte por causa do modo como ela passava os dedos pelos fios. Era óbvio que gostava de fazer isso.

Não tinha certeza do porquê havia resolvido ser brusco com ela antes, mas tive vontade. Ela sempre pareceu tão frágil e eu a tratava como algo precioso e estimado. Porque ela era. Mas quis ver até onde ela aguentava. Eu a pressionei e esperei que pulasse fora, e teria parado. Mas ela não pulou. Ficou com a bundinha sexy empinada, contorcendo-se e querendo mais. Porra, foi maravilhoso.

Fazia um tempo que eu não olhava lá fora. Rush tinha ligado para perguntar se eles ainda estavam aqui e eu disse que sim. Ele falou que alguns paparazzi estavam acampados na frente da casa dele também. Eu sabia que não podia continuar usando sexo para distrair Harlow. Logo teria que sair e enfrentar aqueles intrometidos.

- Acho que preciso ir lá falar com eles – disse Harlow, enrolando meus cabelos nos dedos.
- Não – respondi, fechando os olhos para não ver os dela caso decidisse implorar.
- Eles não vão embora até conseguirem falar comigo.
- Ótimo, porque se você continuar brincando com o meu cabelo, vamos para a segunda rodada – alertei.

Harlow o puxou.

- Grant. Você não pode usar o sexo para me controlar.

Eu sorri.

- Sim, gata, eu posso.

Uma risadinha dela fez meu sorriso aumentar. Eu a espiei pelos olhos semicerrados. Ela olhava para a porta com o lábio inferior entre os dentes. Estava pensando em alguma coisa. Eu odiava não saber o que ela estava pensando, queria ler a mente dela. Já estava com medo que ela me abandonasse.

- Meu pai falou que isso não vai acabar enquanto eles não conseguirem a matéria. Eu devia simplesmente responder as perguntas. Talvez o deixem em paz se eu fizer isso. Papai precisa se preocupar com Emily.

Ela não estava se referindo a Emily como sua mãe. Eu não entendia aquilo, mas imaginei que era como alguém descobrir que fora adotado. Emily não fazia parte da vida de Harlow. O fato de saber que ela estava viva não a tornava mãe dela.

Já eu conhecia minha mãe e nem a chamava assim.

- Isso é problema dele, não seu – falei.

– Meu pai vai fazer algo estúpido se sentir que está sendo ameaçado.

O pai dela era Kiro Manning. Seu objetivo de vida era fazer coisas estúpidas. Ela não assistia ao noticiário?

– Não é problema seu – repeti.

– É, sim. Ele passou a vida tentando me proteger.

Eu não via dessa forma. Sentia que Kiro havia protegido Emily porque não queria que o mundo soubesse que ele tinha uma fraqueza. Não acreditava que ele protegia Harlow. Simplesmente não tinha tempo para uma criança. Viu a avó dela como a solução perfeita e a jogou em cima daquela mulher. Certo, acabou sendo melhor, mas porque ela teve sorte de ter tido uma avó tão boa – não por causa de nada que Kiro tenha feito. Aquele cara era um idiota egoísta. Ignorou Nan durante a vida toda. E tinha o Mase. Ele não dava a mínima para o pai. Isso dizia muita coisa.

Mase, no entanto, se importava com Harlow. Ele já tinha ligado três vezes e ela deixara cair no correio de voz. Ele correria para Rosemary com suas botas de caubói e uma maldita arma se ela não falasse logo com ele.

– Você precisa retornar as ligações do seu irmão – falei.

Ela suspirou.

– É. É melhor eu ligar antes que ele faça alguma idiotice.

Harlow começou a se sentar e eu a abracei.

– Ligue daqui. Não quero deixar você ir.

Pela cara que ela fez, vi que não gostou. Será que queria privacidade? Por quê? O que tinha para dizer a Mase que não podia me dizer?

– Está bem – concordou, pegando o telefone e discando o número do irmão.

Fiquei mais tranquilo, mas com certeza prestaria atenção nessa conversa agora. Se ela pretendia que o caubói viesse para levá-la para o Texas, eu ocuparia todo o maldito estado. Não estava nem aí. Ela não ia me deixar.

– Oi, sim, estou bem. Estou trancada no apartamento do Grant – disse ela.

Não dava para ouvir o que ele estava dizendo, mas pelo som grave de sua voz dava para perceber que estava preocupado.

– Vou ter que falar com eles mais cedo ou mais tarde – disse ela. – Não, eu não... sei disso... não é da sua conta... vai, sim... deixe comigo... sei que você está... eu ligo se precisar... prometo... certo, também te amo. Tchau.

Ela desligou o celular e soltou um suspiro pesado.

– Preciso ficar um pouco sozinha para pensar. Você se importa se eu ficar um pouco na banheira? – perguntou.

Eu queria entrar na banheira com ela, mas compreendi, e se estivéssemos juntos, transaríamos na água.

– Aproveite o banho. Estarei bem aqui se você se sentir sozinha – falei.

Ela sorriu e beijou minha boca.

– Obrigada.

Depois que tudo isso terminasse, ela acreditaria em mim quando eu dissesse que a amava.

Não seriam palavras fúteis. Ela acreditaria porque eu mostraria exatamente quanto a amava. Não haveria dúvidas naqueles olhos grandes que me prenderam desde a primeira vez em que nos vimos.

Esperei ouvir a água correndo e a porta do banheiro estar bem fechada antes de me levantar e voltar a olhar para fora. A multidão não tinha diminuído nem um pouco. Ainda estava lá, assim como a polícia. Isso era bobagem. Por que a vida de um astro do rock era tão importante? Meu celular tocou e eu o tirei do bolso. Era Rush de novo.

– Eles ainda estão aqui.

– Vão continuar até ela falar com eles. Mas não sei se é necessário – disse ele.

– Eu não vou deixar.

– Viu alguma notícia? – O tom de Rush me incomodou. Ele sabia de alguma coisa.

– Não, por quê?

– Fique longe delas por enquanto. Dê um tempo para Harlow.

O que significava aquilo?

– Não deixei que ela visse nada.

– Você também. Fique longe. Ela precisa de você nesse momento.

– Sim, é claro.

– Ligue se precisar de mim – disse Rush e depois desligou.

Fui até a bancada, peguei o controle da televisão e abaixei o volume. Rush estava escondendo algo e eu precisava saber o que era. Se eu estava protegendo Harlow, precisava saber de tudo.

Harlow

Eu me sequei com uma toalha e fui para o quarto procurar uma camiseta do Grant. Não tinha nenhuma roupa limpa minha aqui. Fiquei surpresa por ele ter me deixado tomar um longo banho sozinha. Eu não teria me importado se ele se juntasse a mim depois da conversa que tive com Mase.

Meu irmão disse que eu precisava contar a verdade ao Grant. Os jornais estavam mostrando fotos minhas quando bebê no colo do meu pai, quando saí do hospital – quando o bebê milagroso sobreviveu. Os repórteres diziam que, quando sua esposa foi dada como morta, ele se esquecera completamente da criança, assim como o mundo.

Fotos minhas entrando e saindo de sua mansão em Los Angeles também apareceram. As pessoas que estudaram comigo estavam sendo entrevistadas. No momento, eu era a principal personagem daquela história triste. Minhas condições cardíacas e minha vida estavam sendo debatidas globalmente.

Grant logo descobriria. Eu precisava contar a ele. Tinha uma doença cardíaca congênita e não devia ter sobrevivido. Desafiei a previsão de todos os médicos desde que comecei a andar, aos nove meses. Disseram aos meus pais que eu não me desenvolveria tão rápido quanto as outras crianças da minha idade.

A questão é que meu coração era defeituoso. Seria impossível passar por uma gravidez. Tomava remédios que levava na bolsa o tempo todo. Não bebia álcool. Tinha uma alimentação saudável. Eu me cuidava. Minha avó fez questão de fazer tudo o que recomendaram para me manter viva.

Respirei. Tinha que contar tudo isso ao Grant. Iria para Los Angeles em duas semanas para me consultar com o cardiologista e fazer exames de rotina. Ele me deixaria a par da minha condição, e eu prenderia a respiração até sabe que não precisaria de nenhuma cirurgia dessa vez. Estava desafiando as estatísticas. E pretendia continuar fazendo isso.

Abri a porta e fui para a sala. Grant estava sentado no sofá com o controle da TV na mão, olhando fixamente para a frente. Olhei para o aparelho, horrorizada, mas estava desligada.

Ele voltou seus olhos azuis para mim, e eu soube o que ele vira. O que eu havia escondido dele. Seu olhar transmitia sofrimento, traição, medo – estava tudo lá.

– Você já sabe – falei simplesmente, indo pegar minha saia, agora dobrada sobre um banco. De repente, comecei a me sentir muito exposta.

– Por que não me contou? – perguntou Grant com uma emoção tão bruta na voz que senti vontade de me encolher no chão e chorar com tamanha injustiça. Eu queria ter contado.

– Nunca contei para ninguém. Odeio ser vista como alguém doente, de quem as pessoas têm

medo de se aproximar – respondi, sem conseguir encará-lo.

– Eu não sou qualquer um, Harlow. Você devia ter me contado. Você deixou que eu me aproximasse, gostasse de você, e ainda assim manteve esse segredo enorme. – Grant parecia estupefato. Seus olhos me encaravam e o medo contido neles era óbvio.

– Eu ia contar. Só não sabia como. Tinha medo de perder essa... essa coisa que temos.

Ele baixou a cabeça e ficou sentado, sem dizer nada. Não sabia se ele estava zangado ou apenas assustado.

– Sou a mesma pessoa que você sempre conheceu. Só tenho um problema de saúde que precisa ser monitorado. Eu precisava confiar em você antes de contar.

Ele ergueu a cabeça, sem conseguir acreditar.

– Confiar em mim? Confiar em mim? Você precisava confiar em mim para me alertar que me apaixonar por você podia ser perigoso? Não vê como é injusto? Eu estava morrendo de medo de me permitir sentir algo por você, porque estava assombrado pela ideia de te perder. Isso tomou conta de mim. Então, quando decidi fazer o que meu coração queria... – Ele balançou a cabeça e soltou uma risada dura. – Você esteve doente o tempo todo e nunca me contou.

Doente? Eu não estava doente!

– É exatamente por isso que eu não conto para ninguém. As pessoas me tratam como se eu estivesse doente. Eu não estou doente. Já estive e sei como é, mas não estou assim agora. E você acha isso injusto? Você não sabe nada sobre justiça. Muitas coisas na vida são injustas, mas me proteger é justo. Querer viver não é injusto.

Grant se levantou e balançou a cabeça.

– Você não pode simplesmente deixar que as pessoas se aproximem de você e não confiar esse tipo de informação a elas. Quando você ia me contar? Quando eu me apaixonasse por você? Quando confessasse o meu amor? Aí você diria: “Ah, é, talvez eu não viva por muito tempo.” – Ele fez uma pausa quando a dor tomou conta de seu rosto, desviando o olhar. – Era esse seu plano? – perguntou com a voz embargada.

– NÃO! Eu ia contar agora. Não esperava ficar com você. Não esperava essa coisa tão intensa entre nós, mas eu quis. Eu quis você. – Lágrimas queimavam meus olhos enquanto eu vestia a saia e procurava meus sapatos. Precisava ir embora. Enfrentaria os abutres lá fora. Já estava mesmo na hora.

Eu odiava vê-lo daquele jeito. Odiava ver o medo estampado em seus olhos. Talvez devesse mesmo ter contado antes. Talvez tenha sido egoísmo guardar esse segredo, mas eu já sabia o que acontecia quando as pessoas descobriam. Eu nunca saberia como era ter Grant. Não estava arrependida.

– Planejava lhe contar hoje. Fiquei na banheira pensando em como poderia lhe dizer. Sabia que estava na hora de você saber. E não queria que soubesse por outra pessoa na TV. – As lágrimas faziam meus olhos arderem.

– Você mentiu para mim – disse ele sem emoção na voz. Era como se tivesse se fechado por dentro. Era assim que ele lidaria com a situação. Não pretendia brigar por nós e fazer tudo dar certo. Ele se protegeria. Aquela atitude me informava o que eu precisava saber. Nem precisava terminar tudo. Já tinha notado isso.

Peguei meu celular e mandei uma mensagem de texto para Rush.

Pode vir me buscar? Vou sair e falar com eles agora, depois vou para casa. Por favor.

– O que está fazendo? – perguntou Grant quando guardei o celular na bolsa.

– Estou saindo. Já está na hora de ir embora – respondi, calçando os sapatos.

– Você não pode fazer isso. – Ele bateu com as mãos na parede. – Porra! Por que não me contou? Preciso de tempo para processar isso, Harlow. Você não pode me abandonar aqui.

Fui até ele e parei na sua frente. Era o fim, e quando eu me lembrasse desse dia, sempre haveria arrependimento. Mas era importante que eu dissesse a verdade a Grant antes de ir embora.

– Porque você me trataria como se eu não fosse eu mesma. Eu queria ficar perto de você. Queria saber como era ter um cara que me desejava. Queria viver. Meu coração pode não ser perfeito, mas ainda pulsa. Ainda estou viva. Por que deveria viver como se estivesse morta?

Esperei que ele dissesse algo. Mas Grant ficou calado. Inúmeras emoções passaram pela mente dele. Eu sabia que ele estava magoado. Também sabia que se sentia traído, e eu odiava ser a responsável. Mas, pela primeira vez na vida, me coloquei em primeiro lugar. Desejei Grant Carter e suas palavras doces e mágicas. Me permiti tê-lo e esquecer dos fatos. Ouvi-lo dizer que eu podia não viver muito foi como levar um tapa na cara. Ninguém nunca havia me dito isso. Todos que me amavam falavam que minha vida seria longa. Acreditavam e tinham fé. Grant já havia começado a cavar o meu túmulo. Eu não podia ficar com alguém que esperava que eu morresse jovem.

– Não vá. Me dê um instante para processar isso tudo. Você não me preparou. Não entendo como a doce e altruísta Harlow que conheço pôde deixar que isso acontecesse.

Parei quando minha mão tocou a maçaneta. As palavras dele me machucaram mais do que qualquer outra coisa. Talvez porque fossem verdadeiras. Eu havia agido de forma errada. Devia ter contado a ele.

– Bem, agora você já sabe. Não sou o tipo de garota com quem se faz planos para sempre. Pelo menos você descobriu antes de se envolver tanto – falei.

– Não consegue pelo menos ver o meu lado nessa história? Não ouse sair por essa porta – disse Grant, dando um passo na minha direção.

Ficar mais tempo só pioraria o sofrimento. Grant me daria adeus. Eu estava me preservando. Conseguiria viver sem essa lembrança. Eu não havia contado que meu coração era fraco. Não o havia alertado. Estava me permitindo viver. E agora teria que conviver com o fato de ele não me perdoar. De ele não ter coragem de me amar assim mesmo. Abri a porta. A multidão me esperava. Flashes foram disparados e os repórteres vieram correndo na minha direção.

– Srta. Manning, está namorando Grant Carter? – gritou alguém, e vi uma câmera enfiada no meu rosto. Antes de pensar numa resposta, outra pessoa gritou:

– Srta. Manning, sua mãe ainda está viva?

Era para essa pergunta que eu estava preparada, mas fui empurrada e cambaleei para a frente.

– Srta. Manning, onde está seu pai? Ele ainda está em Paris? – gritou outra voz. Eu não

conseguia me concentrar. Era muita gente. Gente demais.

– Srta. Manning, pode nos dizer se tem visto sua mãe?

– Você sabia?

– Está morando na mansão de seu pai em Beverly Hills desde a morte de sua avó?

Minha cabeça estava girando. As pessoas gritavam perguntas e eu mal conseguia enxergar com a luz dos flashes na minha cara. Não devia ter saído. Não conseguiria enfrentá-los.

– Deem o fora daqui – a voz de Grant invadiu o túnel de pessoas e vozes. A mão dele se aproximou de mim e me puxou, e ele me enfiou no carro. A princípio, achei que fosse o carro dele. Então vi Rush no banco do motorista.

– Você está bem? – perguntou Rush com o rosto severo, olhando feio para as pessoas que agora gritavam seu nome.

– Tire-a daqui – pediu Grant, sem olhar para mim, e fechou a porta.

Rush deu ré enquanto Grant voltava para o apartamento. Ele não olhou para mim nenhuma vez.

– Sinto muito, Harlow – disse Rush.

– Eu também – respondi. Não podia voltar para a casa de Nan. Precisava ficar longe de tudo isso.

– Pode me levar para o aeroporto? – perguntei, puxando a bolsa para mais perto.

– Para onde você vai?

– Los Angeles, Texas, não sei. Meu pai precisa de mim, mas não sei se ele me quer por perto. Eu poderia ir para a casa do meu irmão, mas não quero levar essa maluquice até o rancho.

– Grant só precisa de um tempo. Ele vai mudar de ideia – falou Rush.

– Não. Acabou. Nunca vou esquecer as coisas que ele me disse. Esse capítulo está encerrado.

Rush não respondeu e entrou na estrada principal que levava para fora da cidade.

– Ele só está assustado – Rush defendeu o amigo.

– Já está livre de mim. Não tem mais nada a temer – respondi. – Seria pedir demais que você pegasse as minhas coisas na casa da Nan e mandasse para Los Angeles?

Rush soltou um suspiro alto e derrotado.

– Sim, posso fazer isso. Então você vai para Los Angeles?

Seria melhor para Mase, pensei.

– Vou, por enquanto. Vou me esconder lá e ajudar o papai.

Rush concordou.

Ficamos em silêncio por um tempo. Tentei pensar no meu pai e no que ele estava passando. Não me permiti pensar em Grant. Não podia. Desabaria sobre Rush e ele não precisava ter que lidar com nada daquilo. Eu teria muito tempo para ficar sozinha assim que chegasse a Los Angeles. Muito tempo para chorar.

– Eu não sabia – disse Rush em silêncio.

– Ninguém sabia. Nem meu pai. Depois do acidente da minha mãe, o mundo acreditou que ela estivesse morta e se esqueceu de mim. Era como se eu tivesse sido enterrada com ela.

O celular de Rush tocou e eu odiei a esperança que tomou conta de mim. Mesmo se fosse Grant, não poderia superar o que ele me dissera.

– Oi, querida... estou levando Harlow para o aeroporto – Rush falou ao telefone. Em parte, era culpa de Rush e Blaire. Eu os tinha visto juntos e quis saber como era. Cedi quando Grant foi atrás de mim. Sim, ele era bem irresistível, mas eu também queria me sentir amada. Queria amar alguém e conhecer a segurança que vinha com isso.

Mas não consegui. Meu coração sempre era um obstáculo. Deus não havia criado Grant para mim, afinal. Não, Deus tinha me excluído da vida. Veja só. Pelo menos tinha vivido uma vez. Teria essa lembrança para recordar. Grant podia não ter me amado, mas eu o amara. Ainda o amava. Conhecía a sensação. E estava grata por isso.

Talvez esse fosse o meu dom. Tive alguns momentos roubados da vida que eu teria se fosse completa. Nunca precisaria abrir mão dessas lembranças.

– Ela está chateada, mas vai ficar bem... sim, tenho certeza. Ela é forte... bem parecida com outra mulher que eu conheço... sim. Também te amo... Ligo quando estiver indo para casa. Não arme a metralhadora se Grant aparecer por aí. – Rush sorriu e desligou o celular.

Ele olhou para mim e o sorriso desapareceu.

– Ela deve ligar para você. Esteja preparada.

Eu precisava de uma amiga. Estava feliz por poder contar com Blaire.

– Está bem – respondi.

Rush parou no aeroporto particular de onde o jatinho da Slacker Demon costumava sair. Eu não tinha pedido o jato, então ele não estava ali.

– O que você está fazendo? – perguntei.

Rush mostrou a identidade no portão e eles abriram.

– Vou arrumar um jatinho para você. Você não pode entrar no aeroporto e pegar um voo comum, Harlow. Vai ser cercada. Quando chegar a Los Angeles, uma limusine estará à espera para levá-la para casa. Fique lá. Provavelmente eles vão estar se amontoando no portão.

Eu não tinha pensado em nada daquilo. Mas ele tinha razão. Minha vida privada havia acabado.

– Obrigada. Eu não tinha... A ficha ainda não caiu – admiti, abrindo a porta.

Rush saiu do carro e foi para o escritório da administração.

– Fique aqui, eu já volto.

Eu não duvidava que Rush pudesse arrumar um jatinho para mim. Ele sabia como conseguir que o mundo fizesse tudo o que ele queria.

Nunca parecia se intimidar.

Quando voltou, fez um gesto para que eu me juntasse a ele.

Me aproximei, confiando que me faria chegar em casa em segurança. Meu tempo em Rosemary terminou muito antes do que eu esperava.

Mas eu guardaria a lembrança para sempre.

Agradecimentos

Queria contar a história de Grant desde que Blaire apontou uma arma para ele nos primeiros parágrafos de *Paixão sem limites*. Em um momento de fraqueza, até considerei unir Grant e Blaire. Mas estou feliz por ter dado uma chance a Rush e toda a sua marra. Agora que pus Harlow no papel, sei que Grant foi feito para esperar por ela.

Preciso começar agradecendo minha agente, Jane Dystel, que é mais do que brilhante. Assinar contrato com ela foi uma das coisas mais inteligentes que já fiz. Obrigada, Jane, por me ajudar a navegar nas águas do mundo editorial. Você realmente manda bem.

Não poderia pedir uma editora melhor que a brilhante Jhanteigh Kupihea. Ela é sempre positiva e trabalha para que meus livros sejam os melhores possíveis. Obrigada, Jhanteigh, por ser parte desta nova vida com a Atria. Agradeço ao restante da equipe: Judith Curr, por me dar uma chance; Ariele Fredman e Valerie Vennix, por terem as melhores ideias para o marketing e serem tão legais quanto inteligentes.

Às amigas que me ouvem e me entendem de um jeito que ninguém mais consegue: Colleen Hoover, Jamie McGuire e Tammara Webber. Vocês três me escutaram e me apoiaram mais do que qualquer outra pessoa. Obrigada por tudo.

A *primeira chance* foi meu bebê. Passei a gostar mais e mais de Grant e Harlow antes mesmo de começar a escrever. Sem os leitores que não tiveram medo de ser sinceros durante a leitura das primeiras cópias, não teria ficado tão satisfeita com o livro. Natasha Tomic apontou exatamente o que estava faltando, e eu sabia que ela tinha razão. Foi o toque final de que eu precisava para a história, e a adoro por isso. Obrigada, Autumn Hull e Natasha Tomic, por serem ávidas leitoras das minhas obras e por nunca deixarem de dizer a verdade.

Por fim, mas não menos importante:

Agradeço à minha família. Sem o apoio deles eu não estaria aqui. Meu marido, Keith, garante que eu tenha café e que as crianças sejam bem-cuidadas quando preciso me trancar para cumprir prazos. Meus três filhos são muito compreensivos, mas, assim que saio da minha caverna, querem toda minha atenção, e a conseguem. Meus pais, que me apoiaram o tempo todo. Mesmo quando decidi escrever uma história mais erótica. Meus amigos, que não me odeiam por não poder encontrá-los por semanas seguidas, quando estou absorvida pelo trabalho. Eles são o grupo de apoio perfeito, e os amo com muito carinho.

Meus leitores. Nunca esperei ter tantos. Obrigada por lerem meus livros. Por gostarem deles e falarem deles para outras pessoas. Sem vocês eu não estaria aqui. É simples assim.

Sobre a autora

© Keith Glines



Abbi Glines nasceu em Birmingham, Alabama. Morou na pequena cidade de Sumiton até os 18 anos, quando seguiu o namorado do colégio até a costa. Atualmente os dois moram com seus três filhos em Fairhope, Alabama. Autora de diversos livros da lista de mais vendidos do *The New York Times*, Abbi é viciada no Twitter ([@abbiglines](https://twitter.com/abbiglines)) e escreve regularmente no seu blog. www.abbiglines.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio, de Ken Follett *Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Jogada mortal, Fique comigo, Seis anos depois e Que falta você me faz*, de Harlan Coben *A cabana e A travessia*, de William P. Young *A farsa, A vingança e A traição*, de Christopher Reich *Água para elefantes*, de Sara Gruen *Inferno, O símbolo perdido, O código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital*, de Dan Brown *O milagre, Uma carta de amor, Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista e O resgate*, de Nicholas Sparks *Julieta*, de Anne Fortier *O guardião de memórias*, de Kim Edwards *O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do Universo; A vida, o Universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva, O salmão da dúvida e Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently*, de Douglas Adams *O nome do vento, O temor do sábio e A música do silêncio*, de Patrick Rothfuss *A passagem e Os Doze*, de Justin Cronin *A revolta de Atlas e A nascente*, de Ayn Rand *A conspiração franciscana*, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

Prólogo

HarlowGrantHarlow

[Grant](#)

[Harlow](#)

[Grant](#)

[Harlow](#)

[Grant](#)

[Harlow](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)